



# SCARRED

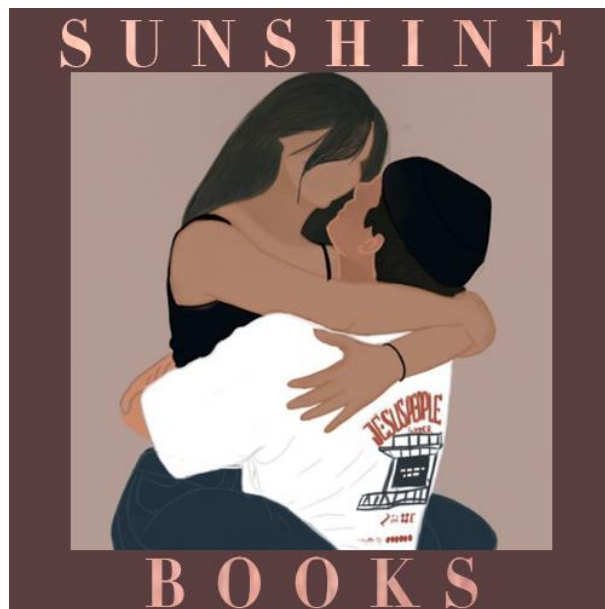
A Never After Novel

EMILY MCINTIRE

VISIT...

LANZAROTE  
*Caliente*.COM

# STAFF



# AVISOS SUNS!

A tradução foi efetuada pelo grupo *Sunshine Books*, fãs e admiradores da autora, de modo a proporcionar ao leitores e também admiradores o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os aos admiradores, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para seus admiradores adquirirem as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil.

A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo *Sunshine* poderá, sem aviso prévio e quando entender que necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras.

Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo. O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo *Sunshine* de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

# SCARRIED

A Never After Novel

EMILY MCINTIRE

# PLAYLIST



*Para os malucos.*

*Os desajustados.*

*Os intimidados.*

*Os solitários.*

*Os inseguros.*

*Os danificados.*

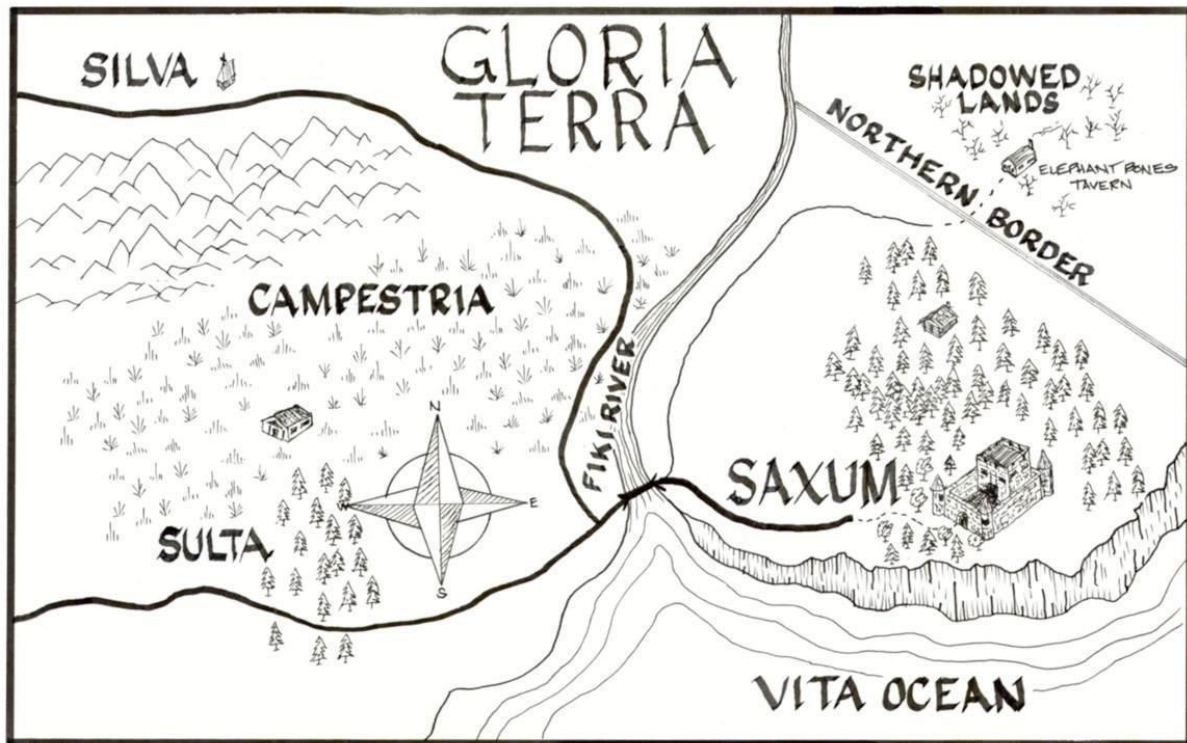
*Vocês são dignos. Vocês são guerreiros.*

*Duvide que as estrelas são fogo; Duvide que o sol se mova; Duvide que a verdade seja uma mentirosa; Mas nunca duvide que eu amo.*

*WILLIAM SHAKESPEARE, HAMLET*



# GLORIA TERRA



# NOTA DO AUTOR

Scarred contém conteúdo adulto e gráfico que não é adequado para todos os públicos. **A discrição do leitor é recomendada.** Eu prefiro que você leia cegamente, mas se você quiser uma lista detalhada de avisos de gatilho, pode encontrá-la

# PRÓLOGO



*Tristan*

Lealdade.

Uma palavra. Quatro sílabas. Oito letras.

Zero significado.

Embora, se você ouvir os discursos intermináveis de meu irmão, pensa que corre pelas veias dele mais espessas do que o sangue que nos une.

Se você escutasse as fofocas na corte, acreditaria no mesmo.

— *O príncipe Michael será um bom rei.*

— *Continuará com o legado de seu pai, com certeza.*

Algo grosso aloja suas bordas pontiagudas na minha garganta, meu olhar se movendo entre as chamas rugindo da lareira do outro lado da sala e a lâmpada de óleo colocada no centro da mesa; aquele ocupado por membros do Conselho Privado. Meia dúzia de rostos e nenhum deles cheio de tristeza.

Meu peito repuxa.

— A vida é sobre aparências, pai e, pelo bem da aparência, devemos fazer o que precisa ser feito, — afirma Xander, conselheiro principal de meu pai, agora de meu irmão, seu foco em onde Michael está sentado. — Assim como se sabe que seu pai faleceu pacificamente em sua cama, também se sabe que você tem bastante...apetite.

— Xander, por favor — cortei, pressionando minhas costas contra a parede com painéis de madeira. — Não há necessidade de *nos* convencer como meu pai morreu.

Meus olhos se movem para minha mãe, a única mulher na sala, enquanto ela mergulha os olhos castanhos ocos com um lenço monogramado. Normalmente, ela não estaria aqui em Saxum, optando por passar a maior

parte de seus dias na propriedade rural, mas vendo como estamos no funeral do marido, Michael insistiu que ela ficasse.

E a palavra dele é lei.

— É a parte pacífica sobre a qual temos que mentir — continuo, com o olhar voltado para o meu irmão.

Um pequeno sorriso puxa seus lábios, seus olhos âmbar brilhando. Uma raiva ardente surge no meu íntimo e na minha garganta, envolvendo a minha língua; o sabor amargo e azedo.

Minha bota bate na madeira enquanto empurro para fora da parede e me movo em direção ao centro da sala até estar erguendo-me sobre a mesa, entre minha mãe e Xander. Eu tomo meu tempo, encarando todos os rostos que ficam aqui como se fosse apenas mais um dia comum, suas estruturas cheias de pompa e importância.

Como se não tivéssemos perdido alguém importante.

Alguém vital.

A única pessoa que restou que se importava.

— Tenho certeza de que não sei o que você quer dizer — Xander grita, sua voz atormentada enquanto ele empurra seus óculos com aro de tartaruga.

Eu levanto meu queixo enquanto olho para ele, observando os fios cinzentos apimentando seus cabelos escuros. Ele está na família há anos -

desde que eu era menino - e, a princípio, ele era uma pessoa estimada na minha vida. Mas a vida está sempre mudando, e o calor de Xander diminuiu rapidamente com a amargura gelada da ganância.

Assim como o resto deles.

— Mmm, claro que não — eu murmurei, batendo meu dedo na minha têmpora. — Tolice a minha.

— Podemos voltar ao assunto. — Michael bufa, passando a mão sobre a cabeça, os fios marrom-claros agitando sob os dedos. — Como o pai deu o último suspiro não é o que é importante.

— Michael, — minha mãe suspira, ainda secando debaixo das pálpebras.

Girando até enfrentá-la, inclino-me para baixo, estendendo a mão para limpar o rosto, o cume da bochecha dura contra a palma da mão. Ela funga enquanto olha para mim, com os olhos brilhando, e eu pressiono meu polegar na pele dela, antes de me afastar para olhar para a minha mão.

Meu estômago queima quando percebo que as almofadas dos meus dedos ainda estão secas como um osso.

Atores, todos eles.

— Mãe — eu repreendo. — Pare o drama. Mais lágrimas falsas e você vai enrugar.

Piscando, dou um tapinha na bochecha dela e me levanto, percebendo que todos os olhos da sala estão sobre nós.

Não é segredo que não há amor entre ela e eu.

Eu sorrio, permitindo que meus lábios se retirem dos meus dentes enquanto olho de uma pessoa para a outra. O ar afina e Lord Reginald, um dos membros do conselho, remexe em sua cadeira de veludo.

— Relaxem. — Eu reviro meus olhos. — Eu não farei nada desagradável.

Lord Reginald sorri, e minha atenção cai sobre ele. — Algo que você gostaria de compartilhar, Reginald?

Ele limpa a garganta, as bochechas ficando coradas, mostrando os nervos que ele está tentando esconder. — Você vai me perdoar por não acreditar em você, Tristan.

Eu balanço minha cabeça. — Eu acho que você quer dizer Sua Alteza.

Sua boca abre antes que ele incline a cabeça. — Claro, Alteza.

Meu queixo tensiona quando eu o observo. Reginald sempre foi um dos membros mais fracos do conselho; amargo e ciumento de todos os outros. Ele grudou ao lado de meu irmão quando eles eram jovens, e ele estava em todos os momentos de tortura infligidos a mim durante os anos nas mãos de Michael, e seu bando.

Mas não sou mais criança e eles não podem me intimidar como costumavam.

Xander aperta a ponte do nariz. — Senhor, por favor. Você precisa de uma esposa. Seu povo precisa de uma rainha.

— Eles têm um — Michael contradiz, com a cabeça balançando em direção a nossa mãe. — Eu não quero me casar.

— Ninguém está pedindo para você parar seus namoros. — Xander suspira. — Mas essas leis estão em vigor há gerações. Não ter uma esposa, fará você parecer fraco.

— Se você não está disposto a cumprir o dever, irmão, faça-nos um favor e desapareça. — Eu balanço minha mão pelo ar.

Os olhos de Michael se estreitam quando se encaixam nos meus, o canto da boca se torcendo em um sorriso zombeteiro. — E deixar Gloria Terra para quem, você?

Risos explodem ao redor da mesa, e meus músculos se apertam sob a superfície da minha pele, o desejo de mostrar a todos com que facilidade eu poderia fazê-los se curvar fluindo pelo meu interior.

O relógio de madeira chia enquanto sua mão longa se move, chamando minha atenção.

Está chegando o jantar.



Meus dedos ficam tensos enquanto correm pelos fios pretos desgrenhados do meu cabelo, e eu me viro em um ritmo em direção às grandes portas duplas de carvalho. — Bem, isso tem sido um prazer, — começo. — Mas, infelizmente, fiquei entediado.

— Você não está dispensado, Tristan — Michael repreende.

— Você não me *dispensa*, irmão — eu digo, raiva estalando no meu peito. — Eu não poderia me importar menos com qual alma infeliz terá o tormento de você se metendo na vida deles por toda a eternidade.

— Tão desrespeitoso, — Xander cospe, balançando a cabeça. — Seu irmão é o rei.

Um sorriso se espalha pelo meu rosto e eu fixo meu olhar no Michael, antecipação batendo nas minhas veias.

— Bem, então. — Eu inclino minha cabeça. — Vida longa ao rei.

# CAPÍTULO 1



*Sara B.*

— Você vai embora de manhã.

Meu tio toma um gole de vinho, seus olhos escuros como flechas voando pela mesa e filetando a carne do meu peito. Ele nunca foi um homem

afetuoso, mas ele é minha família da mesma forma e temos o mesmo objetivo.

Buscar vingança na família Faasa pelo assassinato de meu pai.

Colocamos muitas peças móveis cuidadosamente no lugar, garantindo que, quando o príncipe coroado estivesse em necessidade, eu seria a única a aceitar sua mão. Faz apenas um ano desde a morte de meu pai e dois desde a do rei, mas finalmente recebemos uma notícia.

Está na hora.

Os casamentos arranjados, embora não sejam incomuns, ficaram um pouco fora de moda nos últimos anos. Afinal, é 1910, não mais nos anos 1800, e em todos os livros de histórias, e mesmo aqui nas ruas cheias de pobreza de Silva, as pessoas se casam por amor.

Ou a ideia deles, de qualquer maneira.

Mas nunca fui iludida a essas ideias, pensando que algum cavaleiro branco entrará em seu corcel e me salvará como uma donzela desamparada em perigo.

Pode haver perigo, mas não sou uma donzela desamparada.

Além disso, às vezes a única maneira de promover mudanças genuínas é tornar-se parte da máquina e arrancar as peças quebradas. Então, se eu tiver que sorrir, paquerar e seduzir meu caminho para as boas graças do novo rei, é isso que pretendo fazer.

Afinal, é meu dever.

Para minha família e meu povo.

Silva, que já foi conhecida por suas terras abundantes e industrialização inovadora, tornou-se estéril e coxa. Lançados para o esquecimento como um enteado ruivo feio, indigno do tempo ou da atenção da coroa. Agora não somos conhecidos; seca e fome se misturando com o desespero que atravessa as ruas da cidade como rachaduras na calçada.

Suponho que é o que acontece quando você está situado no fundo de uma floresta aninhada no alto das nuvens. Você se torna difícil de ver e fácil de esquecer.

— Você entende o que está em jogo? — Tio Raf pergunta, me tirando do meu devaneio.

Acenando, eu limpo minha boca com um guardanapo de pano branco, colocando-o de volta no meu colo. — Sim, claro.

Ele sorri, a pele enrugada enquanto bate os dedos na parte superior da bengala. — Você trará honra ao nosso nome.

O inebriante senso de sua aprovação me ilumina como um canhão e eu sento um pouco mais reta na minha cadeira, sorrindo de volta para ele.

— E você não confiará em ninguém, exceto em seu primo — acrescenta.

Ele olha para minha mãe, sempre dócil e quieta enquanto ela come sua refeição, mordendo pequenos pedaços, seus cabelos negros indisciplinados, assim como os meus, criando uma cortina em volta do rosto. Ela raramente faz contato visual, sempre optando por manter a cabeça baixa e os dedos ocupados com bordados e livros empoeirados, em vez de estabelecer um relacionamento com a filha que assumiu tudo desde que meu pai a deixou viúva.

Suspeito que ela nunca quis ser mãe e que queria se casar ainda menos. Ela nunca disse as palavras, mas não há necessidade quando suas ações falam tão alto. Mas meu pai a queria, e isso é tudo o que importava.

E quando ela engravidou, eles esperavam que fosse o próximo herdeiro masculino da linha Beatreux.

Em vez disso, eles tiveram uma mulher selvagem de cabelos escuros, com um senso de aventura e uma boca que fala fora de hora. E meu pai me amava da mesma forma, mesmo que minha mãe nunca demonstrasse um pouco de carinho.

No dia em que o perdi, um pedaço de mim também foi perdido; coalhado como leite azedo e deixado no centro do meu peito para apodrecer e definhar.

Ele foi pedir ajuda à monarquia. Ele se encarregou de viajar por nossas florestas e planícies até chegar ao castelo Saxum. Mas a coroa não ouviu sua situação, e meu primo Alexander enviou uma mensagem de que o enforcaram por traição. Porque ele se atreveu a falar e dizer que eles precisavam fazer mais.

Alexander tentou salvá-lo, mas há limites que ele pode fazer quando é conselheiro principal do rei.

Meu tio Raf é indispensável desde então e, embora ele não tenha feito nada além de me apoiar, ainda sinto vontade de ficar nos braços de meu pai. Em vez disso, tudo o que resta é um pingente de família que uso no pescoço como um juramento; um que me lembra todos os dias o que perdi.

E quem é o culpado pela minha tristeza.

Então agora, enquanto outras garotas da minha idade passam o tempo sonhando em se apaixonar, passo as minhas aprendendo a entrar em guerra política enquanto ainda retratam a etiqueta da nobreza.

Se você quer queimar o inferno, deve aprender a jogar o jogo do diabo.

A coroa metafórica colocada na minha cabeça é quase tão pesada quanto o conhecimento de que todos dependem de mim para resolver as coisas.

E o reinado da família Faasa foi permitido por muito tempo, seu poder e influência se deterioraram com o tempo, tornando-se menos sobre pessoas e país e mais sobre transigência excessiva e ganância.

Então, eu vou a corte. E farei o que precisa ser feito para salvar meu povo e buscar justiça para aqueles que perdemos.

Ainda assim, não é até horas depois, quando a realização completa ocorre.

*Esta noite é minha última noite em Silva.*

Meu coração bate um ritmo compassado quando enfio meus pés em grossas botas pretas e envolvo minha capa em volta dos ombros, prendendo meu cabelo crespo até que esteja em um coque apertado na nuca. Puxando o capuz sobre minha cabeça, olho no espelho, garantindo que ele esconda minhas feições. Olhando para a porta do meu quarto, olho a fechadura, certificando-me de que ela esteja no lugar, antes de girar para trás e ir para a minha janela.

Meu quarto fica no segundo andar, mas não sou estranha à altura, depois de descer pela parede de pedra irregular dezenas de vezes antes. Meus pulmões cedem com as minhas respirações curtas e a adrenalina passa pelas minhas veias enquanto eu desço, meus pés batendo na grama.

É sempre um risco escapar, mas que eu assumiria mil vezes.

Fico parada por alguns momentos, certificando-me de que ninguém me ouviu sair antes de dar a volta na lateral de nossa propriedade degradada, mantendo-me nas áreas sombreadas até chegar à unidade de paralelepípedos e olhar para o portão enferrujado de três metros. Meus dedos doem enquanto pressionam o metal e meus músculos queimam enquanto eu me levanto, subindo o ferro irregular até eu balançar minha perna e descer para o outro lado.

Meu peito se eleva quando meu pé encontra um chão sólido e depois saio correndo pela calçada, puxando minha capa com capuz mais forte, esperando não encontrar ninguém no caminho.

Levo vinte minutos para chegar ao orfanato nos arredores da cidade. É um prédio pequeno e em ruínas, com financiamento zero e camas insuficientes, mas Daria, a mulher que o administra, é um dos meus principais contatos, e sei que tudo o que eu passar no caminho dela chegará às mãos certas.

— Deve haver o suficiente aqui para você passar até que eu possa enviar mais. — Pressiono meus dedos na parte de trás de Daria enquanto ela segura o pacote de dinheiro e a pequena cesta de pão que enfiei nas palmas das mãos.

Ela funga, o brilho em seus olhos reluzindo contra a luz fraca das velas da pequena cozinha. — Obrigada, Sara. Não posso ...— O sussurro dela corta assim que um som de fora da sala corta o ar.

Meu coração bate no peito e respiro fundo, meus olhos estalando para o corredor escuro, esperando que não seja uma criança perambulando do lado de fora da cama.

Ninguém pode saber que estou aqui.

— Eu tenho que ir — digo, retirando minhas mãos e levantando meu capuz. — Vou tentar falar com você quando puder; verifique se as coisas estão seguras.

Daria balança a cabeça. — Você já fez muito.

— Por favor — eu zombei. — Eu mal fiz o suficiente.



O relógio toca e noto a hora. Logo o sol aparecerá contra o horizonte, até que sua luz banhe o chão, apagando a escuridão e com ela meu disfarce.

— Eu tenho que ir — repito em tom baixo, estendendo a mão para arrastá-la para um abraço. Meu estômago vira quando seus braços se enrolam ao meu redor, apertando com força. — Não me esqueça, Daria.

— Nunca. — Ela ri, embora seja um som fraco.

Afastando-me, caminho até a porta ao lado da cozinha, com a mão enrolada na maçaneta.

— Esteja segura, minha rainha — sussurra Daria nas minhas costas.

Meu coração titubeia. — Eu não sou rainha de ninguém. Sou eu quem queimará a coroa.

## CAPÍTULO 2



*Tristan*

— Tristan! — A voz infantil voa pelo pátio, e eu olho de onde estou descansando contra o tronco do salgueiro-chorão, carvão cobrindo minhas palmas e caderno de desenho espalhados no meu colo. Esfrego as pontas dos dedos na minha calça, sacudindo a cabeça para mover os fios de cabelo do meu rosto.

O menino pula, parando quando está na minha frente, com as roupas soltas e sujas, como se estivesse correndo pelas passagens secretas do subsolo o dia todo.

As que eu mostrei a ele.

— Olá, leãozinho — digo, diversão espalha pelo meu interior.

Seu rosto se divide em um sorriso, seus olhos âmbar brilhando, um brilho de suor fazendo com que sua pele marrom-clara brilhe. — Oi. O que você está fazendo? — Ele espia no meu colo.

Eu me endireito, fechando o caderno. — Desenhando.

— Para seus braços. — Ele acena em direção às minhas tatuagens, escondidas sob minha túnica de manga comprida, a tinta escura espreitando através do tecido creme.

O canto dos meus lábios se inclina para cima. — Talvez.

— Mamãe diz que essas coisas fazem de você uma desgraça. — Ele abaixa a voz e se inclina tão perto que seu nariz quase roça contra o meu antebraço.

A repulsa rola através de mim pelo fato de que uma empregada assume que ela tem o direito de falar meu nome.

Eu inclino minha cabeça. — E o que você acha?

— Eu? — Ele endireita, os dentes afundando no lábio inferior.

— Você pode me dizer. — Eu me inclino para a frente. — Eu sou muito bom em guardar segredos.

Seus olhos brilham. — Acho que também quero algumas.

Minha testa se franze. — Somente os leões mais corajosos podem tê-las.

— Eu sou corajoso. — O peito dele estufa.

— Tudo bem, então. — Eu aceno. — Quando você ficar um pouco mais velho, se ainda sentir o mesmo, venha me ver.

— Simon! — A voz de uma mulher assobia enquanto ela corre para a frente, seu olhar cresce à medida que olha entre nós. Ela para quando se aproxima, sua saia preta espanando o chão enquanto cai em uma profunda reverência. — Sua Alteza, peço desculpas se ele está te incomodando.

Meu queixo tensiona, irritação borbulhando no centro do meu peito. — Eu não estava incomodado até agora.

— Viu, mamãe? Tristan gosta de mim — diz Simon.

Ela suspira, estendendo a mão enquanto ainda está em uma reverência e segurando o braço do filho com força. — Dirija-se adequadamente, Simon.

— Por quê? Você nunca faz. — A testa dele franze.

Seus ombros ficam tensos.

Meu estômago queima, minha mão se arrastando ao longo do osso da testa, sentindo a fina linha de pele levantada que vai da minha linha do cabelo até logo acima da minha bochecha.

Ela não precisa se preocupar em expressar o que nós dois sabemos que ela me chama. É o que todo mundo me chama, embora nunca na minha cara. Eles são covardes demais para isso. Em vez disso, eles falam isso em segredo, seus sussurros mergulhando nas paredes de pedra até que o silêncio me sufoque com seu julgamento.

— Tristan está bem, leãozinho. — Eu levanto, escovando minhas calças.  
— Mas apenas em particular. Não gostaria que os outros tivessem ideias.

— Simon — sua mãe repreende. — Volte para nossos aposentos. Agora.

Ele olha para ela e depois para mim. Eu dou um leve aceno de cabeça e ele sorri. — Tchau, Alteza.

Girando, ele foge.

Sua mãe permanece em sua posição agachada, a cabeça inclinada, até que uma comoção alta nos portões da frente a faça levantar e virar em direção ao barulho. Eu passo perto, minha mão estendendo para cobrir sua bochecha e virar o rosto para trás, as pequenas lascas de sol abafado espreitando através das nuvens e brilhando na prata dos meus anéis.

— Kara — ronrono, minhas pontas dos dedos acariciando sua pele sedosa e escura.

Ela puxa um fôlego enquanto nossos olhares se prendem.

Meu aperto aumenta até que ela estremece. — Eu não lhe dei permissão para levantar.

Sua respiração treme quando ela volta para uma reverência, mais uma vez inclinando a cabeça. Olho para ela, as palavras anteriores do seu filho agitando como uma tempestade dentro da minha mente.

— Seu filho diz que você gosta de falar de mim. — Passo para a frente, as pontas dos meus sapatos batendo na bainha da sua saia. — Você deve ter cuidado com as coisas que diz, Kara. Nem todo mundo é tão misericordioso. Não gostaria que a notícia se espalhasse e você parece ter esquecido seu lugar. *Novamente.*

Eu me agacho na frente dela. — É verdade que você acredita que sou uma desgraça?

Ela balança a cabeça. — Ele é uma criança. Ele adora inventar histórias.

— As crianças têm uma imaginação tão incrível, não têm? Embora ... — Minha mão estende, meus dedos deslizando pela parte de trás do pescoço. Eu me deleito com a maneira como o seu corpo treme sob o meu toque. — Se alguém souber de atos vergonhosos, seria sua mãe.

Minha mão segura o nó de cachos apertados na parte de trás da cabeça e puxo, satisfação queimando no meu peito enquanto ela suspira de dor. Eu

me inclino para a frente enquanto suas costas se curvam, meu nariz roçando contra a lateral do rosto.

— Você acha que eu não sei?— Eu sussurro.

Ela choraminga e isso deixa meu estômago tenso de prazer.

— Que eu sou tão estúpido quanto qualquer outra pessoa que anda por esses corredores do castelo? Que eu não vejo a semelhança?

— Po...por favor ...— ela gagueja, as mãos empurrando no meu peito.

— Mmm — eu murmuro. — Você implorou a *ele* assim? — Eu sussurro em seu ouvido, minha mão livre agarrando sua garganta. Meus olhos olham para os guardas reais que revestem os portões de entrada e os espectadores se reunindo ao seu redor. Os olhares de algumas pessoas nos observam, mas se afastam rapidamente.

Todos sabem que é melhor não interferir.

— Não cometa o erro de me confundir com meu irmão — continuo, meus dedos flexionando em seus fios. — E não esqueça seu lugar novamente, ou terei muito prazer em lembrá-la. — Eu a solto, empurrando a cabeça até que ela desmorone no chão, com as mãos estendendo para parar sua queda. — E ao contrário dele, não vou me importar com o quanto você implora.

Em pé, pego meu caderno de desenho e olho para ela, apreciando a vista dela encolhida aos meus pés.

— Você pode se levantar.

Ela funga enquanto está de pé, tirando a sujeira de suas roupas e mantendo os olhos voltados para o chão.

— Vá. — Eu aperto minha mão. — Não me deixe vê-la aqui de novo.

— Senhor — ela sussurra.

Viro-me antes que ela termine de falar, caminhando para a sombra do salgueiro-chorão e encostando-me no tronco, a casca coçando nas minhas costas. Xander, meu irmão, e sua guarda pessoal, Timothy, saem das portas do castelo e entram no pátio, indo para onde um automóvel está rolando pelos portões.

A curiosidade me mantém no lugar como se meus pés estivessem envoltos em chumbo, e eu assisto pelas sombras, apertando meu caderno enquanto Xander se move em direção ao automóvel e abre a porta. Uma mulher magra com cabelos loiros espreitando por baixo de um chapéu roxo sai primeiro, sorrindo, antes de se mover para o lado.

E então uma mão delicada estende, e outra mulher coloca a palma da mão na de Xander.

Meu estômago sobe e desce como uma avalanche, sabendo que devo me retirar, mas não sendo capaz de me afastar.

Porque lá está ela.



A nova rainha prometida chegou.

# CAPÍTULO 3



*Sara B.*

Vi pinturas do reino Saxum a vida toda. Há uma pendurada acima da lareira no quarto grande do meu tio em casa; uma imagem sombria, com nuvens estrondosas pairando sobre um castelo escuro, um que foi construído no século XVI e escureceu com a idade. Sempre presumi que a visão era

exagerada pela obra de arte. Acontece que as pinturas não chegam nem perto da realidade.

O motorista do rei dirige o automóvel pelas ruas da cidade de Saxum, passando por mulheres enquanto riem nos braços dos homens como se não houvesse uma preocupação no mundo. Felizmente inconsciente de que cinco minutos depois da estrada, os paralelepípedos se transformam em terra, e os chapéus de abas largas se transformam em gorros sujos e roupas rasgadas sobre pele e os ossos.

Ou talvez eles estejam cientes e simplesmente não se importam.

— Nada faz justiça à coisa real, faz?— Sheina, minha amiga mais próxima, que virou dama de companhia, suspira enquanto olha pela janela, com o cabelo loiro espreitando por baixo da borda do chapéu. — Você passa a vida inteira ouvindo histórias, mas é uma visão assustadora.

Sua cabeça assente em direção ao castelo, empoleirado em um penhasco no final de uma longa estrada sinuosa, uma floresta verde e exuberante ao redor de ambos os lados.

*As pinturas não fazem justiça, de fato.*

Esta parte do país parece se prestar a mais uma escuridão nublada, uma grande diferença no sol que costuma ajudar a cultivar as colheitas em Silva, e uma energia ansiosa come seu caminho pelo meu peito assim como os prédios que alinham as ruas dão lugar a sicômoros e pinheiros; o cheiro de sempre-verde permeando o automóvel e picando minhas narinas.

A estrada se estreita e minha ansiedade cresce, meu estômago subindo e descendo com as batidas aceleradas do meu coração enquanto percebo que o castelo se volta para o furioso Vita Ocean e esse é o único caminho. *E a única saída.*

— Você acha que o que eles dizem é verdade?— Sheina pergunta, virando o corpo em minha direção.

Eu levanto uma sobrancelha. — Depende de que parte você está se referindo.

— Que os fantasmas dos reis caídos assombram os corredores do castelo.  
— Ela mexe os dedos na frente do rosto.

Eu rio, apesar de sinceramente, me perguntar a mesma coisa. — Sheina, você é velha demais para acreditar em histórias de fantasmas.

A cabeça dela se inclina. — Então, você está dizendo que não acredita?

Um arrepio desce pela minha espinha. — Eu acredito em superstição — eu digo. — Mas eu também gostaria de imaginar que quando alguém nos deixa, sua alma passa a descansar no Reino dos Céus.

Ela assente.

— Ou inferno — acrescento, o canto da minha boca inclinando. — Se eles merecerem.

Uma risadinha escapa, sua mão subindo para sufocar o som. — Sara, você não deveria dizer essas coisas.

— Somos apenas nós, Sheina.— Meu sorriso se espalha quando eu encolho os ombros, encostando-me nela. — Você não pode guardar segredo?

Ela zomba. — Por favor. Eu mantive cada uma de suas ações perversas para mim desde que éramos meninas.

Eu me ajusto na parte de trás do assento, ferros do meu espartilho cavando minhas costelas. — Eles fariam uma garota má, uma rainha?

Seus lábios se erguem, seus olhos azuis brilhando. — Com você, Sara, tudo é possível.

O contentamento quente se instala no meu peito, feliz que meu tio me permitiu trazê-la. Ter um rosto familiar ajuda a aliviar a tensão que atravessa meus ombros.

Conheço Sheina desde pequena, tendo crescido juntas na propriedade da minha família. A mãe dela é empregada doméstica, e Sheina e eu costumávamos passar nossos dias de verão entrando furtivamente nos campos e colhendo frutas frescas, inventando histórias sobre como encontraríamos as venenosas e trazê-las para os meninos que nos dessem problemas.

Mas uma das primeiras coisas que meu pai me ensinou foi manter seus amigos próximos e seus segredos ainda mais próximos. Então, enquanto eu amo Sheina, não confio nela com o pesado fardo das minhas verdades.

Até para ela, eu interpreto o papel, e ela não é a mais sábia.

Lentamente, a paisagem para de altera-se enquanto nosso automóvel estaciona, meu olhar se espalha para as torres duplas que abrigam a entrada do pátio do castelo. A pedra em si é um cinza escuro, molhada pela chuva anterior, ou talvez apenas manchada por anos de desgaste, hera profunda enrolando as laterais até atingir as partes superiores íngremes e desaparecer nas pequenas janelas sem vidro.

Uma área de observação, tenho certeza.

Eu me pergunto se meu pai tinha a mesma opinião quando chegou, sua mente cheia de esperança e seu coração cheio de coragem.

O buraco no meu peito dói.

— Chegamos, milady — anuncia o motorista.

— Sim, eu posso ver isso, obrigada — respondo, minha coluna se endireitando enquanto corro minhas mãos sobre o colo do meu vestido de viagem verde-claro.

O metal do portão de ferro range quando eles abrem, guardas reais alinhando os dois lados do quintal, suas formas envoltas em preto e dourado,

a cabeça de um leão que ruga no peito. É a mesma imagem que adorna todas as bandeiras em Gloria Terra.

*O brasão da família Faasa.*

Eu engulo os nervos, olhando para os rostos rígidos enquanto o automóvel se move novamente, parando quando estamos dentro dos portões. Há uma dúzia de espectadores olhando para o nosso caminho, mas fora isso, não há nenhum tipo de grande fanfarra.

Um pequeno grupo de homens está na nossa frente, e reconheço o mais baixo imediatamente, alívio inundando meu sistema ao ver meu primo Alexander fazendo o seu caminho.

A porta se abre e Sheina é ajudada primeiro, e então a mão de Alexander pega a minha. A renda da minha manga farfalha contra o meu pulso enquanto coloco a palma da mão na dele e desço para o chão.

— Xander — digo enquanto ele se curva, trazendo minha mão aos lábios para um beijo.

— Prima, já faz muito tempo — ele responde enquanto se endireita. — Sua viagem foi bem?

Eu sorrio. — Longa e desconfortável, eu receio. Mas feliz por estar aqui da mesma forma.

Ele aperta a língua. — E meu pai? Ele está bem?

— Assim como ele pode estar. Ele lamenta não ter conseguido fazer a viagem.

— Claro.— Ele inclina a cabeça. — Venha. Deixe-me apresentá-la a Sua Majestade.

Ele puxa minha mão até que ela entre na curva do braço e me leva a um homem de pé em um traje de campo bronzeado, um sorriso crescendo em seu lindo rosto enquanto ele segue seu olhar sobre a minha forma.

Aprendi muito sobre a família real ao longo dos anos que pude apontá-los com um único olhar, apesar de nunca os ter visto antes. E dos cabelos castanhos penteados deste homem ao peito largo e à estrutura gigante, juntamente com o incomum tom âmbar de seus olhos, eu o reconheço imediatamente.

Rei Michael Faasa III de Gloria Terra.

O fogo consome meu peito, o ódio escorrendo pelo meu interior enquanto mergulho em uma reverência, a bainha de renda da minha saia balançando contra o chão. — Vossa Majestade.

— Lady Beatreaux.— Sua voz é um estrondo profundo, crescendo através do pátio. — Você é muito mais bonita do que eu imaginava.

Aperto e inclino a cabeça para esconder o flash de irritação que atravessa meu rosto. — Você é muito gentil, senhor.



Ele inclina o queixo, as mãos descansando nos bolsos. — Eu conheci seu pai, você sabe.

Eu deixei meu sorriso se alargar, mesmo que a menção dele ao meu pai mande uma bola de angústia rasgando meu íntimo. — Que prazer para ele ter estado em sua companhia.

Os olhos do rei Michael brilham, sua postura se endireitando quando um sorriso floresce em seu rosto. — Sim, bem ... parece que o prazer está sendo retornado, já que agora terei a sua.

A satisfação se espalha pelo meu peito, aquecendo o sangue nas minhas veias enquanto a voz do meu tio sussurra na minha cabeça.

*Quanto mais rápido você ganhar seu favor, mais rápido você também ganha a confiança dele.*

Michael dá um passo à frente até que esteja na minha frente, tão perto que sinto o cheiro do amido de suas roupas, e ele se inclina para baixo, pressionando um beijo persistente na minha bochecha. Meu estômago sacode o quão perto ele está, e meus olhos examinam o pátio para ver as reações das pessoas, curiosa para saber se isso é comportamento comum ou algo especial apenas para mim. Mas, além de algumas pessoas espalhadas pelo quintal enorme, ninguém parece prestar muita atenção, embora eu sinta seus olhares persistentes.

Sua mão toca minha cintura.

Eu permito o toque dele, sabendo que não tenho outra escolha. Você não pode negar o rei, e não tenho interesse em parecer tão difícil. Continuando minha leitura da área, meu olhar se encolhe em um belo salgueiro-chorão no canto mais distante, uma figura sombria empoleirada sob seus galhos, com os olhos fixos em mim.

Meu estômago aperta.

O rei Michael sussurra algo no meu ouvido, e eu murmuro de acordo, embora não pudesse lhe dizer o que ele falou. Estou muito ocupada sendo sugada pelo olhar desse estranho, sabendo que devo desviar o olhar, mas incapaz de me forçar a seguir adiante. Há um desafio em seu olhar que me mantém colada no lugar. Um que endurece minha coluna e irrita meus nervos, desejando que ele fosse o primeiro a se render. Ele não se rende, é claro. Ele simplesmente sorri se inclinando contra o tronco da árvore, passando a mão pelas mechas bagunçadas de seus cabelos pretos, empurrando os fios rebeldes da testa.

Minha respiração fica instável quando eu traço as linhas duras de seu rosto pálido, seus dedos adornados em prata enquanto roçam contra sua mandíbula cinzelada e seus antebraços pretos com tatuagens. E então meu coração salta quando noto a cicatriz correndo pela testa e terminando logo acima da bochecha, quase invisível a essa distância, e sem graça comparado a cor verde dos olhos.

Meu interior se aperta com força quando percebo quem ele é.

Mesmo que eu não tivesse passado anos estudando a família Faasa, sua reputação o precede; rumores de seu temperamento e histórias de suas atividades extracurriculares atingindo até os cantos mais distantes de Gloria Terra.

Dizem que ele é tão perigoso quanto desequilibrado, e fui firmemente instruída a manter distância.

Tristan Faasa.

O irmão mais novo do rei.

*O príncipe marcado.*

# CAPÍTULO 4



*Tristan*

— Como ela é?

Meu olhar corta para Edward, a quem a maioria das pessoas pensaria como meu amigo mais próximo, meu único amigo. A verdade é que eu não *tenho* amigos, porque as amizades são inconstantes e muitas vezes uma

perda de tempo. No entanto, ele é meu confidente mais próximo e o único em quem confio o suficiente para estar ao meu lado. O fato de ele ser um general nas forças armadas do rei é um bônus, porque permite que ele acesse o que eu precisar sem chamar a atenção para o fato de que *sou eu* quem precisa.

Sua estrutura esbelta senta na cadeira do outro lado da sala, com os cabelos loiros caindo sobre as sobrancelhas. Olho para a pesada mesa de madeira, meu toque suavizando ao longo do papel de arroz em minhas mãos, certificando-me de que o conteúdo esteja bem embrulhado e apertado antes de colar as bordas.

— Ela é ...— Eu paro, esfregando meus dedos para remover o resíduo pegajoso da erva, pequenos pedaços de brotos verdes ainda permanecendo na minha pele. — Medíocre.

Sento-me, segurando um fósforo e batendo-a contra a borda áspera da caixa marcada com Lúcifer, meu olhar imerso no brilho laranja da chama. Transfixa minha mente enquanto eu a vejo queimar o palito de madeira, o calor se tornando intenso enquanto lambe minha pele. Movo o fogo para o final do cigarro, inalando antes de permitir que a chama se apague.

— A noiva de Michael Faasa é “medíocre”?— Edward ri.

Eu murmuro, minha mente imaginando a garota que passou pelos portões do castelo hoje cedo, de olhos arregalados e cabelos selvagens, parecendo tão ansiosa para agradar. Ela me irritou com seu sorriso doce e a maneira como bateu os cílios do jeito que Michael queria.

Mas não foi meu irmão que manchou suas bochechas de rosa.

— A palavra na corte é que ela é uma beleza — continua Edward.

— Meus padrões são muito mais altos que os da corte — respondo.

Levantando minhas pernas, eu apoio meus pés para cima, minhas botas pretas sobre a mesa enquanto cruzo meus tornozelos. — Ela é agradável de encarar, mas tão inútil quanto o resto deles.

— O que mais você precisa do que beleza?— Edward encolhe os ombros.  
— Conversa estudiosa?

Minha cadeira se inclina nas pernas traseiras até eu olhar para o teto texturizado, sentindo frio, mesmo que haja um fogo rugindo no canto da sala. Ou talvez seja apenas o meu interior, onde meu coração costumava estar, agora vazio, uma dor oca que anseia pelo caos apenas para vê-lo queimar.

Movendo o cigarro para os meus lábios, eu inalo, a fumaça escorrendo pela minha garganta e pelos meus pulmões, proporcionando uma calma que meus nervos nunca sentem sem ela. — Edward, é extremamente perturbador para mim que você subestime os artifícios de uma mulher. São cobras em pele de cordeiro. Lembre-se disso sempre.

Ele franze os lábios, as sobrancelhas levantando e a coluna endireitando, quase como se eu o tivesse ofendido. — Você sempre foi dramático.

Eu sopro uma fumaça no ar. — Eu sempre estive certo.

A irritação azeda meu estômago pela língua solta, mas repreendê-lo consumirá energia que eu não tenho, então eu a arquivarei e o lembrarei mais tarde, quando o clima vier. Agora, prefiro fazê-lo ir embora.

Nunca fui de desejar a companhia de outras pessoas. Talvez seja porque quando eu era criança, todos podiam dizer que eu era apenas um pouco *diferente*, não importa o quanto eu tentei me encaixar.

E mesmo que não pudesse contar, meu irmão se certificou de que eles soubessem.

Eu bato minha cadeira para a frente, o impacto das pernas batendo no chão vibrando através do meu corpo. — Me deixe.

De repente, estou desejando retribuição; precisando me livrar das memórias de quando eu estava impotente e à mercê de Michael e sua *trupe*.

---

HÁ uma reunião não oficial para receber Lady Beatreaux na corte.

Não oficial porque não sou obrigado a participar.

Embora, mesmo que eu fosse, não sou conhecido por aderir às regras da nobreza e duvido que eles esperem que eu apareça. É exatamente por isso, que eu vim.

O “quem é quem” do reino está aqui. Funcionários de alto escalão, duques e viscondes de áreas próximas e todas as ladies e lordes da corte. Risos e conversas fiadas ecoam nos tetos altos e nas colunas de pedra do grande salão, copos de cristais presos em dedos com jóias e bochechas rosadas que retêm a verdade de seus níveis de intoxicação.

Meu irmão senta na frente em um palco, duas cadeiras vazias de cada lado dele, bebendo vinho e olhando para o seu povo.

Ele sempre foi assim, mesmo quando éramos crianças; sempre precisando estar acima de tudo, chamativo e glamourizado, admirado por todos, independentemente de quem ele tem que pressionar para fazê-lo.

O desgosto rola pelo meu estômago, arranhando minha garganta enquanto ele flerta com uma criada que enche sua taça com mais para beber.

Eu me atenho às sombras, certificando-me de não chamar a atenção para mim mesmo, querendo ver Lady Beatreaux de olhos de corça quando ela entra na cova dos leões. E não preciso esperar muito, porque as portas duplas de carvalho se abrem e ela caminha, a cabeça erguida e os cabelos pretos e escuros presos para trás, cachos perfeitos emoldurando o rosto.

Seu vestido brilha enquanto ela se move, o verde complementando o creme pálido de sua pele, e seria uma mentira para mim fingir que ela não rouba a cena. Ela atrai todas as pessoas, como mariposas para uma chama, enquanto percorre a multidão e em direção ao meu irmão.



Atrás dela está a mesma garota magra com cabelos loiros e arenosos com quem ela apareceu. De repente, a garota tropeça, o pé grudado na bainha do vestido da minha nova cunhada, fazendo com que ambas vacilem em seus passos.

O rosto de Lady Beatreaux se torce quando ela olha rapidamente.

É rápido, o deslize em sua máscara, antes que ela suavize a irritação e a substitua mais uma vez por uma aparência suave e atraente, mas a consciência formiga minha coluna e meu interesse se acumula.

Esse interesse cresce quando ela para na frente do meu irmão e faz reverência antes de tomar o lugar ao seu lado, com os olhos brilhando e os lábios curvando-se para cima quando ele a observa.

*Ele gosta dela.*

Endireitando-me da parede escura, eu me movo para a luz, a multidão se separando para mim, assim como para ela, só que desta vez é acompanhada por ofegos e sussurros.

As pessoas me dão um amplo espaço porque se preocupam com o que acontecerá se não o fizerem.

Os boatos sobre o príncipe marcado correm desenfreados pelo reino e, embora a maioria seja fabricado, alguns começam com pelo menos uma pitada de verdade, e eu descobri que quanto mais eles me temem, menos eles me olham.

E pelo menos no momento, é assim que eu gosto.

Quando chego ao palco, o rosto de meu irmão se abaixa e sei que com todas as fibras do meu ser é porque ele não esperava que eu estivesse aqui. Porque mesmo que as pessoas olhem cautelosamente para mim, ainda é para *meu* caminho em vez do dele.

Sento-me na cadeira de veludo, ao lado dele, afundando no assento e cruzando o tornozelo no joelho, adotando um ar de tédio.

— Tristan, eu não esperava vê-lo aqui. Venha conhecer sua futura rainha.— Michael diz, gesticulando em direção a Lady Beatreux, do seu lado oposto.

Olho para cima, algo apertando meu intestino quando trago os olhos para ela. Ao atravessar o colo do meu irmão, estendo a palma da mão, o lado esquerdo da minha boca se enrolando. É impróprio inclinar-se pelo colo do rei para manter uma conversa, e parte de mim fica surpreso que Michael não impeça isso. Mas é claro que isso chamaria a atenção errada em seu caminho. Não pode ter explosões em público. Isso não se encaixaria bem com o seu *carisma*.

Ela olha para minha mão estendida por longos momentos antes de colocar os dedos nos meus. Uma pontada de surpresa tremula no meu peito enquanto trago a palma da mão para os meus lábios, pressionando um beijo suave nas costas. — Olá, querida irmã.

Michael zomba. — Não assuste a garota antes mesmo de ela estar aqui há duas semanas.

— Sara — ela sussurra, ignorando as palavras do meu irmão.

Eu levanto uma sobrancelha.

— Me chame de Sara. Afinal, estamos prestes a ser uma família.— Um sorriso agradável rompe em seu rosto, mas não atinge seus olhos, e não faz nada além de aumentar minha curiosidade.

— Não perca tempo sendo cordial com Tristan, querida — diz Michael. — Ele desaparecerá em qualquer sarjeta que ele goste de ficar em breve e nem se lembrará de que conheceu você.

Minha mandíbula se aperta, a raiva borbulha quando se espalha pelo meu sangue e canta nas minhas veias.

Sara se inclina, a metade superior do corpo quase inteiramente no colo de Michael agora, quando seu olhar castanho olha para o meu. — Você está me machucando.

Olhando para baixo, percebo que ainda estou segurando a sua mão, meus dedos apertando a dela até que minhas juntas estejam esbranquiçadas. Eu largo a palma da mão.

— Eu estou.— Eu sorrio. — Tão fraca?

Os olhos dela estão estreitos.

— É o suficiente — Michael murmura.

Eu rio, encostado na minha cadeira e voltando minha atenção para a festa. Descansando o cotovelo no braço do meu assento, esfrego a mandíbula com os dedos, a barba de um dia áspera contra a minha pele.

Lady Beatreaux inicia uma conversa com meu irmão, falando sobre os assuntos mais chatos; o tempo em Silva comparado a aqui, como ela gostou de andar de automóvel, e se ela planeja assistir à missa no domingo de manhã no braço dele ou ir com as damas.

Estou apenas parcialmente prestando atenção e meu coração bate no peito quando vejo uma figura escura no canto de trás do corredor.

Edward fica orgulhoso a alguns metros de distância, a mão no cinto, o traje enfeitado de preto e dourado do nosso país, uma corda tecida em ouro decorando o ombro esquerdo, e meu brasão da família rugindo em seu peito.

Nossos olhos se encontram e eu aceno para o estranho sombreado.

Ele segue o movimento antes de esclarecimento escorrer e segue em direção a eles. E então, de repente, há um grito penetrante que lamenta o ar, de modo que gela fazendo as pontas do cabelo subirem.

— Por Deus! — alguém grita.

Edward corre pela multidão então, toda pretensão desaparecendo, enfrentando a figura e lutando com ele no chão. O estranho cai de joelhos e

o capuz da capa cai com eles; cabelos longos e sujos derramando sobre os ombros do intruso.

É uma mulher.

Algo pesado soa, e é seguido por suspiros e guinchos chocados. As pessoas pulam para trás, olhares de horror superando suas feições.

Como se em câmera lenta, o objeto rola em direção ao palco e pára quase perfeitamente em frente ao trono de Michael.

Ele dispara do assento, seu olhar se alarga enquanto olha para a cabeça decepada de lorde Reginald, seus olhos escancarados e a língua azul; tendões cortados do pescoço balançando, tendo deixado um rastro de sangue atrás dele.

— Qual é o significado disso?— Michael exige.

Edward empurra a mulher para ficar de pé, arrancando os pulsos nas costas com uma mão e segurando o cabelo na outra, forçando-a a encontrar o olhar de Michael.

Minha frequência cardíaca acelera, os dedos se agitando enquanto assisto a cena se desenrolar.

Ela sorri perversamente, os olhos vidrados e loucos. — Este é o seu aviso, Michael Faasa III.

— Aviso de quem?— Michael grita.

O sorriso dela aumenta.

Os punhos de Michael se apertam, os músculos da mandíbula trabalhando para frente e para trás. Meus olhos se movem dele para sua futura noiva, esperando que ela olhe aterrorizada e egoisticamente querendo se deleitar com seu medo; mergulhá-lo como o sol e deixá-lo me alimentar durante a noite.

Mas ela se senta em silêncio, a cabeça inclinada, um brilho curioso que atravessa os olhos. Ela está perfeitamente preparada e parece não afetada.

*Interessante.*

— Eu sou seu rei — Michael braveja.

A mulher se dobra na cintura, uma gargalhada aguda saindo da boca e sangrando no ar tenso e silencioso. Edward a puxa para cima, apertando forte no crânio.

Ela cospe no chão. — Você não é meu rei.

Xander aparece fora da multidão, abrindo caminho para ficar na frente da mulher maníaca. — Quem fez isso com lorde Reginald? Foi você?

Ela sorri, a cabeça inclinada até o lado, o pescoço parece que pode quebrar ao meio. — Eu faria qualquer coisa para agradar Sua Majestade.

A palma de Xander é rápida enquanto chicoteia o ar, o som reverberando nas paredes enquanto o rosto da mulher é jogado para o lado.

— É o bastante. Deixe ela falar.— A mão de Michael voa para cima, seu olhar caindo sobre ela. — Você já cometeu traição. Certamente sabe que a morte espera por você. Então termine sua mensagem, imundíce e apodreça nas masmorras.

— Ele está vindo para você — ela canta, seu corpo parece vibrar no lugar.

— Quem? — Michael exige.

Ela fica quieta. Sua cabeça abaixa um pouco e sua boca se abre para um sorriso tão largo que você pode ver todos os dentes podres.

— O rei rebelde.

# CAPÍTULO 5



*Sara B.*

O escritório particular do rei é tão bonito quanto o resto dos quartos do castelo. O veludo roxo profundo cobre quase todas as polegadas dos móveis de mogno escuro e as intrincadas linhas de pintura do teto, o dinheiro sangrando nas paredes.



O quarto em si é espaçoso, quase tão grande quanto meus aposentos pessoais, mas mesmo com seu tamanho, parece sufocante.

Um guarda real alto e magro chama a atenção atrás da mesa de Michael, e Michael se empoleira na frente dela, encostando seu dedo no lábio. Seus olhos se movem para frente e para trás, rastreando Xander enquanto ele faz um buraco no tapete.

A Rainha-mãe não está em lugar algum, eu nem a conheci, e o príncipe Tristan desapareceu depois que a cabeça decapitada foi retirada. Honestamente, fiquei surpresa ao vê-lo lá, tendo sido informado de que ele raramente aparece na corte. Mas estou aqui há dois dias e já o vi duas vezes.

Meu estômago aperta e me mexo no lugar, agradecida por ele não estar aqui agora. Ele é perturbador. Ele olha para mim como se pudesse ver os cantos mais sombrios da minha alma. Ou talvez seja apenas a escuridão *dele* alcançando e tentando encontrar as partes mais escuras da minha.

— Xander, você se preocupa demais. Pegue um charuto e acalme-se — diz Michael, abrindo uma caixa de cedro na curva da mesa.

Ele coloca um na própria boca antes de passar o outro para Xander, que o leva com um olhar agudo.

Meu primo está preocupado. Está claro nos pés de galinha que enrugam os cantos dos olhos e nas linhas de expressão que se aprofundam a cada segundo que passa. Seus dedos ósseos correm através de seus cabelos finos castanhos, quando não estão ocupados puxando os fios, eles estão ajustando

seus óculos circulares que descem a ponte do nariz devido aos movimentos bruscos.

— Gostaria de falar com o tio Raf — interponho.

É tudo o que consigo pensar desde a cena no grande salão. Eu não esperava que houvesse uma revolta nos arredores; um homem misterioso que quer assumir o trono por si mesmo, e estou desesperada para descobrir mais. Fiquei fascinada pela lealdade cega que sangrou da alma da mulher traidora; sua vontade de sacrificar tanto por seu líder, fazendo curiosidade morder meu interior.

E preciso descobrir se isso é uma chave nos meus planos.

O pior tipo de ignorância é aquele que pode ser evitada, mas não é. Não vou me permitir cair nessa armadilha.

E meu tio, ele saberá o que fazer.

Xander se vira para mim, embora suas palavras sejam para o rei. — Senhor, não acho seguro permitir a comunicação em termos tão sensíveis.

Algo quente atravessa meu peito em seu desacordo.

— Vou contar ao meu pai — continua ele, decidindo falar comigo em vez de ao meu redor.

— Primo, eu prefiro falar com ele. Ele se preocupará quando ouvir notícias.

Xander franze a testa. — Sara, você não está aqui para nos contar sobre suas preferências. Você está aqui para ser a noiva do rei. Tudo o que você precisa fazer é sentar, ficar bonita e me deixar lidar com as coisas. Ele quer saber que você está segura, e eu garantirei a ele.

Meu estômago revira, mas me recostei no meu assento, minhas mãos se dobrando no meu colo.

Os olhos de Michael estão me observando, seu brilho vítreo espreitando através da nuvem de fumaça que se enrola em torno de seu rosto.

— Xander, não seja tão duro com a garota — diz ele.

Xander gira em sua direção, com a mão chicoteando no ar. — Você não está preocupado, senhor? Reginald está morto. E uma *hyena* imunda chegou ao tribunal e jogou a cabeça decepada aos seus pés, gritando sobre 'o rei rebelde'.

Michael endireita, com o queixo apertado. — Sim. Nós estávamos todos lá.

Meus olhos movimentam entre eles. Ele acabou de chamar aquela mulher de *hyena*? Meu queixo aperta ao nome depreciativo. Não é segredo que é chamado de “pobres” neste país, mas ouvi-lo sendo falado tão claramente, como se eles não fossem dignos de nomes ou respeito apenas por causa de suas circunstâncias, batem contra meu interior e me fazem ferver de raiva.

— Independentemente disso, essa não é uma conversa adequada para uma mulher bonita.— Michael pisca para mim.

Xander passa a mão no cabelo novamente. — Sim, claro que não. Timothy — ele se endireita, girando para a guarda real no canto da sala. — Escolte Lady Beatreaux de volta para seus aposentos.

A decepção ocorre no meio do meu peito, mas não estou surpresa que eles estejam me mandando embora. Eu não sou estúpida. Eles não dizem nada de importante na minha frente, especialmente antes de nos casarmos, e se eu for honesta, provavelmente mesmo depois. As mulheres não têm o mesmo respeito que um homem, como se o que está entre minhas pernas tivesse algo a ver com o funcionamento do meu cérebro ou com a capacidade de processar informações.

Eu estava prestes a arrancar meus olhos ao ouvir esses dois idiotas em desacordo, de qualquer maneira.

Eu me levanto do meu lugar e me movo em direção ao rei Michael, fazendo reverência. — Vossa Majestade.

A mão dele aperta meu queixo, me trazendo para perto. — Sara, querida. Lamento não termos conseguido nos familiarizar melhor. Mas você sabe o que eles dizem ... coisas boas acontecem para quem espera.

Eu forço um pequeno sorriso. — Sempre me disseram que paciência é recompensada.

Seus olhos brilham, e essa é a minha sugestão.

Minhas saias farfalham em torno dos tornozelos enquanto caminho até a pesada porta de madeira. Timothy, a guarda real, se move atrás de mim, o preto e o ouro de seu uniforme destacando o bronzeado profundo de sua pele; tão diferente dos cremes pálidos que vi até agora nesta região.

— Timothy, certo?— Minha voz ecoa nas frias paredes de pedra dos corredores do castelo.

Ele olha para mim do seu periférico, mas fica calado.

— Você é daqui?

Ainda assim, ele fica em silêncio.

— Saxum, quero dizer.

Depois de alguns longos momentos sem resposta, suspiro. — Tudo bem então. Não é um conversador. Xander estava falando daquela mulher. Aquela ... *hyena*.— A palavra é áspera na minha língua, e eu assisto a reação dele, sem esperar uma resposta verbal, mas esperando que ele dê pistas no rosto.

Ele não dá. Ele treinou bem.

— Você é mudo?— Eu franzo os meus lábios. — Ou simplesmente não é permitido falar?

Os cantos dos lábios se contraem.

— Honestamente, isso parece terrível — continuo. — Isso não te incomoda? Ser informado de que você nem pode falar?

Ele me olha de lado novamente quando nos aproximamos da ala dos meus aposentos pessoais, parando quando chegamos ao meu quarto.

Eu estendo a mão, o pedaço de metal áspero contra as pontas dos dedos. Timothy se move para o lado da minha porta, com as costas retas e os olhos examinando a área. Eu paro, meu estômago está apertando. — Você está planejando ficar aqui a noite toda?

Ele levanta uma sobrancelha.

— Certo, certo. Sem falar.— Eu sorrio. — Entendi.

Ele inclina a cabeça em uma reverência e eu entro no meu quarto, fechando a porta atrás de mim, o sorriso caindo do meu rosto enquanto atravesso a área de estar, procurando por Sheina.

Eu não a encontro, então suponho que ela já tenha encerrado a noite.

Bom.

Há uma mulher nas masmorras e, se ninguém me der respostas, eu as encontrarei por mim mesma.

# CAPÍTULO 6



*Sara B.*

Cheguei aos aposentos dos criados, sem querer, mas este castelo é grande e um pouco sinistro, e é difícil navegar pelos corredores em segredo sem saber para onde você está indo. A ansiedade provoca meu interior, esperando não esquecer o caminho de volta.

Vozes abafadas filtram através do salão escuro; a única luz proveniente de pequenas arandelas colocadas entre as janelas em arco. Meus passos vacilam, o coração salta. Eu não esperava ninguém a essa hora da noite, mas não deveria ter sido tão estúpida. Sempre há pessoas vagando por corredores.

Continuo avançando, encostada na pedra, minha respiração agitada enquanto olho para os dois lados, certificando-me de que ninguém está aqui para me ver.

*Isso foi tolice.*

As vozes ficam mais altas quando eu chego mais perto do cômodo, e minhas sobrancelhas se aproximam enquanto me esforço para ouvir.

A porta está entreaberta, e eu me movo da parede e giro em direção a ela, agachada, meus dedos segurando a moldura de madeira enquanto pressiono meu rosto pela fenda. Minha respiração está trêmula e meu coração bate contra a cavidade torácica quando a adrenalina inunda meu sistema.

Os três finos punhais de prata entre a minha liga de couro estão frios enquanto pressionam contra a minha coxa, mas não sou burra o suficiente para esgueirar-me pelos corredores do castelo à noite, sozinha e desprotegida.

Além disso, há algo emocionante na possibilidade de ser pega. De fazer algo que não devo.



Apertando os olhos, tento entender os detalhes, mas além de uma longa mesa de madeira e uma estante no canto mais distante, parece estéril. Um homem alto está no centro, sua sombra pairando sobre outra pessoa, que está de joelhos aos seus pés.

É difícil ver quem é a princípio, mas quanto mais tempo eu olho, mais minha visão fica clara.

Príncipe Tristan.

*Meu coração pula na minha garganta. O que ele está fazendo aqui nos aposentos dos criados?*

— Você entendeu?

Meu estômago torce para a voz dele, assim como na primeira vez que ouvi; palavras de veludo enquanto sua mão estava enrolada na minha, e seu irmão estava entre nós.

O tom dele é profundo. Como se fosse feito no inferno, depois tecido através da seda. Uma carícia gentil que canta seus sentidos.

Embora esteja muito escuro para distinguir detalhes, posso ver que a pessoa a seus pés é uma mulher.

*O príncipe Tristan está com uma serva?*

Sua cabeça cai, a subserviência sangrando de seus poros. — M...

A coluna de Tristan endurece, a cabeça virada para o lado. — É o suficiente — ele a interrompe. — Saia.

Ela se move para ficar de pé e assente. Meu interior se apavora, preocupada que ela venha no meu caminho, mas ela vira na direção oposta, a mão pressionando contra a parede até que a pequena estante gire no lugar, revelando uma pequena abertura na qual ela entra.

Meus olhos ficam arregalados quando ela desaparece.

O príncipe fica no centro da sala, completamente imóvel, como uma presa de caça ao leão, esperando para atacar. Mordo meu lábio, com medo de respirar com o silêncio do ar.

Minhas mãos ficam úmidas, com os dedos segurando a madeira lascada da moldura da porta até que ela se quebre. Eu deveria ter esperado até aprender a configuração do local. Por acaso, tenho sorte de ter encontrado apenas isso, em vez de um soldado ou coisa pior. Fofocas se espalham como fogo e olhos e lábios errados podem ter consequências desastrosas.

Não vou cometer o mesmo erro novamente.

— Você está planejando entrar na sala?

Meu estômago dá cambalhotas, meus olhos examinando a área para procurar outra pessoa. Não há ninguém.

Rápido como um raio, ele se vira, seu olhar me travando. — Ou podemos continuar fingindo que você não está aqui, se quiser.— Suas botas batem no chão enquanto ele caminha em minha direção, seu passo longo e seguro.

Meu coração se joga nas minhas costelas, o pânico brotando como uma represa de inundação prestes a estourar, mas não há lugar para eu correr. Nenhum lugar para se esconder.

Então, em vez disso, eu me endireito de onde estou agachada, minhas pernas gritando em alívio com a mudança de posição e aliso minhas mãos na frente da minha saia. A fraqueza nunca é um ponto forte, e não importa o quanto eu possa sentir isso tentando envolver meu interior e quebrar meu escudo, nunca deixarei isso aparecer.

Me aproximando, abro a porta antes que ele possa, ficando cara a cara com ele pela terceira vez em menos de vinte e quatro horas.

— Eu não queria interromper.— Eu sorrio.

Seus olhos verdes estão calculando, enquanto se movem do topo da minha cabeça para a bainha da minha saia fina e para trás, a cada milissegundo bombeando mais sangue pelas minhas veias, meu coração trabalhando horas extras enquanto tento controlar minha reação.

— Se perdeu?— ele pergunta.

Eu levanto um ombro. — Dando um passeio.

— Hmm.— Ele assente. — Isso é algo que você faz com frequência?

— O que, passear?— Eu respondo, segurando seu olhar, mesmo que isso faça meu peito ficar pesado.

Ele se aproxima. Ele está vestido com calça escura com suspensórios pendurados na cintura e uma túnica leve enrolada nos cotovelos, a tinta preta gravada na pele em exibição total.

Eu engulo em torno da secura repentina na minha boca. Eu nunca vi uma tatuagem pessoalmente, mas ele está coberto por elas. Projetos intrincados se afastam de seus antebraços e desaparecem sob o tecido de suas roupas. Ouvi os sussurros, mesmo em Silva, do príncipe marcado com desenhos em sua pele, mas pensei que eram apenas rumores.

Surpreende-me o quanto eu gosto delas.

Seu irmão, o rei Michael, é atraente. Mas o príncipe Tristan é assustadoramente bonito.

Ele repreende. — Eu quis dizer espionagem, pequena corça.

— Eu não sou corça.

— Não?— A cabeça dele se inclina. — Então, o que você é?

Meu queixo se levanta enquanto eu seguro o olhar dele.

Ele está tão perto agora que posso ver claramente a pele irregular em seu rosto, e eu mordo o desejo de estender a mão e tocá-la; perguntar a ele qual é a verdadeira história de como conseguiu suas cicatrizes. Não o desfigura

da maneira que você esperaria. Em vez disso, o torna ainda mais impressionante, aumentando sua estatura já intimidadora.

Mas eu não vacilo. Eu não recuo.

Minhas narinas inflam quando me aproximo ainda mais até que eu possa provar sua respiração como se fosse minha.

— Eu sou sua futura rainha — eu sussurro. — Talvez, você deva mostrar algum respeito.

Seus olhos brilham com isso, a mão estendendo e tocando um dos cachos espirais que caíram do meu prendedor de cabelo. Ele enrola em volta do dedo, o canto da boca se erguendo em um sorriso zombeteiro. — Bem, então, vou ter certeza de trabalhar na minha reverência.

A ansiedade percorre meu centro como uma debandada de gnus, mas eu mantenho meu rosto neutro, para que ele não perceba o quão fortemente está me afetando.

— Você acha que ganhou? Respeito. — Sua voz é suave enquanto corta contra a minha pele.

Eu mantenho minha respiração superficial, não querendo sugar para os pulmões o ar que meu corpo está desejando, com medo de que, se o fizer, meu peito toque contra o seu tronco.

Meus dentes moem juntos, minha mente girando com um aviso para pisar com cuidado.

— Eu acho — eu respondo.

Suas sobrancelhas se levantam e ele recua um espaço, os fios do meu cabelo saltando enquanto ele solta o cacho. Seus dedos esfregam na frente da boca. Meus olhos captam o brilho dos diamantes em um de seus anéis de prata, percebendo que são os olhos de um leão, com a boca larga como se estivesse no meio de um rugido.

O brasão da família dele.

Meu estômago vira quando meu olhar volta para o dele, e o ar cresce espesso, envolvendo-nos com um desafio tácito.

Um golpe alto ecoa nas paredes, fazendo meu intestino cair no chão.

Rápida como um flash, a mão grande de Tristan envolve meu pulso, me puxando totalmente para a sala, meus dedos agarrando seu peito para não cair do movimento repentino. Seu braço serpenteia em volta da minha cintura para me firmar, me puxando contra ele.

— O que você está...

A outra palma da mão bate na minha boca, os anéis cortando os meus lábios.

— Quieta — ele exige. — A menos que você pense que ser pega sozinha em um corredor escuro com o irmão de seu noivo é bom para sua reputação.

Isso me cala.

Ele não tira a mão e meu estômago aperta, meu coração bombeando sangue com tanta força que passa pelos meus ouvidos. Olhando para mim, seus dedos se apertam em volta da minha cintura. Meu corpo esquenta em resposta.

Seus músculos da mandíbula se flexionam, e ele me libera, empurrando até eu tropeçar, minha mão se estendendo para evitar cair.

— Não me deixe encontrá-la aqui novamente ou não serei tão gentil.

Eu bufo. — Não pense em me dizer o que fazer e ache que vou ouvir como suas criadas.

Seus olhos se estreitam e ele avança, pressionando em mim até minhas costas atingirem a pedra fria da parede. — Ciumenta?

— Dificilmente — eu mordo.

— Cuidado, pequena corça. Continue correndo para lugares a que você não pertence e alguém pode confundi-la com presas.

— Não tenho medo de ser presa.

— Não?— Ele levanta uma sobrancelha, inclinando-se até o nariz deslizar ao longo da lateral do meu rosto. — Você deveria ter.

E então, mais rápido que ele veio, se foi girando e saindo pela porta, como se nunca estivesse aqui.

# CAPÍTULO 7



*Tristan*

Lady Beatreaux não é quem ela parece ser.

Quando você vive sua vida tendo que olhar por cima do ombro, aprende a sentir mudanças no ar muito antes de acontecer. E eu a senti do lado de fora



da porta no momento em que ela chegou, embora eu não soubesse quem era até que ela ficou na minha frente.

Meus dedos flexionam quando me lembro da maneira como seus fios de cabelo encaracolados giravam em torno do meu dedo, seus olhos como picadores de gelo quando olhou para mim em seu vestido simples e cabelos presos nas costas. Ela não se parecia em nada com a senhora real que estava sentada ao lado do meu irmão.

Eu a prefiro assim.

De costas para a torre do observatório nos portões do castelo, puxo uma caixa de fósforos do bolso e acendo uma chama, permitindo que o calor laranja provoque minha pele enquanto reflito sobre sua intrusão.

*Ela está espionando pelo meu irmão? Ele está me observando?*

Possível, mas improvável. Embora eu não tenha imaginado ela fazer sua oferta; Eu imaginei que ele pensaria muito nela. Ele não é conhecido por seu respeito pelas mulheres.

Ainda assim, ela é diferente do que eu esperava. Mais sinistra, talvez.

Se não fosse *eu* quem ela estava espionando, eu seria capaz de encontrar admiração em suas falsidades. Mas como é, não faz nada além de deixar um sabor amargo na parte de trás da minha garganta; um que eu escolho deixar prolongar, então sempre me lembro do sabor.

Essa é a diferença entre eu e outras pessoas. Eles fogem das coisas ruins, e eu me junto a elas.

Me aproximando, arranco o cigarro enrolado por trás da orelha e o coloco na boca, esperando até que o fogo quase completamente engula o fósforo antes de acender o final; o cheiro de erva se enroscando no ar, fazendo meu interior tenso se desfazer em um tipo de calma zumbindo.

Minha bota chuta contra a parede, minha cabeça encostada na pedra fria enquanto olho pelas ruas de Saxum. O castelo fica em um penhasco, um ponto de vista fácil para ver tudo, mesmo além das densas árvores.

Quando eu era jovem, meu pai me trazia aqui, sussurrando palavras de grandeza e me ensinando os caminhos da terra.

— *Este é o meu legado. E um dia será seu.*

— *Você quer dizer Michael — eu corrijo, olhando para o meu pai.*

*Seu cabelo escuro sopra na brisa noturna enquanto ele olha para mim. — Você e seu irmão precisam deixar de lado suas diferenças. O sangue de Faasa corre por suas veias tão certamente quanto ele. Juntos governamos, divididos, caímos. Lembre-se disso.*

*Eu zombei, esfregando meu pulso inchado, lembrando como apenas algumas horas antes Michael me empurrou para a terra e me chamou de aberração. — Diga isso a ele.*

*Ele ri. — Michael ainda está tentando encontrar seu lugar neste mundo.*

— *E eu não estou?— Eu pergunto, minha voz subindo em defesa.*

— *Desde o momento em que você nasceu, você foi diferente.— Ele estende a mão, batendo no centro do meu peito. — Aqui dentro.*

*Diferente.*

*Meu peito revira. Eu não quero ser diferente. Eu só quero ser deixado em paz.*

— *Você aprendeu a falar mais rápido — continua ele. — Andou mais cedo. E você estava desenhando assim que pudesse segurar carvão em suas mãozinhas.*

*Olho para os dedos, flexionando-os no colo, assobiando quando dores agudas disparam através dos tendões do meu pulso latejante. A raiva de Michael e seus amigos borbulha como uma panela fervendo na boca do meu estômago.*

— *É uma característica admirável, ter tanta certeza de si mesmo em um mundo sem respostas. Uma invejável.*

*Minhas sobrancelhas mergulham em confusão. — Por que Michael teria inveja de mim? Ele possuirá tudo isso.— Eu balanço meu braço sobre a floresta e as ruas escuras da cidade logo depois, iluminadas apenas pela lua cheia pairando sobre nós no céu.*

*Meu pai suspira, abraçando-me e me puxando com mais força para o lado dele. — Às vezes, é difícil saber quem você é quando há pressão para ser outra coisa. Seu irmão será rei um dia.*

*O orgulho percorre o tom de sua voz e meu coração mergulha profundamente no meu estômago, algo pesado e verde chicoteando meu interior.*

*— E você, meu leãozinho, está livre para vagar.*

Mas eu não sou livre. Eu nunca fui, na verdade não. Anos depois, ainda estou aqui em Gloria Terra. *Glória da terra.*

Soprando minha fumaça, levanto as pontas dos meus dedos para a minha cicatriz, correndo-as pela borda elevada, algo azedo apertando meu íntimo.

A lua está cheia e lança um brilho na floresta escura, os gemidos do vento são o único som que não seja o uivo ocasional de lobos selvagens, e as piadas das corujas que frequentam as janelas do observatório à noite.

Me empurrando para fora da parede, largo o papel queimado e a erva no chão e a esmago entre a bota, antes de entrar nas árvores e me afastar da segurança do castelo.

---

Eu escaneio a sala em ruínas, recebendo várias dezenas de rostos amontoados nas longas mesas e bancos, todos os olhos focados em mim. O cheiro do ar afunda, como se as frequentes tempestades tivessem enfraquecido a fundação e afundado seu caminho pelo interior, crescendo e apodrecendo a madeira de dentro para fora.

Mas The Elephant Bones Tavern não é um lugar conhecido por sua prosperidade ou seus clientes íntegros.

É perigoso e existe em meio às terras sombreadas; um lugar para onde eles alertam até os soldados mais fortes para se manterem longe. E até recentemente, é onde passei a maior parte do tempo cultivando o poço de água como base para os rebeldes. Seus donos são Belinda e seu marido Earl, ambos fiéis seguidores da minha causa.

Se você passar um tempo dentro dos círculos internos de Saxum, ouvirá as terras sombreadas mencionadas por um nome diferente.

*Os campos de batalha da hyena. Onde os rebeldes vagam.*

Embora seja dito de brincadeira por aqueles com ouro cobrindo seus bolsos. Aqueles que nunca tiveram que sofrer sob as mãos cruéis do destino. Pessoas que permitem que o ego seja sua muleta, nunca levando os menos afortunados a sério. Sussurros de “rebeldes” não significam nada para eles. E por que? Ninguém é estúpido o suficiente para ir contra a coroa.

A família Faasa reinou por séculos. Nós somos fortes demais. Muito poderosos. Muito ousados.

Mas com ganância e poder vem a ignorância arrogante e os olhos cegos para as ameaças. Fendas na armadura eu corrói até formar um abismo; grande o suficiente para alguém deslizar e fraturar o núcleo por dentro.

O que não é uma coisa ruim. Prefiro viver no caos, dominando os escombros, do que passar mais um segundo assistindo meu irmão sentar no trono.

Ele não merece.

— Majestade — uma voz trêmula rompe a multidão, Belinda correndo e se jogando aos meus pés. Suas mãos ossudas serpenteiam para fora, seu corpo se curvando para a frente enquanto seus lábios encontram o topo da minha bota.

— Você pode se levantar.

Ela se move de joelhos, os olhos escuros brilhando com lágrimas caídas. Estendo a mão para inclinar o queixo e as palmas das mãos envolvem o meu pulso. Eu engulo de volta o desgosto de fazê-la me tocar, concentrando-me no fato de que eu dei a cabeça de Reginald e ela entregou, exatamente do jeito que eu pedi.

— Você me agradou — eu digo.

— Qualquer coisa para você, Alteza — ela sussurra, olhando para mim com clara adoração.

Minha mão se move do rosto para o topo da cabeça, acariciando os cabelos e olhando para a multidão.

— Que isso seja uma lição para todos vocês. Embora as estradas à frente sejam difíceis e traiçoeiras, elas também serão pavimentadas com sucesso. *Fiquem preparados*. Haverá um grande sacrifício, e eu aceitarei nada menos que obediência absoluta. Conheço a gravidade da situação, do que estou pedindo. Mas se vocês fizerem por mim, eu juro... — Paro, movendo a palma da mão para descansar sobre o coração, tentando mostrar sinceridade através dos meus movimentos e esperando que sangue pelo meu tom. — Eu farei por vocês.

Eu aceno minha mão livre em direção à mulher aos meus pés. — Esta linda soldada, esta *guerreira*, confiava em mim.— Olho para ela, meu toque voltando para a mandíbula e acariciando sua pele pálida enquanto meus olhos encontram os dela. — Lealdade. O tipo mais alto. O tipo que é recompensado.

Meu foco remonta às pessoas. — Não estamos cansados de ficar com fome enquanto o nobre desfila e festeja?

Murmúrios furiosos sussurram no ar, suas queixas tocam meus ouvidos.

— Não estamos exaustos de ser cuspidos e esquecidos, como se não fôssemos os que mantinham Gloria Terra à tona?— Eu bato minha mão livre no meu peito. — Não é hora de nos levantarmos e nos irmos contra?

Saudações irrompe, punhos batendo nas mesas gastas.

— Abaixo ao rei — alguém grita.

Uma risada escapa da minha garganta e eu levanto uma palma no ar, acalmando-os, sua atenção voltando a reinar.

— Confie em *mim* amigos, e prometo ... vou levá-los para casa.

Belinda chora, caindo em uma reverência tão profunda que seus braços esticam na frente dela e seu nariz desliza pelo chão.

Todo mundo na multidão segue o exemplo, abaixando seus corpos no chão, suas cabeças mergulhadas em subserviência.

A satisfação escapa pelas minhas veias e um sorriso aponta o canto dos meus lábios. Meus olhos encontram os de Edward quando ele se ajoelha no canto de trás. Eu aceno, satisfeito com a maneira como ele libertou nossa mensageira das masmorras e a trouxe de volta.

Isso foi importante. Uma declaração. Uma que mostra a todos que mantenho minha palavra e os mantereí seguros. Esta é apenas uma pequena parte do suporte que recebi, mas é suficiente para a mensagem se espalhar.

Difícilmente é a verdade, mas a percepção é realidade, se não *tudo* é uma mentira.

Serei eu quem invadirá o castelo e queimará tudo no chão; junto com meu irmão, sua rainha e qualquer outra pessoa que atrapalhe.



Serei eu quem reconstruirá Gloria Terra. Do jeito que deveria ser.

E se esses peões são vítimas na guerra?

Eu procuro um pouco de empatia por sua situação, mas não encontro. Eles são simplesmente ferramentas. Párias simples e grosseiros que encontraram segurança perto de mim.

O Senhor deles. O salvador.

E o líder da rebelião contra o rei.

# CAPÍTULO 8



*Sara B.*

Não vejo ninguém importante há três dias. Suspirando, embaralhei as cartas, meus olhos olhando em volta da mesa para minhas novas damas de companhia.

Ophelia, uma jovem com bochechas rosadas e cabelos ruivos brilhantes, e Marisol, uma mulher que está aqui para ajudar a me treinar para o rei. Ambas estão sentadas na minha frente, sussurrando palavras de adoração sempre que eu pisco.

Parte de mim está com nojo porque sei que a lealdade delas é falsa, mas a outra parte está gostando da atenção. Há algo de bom em ser tratada tão bem, mesmo que venha de um lugar de interesse em que queiram subir uma escada social.

Ainda assim, eu me pergunto qual delas está aqui em nome de suas famílias, esperando dormir com meu futuro marido e se tornar sua amante.

Eu me pergunto quantas já são.

Não que isso me incomode de qualquer maneira. É sabido que os reis apreciam muitas fontes, e é ainda mais conhecido que o rei Michael prefere um buffet e não é segredo sobre seus gostos.

Quanto mais ele conseguir de outro lugar, menos precisará de mim.

Ele estará atrás da minha pureza, é claro, e desejará produzir um herdeiro. Não pretendo deixar as coisas chegarem tão longe.

— Isso é muito chato, não é?— Eu digo, abaixando as cartas e batendo minhas unhas na mesa.

Sheina fica atrás de mim, escovando meu cabelo enquanto ri. — Milady gosta de sair em aventuras. Quando éramos meninas, ela não podia ser subornada para ficar parada por um segundo.

Eu respiro fundo, revirando os olhos enquanto trago o olhar para a garota mais nova da sala. — Não a escute, querida Ophelia. Estou perfeitamente apta para sentar aqui e ... tomar chá o dia todo e comer bolinhos.

Risos estouraram ao redor da mesa e eu sorrio, algo aquecendo o centro do meu peito quando o faço.

— Agora... — Aproveito a nova camaradagem e inclino-me para a frente.  
— Conte-me sobre esses rebeldes.

Os olhos verdes de Ophelia se arregalam e Marisol se mexe de assento, com os dedos escovando sobre os cabelos loiros.

*Interessante.*

— Eu disse algo inapropriado?— Eu pergunto. — Desculpas se eu fiz. Ouvi falar e fiquei curiosa, mas pela sua reação, posso ver que é um assunto delicado.

Faço uma pausa, permitindo que minhas palavras permaneçam no ar antes de continuar. — Você sabe ... Você deveria me dizer, de qualquer maneira. Eu não gostaria de me envergonhar na frente de ninguém, acima de tudo do rei.— Coloco a mão no peito, rindo. — Você pode imaginar?

Ophelia hesita antes de se inclinar para perto. — Eles são anomalias.

— Anomalias?

Ela assente e Marisol franze os lábios antes de acrescentar: — Imundíce é o que são. Criaturas nojentas que pensam que têm o direito de viver em nosso nível.

Meu estômago aperta. — Eles não podem?

Ophelia balança a cabeça. — Eles são criminosos. As pessoas dizem que fumam e bebem até não poderem ver direito, depois se infiltram no lado leste superior e roubam pessoas das ruas.

— Para que finalidade? — Minhas sobrancelhas se aproximam.

— Para fazer uma declaração? — Ophelia morde nos lábios.

— Eles são *hyenas*, — Marisol entra em cena. — Eles só se tornaram um problema recentemente e agora se jogaram aos pés do rei Michael.— Ela encolhe os ombros, escovando as mãos pela saia. — Eles não ficarão por muito mais tempo.

Os dedos de Sheina param de onde ela está prendendo meu cabelo. — Isso é bastante duro — ela repreende.

Os olhos cinzentos de Marisol cortados nos dela, seus traços se apertando. — Eles realizam sacrifícios humanos no meio de suas estradas sujas! Reviram uma pessoa até que não haja mais nada além de seu orgulho, e então eles também roubam isso, deixando apenas vergonha e choramingos pela morte.

— Não sabemos ao certo — repreende Ophelia. — Ninguém viu isso acontecer.

Eu sugo uma respiração. — Certamente não. Eles não gostariam que as pessoas do lado deles planejassem ir contra o rei? Não seria óbvio que as pessoas estavam desaparecidas?

Ophelia balança a cabeça. — Às vezes, milady, não há rima ou razão para a loucura das pessoas. E se eles têm alguém liderando-os agora ...

Sua voz treme e seus olhos brilham.

Meu batimento cardíaco se enfurece no centro do meu peito. — Eles são organizados?

Lembro-me da mulher desleixada da festa e da maneira como ela falou. Mas eu havia arquivado isso como as divagações de uma mulher louca, enlouquecida pela fome correndo desenfreada nas ruas da cidade. O rei Michael não parecia incomodado, então presumi que não havia razão para levar isso a sério.

A coluna de Marisol endurece e ela limpa a garganta. — Sim, bem, não devemos falar dessas coisas. É proibido.

Olho para Marisol, pegando suas palavras e afastando-as para dissecar ainda mais quando estiver sozinha.

— Independentemente — diz Ophelia. — Eles não são o tipo de pessoa com quem você deve se associar. Nunca. É o suficiente para ser julgado por traição.

— Claro que não.— Me aproximando, coloquei a mão em cima da de Ophelia, sorrindo. — Obrigada por me dizer.— Meus olhos piscam para Marisol e depois voltam. — Nós garotas precisamos ficar juntas, afinal.

---

É muito tempo depois que todos se entregaram para a noite, mas não consigo dormir. Minha mente se enche de perguntas e meu estômago inunda de tensão.

*Rebeldes.*

Eu nunca ouvi falar deles antes.

Mas Xander sabe claramente.

Desaprazer queima através de mim.

Eu pensei que estava pronta quando cheguei, mas aqui estou eu, menos de duas semanas, e já há uma bola de demolição lançada nos meus planos.

Um som do lado de fora da porta me faz levantar da cama, meu coração palpitando.

*Tem alguém aqui?*

Jogo o edredom pesado e balanço minhas pernas para o lado, meus pés encontrando o tecido rico do tapete persa.

Caminhando até a minha penteadeira, visto minha camisola vermelha escura, as longas mangas de seda roçando no pulso e a bainha beijando o chão. Eu a aperto na cintura e pego uma das lâminas que mantenho escondidas na gaveta superior antes de ir até a porta para ver o que causou o barulho.

Torcendo a alça, abro a porta de madeira, olhando para os dois lados, mas encontrando apenas o silêncio. A área é escura, iluminada apenas pelas pequenas arandelas de parede de ferro que decoram os corredores.

Expelindo uma respiração profunda, enfio um cacho preto solto atrás da orelha e dou um passo para fora do meu quarto, fechando a porta atrás de mim, meus nervos zumbindo sob a pele.

Eu só dou dois passos antes que um corpo se mova para fora das sombras e fique na minha frente.

— Oh! — Grito, meu estômago subindo para a garganta e depois caindo no chão.



O príncipe Tristan olha para mim, com as mãos nos bolsos e os olhos como pedra.

— Você me assustou.— Minha boca está seca e minha língua sai para molhar meus lábios enquanto dou um grande passo para trás contra minha porta fechada, colocando a adaga atrás de mim. — O que você está fazendo aqui?

Ele balança a cabeça e se aproxima. — O que você está escondendo, pequena corça?

A irritação percorre o meu peito e eu endureço meus ombros. — Isso não é da sua conta. Por que você está na minha ala?

Sua sobrancelha escura se levanta. — *Sua* ala?

— Sim, minha ala. Você vê outras senhoras aqui?

Ele olha em volta. — Eu não vejo uma única.

O insulto corta meu peito. *Insuportável*. — Você é tão horrendo quanto eles dizem, não é?

Sua postura muda então, seus ombros ficam tensos, quase como se sua própria aura estivesse se transformando em algo escuro. Algo perigoso.

É nítido, a maneira como ele pode se transformar de uma postura não afetada para o que quer que seja, e isso faz meu cabelo ficar arrepiado, meu instinto gritando que eu deveria tomar cuidado.

— Esta pode ser sua ala, mas é o meu castelo. Estes são os meus corredores — ele murmura, movendo-se tão perto que sua respiração toca no meu rosto. — Seria incrivelmente estúpido da sua parte assumir, só porque eu não uso o título de rei, que você não deve se curvar diante de mim.

Minha respiração pára, mas as próximas palavras ainda escapam da minha língua antes que eu possa engoli-las. — Eu só me curvo para quem merece.

Ele sorri, seu corpo pressionando em mim, fazendo calor subir pelo meu interior e meu coração bate contra minhas costelas. A mão dele desliza para fora da minha manga, o tecido criando uma sensação deliciosa contra a minha pele, apesar da maneira como meu interior está fervendo com uma mistura vil de ódio e pânico, não querendo que ele veja o que está escondido nas minhas costas.

— Eu sempre poderia fazer você se curvar — ele murmura.

Minhas narinas inflam, uma pequena fatia de medo percorrendo minha espinha como uma videira de rosas, os espinhos me picando de aviso.

Eu ignoro isso.

— Você poderia tentar — eu revido.

A palma da mão desliza por cima do meu ombro até encontrar a pele, meu estômago pula quando ele me toca, pele com pele.

— Isso é inapropriado — eu sussurro.

Seus dedos tocam na minha clavícula antes de subir pela frente da minha garganta, enrolando na minha traquéia. O polegar pressiona sob o meu queixo, a pressão fazendo minha cabeça recuar até que eu encontre o verde feroz dos olhos dele.

Meu peito titubeia, a ansiedade gira pelo meio e algo pesado se instala profundamente na minha barriga.

— Hmm.— O nariz dele desliza para o lado da minha bochecha, voltando até que roce contra a minha orelha. — Acho que você descobrirá que me importo pouco com o que é *apropriado*.

Sua outra mão agarra minha cintura, e meus olhos tremulam pelo calor de seu toque, queimando a fina seda da minha camisola. Meus dedos se apertam ao redor da bainha da minha lâmina.

*Eu poderia fazer isso.*

Ele está distraído, e a faca cortaria sua pele, afundando em suas veias em segundos.

Mas não cheguei tão longe para ser bagunçada e não permitirei que algo tão bobo quanto a emoção obscureça meu julgamento.

Uma punhalada brusca de dor atinge minha canela, fazendo minhas pernas dobrarem. O aperto de Tristan é firme quando ele pega minha queda, com a mão pressionando-me. A amargura se enfurece através de mim

enquanto minhas rótulas batem contra o chão de azulejos brilhantes, fazendo-me estremecer com o impacto, e a adaga cai no chão ao meu lado.

Seus olhos estalam para a arma e ele balança a cabeça. — Interessante.

Meu peito queima, os dentes rangendo enquanto eu olho para ele.

— Eu prefiro você assim — ele fala de cima de mim. — De joelhos, peito ofegante e rosto corado enquanto você olha para seu superior.

Ele se abaixa, os dedos segurando meu queixo e balançando até os músculos do meu pescoço se curvarem. — Que isso seja uma lição, pequena corça. Não esqueça seu lugar.

— E onde é?— Eu forço através do aperto na garganta, meu corpo tremendo com a raiva que está derramando nas minhas veias.

Ele sorri, e a visão é tão sinistra que faz o pavor rastejar pelo meu interior como mil aranhas.

— Tremendo aos meus pés.

# CAPÍTULO 9



*Tristan*

Fumaça rola no ar, o baseado empoleirado entre meus dois dedos enquanto me sento, olhando para a mesa grande do meu irmão.

Xander e Michael estão falando do funeral de Sir Reginald; ou mais, se deve haver um. E por mais que esses dois imbecis façam meu estômago

revirar com suas divagações, estar aqui e ouvir o que eles estão planejando é melhor do que ficar no escuro.

Eu me pergunto como eles reagiriam se soubessem que era minha mão que cortou a carne de Reginald dos ossos. Que fui eu quem ele implorou; implorando pela salvação como se eu fosse um deus capaz de conceder misericórdia. Eu gostaria de poder dizer a eles que o querido velho Reginald não era tão corajoso quando não havia uma mesa de homens ao seu redor, e que ele chorou no chão de cimento sujo enquanto eu acendia fósforo após fósforo e queimava cicatrizes bonitas em sua pele.

— Majestade, precisamos mudar novamente o foco — implora Xander.

Michael geme, batendo o punho em cima da mesa. — Eu não quero mudar o foco, Xander. Quero encontrar a prostituta imunda que ousou entrar no meu castelo, largar a cabeça de um homem no chão, cuspir aos meus pés e depois desaparecer de alguma forma das masmorras.

A diversão escorre pelo meu interior enquanto vejo a fúria subir nas bochechas de Michael. Minha mente vagueia até Lady Beatreaux e me pergunto quanto fogo seria necessário para ver o calor sob sua carne.

— Se continuarmos a provocar a perturbação — continua Xander. — As pessoas ficarão desconfortáveis. Precisamos mudar a narrativa. Encontrar uma distração.

Uma risada sai de mim, minha perna cruzando meu joelho oposto.

Michael gira para me encarar, passando a mão pelo cabelo. — Algo engraçado, irmão?

Eu encolho os ombros, jogando as cinzas do meu cigarro no tapete caro sob meus pés. Um sorriso preguiçoso puxa os cantos da minha boca e eu me inclino para trás na minha cadeira, permitindo que as almofadas se moldem nos meus músculos. Eu balanço minha mão pelo ar. — Longe de mim interromper.

— Você já está interrompendo — Michael estala. — O que você está fazendo aqui? De repente, se preocupando com o estado da monarquia?

Seu tom é sarcástico, e eu sorrio, diminuindo o desejo de provar que ele está errado. Para mostrar a ele tudo que *sempre* me preocupei com a monarquia.

— Apenas fornecendo apoio moral depois do que sem dúvida foi um tumulto em poucas noites para você. Você está bem, irmão? Você parece um pouco pálido.— Sento-me para a frente, minhas sobrancelhas levantando na minha linha do cabelo. — Essa mulher não *assustou* você?

Xander se arrepia no meu periférico. — Vá direto ao ponto, Tristan, se você tiver um.

Giro o anel no meu dedo, os olhos de diamante do leão brilhando a cada passo. — Como eu disse, estou aqui apenas para apoio.

— Tristan.

— Xander — respondo, alongando as vogais enquanto elas rolam da minha língua.

— Embora eu possa apreciar sua súbita necessidade de estar na conversa, é um pouco tarde para desempenhar o papel de príncipe obediente.— Seus olhos seguem minha forma como se a mera visão de mim fosse ofensiva.

Talvez seja.

Meu sorriso cai, algo pesado torcendo meu estômago. — Não há papel a desempenhar. Sou Sua Alteza Real, Tristan Faasa, segundo filho do falecido Rei Michael II, quer você queira admitir isso ou não.

De pé, atravesso a sala até estar na frente dele, meu corpo se elevando sobre sua estrutura pequena e desajeitada. Ele olha para mim com seus ridículos óculos de tartaruga, e eu olho para ele, trazendo o cigarro para minha boca e inalando, absorvendo cada tique desconfortável de suas feições e cada gotinha de suor que aparece em sua testa. Eu expiro, soprando a fumaça para que ela revista seu rosto, fazendo-o tossir.

— Eu sei que você é um homem muito importante, Alexander — sussurro.  
— Ficando aqui, sussurrando na orelha do novo rei e o anterior a ele, pensando que está além da censura.

Minha mão agarra seu ombro, permitindo que a ponta queimada do papel enrolado descanse perto de seu pescoço. O desejo de colocá-lo em sua pele e ouvi-lo chiar é forte, mas eu me seguro. — Mas eu quero que você se lembre



de duas coisas. Um: que meu sangue corre mais verdadeiro que o seu, mesmo que esteja escondido sob tatuagem “horrível” e uma alma sombria.

Eu paro, gostando do jeito que ele se encaixa sob o meu olhar.

— E o segundo? — ele pergunta, o pomo de Adão balançando.

— A segunda é que eu sei o que você fez com meu pai. E nunca esquecerei aqueles que o deixaram sozinho para morrer.— A borda ardente do meu cigarro toca contra sua jugular, meu estômago revira de prazer enquanto ele se afasta do meu alcance.

— Oops. — Eu sorrio. — Isso doeu?

— Você sabe muito menos sobre seu pai do que pensa — Xander diz através de dentes cerrados.

Abafando uma risada, olho para o chão antes de encontrar seu olhar novamente. — E você não sabe nada sobre *mim*?

— Sobre Sara? — Michael corta. — Vamos anunciar oficialmente nosso noivado. Isso deve ser suficiente para mudar a narrativa.

Eu volto minha atenção para meu irmão. — Já está usando o primeiro nome? Você se move rápido.

Os olhos de Michael se estreitam. — Ela é minha esposa.

— Ainda não — respondo, meu estômago está azedando.

Agarrando a mão de Xander, eu a trago em minha direção, colocando o cigarro ainda aceso na palma da mão e fechando os dedos ao redor. Seu rosto se mexe com nojo óbvio.

— Você vai se livrar disso por mim, não é, Xander?

— Saindo tão cedo?— Michael pergunta, franzindo do lábio inferior. — Que pena.

Eu levanto um ombro. — Vocês dois são terrivelmente chatos.

— Falar sobre coisas importantes não deve ser divertido. Embora — ele esfrega o queixo, rindo. — Você nunca foi alguém para se importar com algo importante.

O buraco no meu peito torce, fazendo meus dentes rangerem. — Sim, bem ... se todos nos incomodássemos com algo *importante* irmão, quem cuidaria de você?

O sorriso dele cai. — Vá buscar Lady Beatreaux antes de fugir para qualquer prostíbulo em que planeja perder sua noite.

Estalo a língua e aceno com a cabeça, girando no calcanhar enquanto vou para a porta.

Se eu me virasse e olhasse para trás, tenho certeza de que veria seus rostos pintados de surpresa com a facilidade com que concordei. Não sou conhecido por quão bem recebo ordens. Mas surpreendentemente, eu *quero* encontrá-la.

A excitação surge pelo meu interior, derramando no meu peito e juntando-se na virilha enquanto me lembro da aparência dela na noite passada; de joelhos, com o peito pesado, e cabelos bagunçados enquanto ela me olhava como se quisesse me matar. Provavelmente, com o que ela estava escondendo atrás das costas.

Ninguém mais me trata do jeito que ela faz, com a raiva transbordando tão potentemente que tenta sangrar pelo olhar deles e me derrubar. Isso me faz querer enfiar meu pau na garganta dela e ver se ela tentaria mordê-lo, só para que eu pudesse puni-la por usar os dentes.

Então, eu vou encontrar minha pequena corça.

Apenas para me livrar de seu ódio antes que eu a jogue para seu rei.

# CAPÍTULO 10



*Sara B.*

Deve haver uma dúzia de cozinhas diferentes em todo o castelo, mas a que estou agora é a maior.

Antes de vir para Saxum, sempre fui livre para vagar por onde quisesse, dentro do razoável, e depois me retirava para o meu quarto e me deleitava

na solidão. Mas agora, a única vez que fico comigo mesma é na minha cama à noite.

Eu nunca percebi o quão insana isso me faz por estar cercada por pessoas.

Já se passaram quatro dias desde que vi ou ouvi do meu futuro marido. E embora minha mente deva se concentrar no futuro e em tudo o que vim realizar aqui, acho isso ... difícil. Mas não pelas razões que deveriam ser.

Eu não consigo nem dormir sem visões do príncipe Tristan entrando em meus aposentos e me forçando a me ajoelhar, exceto que desta vez por uma razão *diferente*.

É nojento. Não porque eu sou uma estranha ao ato, embora se alguém soubesse dos meus namoros, provavelmente não estaria sentada aqui, mas como de todas as pessoas que conheci em toda a minha vida, decidi que o príncipe Tristan deve ser o pior.

Ele invadir meus sonhos é uma infeliz mudança de eventos.

Antes, enquanto jogava cartas na minha sala de estar, Ophelia recomendou uma soneca da tarde, sem dúvida observando os círculos profundos sob meus olhos. Aceitei a oferta, embora não usasse tempo para recuperar o sono.

Em vez disso, aproveitei a oportunidade e vim até aqui, esperando encontrar alguém trabalhando nas cozinhas. Quero conhecer as pessoas que são os verdadeiros olhos e ouvidos do castelo. Infiltrar-me em sua lealdade,

para que, quando chegar a hora, eu possa contar com eles. E foi assim que acabei sentada em uma grande mesa de metal em uma sala do tamanho de uma casa, com Paul, um dos cozinheiros do castelo, batendo em panelas e frigideiras enquanto ele me faz chá e um lanche da tarde.

— Honestamente, — Paul limpa a testa, o cabelo ruivo preso sob um gorro com rede. — Você é linda, milady, mas seus lindos olhos me deixam nervoso quando me observa assim.

Eu sorrio, batendo minhas unhas no topo da mesa. — Não precisa ficar nervoso, Paul. Eu já gosto da sua companhia.

— Você gosta?— ele pergunta, girando do fogão. — Claro que você gosta. Quero dizer ... — Ele bufa antes de jogar o braço na barriga e se curvar nos quadris. — Obrigado, milady.

Bolhas de diversão estouram no meu peito. — Você sabe, não precisa ser tão formal quando somos apenas nós dois.

— Me perdoe. — Ele sorri. — Não estou acostumado à realeza vindo aqui para socializar.— Ele caminha em minha direção, colocando um prato em cima da mesa e gesticulando em direção ao prato.

Eu sorrio de volta, debruçada sobre a superfície do metal. — Bem ... acho que você descobrirá que não sou como os outros membros da realeza.

— Tecnicamente, — uma voz suave corta. — Você não é da realeza.

Minha coluna se arrepia, todos os folículos capilares em pé quando o príncipe Tristan aparece do nada, seus lábios se inclinam naquele sorriso irritantemente preguiçoso, seus olhos se aproximam de mim.

Paul suspira, caindo no joelho. — Sua Alteza.

— Olá Paul. Mantendo em sua companhia nossa futura rainha?

Surpresa tremula através de mim. Eu não esperava que ele de todas as pessoas estivesse em primeiro nome com os servos. A maioria das pessoas não está.

— E daí se ele estiver?— Eu cortei.

Ele se vira para mim, com os olhos brilhando. Sento-me mais reta na minha cadeira.

— Então suponho que ele seja o sortudo hoje, não é?

Meu estômago vira quando ele se aproxima. — Sempre em lugares que eu não deveria te encontrar, não é, pequena corça?

Meus ombros se endireitam. — Não há nada errado em conhecer as pessoas que dão vida às muralhas do castelo.

Suas sobrancelhas se levantam. — Concordo.

Um baque abafado do lado oposto da sala voa pelo ar, quebrando nosso contato visual enquanto eu torço para encarar a parede. — O que foi isso?

Ninguém me responde.

Voltando da mesa, eu levanto, agarrando a frente das minhas saias enquanto caminho em direção a onde veio o barulho. Outro baque, desta vez mais alto, e tenho certeza de que vem de dentro das paredes. Eu giro, meus olhos travando em Tristan. — O que está por trás desta parede?

Ele não responde, encostado no canto da mesa, cruzando os pés e sorrindo.

Meu queixo cai. — Paul?

Paul torce as mãos na frente de sua barriga enorme. — Não sei o que você quer dizer.

Eu levanto uma sobrancelha quando outro baque bate. — Você não ouve isso?

— Talvez haja algo errado com seus ouvidos — sugere Tristan.

— Minha audição está boa, obrigada.— Meus olhos se estreitam. — Pare de me fazer sentir louca.

Ele se levanta da mesa e se aproxima até ficar na minha frente, sua sombra superando a minha. — Eu já tenho tanto poder sobre você?

— Eu não te dei *qualquer* poder, — vejo minha mão ansiosa para estender e tirar o sorriso do rosto.



Ele repreende, balançando a cabeça. — Essa é a coisa sobre poder, *ma petite menteuse*<sup>1</sup>. Nunca é dado livremente. Você tem que tomar.

— Você fala francês? — Não sei do que ele acabou de me chamar, mas a maneira como fluía da língua dele como chocolate sedoso faz meu interior tremer.

Ele sorri. — Eu sou um príncipe.

Seu braço se levanta e minha respiração gruda nos meus pulmões, esperando o calor abrasador de seu toque, mas nunca chega. Em vez disso, ele pressiona a mão ao lado da minha cabeça. Há um rangido alto e a parede está se movendo, uma entrada aparecendo como se fosse formada do nada. Meus olhos se abrem quando eu viro para encará-lo, olhando para um túnel escuro; suas paredes são feitas de rocha como se o castelo tivesse fundido seu interior dentro da montanha em que se fixa.

— Senhora.

Minha mão se move para o meu peito, minha mente girando com perguntas. *Os túneis existem apenas dentro dos edifícios? Eles vão para a cidade? Quem sabem deles?*

— Ei senhora, você está pisando na minha espada.

---

<sup>1</sup> Minha pequena mentirosa.

Sou sacudida para o presente, meus olhos balançando para o olhar laranja-marrom-claro de uma criança.

— Oh.— Eu passo para trás, meu pé liberando a espada de brinquedo presa embaixo de mim. — Eu sinto muito.

Meu espartilho cava nas minhas costelas enquanto me inclino para pegá-la, ficando agachada enquanto a seguro nas mãos. — Você é um cavaleiro?— Eu pergunto.

Seu peito se expande, uma pequena mancha do que parece fuligem riscada em sua pele marrom. — Eu sou o rei.

— Oh.— Meus olhos se arregalam e levanto minha mão para minha cabeça. — Claro, eu deveria saber. Você parece um poderoso rei.

Curvando a cabeça, eu seguro o brinquedo dele. — Me perdoe, Majestade.

Um sorriso arranca os cantos dos lábios quando ele estende a mão, tirando a espada das minhas mãos. — Quem é você?— ele pergunta. — Eu nunca te vi antes, e minha mãe conhece todas as pessoas que trabalham aqui.

— Esta é Lady Beatreaux — diz Tristan por trás de mim. — Milady, este é Simon.

A cabeça de Simon se inclina, seus olhos se arrastando para cima e para baixo na minha forma como se ele estivesse julgando se eu vou viver ou morrer.

— Nós gostamos dela?— ele pergunta.

Tristan ri, e o som envia confusão mexendo no meu interior, torcendo a narrativa dele que eu pinteí na minha cabeça. Ele parece genuíno com essa criança, como se importasse com ele.

Seu olhar queima através de mim enquanto ele coloca as mãos nos bolsos e balança de volta nos calcanhares. — Nós gostamos.

Minha respiração trava, borboletas em erupção até meu estômago subir.

Simon coça o nariz enquanto olha para mim. — Você ainda é uma garota, então eu não posso gostar *muito* de você.

Eu rio, de pé e correndo minhas palmas na frente do meu vestido, tentando sacudir a sensação perturbada que se forma dentro de mim. — Bem, desculpe desapontar, Majestade, mas não há muito que eu possa fazer para ajudar nisso.

— Sim. Eu acho que não.— Seus olhos olham para mim mais uma vez antes de se voltar para Paul. — Estou com fome. Tem alguma comida?

Virando em direção ao príncipe, coloco minhas mãos nos quadris, mantendo minha voz baixa. — Por que você está sempre aparecendo em todos os lugares que estou? Foi-me dito que você era um fantasma neste castelo, mas aqui está você. O tempo todo.

— Você está perguntando sobre mim?— Ele sorri.

A irritação se aproxima do meu peito. — Por favor. Não se iluda.

— Isso te incomoda, que eu esteja aqui?

— *Você* me incomoda, em geral — respondo.

Ele suspira. — Meu irmão pede sua presença. Sou simplesmente o pônei trazido aqui para carregá-la de volta.

Eu rio. — Acho difícil acreditar que você se permita andar como um cavalo.

Seus olhos brilham e vergonha sangra através de mim, percebendo o que acabei de dizer e como parecia. Sua boca se abre, mas eu jogo minha mão no ar. — Não. Diga. Qualquer coisa.

— Tristan! Você não pode ir.— Simon grita, passando por mim tão rápido que sou empurrada para o lado. Pela terceira vez hoje, estou surpresa, pois essa criança pequena se joga em torno das pernas de Tristan em um abraço apertado, e minha irritação derrete quando Tristan se ajoelha até que ele se encoste no rosto do garotinho, escovando a mancha de sujeira da bochecha.

— Você esteve nos túneis o dia todo?— ele pergunta.

Simon assente. — Sim, não fique bravo. Eu só ... — Ele se inclina e abaixa a voz. — Quando as outras crianças me veem, elas riem. Eles são maus.

Meu coração torce violentamente enquanto as juntas de Simon tocam onde ele segura sua espada de brinquedo. Movendo meu olhar dele, eles

pousam em Paul, cuja expressão reflete os sentimentos nadando dentro de mim, embora quando ele me vê olhando, ele enxuga a emoção de seu rosto, girando para enfrentar o fogão.

Tristan se inclina para trás, as narinas inflando, as mãos com veias e os dedos segurando os ombros do garoto. — Você é um leão. Não é?

— Sim. Sim. — Ele funga.

— Está certo. E aquelas crianças? Eles são ovelhas. Nunca nos permitimos nos preocupar com as ovelhas, leãozinho. Você entendeu?

Simon assente.

— Você é melhor, sempre — murmura Tristan, batendo o queixo com os dedos.

Um nó se aloja na minha garganta, algo pesado e quente se instalando no meu peito e girando para fora, como fumaça se desenrolando nas minhas veias e aquecendo cada parte de mim.

Tristan está de pé, suavizando a mão sobre o topo da cabeça de Simon antes de me olhar.

— Vamos, pequena corça. Não gostaria de manter seu novo marido esperando.

# CAPÍTULO 11



*Tristan*

— Então, o que seu irmão quer?

Olho para Lady Beatreaux do meu periférico enquanto caminhamos pelo longo corredor. É um dia extraordinariamente brilhante em Saxum, as nuvens se separando apenas o suficiente para enviar pequenos raios de sol

através dos vitrais e espalhar pela pele. Meus dedos flexionam, querendo pegar meus lápis e esboçar a visão.

— Ele é o rei. Ele não precisa querer nada para conseguir algo.

Ela sorri. — Você parece amargo.

— Eu pareço?

— Um pouco.— Os ombros dela se levantam. — Você está?

Meu peito torce quando deslizo um cigarro por trás da orelha e a coloco na boca, minha língua sacudindo a borda enquanto rola pelos meus lábios. Meus tutores particulares chamaram de fixação oral, pouco antes de tentarem me atacar, dizendo que era rude um príncipe ser visto com coisas na boca. Tentei explicar que me mantinha calmo; afastava os pensamentos obsessivos e a ansiedade agitando como um ensopado no meu interior. Mas eles não se importaram com a forma como isso me fez sentir, apenas com a aparência.

— Somos amigos agora, pequena corça?— Eu pergunto.

— Pare de me chamar assim.

Ela me dá um olhar irritado e meu coração bate forte, animado por estar irritando-a. — Você é muito exigente. Alguém já lhe disse isso?

— E você é rude — ela retruca.

— Não é uma qualidade excelente para uma rainha prometida — continuo. — Você pode querer trabalhar nisso antes do início dos seus cursos de etiqueta e eles arrancarem de você.

Seus passos vacilam e ela para, girando para me encarar.

— Cai fora ...— A voz dela segue enquanto ela me observa, e sinto a tensão no ar ficando espessa mesmo antes de seu olhar se instalar na minha cicatriz. Aperta ao meu redor até meus pulmões se comprimirem, mas me deleito com o desconforto.

— Não se preocupe.— Meu dedo bate contra a pele levantada na minha testa. — Isso não é resultado de más maneiras. Não *minha* de qualquer forma.

Ela assente, mas não desvia os olhos. — Obrigada pela dica.

Eu passo a andar de novo, mas ela estende a mão, com os dedos enrolados no meu pulso para me manter no lugar. Meu olhar cai para onde estamos conectados, o calor inunda minhas veias.

— Conte-me sobre os rebeldes — ela exige.

Meu interior titubeia e eu giro para encará-la, permitindo que seu toque permaneça na minha pele. Eu traço meus olhos ao longo de sua forma, começando na ponta de seus cachos pretos como a noite, sobre seus olhos de chocolate profundo, antes de deslizar para o decote espreitando da parte superior do vestido vermelho-sangue.



Meu pau fica duro quando imagino arrancar o tecido do peito e deslizar meu comprimento entre o vale dos seios até que eu fique louco com a necessidade de gozar.

Ela deixa cair meu pulso e cria um espaço, o queixo levantando como sempre faz antes de ficar desafiadora. O movimento mostra a extensão do seu pescoço, e meus dedos se contraem para deixar marcas nela como tinta em uma tela.

Lentamente, pego o cigarro da minha boca, colocando-o atrás da minha orelha enquanto trago meus olhos de volta para os dela. — O que você gostaria de saber?

— Tudo. Eu quero ... espera.— Suas sobrancelhas se aproximam. — Você não vai brigar comigo? Dizer-me que não devo falar deles ou fazer perguntas?

Eu inclino minha cabeça. — Agora, por que eu faria isso?

— Todo mundo tem feito isso, eu apenas ...— Os dentes dela afundam no lábio inferior.

A visão dela mordendo sua própria pele envia outro desejo através de mim e, antes que eu possa parar, estou me movendo em direção a ela, excitação provocando meu interior quando ela se retrai. Continuo até que ela esteja embaixo dos arcos de pedra da janela, seu corpo pressionando contra os verdes e amarelos dos vitrais.

Seus olhos vagam do meu rosto para o corredor e voltam como se estivesse com medo de alguém passar e nos ver.

Eu gosto de deixá-la nervosa.

A máscara que ela usa para o mundo desaparece quando somos apenas nós dois.

— Eu não sou todo mundo, pequena corça.— Me aproximo mais.

As manchas amarelas nos seus olhos fazem meu estômago apertar. Levanto a mão, passando as costas dos meus dedos ao longo de sua bochecha, gostando do jeito que ela se encolhe, seja do toque em si ou do metal frio dos meus anéis.

— Seria uma pena perder essa mente curiosa — murmuro. — Eu não desejo sufocá-la. Desejo abri-la e ver que outras perguntas posso encontrar.

Suas mãos se movem atrás dela até que estejam empurrando contra a janela, as cores criando uma bela auréola ao redor do corpo como se ela fosse divindade na forma humana, trazida à terra para me tentar com meus atos violentos.

Mas eu já sei que ela não é um anjo.

Meus dedos continuam até eu estar roçando no pescoço dela. Espero que ela se afaste, mas mais uma vez ela me surpreende, inclinando a cabeça como se desejasse meu toque.

— Você confia muito em mim, perguntando sobre uma facção rebelde e pensando que não vou jogá-la nas masmorras e acorrentá-la.

Seu pulso bate sob meu polegar, e meus músculos se apertam antecipadamente com a maneira como seus nervos se mostram para mim, não importa o quanto ela tente escondê-los.

— Você não faria — ela respira.

— Você tem tanta certeza.— Meu aperto aumenta na garganta dela, querendo sentir seu pulso vibrar enquanto sussurro palavras sujas em seu ouvido. — Eu acho que você ficaria linda amarrada a uma parede e implorando por misericórdia.

Algo selvagem desencadeia dentro de mim enquanto suas pupilas se dilatam, minhas bolas se sacudindo, fazendo meu comprimento pulsar contra o tecido das minhas calças. Agarro sua cintura, movendo-nos até que ela esteja pressionada na alcova do arco da janela, com nossos corpos separados por centímetros.

— Você não deveria estar me tocando — ela sussurra. — Se alguém vê ... pode nos matar.

— O que você vai fazer, tirar sua adaga fofa e tentar me machucar?— Eu pergunto, minha mão empurrando contra o torso dela para que fique presa contra a parede. — Você gostaria de continuar fingindo? Eu sei que você não é a boa garota que afirma ser.

Suas palmas saltam para o meu peito, dedos cavando minha túnica preta. Eu me inclino, meu nariz deslizando ao longo de sua linha do cabelo, respirando seu suave perfume floral. — Eu vejo o que você tenta tanto esconder.

Eu me sinto fora de controle. Cada pedaço de mim está furioso para agarrá-la, transar com ela, marcá-la e mantê-la, o que é uma loucura, porque eu nem *quero* ela.

— Você não precisa se esconder de mim, pequena corça.

— Eu não estou me escondendo — ela sussurra, seus lábios roçando contra os meus. — Estou revoltada.

Os passos soam do outro lado do corredor e nos afastamos um do outro, seus dedos emaranhados na fina corrente do seu pescoço.

*Eu me afasto, me xingando por ser tão idiota. Por que eu a tocara no meio do corredor?*

*Por que eu a tocara?*

Ela está certa. Se alguém soubesse, seria desastroso. Meu irmão aproveitaria a chance de me prender e me mataria. Ele não seria, *na verdade*, ser capaz de me matar, é claro. Eu teria fugido antes que ele pudesse anunciar o julgamento, mas ser pária nas terras sombreadas não é útil para meus objetivos no momento.

A raiva passa por mim como uma tempestade de vento e eu olho para Lady Beatreaux. *Ela está me enfeitiçando de propósito?*

— Pare de me olhar assim — ela chia.

— Uma boca tão inteligente — eu retruco. — Veja como você fala com seu príncipe.

Os lábios dela se torcem. — Você é *absolutamente* louco, não é?

Meus dentes rangem, irritação cortando contra minha pele.

— Sua Alteza, — uma voz profunda surge das paredes de pedra, um guarda real caminhando em nossa direção. Ele para alguns passos e se curva.

— O que?— Eu retruco, virando em sua direção.

Seu olhar saltando entre nós. — Estou interrompendo?

A irritação lambe minha espinha, mas antes que eu possa responder, Lady Beatreaux avança, sua energia mudou em um piscar de olhos para algo mais severo. Algo mais real.

Sua cabeça se eleva, suas costas estão retas e ela se parece com a rainha que está prestes a se tornar. — Quem é você para interrogá-lo?

Meu pau palpita com tanta violência que tenho que conter o gemido.

Os olhos do guarda se estreitam e ele aponta para o peito. — Eu sou um comandante do exército do rei.

— E ela é sua nova rainha, — eu me levanto, então ela está atrás de mim.

O olhar do guarda se alarga enquanto ele olha para frente e para trás entre nós, e só então percebo que ele pode ter visto mais do que eu pensava.

Escovo a mão na manga da minha túnica preta, irritado por ter que tirar um tempo do meu dia para resolver esse problema. — Qual é o seu nome?

— Antony — ele responde.

— *Antony*. — Eu sorrio. — Alguém está esperando você?

Ele balança a cabeça, com cautela, acenando como bandeiras amarelas nos olhos.

— Maravilhoso. Você vem comigo então. Eu estava a caminho de recrutar um guarda sobre um assunto de segurança urgente.— Eu inclino minha cabeça em direção a Lady Beatreaux. — Milady, acredito que você pode encontrar seu próprio caminho para o meu irmão?

Ela me olha por tanto tempo que me convenci de que sabe o que estou prestes a fazer, e espero que ela intervenha e pare com isso, do jeito que qualquer outra pessoa faria.

Mas, em vez disso, ela cai na menor reverência, seus olhos nunca saem dos meus. — Sua Alteza.

E então ela se afasta.

# CAPÍTULO 12



*Tristan*

Surpreende-me continuamente como é fácil acabar com a vida de uma pessoa. Mesmo quando menino, nunca senti o tipo de apego que os outros fazem, e houve apenas uma morte que me afetou.

Todo mundo pode apodrecer.



Ainda assim, sempre soube que sou um pouco diferente. Mais esperto que a maioria? Indizivelmente. Mais apto para governar? Sem dúvida.

Quando você é forçado às margens da sociedade, mas precisa estar lá, percebe coisas que faltam quando você é desfilado no meio do palco como um fantoche.

E a maioria das pessoas, eu acho, são imbecis.

O valor nominal é a única verdade, e a confiança cega é algo frequentemente encontrado em espadas. O que, suponho, explica a popularidade do meu irmão. Ele não é particularmente charmoso e não tem cérebro para ser inteligente ou espirituoso. Mas ele é convencionalmente atraente e passou a vida sendo o príncipe coroado e, para as massas, é o suficiente.

Embora Michael tenha se destacado em nada além de pressionar os outros para se sentirem fortes, as pessoas geralmente querem acreditar que os colocados em pedestais merecem estar lá.

Mas você não precisa ter força para subjugar e exercer poder.

O verdadeiro poder reside na capacidade de aproveitar o poder e manejá-lo como uma espada, tornando-se o marionetista que domina todas as cordas, em vez de ser a marionete forçada a dançar. Anos de tortura nas mãos de Michael me ensinaram isso; ele e seu bando de amigos, rindo enquanto empurravam meu rosto para a terra e me diziam que eu não valia a pena a cascalho cortando minha pele.

Eles roubavam meu poder todos os dias.

Não foi até muitos anos depois que aprendi a recuperá-lo, e não foi até a morte de meu pai que eu também desejei toma-lo.

Algo afiado pica no meu peito e eu me afasto do pensamento, colocando minha mão no ombro do guarda real quando chegamos à entrada das masmorras. Ele olha de volta para mim, seus nervos tão potentes que posso prová-los no ar. Eu balanço meu braço em direção à escada estreita.

— A questão da segurança está aqui embaixo, senhor? — Sua voz aperta.

— Por favor, me dê algum crédito. — Eu ri. — Eu te traria aqui por qualquer outro motivo?

Ele balança a cabeça. — Não, claro que não, eu apenas ... essa não é realmente a minha área.

— Sua área é onde quer que eu diga.

Ele engole, seus olhos ficando grandes. — Claro.

Eu sigo atrás dele enquanto nos movemos para as masmorras, nossos passos reverberando nas paredes escuras enquanto caminhamos pelos degraus de concreto. O ar está úmido e cheira a mofo e desespero, embora não haja prisioneiros apodrecendo nas celas. Gotejamentos de água espirram ao fundo do encanamento do castelo, e o único outro som é a respiração pesada vinda do próprio guarda.

A emoção percorre o meu peito com seu óbvio desconforto.

Ele olha de volta para mim e eu forço um sorriso, assentindo em direção à última cela enquanto passo por ele e até a parede oposta com as grandes maçanetas de esqueleto que abrem as portas de ferro.

— Última aqui — digo enquanto caminho para a última à esquerda e insiro a chave, sentindo o clique quando a trava se desenrola. Ela range quando eu a abro e o deixo entrar primeiro.

O guarda inclina a cabeça. — Eu não sou carpinteiro, acho que é quem ...

Eu me mudo para onde ele está, a chave de metal pressionando minha palma enquanto empurro seus ombros, cutucando-o para a frente como gado sendo levado ao abate. E é só quando ele está dentro da cela que eu largo toda a pretensão, girando e fechando a porta atrás de nós.

O golpe ecoa nas paredes de concreto e o guarda tenta voltar em direção à porta. — Sua Alteza? Eu...

Alcançando minha orelha, deslizo o baseado por trás, puxando os fósforos do bolso, meu estômago apertando enquanto acendo a chama e a trago aos meus lábios.

— Antony. — Eu apago o fogo e sopro a erva, meu olhar o leva das pontas dos dedos até o topo da cabeça loira. Ele parece cada parte um comandante, o preto e dourado de seu uniforme, e o leão no centro do peito mostrando o brasão de armas de Gloria Terra. — Antony — repito. — Você acha que eu

sou estúpido o suficiente para confundir um carpinteiro com um membro do exército do rei?

Seus lábios se abaixam. — Não, eu apenas...

— Você *vai* se referir a mim corretamente. Sua Majestade. Mestre.— Eu paro. — Ou meu Senhor, se você se sente tão disposto.

Seu corpo pára, sem dúvida sentindo a malícia que caiu no meu tom. — M-meu Senhor? — ele questiona.

— Você não acha apropriado? — Eu balanço minha cabeça, soprando uma nuvem de fumaça enquanto ando em sua direção. — Eu sei que geralmente é reservado para nobreza de classe baixa, no entanto, neste caso, seu sentimento empresta mais um tipo de título de “salvador”.

Eu chego perto agora, forçando-o a voltar, a mão voando para o quadril. Ele saca sua arma, mas seus movimentos são desajeitados e bruscos, e antes que ele possa apontar a arma, eu envolvo meus dedos em volta do pulso dele, torcendo a mão em direções não destinadas a ossos. Ele grita, a pistola batendo quando cai no chão de concreto, e eu continuo pressionando até que a resistência se afaste e seus dedos fiquem moles, a mão dele batendo como um tijolo inútil de carne.

— Como eu estava dizendo, percebi que a maioria das pessoas ora para encontrar seu salvador logo antes de morrer, — continuo abaixando minha voz para um murmúrio. — Estou disposto a ser isso para você.

A iluminação é fraca nas masmorras, mas as pequenas lâmpadas descansando do lado de fora da cela filtram através da janela com barras de ferro da porta, o brilho fraco iluminando nas lágrimas que rastreiam seu rosto.

— P-por favor, Vossa Maj...Majestade — ele gagueja.

— Ah-ah-ah — eu repreendo.

Colocando pressão no pulso novamente, ele geme de dor óbvia. — Ajoelhe diante de mim, Antony, comandante do exército do rei.

Ele cai como um saco de batatas, os ombros subindo e descendo com os choramingos.

Eu o observo enquanto ele se encolhe aos meus pés, trazendo a erva para a minha boca e inalando novamente, aproveitando a maneira como faz minha cabeça zumbir. Meu pé chuta sua arma para mais longe, e eu ando em torno de sua estrutura trêmula. — Um pouco fraco para um comandante, não é?— Eu questiono. — Sabe, se você me contar o que viu no corredor, eu o libertarei.

— Nada, — ele força entre os dentes cerrados. — Eu não vi nada.

Eu ri, parando atrás dele. — Eu não acredito em você. Alguém *sempre* vê alguma coisa.

— Eu juro, eu...eu ...

— Há uma cabana abandonada nas profundezas de nossas florestas e, quando eu era menino, costumava me esgueirar com frequência. Você sabia disso?

A respiração do guarda fica mais agitada, mas ele fica em silêncio.

Eu aperto a parte de trás de sua cabeça loira e arenosa, puxando-a para cima até que seu rosto seja exposto ao teto, a fumaça do meu cigarro enrolando entre meus dedos e sobre sua cabeça. — Me responda.

A mandíbula dele se aperta. — Não...

— Claro que não — eu estalo. — Ninguém sabia. Ninguém se importava o suficiente com o pequeno príncipe Tristan para dar a mínima para o que eu fiz com o meu tempo.

Eu o jogo no chão, então ele é forçado a amparar seu corpo com o pulso quebrado. Ele desmorona, gemendo ao trazer os dedos flácidos para o peito.

— Nossos túneis levam direto a isso, não é interessante?

Inclinando minha cabeça, espero sua resposta, mas além de seus choros, ele fica em silêncio. A irritação gira em torno dos meus músculos, apertando-os com força. Minha voz diminui. — Eu pensei que já tínhamos analisado como espero uma resposta para minhas perguntas, Antony.

— Sim! É alguma coisa.— Sua voz racha, e o medo óbvio que tece através do tom me faz sorrir.

— O ponto é que passei horas lá. Normalmente, pegando meu caderno de desenho e desenhando até meus dedos ficarem dormentes. Era o único lugar onde eu poderia ir onde as pessoas que me machucavam não seguiriam.

Me agacho, minhas mãos deslizando em torno de seus ombros, puxando-o na posição sentada. — E todo mundo me deixou desaparecer, mesmo que todos tenham visto o que aconteceu. Talvez eles nunca se importassem.— Eu encolho os ombros. — Ou talvez eles pensassem que o tempo sozinho ajudaria meu 'estado mental frágil'.

Meu intestino agita e trago o cigarro aos meus lábios, permitindo que a fumaça penetre nas bordas da minha boca enquanto falo. — Mas algumas pessoas estão além da benevolência. *Você está além da salvação, Anthony?*

Ele balança a cabeça.

— É o que todos dizem.— Meus dedos descansam entre a clavícula, diretamente abaixo do pescoço. — Se eu pressionasse aqui, isso o derrubaria e cortaria sua respiração, mas apenas por um momento. Você sabe como é engasgar repetidamente por horas?

— Não — ele choraminga.

— Eu posso te mostrar se você quiser.— Eu paro. — Ou você pode me dizer a verdade e torcer para que eu seja *seu* salvador.

Seus olhos se estreitam e, mesmo com a dor, o desafio gira através de suas íris. — Você não é salvador. Apenas uma *aberração desfigurada*.

A raiva bate em mim e minha mão chicoteia antes que eu possa controlá-la, o som dos meus anéis batendo alto na sala de concreto. Ele voa para o lado, grunhindo quando o sangue escorre da boca. Ele cospe e um dente voa no chão. Eu ignoro seus choros, levantando meu pé e batendo-o na lateral do rosto, meu abdômen tenso com a ascensão e queda da minha perna enquanto eu bato na bochecha dele, sentindo a fratura óssea sob o meu calcanhar.

Poças líquidas vermelhas ao redor dos meus pés e eu recuo um pouco, fechando os olhos e ofegando através da chuva torrencial de fogo que cai no meu interior por causa das palavras dele.

— Todo mundo *sempre* me subestima.— Suspiro, avançando novamente, desta vez para pressionar meu pé no pulso acima do osso quebrado. — Mas você está errado, Antony. Porque agora? Eu sou seu *Deus*.

Eu moo minha bota e ele range os dentes, um longo gemido escapando de seus lábios cerrados.

— Não seja tímido, querido.— Eu rio. — Você pode gritar tão alto quanto quiser. Ninguém vai ouvir.

Sua mão voa para minha canela, as unhas tentando agarrar minha carne através do tecido das minhas calças. Curvando-se perto de seu rosto, minha voz cai em um sussurro. — Apenas algumas palavras insignificantes, Antony, e tudo isso pode acabar. Diga-me o que você viu.

— Você vai ... você vai me deixar ir?— ele chora.



Rindo, eu jogo o final do meu cigarro, picos de prazer correndo por mim enquanto as cinzas caem em seu rosto suado e cheio de ranho. — Eu prometo deixar você livre.

— Eu vi você e a dama.— Suas palavras são disformes e a cada poucos segundos ele cospe mais sangue aos meus pés.

Forço a pressão no pulso dele.

— Na janela, parecia que vocês estavam sendo íntimos. Por favor, por favor, eu imploro a você... *Meu Senhor*.

Uma respiração satisfeita me escapa, uma emoção correndo pelas minhas veias, mesmo quando suas palavras me lembram o quão estúpido e imprudente eu fui.

— Agradeço sua honestidade.— Andando atrás dele, minhas mãos deslizam em volta do pescoço e seguram logo abaixo dos ouvidos. — E para sua sorte, eu *sou* um deus misericordioso.— Torço até os ossos quebrarem e se separarem. Seu corpo mole cai no chão sob mim, com os olhos arregalados e vazios, uma poça de sangue se formando de onde estava caindo da boca.

— Seja livre, Antony.

Trago o cigarro para os lábios, inalando uma última vez antes de jogá-lo em seu cadáver, permitindo que a extremidade acesa queime através dos olhos do leão no centro do peito, uma estranha sensação de satisfação tecendo através de mim enquanto eu o vejo se transformar em cinzas.

# CAPÍTULO 13



*Sara B.*

— Gostaria de falar com o tio Raf — digo a Xander, que está sentado à minha frente enquanto Sheina prende meu cabelo. Ela está fofocando com Ophelia, que está fazendo crochê ao lado.

Ele empurra os óculos, trazendo um charuto grosso para a boca e bufando no final. O cheiro do tabaco é doce e esfumaçado quando atinge minhas narinas, e me lembra de ficar sentada no escritório de meu pai por horas a fio enquanto ele trabalhava. Uma pontada de saudade atinge o centro do meu peito, fazendo-me ansiar pelos dias cheios de sol em Silva.

— Eu vou providenciar — diz Xander.

Eu forço um sorriso. Meu tio me disse que Xander era meu confidente. Aquele em quem eu poderia confiar; o ás no castelo. Mas quanto mais tempo estou aqui, mais desconfiança substitui a confiança com a qual eu tinha.

— Sheina, Ophelia. Deixe-nos — eu digo.

A conversa delas para, as duas se movendo da sala sem dizer uma palavra. Ophelia não olha para trás, mas Sheina sim, seus olhos arregalados olhando entre Xander e eu antes de girar e fechar a porta atrás dela.

Ela ficou mais quieta do que o habitual nos últimos dias e, quando a assisto recuar, me preocupo que ela esteja infeliz aqui. Que se, dada a chance, ela fugiria de casa e me deixaria cercada por pessoas que não conheço. Não seria o fim do mundo, mas ela é um conforto para mim. Uma pequena fatia de familiaridade em um lugar desconhecido.

Eu cruzo minhas mãos no colo enquanto olho para Xander, permitindo que o silêncio se mantenha muito depois que elas se foram. Posso ser uma mulher, mas não sou uma tola e não vou mais permitir que ele me trate como tal.

— Prima... — ele começa.

— Não me chame de prima, Alexander.

Ele endurece em sua cadeira.

— Estou cansada de sentar aqui como se nada estivesse acontecendo, — continuo. — Seu pai me disse que eu podia confiar em você. Posso verdadeiramente?

— Sara, por favor.— Ele bate os dedos no braço de madeira da cadeira. — Você está aqui *por minha* causa. Mas essas coisas levam tempo, são frágeis. Delicadas.

Meu peito aperta. — O tempo se move muito mais devagar quando você é usado como alavanca.

Ele sorri, balançando a cabeça. — Você tem alguma ideia do que aconteceu? O que foi preciso para trazê-la até aqui?— A cadeira range quando ele se inclina para a frente, descansando os cotovelos nos joelhos. — Eu sei que é difícil esperar, mas tudo está se encaixando. Você só precisa de paciência.

— Nada está acontecendo.— Eu jogo um cacho que caiu do meu rosto. — Quanto tempo devo sentar aqui e fingir que estou feliz fofocando com as damas da corte? Eu quero vingar meu pai, Xander. Talvez você não entenda isso porque nunca sentiu a dor de perder o único que amava.

Ele rola o charuto entre os dedos. — Dentro de uma hora, você entrará na praça da cidade com Sua Majestade, onde ele jantará com você e proporá na frente do povo. Teremos um baile de noivado.— Ele faz uma pausa. — *Todo mundo* estará lá.

Minha respiração sai de mim, alívio substituindo a tensão que está dando um nó na minha espinha. — E então vamos fazer uma jogada?

Xander assente. — Então, vamos fazer a nossa jogada.— Ele acena a cabeça. — Há mais alguma coisa acontecendo?

Agora é *minha* postura que endireita, flashes de ontem à tarde inundando meu cérebro. — O que mais poderia estar acontecendo? Estou sozinha em um castelo enorme, com nada além de meus pensamentos e minha... *confiança*.

Os lábios de Xander franzem. — Bem, uma vez anunciado o seu noivado, você estará muito mais ocupada. Cursos de etiqueta e planejamento de casamentos, é claro.

Meu nariz franze.

— Não esqueça por que você está aqui, prima. Para que serve tudo isso — ele implora, abaixando a voz e inclinando-se. — Devemos nos mover com precisão, não com pressa.

— Eu sei.— Eu soltei um suspiro. — Mas isso não facilita as coisas.

Ele corre os dedos sob a moldura dos óculos, beliscando a ponte do nariz.  
— Sinto muito por você se sentir tão sozinha e no escuro. Essa nunca foi minha intenção. Farei melhor a partir de agora.

Os emaranhados no meu estômago se soltam. — Obrigada.

— O casamento será dentro de seis meses.— Ele fica de pé, abotoando a frente da jaqueta preta, com a mão passando por cima do cabelo.

— Seis meses.— Meus olhos se arregalam.

Ele encolhe os ombros, com os olhos ficando sérios quando espiam nos meus. — Ninguém disse que você precisava *levar* seis meses. Use esse tempo para desempenhar o papel ... para que possamos arrancá-los pelas raízes.

— Eu sei o que fazer — eu rebato.

Um pequeno sorriso inclina seus lábios. — Bom. Não se preocupe, então.

— Absolutamente.— Eu levanto minhas mãos no ar, sorrindo.

A conversa deve me deixar à vontade. Afinal, ele finalmente está falando comigo como se eu fizesse parte dos planos. Mas há algo sobre a maneira como o ar flui que envia alarme, fazendo cócegas na minha pele, fazendo meu cabelo arrepiar, e me parece que talvez meu primo Xander não seja a pessoa que meu tio me levou a acreditar que ele é.

A náusea no meu estômago se fortalece, agitando como uma tempestade iminente.

---

— Lady Beatreaux, você está deslumbrante.

A voz de Michael percorre em todo o pátio enquanto minhas damas de companhia e eu vamos até os automóveis alinhados no portão.

Há um frio no ar, mesmo que seja apenas depois de setembro; e quando as nuvens pairam sobre o céu, tenho outro momento de sentir falta do sol de Silva. Eu me pergunto como dois lugares dentro do mesmo país podem ser tão diferentes, mas coexistem dentro das mesmas fronteiras.

Suponho que seja porque as fronteiras são feitas pelo homem, e a mãe natureza não se limita às regras do homem.

*Se ao menos todos pudéssemos ter tanta sorte.*

— Obrigada, Majestade.— Eu caio em uma reverência quando o alcanço, os movimentos rígidos do meu espartilho tornando minha respiração superficial. Tenho certeza de que Ophelia o apertou demais, mas ignoro o desconforto.

— Onde você está me levando hoje?— Eu pergunto, olhando para Timothy, que está parado ao lado da porta dos fundos com a mão estendida.

Michael balança o braço enquanto Timothy me ajuda a entrar no automóvel. — Não se preocupe com isso — diz ele quando sentamos nos bancos traseiros. — Apenas aproveite o dia e tudo o que vem além de estar no meu braço.

Eu mordo o escárnio que está doendo para rolar da minha língua, minha cabeça inclinando quando eu o aceito. *Como as pessoas o acham encantador?* Para mim, ele parece arrogante e egoísta.

— Como eu não poderia?— Eu olho para ele debaixo da aba larga do meu chapéu roxo.

Timothy se move para o assento à nossa frente, e meus olhos caem no brasão de armas em seu peito, minha mente volta para a tarde de ontem, para o guarda que saiu com Tristan. Eu fui estúpida, permitindo que o príncipe me encurralasse do jeito que ele fez; atos simples como esse podem ter consequências desastrosas. E quem é ele para mim?

Ninguém.

Pior que isso.

*Um Faasa.*

Mas isso não impede meu estômago de dar cambalhotas na memória dele empurrando contra mim no canto escuro. De suas mãos me tocando de maneiras que ninguém pode tocar.



E então penso naquele guarda - aquele que não fez nada, exceto entrar no lugar errado na hora errada - e enquanto não posso dizer com certeza o que aconteceu quando eles saíram, no fundo do meu interior, eu sei a verdade. Quando os olhos de Tristan encontraram os meus, havia mais a ser dito entre nós do que o que falamos no ar.

Não desejo morte a almas inocentes. Mas, às vezes, sacrifícios devem ser feitos para o bem maior.

O automóvel rola em direção aos portões da frente, e meus olhos vasculham para o pátio, fixando no grande salgueiro-chorão à distância.

Eu me odeio pela maneira como meu coração cai um pouco quando não vejo olhos verdes de jade me observando das sombras.

# CAPÍTULO 14



*Tristan*

Minha futura cunhada se tornou uma obsessão.

Uma distração, se você quiser. Uma para o qual não tenho tempo.

Estou convencido de que a única razão pela qual ela atormenta meus pensamentos é porque ela é um quebra-cabeça que não consegui resolver e,

como ler pessoas é minha especialidade, o fato de ela ser um desafio a torna insuportavelmente interessante.

Os pisos de madeira rangem enquanto eu atravesso a sala do segundo andar da The Elephant Bones Tavern, olhando pelas janelas da porta da varanda. Deve haver centenas de pessoas amontoadas na terra vazia atrás do prédio, esperando que eu fale com elas.

A antecipação gira através de mim como uma rajada de vento até que cada nervo seja iluminado com emoção para o futuro. Para o *meu* futuro.

Aquele que *deveria* ser meu desde o começo.

A violência cresceu nos últimos dois anos, desde a morte de meu pai e a subsequente ascensão de meu irmão ao trono. Todo mundo assume que é aleatório. Ninguém sabe que sou eu puxando as cordas, atirando as chamas da raiva deles. É fácil exacerbar problemas quando as pessoas passam fome e são esquecidas. E é ainda mais fácil ganhar a confiança das pessoas e colocá-las estrategicamente em todo o reino, esperando pacientemente quando eu chamo.

Empurro as portas duplas precárias para o pátio e passo para a varanda Juliette. Saudações irrompem e eu permaneço em pé, aproveitando sua admiração. Sangue aquece nas minhas veias, correndo para a minha virilha até meu pau endurecer. É emocionante que todos eles me olhem. Gosto de ser reverenciado como sempre deveria ter sido.

— Olá amigos.— Eu projeto minha voz. — Vocês ouviram os sussurros, então deixe-me ser o primeiro a confirmar. O rei Michael se casará.

— Quem?— alguém grita.

— Quem não é importante, tenho certeza que descobriram quando eles fizerem o anúncio oficial.— Um flash do rosto da minha pequena corça cai na minha mente e meu peito aperta. — O que importa é que saibam que alguém a colocou estrategicamente por um motivo, e está ganhando sua confiança. Para fazer vocês pensarem que dias de luzes estão no horizonte. Camaradas. Estou aqui para lhes dizer, a única luz no horizonte é o brilho laranja do fogo quando queimarmos o rei na fogueira.

Gritos entram em erupção, botas pisando no chão até vibrar pelo ar, criando um estrondo baixo.

— Queime a prostituta do rei! — Alguém grita.

Meus olhos voam para onde a voz vem, meus músculos ficam tensos. — Ela não deve ser tocada.

Os aplausos ficam quietos com minhas palavras afiadas, rostos confusos olhando para mim. Meu olhar pousa em Edward, parado no canto de trás com Belinda e seu marido, Earl, esperando minha sugestão. Quando nossos olhos se encontram, vejo a surpresa fluindo através deles.

Ele não esperava que eu dissesse isso.

Eu não esperava dizer isso.

Mas aqui estamos nós.

— É importante não mostrar nossas mãos muito cedo, amigos — continuo.  
— Devemos esperar nosso tempo. Permita que eles acreditem que ela é o farol de esperança deles.

— E devemos confiar em você?— uma voz questiona. — Você é um deles!

O silêncio desce sobre a multidão e meu queixo trava. Eu levanto minhas mãos para o lado. — Se você tem um problema com minha liderança, é mais que bem-vindo a vir aqui e tirar isso de mim. Não sou nada senão justo.

Ninguém move um músculo, e eu deixo o silêncio permanecer, meus olhos examinando a multidão para ver quem se atreve a pensar que pode me questionar. — Não seja covarde agora, quando sua voz era tão alta.

Continuo olhando, meu olhar travando em um jovem com roupas rasgadas e cabelos ruivos sujos, com a mandíbula presa enquanto olha para a varanda.

— É uma característica admirável e uma pergunta honesta.— Eu aceno minha mão em sua direção, aborrecimento picando contra minha pele. — Avance. Fique aqui, na frente, onde todos podem vê-lo.

Seu corpo endurece, mas ele atravessa a multidão até estar na frente de todos, forçado a levantar o pescoço para manter nosso contato visual.

Eu sorrio. — Eu não dei o suficiente para ganhar sua confiança? Quantas vezes preciso provar meu valor?

— Faz dois anos — implora, balançando a cabeça.

— Faz muito mais tempo para mim. E estamos falando de traição. O suficiente para matar todos nós com um movimento errado.— Eu levanto meus dedos no ar e estalo. Edward se move pela multidão de pessoas, carregando o cadáver de Antony Scarenbourg, comandante do exército do rei.

Murmúrios animados rolam pelo ar como um trovão.

— Não cometa o erro de acreditar que quando não estou com você, não estou lutando *por* você.

Os olhos do ruivo se arregalam quando o corpo de Antony cai aos pés, seu uniforme queimado e sua pele azul de rigor mortis.

Edward se move novamente, e eu fico parado, esperando enquanto ele pega um balde de querosene e volta, preparando-se para jogá-lo no cadáver.

— Deixe que *ele* faça isso — digo, apontando para o tolo que questionou minha autoridade.

Edward olha para mim antes de acenar com a cabeça e passar o balde.

O jovem olha para baixo por longos momentos, absorvendo as insígnias chamuscadas e quase irreconhecíveis no peito de Antony, com o rosto ficando mais irritado a cada segundo. E então ele inclina o balde, permitindo que o líquido se despeje sobre o corpo, espirrando no chão e se amontoando em torno de seus pés.

Botas e gritos dos rebeldes acompanham suas ações.

Meus olhos encontram e as palavras não ditas de Edward passam entre nós. Este homem não viverá para ver outro pôr do sol.

Mas, por enquanto, permitirei a ele esse momento. É bom para a moral.

Puxando uma caixa de fósforos do bolso da minha capa, acendo a chama.

— A força bruta pode vencer uma guerra, — começo, balançando com calor na ponta dos dedos. — Mas nossa força está na paciência. No planejamento. *Que* é o que derruba impérios. Juntos governamos, divididos, caímos.

O corpo de Antony explode em chamas quando eu largo o palito, o cheiro de carne queimada potente enquanto se enrola no ar como fumaça.

— *Abaixo Michael Faasa!*— *alguém grita.*

— *Morte ao rei!*— *outros gemem.*

— Nós avançaremos em breve, amigos.— Eu sorrio. — Fiquem preparados.

# CAPÍTULO 15



*Sara B.*

Estou aqui há uma semana, mas é a primeira vez que me aventuro fora das muralhas do castelo na cidade atual de Saxum. Uma torre do relógio fica no centro da praça, e as lojas alinham os dois lados das ruas de paralelepípedos, postes de luz e novos que iluminam as calçadas. Eu nunca



vi uma luz de rua pessoalmente antes, e meu interior agita quando percebo o quão próspera é a principal área de Saxum enquanto Silva luta sem nada.

Michael e eu estivemos sentados dentro do The Chocolate Gorge; uma confeitaria conhecida por fazer os melhores doces da região. Timothy, Xander e minhas damas empoleiram-se em uma mesa do outro lado da sala, e alguns guardas reais alinham a entrada, mas fora isso, não há ninguém aqui.

— É sempre tão vazio?— Eu pergunto, empurrando meu prato de sobremesa para longe.

Michael sorri, com o cabelo castanho liso brilhando sob as luzes. — Não poderia ter os plebeus interrompendo quando estou tentando cortejar você.

Meu peito aperta enquanto espio pelas janelas da frente, onde meia dúzia de pessoas se alinham em torno de barricadas, tentando olhar para dentro para ver seu rei.

— Você vem aqui com frequência?

Ele encolhe os ombros. — Desde criança. Meu pai costumava trazer Tristan e eu aqui uma vez na lua azul.

Meu sangue esquenta quando ele menciona seu irmão, mas eu o ignoro. Não vou deixar que ele me afete quando ele nem estiver por perto.

Ainda assim, não consigo deixar de imaginar Tristan e Michael quando crianças, comendo todos os chocolates e doces com o pai olhando. Tudo o que

ouvi do legado do rei Michael II é de todas as maneiras que ele falhou em seu país. É difícil para mim imaginá-lo como um homem que cuidava de sua família, e a curiosidade transborda dentro de mim, querendo descobrir mais.

— Isso é muito gentil — eu digo.

Michael sorri, seus olhos passando pelos meus antes de voltar. Ele sorri, mas vejo o flash de dor que assombra seus traços. — Sara Beatreaux, você *possui* um coração gentil, não é?

Sento-me mais reta. — Isso não é algo que você deve querer em sua rainha?

Ele inclina a cabeça. — E você tem tanta certeza de que será minha rainha?

Solto uma respiração, olho para o meu colo antes de espreitá-lo por baixo dos cílios. — Tenho certeza de que fui criada especificamente para você, Majestade. Acho que você faria um grande desserviço não me mantendo ao seu lado.

Ele cantarola, com os dedos subindo para esfregar a mandíbula. — Criada *para* mim?

Eu aceno, estendendo a mão para pegar minha xícara de chá e tomar um gole antes de colocá-la de volta na mesa. — Meu tio recusou muitos pretendentes esperando que um dia eu pertencesse a você.

É uma aposta dizer isso a ele, e é um exagero grosseiro, mas estou apostando no fato de que Michael adora ter seu ego acariciado e é possessivo com seus brinquedos. Foi-me dito isso muito antes de vir para cá, e é perceptível na maneira como se aproxima sempre que faz um elogio e fica de mau humor quando algo não está indo bem.

Felizmente, descobrir que eu fui feita para ele o tempo todo o seduzirá a me arrebatá-lo e me coletar como um tesouro.

Ele se inclina sobre a mesa, com as sobrancelhas subindo. — E o que *você diz*, Sara? Serei honesto, não estou muito interessado no que seu tio quer.

Meus olhos travam nos dele, o peso da responsabilidade caindo no meu intestino e empurrando as palavras da minha boca. — Depois de conhecê-lo? Não quero mais nada.

Um sorriso lento se arrasta ao longo de seu rosto e ele se senta de volta em sua cadeira, um olhar satisfeito que se estende por suas feições.

— Majestade — interrompe Xander, ficando ao lado da mesa. — Há um jornalista do lado de fora, pronto para tirar suas fotos, e então precisamos voltar ao castelo para uma reunião com o Conselho Privado.

Michael assente, olhando pelas janelas da frente. Seu rosto se enrruga, o nariz torcendo com nojo óbvio. — Tantas pessoas lá fora.

— Eles estão por trás das barricadas, senhor, não vão se aproximar de você — tranquiliza Xander.

Michael fica de pé, colocando uma cartola na cabeça e estendendo um braço para mim. — Hora do show, Sara Beatreaux. Você quer isso? Faça parecer bom.

Eu sorrio de volta para ele, embora pareça que um elefante está sentado no meu peito. Meus dedos envolvem o cotovelo quando eu me levanto, com o estômago apertando em antecipação.

Timothy vai primeiro, segurando a porta aberta para nós, e saímos, os guardas se movendo para flanquear nossos lados. Murmúrios correm pelas pessoas na calçada, e há um homem de terno à frente, um grande tripé com uma câmera sentada em cima, colocada ao lado dele. Ele se curva quando nos aproximamos. — Sua Majestade. Milady.

Michael olha para o homem, com a mandíbula apertada. Olho entre os dois, irritação corroendo meus nervos, irritada por ele nem sequer o reconhecer.

— Você é o repórter?— Eu pergunto.

Ele olha para mim, um pequeno sorriso enfeitando seus lábios. — Eu sou, senhora.

— Muito bem — Michael interrompe. Ele se vira para mim, piscando como se estivesse prestes a fazer uma brincadeira, antes de enfiar a mão no bolso e pegar minha mão. — Lady Beatreaux, seria minha maior honra se você aceitasse minha mão em casamento.

Olho para ele, meu pescoço se esticando para encontrar seus olhos debaixo da borda do meu chapéu. Ele limpa a garganta, os olhos endurecem mais a cada segundo que passa.

O seu aperto na minha mão se intensifica. Eu desvio meu olhar, percebendo que *esta* foi sua grande proposta. Sem joelho dobrado, sem discurso sincero. Apenas algumas palavras e expectativas apressadas. Não sei por que estava aqui como uma tola, esperando por mais alguma coisa. Estou surpresa que ele tenha feito isso em público, eu esperei os primeiros dois dias para ver se ele estenderia uma proposta formal e, quando isso nunca aconteceu, imaginei que era apenas assumido.

Adotando uma expressão surpresa, levanto minha mão livre para o peito. — É lindo — digo, olhando para o enorme diamante rodeado por uma pérola de cada lado. — Seria uma grande honra ser sua esposa.

Ele pega o anel da caixa ornamentada e o coloca no meu dedo. — Esta era da minha mãe. Espero que você aprecie o sentimento.

Eu mantenho o sorriso colado no meu rosto enquanto ele me puxa para o seu lado, mesmo que o pensamento de usar qualquer coisa que pertencesse à rainha viúva faça a bílis subir para a parte de trás da minha garganta. Michael nos vira, adotando um sorriso radiante para a câmera. Saudações sobe das pessoas atrás das barricadas, palavras de parabéns voando pelo ar.

Mas está tudo confuso atrás do súbito grito nos meus ouvidos enquanto meus olhos travam em uma figura alta e encoberta do outro lado da rua, encostada em um daqueles postes de luz pretos iluminados.

Meu coração salta.

Não consigo ver o rosto dele, mas de alguma forma, sei que é ele.

*Tristan.*

Michael nos vira para acenar para as pessoas atrás das barricadas, antes de nos levar em direção ao automóvel. Eu sigo, o sorriso estampado no meu rosto como papel machê, meu coração batendo no peito, embora eu não tenha certeza do porquê de estar acelerado.

Os guardas se aglomeram ao nosso redor enquanto nos dirigimos em direção ao automóvel, escondendo tudo da vista, e não é até eu estar no banco de trás que sou capaz de procurar novamente.

Mas ele já se foi.



Eu participei da missa no domingo minha vida inteira.

Quando eu era jovem, os bancos estavam sempre cheios. Mas com o passar do tempo e os recursos diminuindo, a participação ficou escassa. Acontece que as pessoas perdem a fé quando se deparam com adversidades intermináveis.

A igreja em si era simples; pequenos bancos de madeira e paredes bege que haviam escurecido devido à falta de fundos e falta de força de vontade. É o que acontece quando sua fonte de subsistência é arrancada das raízes. Quando os homens que são colocados em posições de poder decidem reter fundos e esquecem que você faz parte do que os torna inteiros.

E enquanto me sento na bela catedral anexada ao castelo Saxum, não posso deixar de me sentir amarga por todas as maneiras que as pessoas aqui têm *tudo*, enquanto todos os meus ficaram sem nada.

Somos o mesmo país, mas somos mundos separados.

A catedral em si é linda. Madeiras escuras e arcadas de pedra cinza esculpidas com desenhos intrincados, atadas em detalhes dourados. Tetos altos são cobertos de arte colorida; o tipo que com certeza levou décadas para ser concluído e a única luz que não seja a chama das velas, é do sol abafado sangrando através dos vitrais, brilhando no azulejo bege e arenito um caleidoscópios de cor.

O serviço terminou e, embora todos os outros tenham desaparecido, incluindo meu noivo, ainda estou aqui, tendo dito a eles que queria um tempo para orar.

Na verdade, estou esperando Xander.

Eu me movo no meu lugar, o banco de madeira entorpecendo minhas pernas. Quando olho em volta e garanto que ninguém mais está aqui, fico de pé, movendo-me para a passarela entre os bancos. Meu vestido rosa

pálido beija o chão, minhas mãos - cobertas por luvas combinando - abaixam minhas mangas primeiro e depois a frente da minha saia, suavizando as rugas. Meus passos estalam no ladrilho, ecoando nas paredes enquanto caminho em direção ao altar.

O crucifixo está na frente e no centro, e algo puxa meu peito enquanto olho para a escultura, um tipo oco de tristeza girando teias através do meu coração.

Nunca questioneei meu dever para com minha família ou a justiça que buscamos. É tudo o que eu já conheci, mesmo antes da morte de meu pai; tudo o que eles me condicionaram a querer. Mas, pela primeira vez, sou empática com a situação de Jesus, embora nunca ousasse falar em voz alta.

Quão injusto ele teve que se sacrificar para limpar nossos pecados.

Finalmente, desvio meu olhar e me movo em direção às sombras, percebendo que há uma grande pintura a óleo pendurada em exibição perto do corredor escuro na frente da sala.

O retrato é de um rei.

O cabelo preto espreita por baixo de sua coroa com jóias, perfurando os olhos verde-jade que ganham vida através da imagem; feroz e duro. Um arrepio derrama na minha espinha.

— Esse é meu pai.



Minha respiração sai de mim, o estômago pulando na minha garganta enquanto giro, ficando cara a cara com Tristan. Minha mão voa para o meu peito. — Você me assustou.

O canto dos lábios se inclina quando ele se aproxima de mim, com as mãos nos bolsos enquanto olha para o retrato.

Eu olho para ele, imaginando qual era o relacionamento dele com o pai. Michael despertou minha curiosidade e, embora eu não espere que Tristan se abra, não posso evitar que a pergunta flua da minha língua. — Você sente falta dele?

Algo escuro desce sobre o seu rosto, o queixo tenso. — Sim.

Minha boca se abre, virando minha cabeça para estudá-lo. — Eu também sinto falta do meu pai.

É tudo o que consigo pensar para dizer. *“Estou feliz que ele esteja morto e espero que apodreça no inferno”* parece que não seria uma resposta apropriada.

Ele olha para a pintura e, por isso, sigo o exemplo, absorvendo os ângulos do rosto do rei Miguel II e como eles são semelhantes aos de Tristan.

— Ele se parece com você — observo, olhando para ele novamente do canto do meu olho.

Sua testa se levanta. — Você quer dizer insuportavelmente atraente?

Eu sorrio. — Terrivelmente.

— Hmm.— Ele assente, torcendo em minha direção. — E você é quem foge de seus medos, Sara Beatreaux? Ou você os enfrenta?

Meu coração chuta contra minhas costelas e minha boca fica seca. — Eu não acredito em fugas.

— Não? Você pode mudar de ideia morando aqui.

Meu estômago cai, a boa sensação desaparece. — Isso é uma ameaça?

— Um aviso — ele responde.

— Eu vi você ontem — eu digo. — Na praça da cidade. Você estava escondendo seu rosto como um pequeno perseguidor ... é porque você não queria ser visto?

Ele se aproxima até que sua estrutura se eleva sobre a minha, fios de seus cabelos negros desgrenhados caindo sobre sua testa. — Tantas perguntas para alguém que não dá nada em troca.

Minhas pernas congelam no lugar, como se eu tivesse entrado em cimento molhado e deixado secar em torno dos meus pés. — O que você quer saber?

— Tudo.

— Isso pode levar muito tempo.

— Você está prestes a se casar com a família. Não temos nada *além* de tempo. A menos que Michael se canse de você antes do casamento e escolha uma de suas outras prostitutas.— Ele inclina a cabeça, os olhos calculando enquanto pairam sobre a minha pele. — Ou talvez ... você tenha um motivo secreto.

A irritação corre pelo meu peito, expandindo-se como uma onda de calor.  
— Eu *não* sou uma prostituta.— Meus punhos se apertam aos meus lados.  
— E só porque você não tem propensão à moral não significa que ela se estende aos outros.

Ele alcança e envolve o meu queixo, o polegar acariciando sobre os meus lábios. — Uma boca tão inteligente. Pena que meu irmão não saiba como domá-la.

O fogo brilha nas minhas veias tão rápido que meu estômago dá câibra.  
— Eu não *preciso* ser domada.

— Não?— Ele sorri.

— Eu cuido de mim mesma.

— No entanto, você virá aqui todo domingo, comprometendo sua vida a um homem no céu.

Ergo meu pescoço para manter o contato visual enquanto ele pressiona contra mim, com a respiração quente enquanto ela atravessa minha boca, fazendo a tensão girar na minha espinha.

— Se você quer um deus para adorar, *ma petite menteuse*, não há necessidade de procurar mais.

Rindo, levanto-me para afastá-lo, mesmo quando a excitação inunda pelo meu centro e se acumula entre as minhas pernas. — Você é nojento.

Ele agarra meus pulsos, me puxando para o seu corpo até que eu possa sentir cada centímetro duro de seu pau se esforçando contra o tecido de suas roupas. — Eu ensinaria você a amar implorar aos meus pés.

Meu núcleo se contrai quando suas palavras batem nos meus lábios, e eu as sugo como se sua respiração fosse meu ar. Meus dedos apertam sua camisa, mas em vez de afastá-lo, eu o arrasto para mais perto. — Estou cansada de você jogar comigo — eu sibilo.

— É isso que estou fazendo?— ele questiona.

— *Pare*. — A raiva bate nos meus nervos. — Nada vai atrapalhar meu noivado com Michael. Nem você.

Ele se inclina para trás, com os olhos brilhando enquanto o aperto se intensifica em torno dos meus pulsos.

E é só então que percebo o que disse.

*Garota estúpida.*

— Entendo.— Uma de suas mãos cai do meu braço e sobe ao meu lado, arrepios brotando em todos os lugares que seus dedos tocam.

— Você tem sede de poder — ele murmura, a palma da mão passa na minha clavícula antes de envolver a minha garganta. — Eu posso te encher até você gritar.

Meu estômago sacode tão rápido que minhas pernas tremem.

Seu olhar cai na minha boca.

Um estrondo alto ecoa nas paredes da catedral e eu pulo, pavor gelado escorrendo pelo meu interior.

— Deixe-me em paz — peço, empurrando seu peito.

Ele toca o polegar contra a parte inferior da minha mandíbula antes de me soltar. Meu corpo fica frio quando ele se afasta, mas eu não deixo o seu olhar, mesmo quando meu coração bate no meu peito quando ouço passos caminhando em nossa direção.

A qualquer momento e alguém verá.

Tristan mantém os olhos em mim por mais um segundo antes de girar e desaparecer pelo corredor, como um dos fantasmas que rumores dizem assombrar os corredores.

Mas o toque dele se marcou na minha pele.

E quando eu me viro, Xander fica na minha frente, seus olhos redondos se estreitaram e os lábios se torcem.

# CAPÍTULO 16



*Tristan*

Desgosto e desejo se misturam no meu íntimo e explodem para fora, um veneno volátil inundando meu sistema.

E é nisso que estou começando a acreditar que minha pequena corça é.

Veneno.

Toda vez que a vejo, há essa necessidade de empurrá-la até que ela se rompa, quebrando o equilíbrio pintado que usa para enganar o mundo. E num piscar de olhos, ela faz.

Ela tem sede de poder.

Infelizmente, ela não encontrará ao lado do meu irmão. A única coisa que ela garante para si mesma é a morte. Mas posso admitir que, sob o aborrecimento e as situações desconfortáveis em que me encontro enquanto estou com ela, há um respeito crescente. Admiração pela maneira como ela é capaz de desempenhar seu papel com tanta facilidade, e é por isso que vou garantir que a execução dela seja rápida.

Ela é uma pequena sedutora astuta. Longe da garota inocente e corada que ela afirma ser.

Moendo os dentes, atravesso o corredor da catedral até o hall de entrada principal. Meus dedos deslizam ao longo do corrimão de madeira da grande escadaria de princesa que fica embaixo de um lustre de cristal cintilante, dividindo-se em duas direções que levam às alas opostas do castelo. Minhas botas clicam no azulejo creme brilhante enquanto subo pelo lado esquerdo para onde estão meus aposentos particulares. Retratos de grandes dimensões alinham-se nas paredes ornamentadas e seus olhos queimam em mim; séculos de realeza me julgando através da tinta, como se estivessem tão enojados quanto eu pela maneira como permito que essa mulher me torça e desvie meu foco.

Eu passo por pessoas nos corredores; um guarda e algumas empregadas, mas elas não me interrompem, sabendo melhor do que me incomodar. Além de Lady Beatreaux, todo mundo me dá um amplo espaço. Ainda não decidi se a razão pela qual ela não o faz é que ela é atraída pelo meu poder e incapaz de ajudar a si mesma, ou se é simplesmente estúpida.

Quando chego aos meus aposentos, abro a porta, o eco da batida reverberando nos meus ouvidos quando se fecha atrás de mim. Dirijo-me à mesa sob a grande janela de sacada e pego o recipiente de vidro colocado no centro. Sentado, abro o pote e tiro os papéis de arroz e alguns brotos de erva, nós emaranhados no estômago e meu pau se esforçando; implorando por alívio que não permitirei.

*Não vou piorar as coisas mais do que elas já estão, pensando nela.*

Meus dedos se apertam nas bordas do papel enquanto eu coloco meu foco na tarefa, esperando que, se o fizer, os sentimentos restantes que surgem pelo meu corpo desapareçam.

Trago o baseado para os lábios e pego um fósforo, batendo-o contra a caixa até ouvir o chiado de fogo. A primeira inalação gira na minha garganta e nos pulmões, a tensão no meu estômago diminuindo.

O calor aquece minhas pontas dos dedos enquanto acaricia o pequeno palito de madeira, e uma imagem da minha pequena corça se espalhando sobre a mesa, submissa e flexível, enquanto a chama lambe contra a pele dela brilha na minha mente. Gemo quando minhas bolas ficam tensas, meu comprimento fica rígido.



Minha mão desliza no meu colo, com os dedos enrolando em volta do meu eixo através do tecido, mas em vez de reajustar, eu acaricio ao pensamento de seus lindos lábios cor de rosa e como eles ficariam deslumbrantes esticados ao redor do meu pau enquanto eu cortava o ar dela deslizando-o pela garganta.

Meus dentes mordem o final do meu cigarro para mantê-lo preso entre meus lábios e eu abro minhas pernas, deslizando na minha cadeira enquanto desabotoo minhas calças, meu abdômen tenso enquanto imagino foder a insolência dela; de mostrar a ela como a dominação *parece* como se a separasse de dentro para fora.

Sua bunda ficaria vermelha e macia de mim, forçando as desculpas de sua boca mentirosa, batendo nela com a palma da mão.

A luxúria obscurece minha razão, pois a fumaça se enrola em torno do meu rosto e, de repente, agarrá-la através do tecido não é suficiente. eu preciso de *mais*. Preciso sentir o atrito áspero da minha palma calejada quando fecho os olhos e finjo que é a boceta apertada dela, me engolindo e me bombeando até eu explodir.

Prazer percorre na ponta dos pés do topo das minhas coxas e no meu abdômen enquanto eu corro minha mão pelo eixo, apertando a ponta até que um monte de porra escorre. Minhas bolas apertam quando penso na língua dela correndo pela parte inferior do meu comprimento, traçando a veia latejante, e a tensão se enrola ainda mais quando eu imagino meu pau

enchendo-a tão cheia que ela nem conseguiria *respirar* enquanto ela engole cada gota que eu lhe desse.

O baseado cai da minha boca, o fim queimando a pele do meu estômago, mas eu deixei ficar, jogando minha cabeça para trás e gemendo através da dor.

E então, logo antes de explodir, lembro que ela se casará com meu irmão. Que *ele* experimentará todas as curvas do corpo e todas as lambidas com a língua.

Minhas mãos se sacudiram como se alguém as tivesse eletrocutado, e eu olho para o meu colo, minha ereção com raiva e pulsando enquanto implora por alívio.

Não permitirei que uma mulher interfira nos meus planos. Especialmente aquela que não me pertence.

Ela quer poder?

Ela terá que me matar para pegá-lo.

---

— Você parece assustado, senhor.— A voz de Xander corre pela porta e eu me pressiono mais para dentro da parede do corredor, sem querer que eles saibam que estou aqui.

É um momento raro. Não há guardas por perto, e eu não deveria estar aqui. Mas não consegui dormir e, enquanto me preparava para atravessar os túneis e percorrer a floresta, vi Xander deslizando pelos corredores escuros e o segui.

E agora estamos aqui, fora dos aposentos particulares de Michael, no meio da noite.

Xander correu pela porta, nem se preocupando em fechá-la completamente. Mas o erro dele é minha boa sorte.

Eu me encaixo no canto, esforçando meus ouvidos para ouvir.

— Gostaria de uma poção do sono sem sonhos?— Xander pergunta.

— Não — Michael zomba. — Essas coisas deixam minha mente confusa por horas.

Xander suspira. — Esse é o ópio, senhor. Se isso ajudasse a manter os pesadelos afastados ...

— Não fale comigo como uma criança — Michael rebate. — Se você quiser ajudar, descubra como conversar com espíritos e faça meu pai morto ficar *morto* em vez de me atormentar.

*Meu estômago retorce. Michael tem pesadelos com nosso pai?*

O silêncio retumbante é denso.

— O que?— Michael chia. — Eu vejo esse olhar patético em seus olhos, Xander. Diga algo útil ou saia do meu quarto.

Há uma corrente vil no tom dele, que ouvi sussurrada no meu ouvido desde que nasci.

Em público, Michael tem uma personalidade encantadora, se não autoritária. Mas é nesses momentos particulares que a cobra derrama sua pele e sai para brincar.

Talvez Lady Beatreaux e ele sejam mais adequados do que eu pensava.

Meu peito torce na realização.

— Você tem...

— Cuspa — Michael rebate.

— Você o viu novamente enquanto estava acordado?

O silêncio é espesso. Choque espalha em mim, minha boca se abre quando eu escuto.

— Você já pensou mais no que sugeri? Para falar com alguém?

— Estou falando com você.

— Sim, mas ... quero dizer alguém mais qualificado para ajudá-lo. Para descobrir a raiz da causa.

Outra longa pausa, tão pesada com a tensão que sangra através das paredes.

— Eles me chamariam de louco — sussurra Michael.

Um sorriso se aproxima do meu rosto, satisfação borbulhando no meu peito enquanto eu me endireito da parede e caminho em direção aos túneis.

Meu irmão não é tão infalível quanto todos acreditariam.

E as pessoas merecem saber quando estão sendo governadas por um rei *louco*.

# CAPÍTULO 17



*Sara B.*

As notícias da proposta de Michael se espalharam e as coisas estão acontecendo no castelo. Quase todo mundo no círculo interno do rei já sabia por que eu estava aqui, mas agora, suas cabeças se inclinam um pouco mais fundo, suas costas se curvam um pouco mais. O respeito que não fiz nada

para ganhar é entregue a mim em uma bandeja de prata, simplesmente porque um homem com o sangue “certo” nas veias pediu minha mão.

Marisol entrou no raiar do dia, abrindo cortinas e exibindo amostras de cores, falando sobre o baile de noivado e como era meu dever planejá-lo.

*Ela não sabe nada de dever.*

Seu cabelo loiro está penteado e seus olhos cinzentos se espalham por mim enquanto ela me mostra o trigésimo tom de roxo e me pede para compará-lo aos últimos vinte e nove, como se eu estivesse prestando atenção.

— Marisol, eu odeio a cor roxa.

— O que?— Ela meio que ri. — É a cor da realeza, minha senhora.

— Ótimo. Escolha *seu* favorito e vamos com isso.— Gemendo, levantando-me do meu lugar no sofá. — Eu preciso de um pouco de ar.

Os olhos de Marisol se estreitam enquanto ela olha para as duas amostras de tecido nas mãos, mas minhas palavras a fazem olhar para mim. — Por quê?

Meu peito queima na pergunta dela. — Preciso ter outro motivo além de algo que desejo?

Amaldiçoando os lábios, ela balança a cabeça. — Você tem uma agenda muito ocupada chegando. Você nem sempre será capaz de fugir e fazer o que quiser. Especialmente quando você é rainha.

A picada no tom dela não passa despercebido, e meus nervos se arrepiam. — Mais um motivo para tirar vantagem agora, então. Além disso ... — Eu puxo meus lábios de volta para um sorriso fino. — Eu tenho toda fé que você e Ophelia podem lidar com o resto dos arranjos do baile. Estou enganada?

Os ombros de Marisol recuam. — Claro que não, milady. Seria um prazer.

— Fantástico.— Estendo meu pescoço para o lado, o estalo revelando toda a minha tensão reprimida. — Você viu Sheina?

Marisol evita os olhos. — Eu não a vi.

Meu estômago revira. Estamos aqui há dias e, desde que minhas novas damas apareceram, parece que ela desapareceu completamente. Estou curiosa para saber o que ela está fazendo, mas mais do que isso, sinto falta da minha amiga.

— Acho que vou tentar encontrá-la.— Eu me movo em direção à porta.

— Espere! — Marisol grita. — Você não pode simplesmente correr sozinha pelo castelo.

A tensão sobe na espinha e eu me viro, dando passos calculados até ficar na sua frente. Trancamos os olhos e ela puxa um fôlego, segurando meu olhar, mas eu não digo uma palavra.

Seus dedos apertam as amostras que ela ainda está segurando e ela deixa cair o olhar.



Eu me inclino perto, minha voz calma e afiada. — Eu não estava pedindo permissão, Marisol. Você não é minha guardiã, e farei o que quiser.

— Eu... desculpa, milady.

A raiva percorre meu peito e sobe na garganta, mas eu a empurro para trás, permitindo que o ar desconfortável fique estagnado por longos momentos.

Eventualmente, eu me afasto, sorrindo. — Está resolvido então. Vou tomar um ar e você ficará aqui e planejará o baile.— Eu estendo a mão, colocando minha mão no ombro dela e apertando, minhas unhas cavando levemente no seu ombro. — Confio que você fará um trabalho incrível me representando. Afinal, não é todo dia que um rei escolhe você para ser sua esposa, e eu preciso de uma reputação *estelar*.

Seus ombros endurecem e a afirmação do que eu suspeitava escorre pelo meu interior. Ela está com inveja.

Girando, vou até a porta e viro a maçaneta, entrando no corredor pouco iluminado. Alguém aparece na minha frente, fazendo meu coração bater contra minhas costelas.

— Oh — eu ofego, minha mão subindo ao meu peito. — Timothy. Eu não esperava você aqui.

Ele não responde, apenas fica lá, com os olhos escuros me observando.

— Ainda não tem permissão para falar? — Suspirando, eu descanso uma mão no meu quadril. — Se você está sempre aqui, quem está com Sua Majestade?

Desta vez, ele reage, mas apenas pouco, levantando as sobrancelhas enquanto se aproxima.

— Então, você é meu cão de guarda agora, eu aceito? — Eu corro a mão pela manga do meu vestido. — Muito bem, vamos dar um passeio.

Eu me viro e passo em frente, ouvindo o barulho de seus passos atrás de mim.

Deve demorar cinco ou dez minutos para eu tentar falar com ele novamente. Tenho certeza de que estou perdida dentro do labirinto que são os salões do castelo, mas se Timothy não estiver disposto a intervir e ajudar uma garota, então não vou pedir para ele me guiar na direção certa.

— Você viu Sheina?— Eu pergunto, tentando pela milésima vez fazê-lo quebrar.

Não estou surpresa quando não há resposta.

— Quem é Sheina?— Uma voz alta aparece ao virar da esquina. Meus passos tropeçam com a voz e paro de andar quando Paul aparece, vestido com veludo escuro e uma camisa leve, um sorriso monstruoso no rosto.

— Paul, eu esperava vê-lo novamente.— Eu sorrio.

Seu olhar cai atrás de mim, pousando em Timothy antes que eles voltem para mim. — Você estava?

— Você conhece Timothy?

— Melhor que ninguém.— O sorriso de Paul se alarga, o cabelo ruivo saltando enquanto ele coloca as mãos nos bolsos. — Timmy é meu melhor amigo.

Choques genuínos ondulam no meu peito e eu torço para olhar para o guarda atrás de mim. — Oh? — Volto, levantando a mão para cobrir a boca enquanto falo com Paul. — Ele não gosta de falar comigo, sabe? Eu acho que ele está intimidado.

Paul sorri. — Disso, não tenho dúvida.

A diversão flutua no meu peito, leve e arejada, e eu dou boas vindas a sensação, esperando que se eu me segurar a suficiente, ela grude. — Estamos dando um passeio. Gostaria de se juntar a nós?

Paul hesita, balançando de volta. — Não tenho certeza se é sensato ser visto comigo pelo castelo, milady.

Eu levanto uma sobrancelha, irritação sangrando na minha pele. — Por que você não me deixa me preocupar com isso?

Um sorriso bonito toma conta de seu rosto, dentes brilhando enquanto ele acena e caminha até mim, esticando o braço. — Bem, nesse caso.

Eu aperto minha mão na curva do cotovelo e permito que ele me acompanhe pelo corredor, esperando que me leve na direção certa, já que claramente Timothy se contenta em me permitir andar em círculos. Mas ele não nos leva para a frente do castelo, como eu espero. Em vez disso, nos leva por corredores estreitos e passa por inúmeras salas antes de chegarmos a um pequeno enclave com uma porta de madeira escura.

— Esta é uma sala secreta?— Eu olho para ele.

Paul sorri enquanto caminha até a porta e a abre. — Melhor.

O ar frio de setembro passa pelo meu rosto enquanto eu ando em sua direção e entro no espaço aberto, nuvens pairando sobre os céus e escondendo o sol; como sempre em Saxum. Ondas caem à distância, informando que estamos perto de onde o Oceano Vita encontra a beira do penhasco perto da parte de trás do castelo.

Mas à nossa frente há um lindo jardim, cheio de flores roxas e brancas deslumbrantes, pequenas gotas de água batendo nas pétalas, sobras da chuva do início da tarde. Gárgulas e esculturas estão espalhadas por toda parte, musgo verde-escuro se espalhando pelos lados e se misturando com o cinza de sua estrutura, e uma impressionante fonte de três camadas fica no centro, dois bancos pretos com acabamento dourado em ambos os lados.

— O que é esse lugar?— Eu pergunto.

— O jardim da rainha — diz Paul.

Eu levanto uma sobrancelha.

— A Rainha-mãe passou muitos dias aqui quando estava grávida de Sua Majestade, e depois novamente com Sua Alteza Real.— Grama se tritura sob os pés de Paul enquanto ele se move para ficar ao meu lado. — Ninguém realmente vem mais aqui. Mas é um bom lugar para relaxar.

— É lindo.— Afasto-me dele e mais perto da fonte, meu peito esquentando a cada passo. E então eu olho além, para a floresta que nos rodeia. Árvores densas. Mil tons diferentes de verde se elevando à distância, lembrando-me de quão isolado é o castelo Saxum.

Girando, abro a boca, prestes a perguntar se é seguro andar, mas as palavras ficam na minha língua quando vejo Paul e Timothy abraçados juntos, meu guarda mudo jogando a cabeça para trás na gargalhada, a mão dele subindo para descansar no ombro de Paul.

É uma visão chocante. Eu estava convencida de que ele não sabia rir. Uma dor oca se espalha pelo centro do meu peito enquanto eu os pego, com inveja da facilidade com que eles caem na companhia um do outro. Não tenho certeza se já experimentei isso. Eu reviro meu cérebro, tentando criar uma única e solitária lembrança de baixar minha guarda e apenas estar com outra pessoa, mas fica em branco.

A dor cresce, envolvendo-se nas câmaras do meu coração e apertando.

Uma risada abafada voa pelas árvores, mas é o suficiente para chamar minha atenção e despertar minha curiosidade. Está vindo das margens da floresta e, sem pensar, sigo o barulho, caminhando direto para o pinheiro.

Galhos quebram sob meus pés, e eu seguro o tecido das minhas saias, subindo-as enquanto atravesso as árvores, procurando o riso. E então duas figuras na base de uma sempre-verde espessa aparecem, e meus passos tropeçam enquanto eu agarro o tronco na minha frente, me envolvendo nas sombras de suas folhas.

Simon sentado de pernas cruzadas, com os olhos arregalados e a boca aberta em um sorriso gigante. Mas é o homem que ele enfrenta que rouba minha respiração. O príncipe Tristan sentado no chão de terra, espelhando a posição de Simon, as costas curvadas e os cabelos negros desgrenhados caindo sobre a testa enquanto as sobrancelhas se juntam em concentração. Ele mantém o braço de Simon firme em uma mão, a outra se movendo para frente e para trás, com a ponta de uma caneta-tinteiro pressionada contra o braço de Simon.

Ele está o mais casual que eu já o vi, vestindo calças pretas com suspensórios combinando sobre uma túnica creme, enrolada nas mangas. Meu núcleo espasma, calor correndo por todas as veias.

Eles ainda não me notaram, então aproveito a oportunidade para ser invisível, meus olhos brilhando sobre o corpo de Tristan, os desenhos em seus antebraços ganhando vida com seus movimentos, como se estivessem vivendo, respirando coisas em vez de obras de arte pintadas em sua pele.

Ele parece desprotegido, seus traços mais suaves que o normal quando se inclina, os cantos da boca se inclinam enquanto Simon continua rindo ao lado dele.

— Fique quieto, leãozinho.— Sua voz é baixa e áspera, e a lembrança de suas palavras sussurradas na catedral envia arrepios brotando ao longo do meu pescoço.

— Cócegas — diz Simon de volta.

Respiro fundo, tentando controlar a maneira ridícula como meu corpo está reagindo a um pensamento simples, e mudo de pé. Um galho quebra e a cabeça de Simon sobe, com os olhos apertando enquanto pousam nos meus.

Tristan nem vacila com seus movimentos, ignorando que havia algum barulho.

— Oi, senhora.— Simon diz. — O que você está fazendo aqui?

Meu coração bate no peito, deixando minhas mãos úmidas e eu limpo minha garganta enquanto chego mais perto, meus olhos passando entre os dois.

— Explorando — respondo, sorrindo. — O que você está fazendo?

O sorriso de Simon se alarga, sua espada de brinquedo deitada ao seu lado.

Quando olho mais de perto, noto que um de seus olhos tem um tom escuro, manchando o marrom claro de sua pele e fazendo com que pareça marcado e roxo.

Eu respiro fundo, mas não permito que meu olhar permaneça, não querendo deixá-lo desconfortável, mesmo que o pensamento de algo ou alguém atacando esse garoto faça meu sangue ferver como um vulcão prestes a estourar.

Olhando para baixo, percebo que Tristan está, de fato, desenhando Simon. E ele não me reconheceu, o que faz meu interior coçar. Aproximo-me ainda mais e meu pé se agarra a mais um galho. Uma ligeira pontada irradia pelo meu tornozelo e eu assobio com a dor.

— Talvez da próxima vez que você decidir atravessar florestas, você deva se vestir para a ocasião — diz Tristan, sua voz acalma minha pele como uma carícia macia.

Eu sorrio e estreito meus olhos. Mas ele ainda não está olhando para mim, mantendo o foco no braço de Simon.

— Eu não estou *vagueando*, ouvi uma risada e vim investigar.

Agora ele para, olhando para mim. — Você está aqui sozinha?

— Sim.— Eu levanto meu queixo. — Bem, tecnicamente, Timothy e Paul estão no jardim.— Eu me viro para olhar para trás de mim. — Eles provavelmente estão me procurando.



Simon da risadinhas. — Aposto que eles estão felizes por você ter saído.

— Isso não é muito legal.— Minhas mãos caem nos meus quadris. — Fique sabendo que sou uma companhia fantástica.

— Bem, sim, mas Timmy e Paul se amam.

Minhas sobrancelhas se aproximam. — O que você ...

— Simon.— A voz de Tristan é nítida.

Meus olhos saltam entre eles, mas eu deixo para lá, arquivando as informações para mais tarde. Em vez disso, desço, ignorando a maneira como meu espartilho cava no topo das minhas coxas da manobra. Não quero que Tristan saiba que ele está certo, que é desconfortável estar aqui com o que estou vestindo.

— O que você está desenhando?

Simon morde o lábio. — Eu queria uma tatuagem, mas ele disse que não.

— Então, é temporário? — Eu me inclino para mais perto para olhar.

E quando o faço, meus pulmões se comprimem como se alguém chegasse ao meu peito e roubasse minha respiração. Eu já vi obras de arte antes. Centenas de pinturas estão no castelo e dezenas de outras em minha casa em Silva. Mas nunca vi arte assim. Meus olhos se arregalam, o coração dispara enquanto eu corro para frente para dar uma olhada melhor.

É *deslumbrante*, e um nó entra na minha garganta, o simples ato de olhar para ela, causando emoção no meu peito e se trancando nas rachaduras da minha alma. A maneira como a mão de Tristan desliza pela pele como um barco em cima da água envia formigamentos escorrendo por mim, como se ele estivesse tocando-*me* a cada golpe. É incrível a maneira como ele comanda a caneta; linhas intrincadas e sombreamento de um dispositivo que eu nem consigo direcionar direto no papel.

O desenho em si parece que a pele de Simon se rasgou, como tecido desfiado marcado com cortes e buracos. E atrás dela; o rosto de um leão, com tanta profundidade em suas feições que parte de mim está convencida de que rasgará seu braço e saltará para me devorar inteira.

Minha boca abre enquanto Tristan continua a desenhar, mente imprecionada em seu talento. Ele olha para mim novamente, e eu fecho minha mandíbula tão rápido que meus dentes se chocam juntos. Um sorriso estica o canto dos lábios enquanto olha para trás.

— O que fez você querer tatuagens, Simon?— Eu pergunto, ignorando a maneira como meu estômago parece que mil borboletas estão voando. É um sentimento indesejável. Prefiro ficar aqui no chão.

Simon encolhe os ombros, mordendo o lábio inferior enquanto olha para o rosto de Tristan. — *Ele* as tem.

Meus olhos piscam para Tristan, cuja mandíbula se aperta enquanto ele continua trabalhando.

— E eles estão com muito medo de machucá-lo — continua Simon. — Pensei que talvez se tivesse algumas ... eles também me temessem.

Minha boca seca, um balão se expandindo na minha garganta.

Tristan se inclina para trás, sacudindo o cabelo do rosto. — Você está pronto.

O olhar de Simon aumenta. — Eu amo isso. Você acha que vai funcionar?

Ele solta um fôlego. — Isto é para *you*, não para eles. Esqueça eles.

— Eu não sei como.— Simon funga, movendo o braço para frente e para trás, os olhos do leão seguindo o movimento. — O que acontece quando lava?

— Então eu vou desenhar de novo.

— Lady Beatreaux.— Uma voz alta soa atrás de nós, e eu levanto minha cabeça, trancando os olhos com Tristan, tantas palavras não ditas flutuando no espaço entre nós.

Não desprezei ninguém mais do que ele. Ele é vil e grosseiro, e tudo o que eles me avisaram que seria. E, no entanto, agora, eu não o odeio.

Timothy aparece através da folhagem, as sobrancelhas abaixadas e uma carranca marcando seu rosto.

Eu suspiro, de pé.— Olá, Timothy. Por que você demorou tanto?

— Você não deve fugir.

Um sorriso quebra no meu rosto. — Eu teria feito isso mais cedo se soubesse que é tudo o que preciso para ouvir sua voz. Além disso ... — Eu levanto um ombro. — Eu não sou criança e não aprecio todo mundo fingindo que sou.

Seu queixo está apertado e seu olhar se move para Simon e Tristan, com as costas endireitadas. — Sua Alteza Real.— Ele se curva.

As feições de Tristan endurecem em pedra enquanto ele está de pé, e eu juro que o ar fica frio quando ele se transforma do homem que ele era no que todo mundo vê.

*O príncipe marcado.*

Ele não fala, mas quando se move para andar por mim, sua mão roça contra a minha, nossos dedos se enroscando pelo menor momento. E a maneira como meu coração sai do ritmo deve ser o maior aviso que já tive.

Mas, como fiz com quase todas as emoções que dizem respeito ao príncipe, ignoro.

# CAPÍTULO 18



*Tristan*

O andar de cima da The Elephant Bones Tavern tem um corredor estreito com um pequeno banheiro e dois quartos flanqueando de ambos os lados, um dos quais é mantido limpo sempre que eu escolher ficar. O que, admito, tem sido escasso ultimamente. Passei mais do meu tempo no castelo, tanto

porque Lady Beatreaux me fascina, quanto também porque gosto de estar disponível quando Simon precisa escapar.

Mas Edward me diz que a moral está baixa, já que eu não tenho feito tantas aparições, então hoje à noite estou aqui para remediar isso. Aparentemente, queimar o corpo do comandante do rei não foi suficiente para provar que ainda estou focado na causa.

Subo as escadas e desço o corredor até a sala, confusão se aproximando de mim quando ouço barulhos abafados por trás da porta.

Minhas sobrancelhas se juntam e eu torço a maçaneta, o ar batendo no meu rosto enquanto a porta se abre, batendo contra a parede. Ele chia como se pudesse quebrar no impacto, e é o suficiente para assustar as duas pessoas nuas e na cama.

Eles pulam, lutando. A mulher grita quando o homem se afasta dela, e ela agarra os lençóis, puxando-os pelo peito, os olhos ficando arregalados quando ela me observa.

Inclino minha cabeça, catalogando suas feições, raiva queimando através de mim quando noto seus cabelos loiros e sardas.

A dama de companhia da pequena corça. Bochechas rosadas e fodida recentemente pelo meu soldado mais confiável.

Edward.

Como ele ousa trazê-la aqui.

Meus punhos se apertam ao meu lado, meu olhar balançando para ele enquanto ele puxa suas roupas. — Sua Alteza, eu...

Eu levanto a mão, cortando-o no meio da frase, meus olhos seguindo a forma da garota enquanto ela se enrola. — Você me trouxe um presente, Edward?

Ele engole quando termina de abotoar as calças, passando a mão pelos cabelos desgrehados.

— Tão atencioso da sua parte — continuo.

A garota foge mais para trás na cama, presumivelmente para colocar mais distância entre nós. Eu ando em direção a ela até estar ao lado do pequeno colchão e me estendo, segurando seu braço nu, puxando-a do local antes de empurrá-la para o chão de madeira.

Ela faz um barulho estridente, e o som de seu medo envia adrenalina pelas minhas veias. Isso parece tirar Edward de qualquer labirinto em que ele estivesse, e ele avança, agarrando as roupas da mulher e caminhando para ficar ao meu lado enquanto empurra para ela.

Eu ri. — Um pouco tarde para modéstia, você não acha?

Suas bochechas esquentam e eu aceno minha mão em um movimento para aplacar pelo ar. — Por todos os meios, querida. Vista-se.

Ela puxa suas roupas para mais perto do peito, mas não faz outro movimento. A irritação vibra através dos meus ossos. — Eu não gosto de me repetir.

— Sheina, por favor — pede Edward. — Faça como ele diz.

— Eu não quero que ele me veja — ela sussurra no chão.

— Eu te digo uma coisa. Você leva alguns minutos, Sheina. Recompnha-se.— Chegando mais perto, eu abaixo, passando a mão sobre os cabelos despenteados. — E então desça as escadas, onde podemos descobrir exatamente o que fazer sobre essa... *situação*.

— Ela não sabe nada — sussurra Edward.

A raiva deixa minha língua afiada. — Ela sabe o suficiente.

Ele pressiona os lábios juntos e, pelo menor momento, acho que talvez ele lute por ela. Mas ele simplesmente deixa cair a cabeça e assente.

— Dez minutos — digo, virando-me para a porta e indo para a escada.

Meus ombros se apertam, minha mente dispara, entre descrença e decepção. Nunca questioneei a lealdade de Edward. Mas, novamente, ele nunca me deu motivos.

Não quero dar um exemplo dele, mas às vezes essas coisas são inevitáveis.



As escadas rangem quando eu passo e, quando chego ao fundo, atravesso a sala até chegar a Belinda, que está sentada no colo de Earl, passando a mão pela barba desgrenhada e gargalhando.

Os dois se endireitam quando me aproximo e ela pula, caindo no chão. — Senhor — ela sussurra.

— Há uma mulher lá em cima com Edward. Certifique-se de que eles não vão embora.

— Claro.— Ela estende a mão, agarrando minha mão e beijando meus anéis, e uma onda de satisfação flui através das minhas veias por sua subserviência.

De todos os meus seguidores, ela é sem dúvida a mais leal.

— Se eles tentarem fugir, mate-a. E traga Edward para mim.

Ela se endireita, os olhos maníacos enquanto brilham.

Dirijo-me ao palco, onde fica uma cadeira de veludo preto e encosto; um trono para vigiar meu povo. Não é nada próximo da coisa real - daquilo que eu *mereço* - mas, no momento, funciona.

Minhas botas batem contra a madeira enquanto eu sento, abrindo minhas pernas largas e batendo as pontas dos dedos no braço da cadeira, olhando para o cômodo. Todo mundo está ocupado engolindo sopa e pão que eu mandei Paul fazer, e as mesas estão cheias de casacos forrados de pele para se preparar para os meses de inverno. Um presente por sua lealdade.

Alguns minutos se passam até eu ouvir o pesado baque de passos. Meus olhos tremeluzem para o canto da sala, passando pelas longas mesas em estilo de piquenique, para onde a borda do bar encontra a escada. Edward e seu novo amor se afastam, com a cabeça abaixada enquanto se aproximam de mim, Belinda cutucando as costas.

Descanso o queixo nas juntas dos dedos, observando enquanto eles tecem através das mesas e bancos até chegarem à borda da plataforma. O barulho ao nosso redor acalma quando as pessoas tomam nota de algo acontecendo, e me agrada que eu não precise chamar a atenção deles.

— Ajoelhe-se diante da Sua Alteza, garota — Belinda assobia, empurrando os ombros da garota até que ela caia de joelhos.

Edward dá a Belinda um forte olhar, avançando até que ele se coloque entre elas.

Eu sorrio para o seu apego óbvio e espero que ele siga o exemplo.

Ele não faz, e meu sorriso cai, meu interior fervendo. — Você não se curva mais diante de mim, Edward?

Seus olhos travam nos meus quando ele cai de joelhos.

Desconforto escorre através de mim com sua hesitação.

— Amigos.— Meus dedos agarram a borda do meu trono enquanto me inclino para a frente e olho para a multidão. — Parece que temos uma nova camarada em nosso meio. E do *castelo*, nada menos.

Murmúrios se espalham pela multidão.

— Diga-me, você está aqui para se juntar à nossa causa?— Meus dedos arranham contra minha mandíbula.

Sheina não responde, seus ombros tremendo enquanto olha para o chão.

Sua desobediência faz meu sangue estalar, doendo para amarrá-la e fazê-la gritar; usá-la como um exemplo para mostrar o que acontece quando você me desagrada.

— Ou talvez você estivesse aqui apenas para ser fodida pelo comandante do rei — eu cuspo.

Ela suspira, a cabeça chicoteando para mim, as bochechas ficando coradas.

Edward avança. — Pare.

Essa palavra.

Tão simples assim, palavra *boba* é a faca que corta meu controle, e eu levanto do meu assento voando pela plataforma até estar na frente dele, a parte de trás da minha mão batendo no seu rosto. Sua cabeça chicoteia para o lado, sangue espirrando no chão de onde meus anéis cortam sua carne, e ele tropeça, se aprumando antes de cair.

Espero até ele se levantar antes de agarrar o braço e torcer até que os ligamentos apareçam sob meus dedos. Ele cai de joelhos, um pequeno gemido escapando dos dentes cerrados.

— Você não me diz para *parar*.— Eu sibilo.

Ele estremece. — Eu... Eu a trouxe aqui para você.

Minhas sobrancelhas saltam, surpresa filtrando através de mim. Eu não esperava que ele dissesse isso.

— Oh?— Eu pergunto, meus olhos olhando para ela, imaginando se ele está simplesmente tentando salvá-la da morte. — Então você é um presente.

Eu libero Edward e me movo em sua direção.

— Diga a todos o seu nome — eu ordeno.

— Sheina — ela sussurra, lágrimas escorrendo pelo rosto.

— Sheina.— Deixei as sílabas rolares na minha língua, debatendo se devo anunciar que sei exatamente quem ela é. Mas no último momento, eu decido contra. — E quem é você para o rei?

— Ninguém.

Minhas narinas inflam enquanto eu a olho. — Fale mais alto para que todos possam ouvir.

Ela se senta mais reta, o peito cheio de fortes respirações. — Eu disse ... eu não sou ninguém.

— E sua nova rainha?— Eu levanto uma sobrancelha.

Sua respiração vacila, e até *eu* posso sentir os olhos das pessoas enquanto seus olhares queimam nas costas dela.

— Nenhuma resposta para essa, não é?— Eu murmuro, agachando-me e levantando o queixo. — E quem é você para *mim*?

Sua língua passa pelos lábios e ela engole, olhando para Edward. Ele acena para ela, com a mão esfregando para cima e para baixo no braço.

Ela se vira, com o olhar opaco travando no meu. — Eu sou quem você precisa que eu seja.

Eu solto um pequeno suspiro, beliscando a mandíbula antes de largar a mão e ficar em pé. Ela não é leal à causa e, mesmo que fosse, isso não muda o fato de Edward ter trazido uma estranha - uma estranha *perigosa* - em nossa base e em nossa operação sem me dizer. Mas ela é uma nova ferramenta no meu arsenal, para a qual posso encontrar utilidade.

Cruzando meus braços, eu a olho. — Você pode se levantar.

Ela coloca as mãos na frente dela, empurrando o chão de madeira suja enquanto fica de pé, escovando os dedos na frente do vestido. Chegando perto, eu agarro cabeça dela, inclinando para que ninguém possa ouvir. —

Você será leal a mim, ou eu farei você assistir enquanto estripo todos que você ama.

O corpo dela treme sob o meu toque.

— E então eu vou prendê-la como um pesadelo e deixar as *hyenas* enfiarem seus paus onde quiserem até que você esteja aberta e quebrada. Vou mantê-la viva apenas por seus prazeres selvagens.— Eu me afasto para olhar em seus olhos brilhantes e aterrorizados, e minha mão livre cobre sua bochecha. — Eu continuarei mesmo quando você estiver implorando pela morte. Você entendeu?

Ela assente e depois soluça, as bochechas molhadas de lágrimas.

Volto, sorrindo enquanto encaro o resto da sala com os braços abertos.

— Todos, dêem as boas-vindas a nossa mais nova guerreira. Ela está aqui para se juntar à luta.

# CAPÍTULO 19



*Sara B.*

— Eu não sou uma idiota, Marisol, eu sei dançar.

Ela franze os lábios, sua coisa favorita a fazer hoje em dia, e coloca a mão no quadril. — Esta será sua primeira dança com Vossa Majestade.

Caminhando até a beira do salão, pego um copo de água e engulo, desejando que essa terrível “aula” acabasse. Eu tenho aulas de dança desde criança. Eu sei o que fazer.

— É estranho quando seu parceiro é outra mulher, só isso.— Eu levanto meus ombros.

Ela bufa. — Milady, só estou tentando impedir que você se envergonhe e ao rei.

Meus olhos se estreitam, seu insulto velado deslizando pela minha pele como agulhas. — Não, é claro que não gostaríamos de fazer isso.

Ela passa para o fonograma cilíndrico, com a extremidade grande do sino saindo como um instrumento de metal e move a borda estreita para baixo até a música tocar. Respirando fundo, estalo meu pescoço assim que a porta do salão de baile do outro lado da parede se abre.

— Eu perdi alguma coisa divertida?— A voz de Sheina flui pela sala e eu giro, um sorriso aparecendo no meu rosto.

— Sheina! Onde você esteve? Eu senti sua falta.— Eu jogo meus braços e a arrasto para um abraço, meu peito esquentando.

— Sou terrível por desaparecer, não sou?— Ela aperta seu domínio sobre mim. — Eu tenho muito a lhe dizer — ela sussurra no meu ouvido.

Acenando, eu desfaço nosso abraço, minhas mãos seguindo seus braços até que eu possa apertar seus dedos com os meus. A curiosidade se instala



nos cantos da minha mente, imaginando o que ela tem a dizer e onde ela esteve.

— Algo que eu possa ajudar?— ela pergunta, olhando em volta.

— Não, a menos que você possa me encontrar uma dançarina melhor?— Eu me viro para Marisol, torcendo o nariz. — Sem ofensa.

Marisol suspira, suas sobrancelhas loiras franzindo. — Isso não faz sentido.

Uma risada me escapa. — Oh, vamos lá, Marisol. Relaxe! — Eu ando em sua direção, estendendo a mão e segurando seu ombro. — Tudo vai ficar bem. Você está fazendo um trabalho incrível gerenciando tudo e lamento estar dificultando as coisas para você. Mas eu sei dançar, prometo.

Seus olhos se suavizam, o canto dos lábios se inclina e ela assente, exalando um suspiro pesado. — Sinto muito por ser tão ... bem, você sabe.— Ela encolhe os ombros. — Planejar um baile é muita pressão.

Eu sorrio. — Foi por isso que lhe encarreguei da responsabilidade. Eu sei que você pode lidar com isso melhor do que qualquer outra pessoa.

Suas feições se iluminam quando ela assente.

— Por que você não faz uma pausa e permite que Sheina e eu nos atualizemos?— Aperto o ombro dela, esperando que não discuta comigo. Eu sei que ela não deseja estar aqui mais do que eu.

— Obrigada, milady.— Ela faz reverência antes de atravessar o salão de baile, desaparecendo nos corredores do castelo.

Não é até a porta se fechar atrás dela, ecoando no teto arqueado e nos pilares de pedra, que eu solto meus ombros e relaxo, virando-me para olhar para a minha amiga mais próxima. Aquela que se pareceu uma estranha desde que chegou aqui.

Um sorriso rompe no meu rosto e ela o espelha, nós duas explodindo em risadas.

— Eu não acho que ela goste de mim — digo através do riso.

Os olhos azuis de Sheina brilham. — Eu não acho que ela goste de ninguém.

Minhas mãos descansam nos meus quadris, minha cabeça inclinada para o lado. — Estou bastante confiante de que ela gosta muito do meu futuro marido.

Suas sobrancelhas atiram na linha do cabelo. — Não, você acha? Ela é uma das amantes dele?

Eu levanto um ombro. — Quem pode dizer? Tenho certeza que ele tem várias. Pelo que sei, *você* poderia ser uma.

Ela empurra no meu ombro. — Por favor, Sara. Seja realista.

— Bem, o que eu sei? Trouxe você para ser minha dama de companhia, e você é como um dos fantasmas que afirma assombrar o castelo.

Seu sorriso cai, dedos emaranhados na frente dela. — Sinto muito, não fique brava. Eu só....— Olhando para o lado, suas bochechas ficam rosadas.

Meu peito se aperta. — O que é?

— Eu conheci alguém — ela sussurra. — Ele é um general nas forças armadas do rei e é...*tudo*.

Meus olhos se arregalam, surpresa caindo como um peso de chumbo no meu intestino. — Já?

— Ele é muito bonito. E muito bom em ... outras coisas. — O rosa em suas bochechas aparece.

Eu levanto minhas sobrancelhas, incapaz de impedir que o sorriso se espalhe pelas minhas bochechas. — E você *me* chama de garota má.

Suas mãos se levantam para cobrir seu rosto e geme nelas. — Eu sou tola.— Olhando para cima, ela estende a mão para agarrar minha palma com a sua. — Mas não vou desaparecer novamente. Me desculpe.

O meio do meu estômago queima em aviso, como sempre acontece quando minha intuição está me cutucando, gritando para prestar atenção. — Bem, eu conheço o homem misterioso?

Suas feições endurecem, e a mudança em sua energia aumenta através de mim como uma flecha.

*Algo está errado.*

— Eu adoraria te apresentar — diz ela.

Mas o seu sorriso não atinge os olhos.

---

— Eu quero voltar ao jardim da rainha. Você vai me ajudar a chegar lá?

Eu espio Timothy por trás do topo do meu livro de poesia. Ele se senta na espreguiçadeira junto à lareira na minha sala de estar, seu corpo o mais relaxado que eu já vi. Desde que ele foi forçado a falar comigo na floresta, ele relaxou, e enquanto estivermos em meus aposentos particulares - nos quais ele realmente entra agora enquanto outras pessoas estiverem presentes - ele me agrada com sua bela voz.

Acontece que ele não é um peixe tão morto, afinal.

— Por quê?— ele questiona.

Minhas sobrancelhas se levantam e eu ligo meu livro. — Bem, prefiro deixar o castelo completamente, mas tenho certeza de que você não

permitirá isso, já que aparentemente ficar noiva é como regredir em uma adolescente que precisa de uma babá.

A testa dele franze. — Você está me chamando de sua babá?

Eu encolho os ombros. — Como mais você chamaria isso?

Ele franze os lábios. — Eu pedi para ser seu guarda.

— Você pediu?— Meu estômago revira. — Não sei se devo me ofender por você achar que preciso de um ou honrada por ser você.

Ele inclina a cabeça. — Você vai ser a rainha. Se alguém precisa de proteção, milady, é você.

A maneira como ele diz isso me deixa arrepiada, como se soubesse alguma coisa, algo que ele não está deixando transparecer.

— De quem?— Eu pronuncio.

Seus olhos se movem em mim para Ophelia, que está espreitando para nós por cima de seu bordado. Quando eu viro para encará-la, ela abaixa os olhos, fingindo que não está prestando atenção.

— Não importa — eu digo, levantando-se. — Se você não sabe como chegar ao jardim, basta dizer.

Ele zomba, levantando-se de seu assento. — Conheço todos os corredores deste castelo.

— Oh? — Minhas sobrancelhas sobem. — *Todos* deles?

Antecipação ilumina meu interior. — Ophelia, vamos dar um passeio. Você gostaria de vir?— Peço para ser educada, mas tudo dentro de mim espera que ela diga não.

— Não, milady, Marisol deve se encontrar aqui para organizar o menu do jantar para o baile.

Eu enrugo meu nariz. — Isso parece horrível.

Ela sorri. — É por isso que você está nos fazendo fazer isso.

Indo até Timothy, eu ligo meu braço no dele. O queixo dele inclina enquanto olha para onde estamos conectados, e eu sorrio para ele, nos movendo em direção à porta. No segundo em que se abre, ele abaixa meu braço, adotando um olhar glacial; o homem de momentos antes desaparecendo no ar.

Fico em silêncio o tempo todo, memorizando nossos passos para que eu possa me esgueirar e voltar sozinha, mas quando estamos na porta do jardim, giro, apontando o dedo para o peito dele. — Você disse que conhece *todos* os corredores.

— Eu conheço.

— Até os ocultos?

Seus olhos escuros olham para mim como se ele estivesse deliberando sobre como responder, e isso por si só é suficiente para provocar emoção no meu interior. *Ele sabe do que estou falando.*

— Você vai me mostrar?— Eu pressiono.

Ele fica em silêncio por longos momentos tensos, o músculo da mandíbula se tensionando repetidamente. Finalmente, assente.

Um sorriso se arrasta no meu rosto, satisfação percorrendo minhas veias.

Ele chega a lateral, colocando a mão em uma arandela. Eu assisto seus movimentos, fascinada, meu coração bombeando nos meus ouvidos.

Eu me pergunto se, quando olhar para trás, pensarei neste momento como aquele em que percebi que tudo se esconde à vista. Porque a parede que eu estava olhando desaparece, revelando uma passagem escura e estreita em seu lugar.

# CAPÍTULO 20

TRISTAN



*Tristan*

Quando Michael e eu éramos crianças, meu pai costumava estar ocupado demais para passar um tempo conosco, e minha mãe não se importava.



Mesmo se ela tivesse, não é assim que funciona na monarquia. As rainhas não são destinadas a criar seus filhos; são apenas para reproduzi-los.

Como resultado, e como era de se esperar, foram as babás que nos criaram. As outras crianças que vagavam pelos corredores eram famílias dos criados, com quem não podíamos brincar ou não podiam brincar conosco. Mas Michael de alguma forma sempre tinha seu grupo de amigos, e eles nunca perderiam a oportunidade de vir me encontrar e causar terror.

Eu era presa fácil. Eu não tinha interesse em ser o centro das atenções e preferia ficar à margem com meu caderno de desenho, observando enquanto todos os outros interagiam.

Você pode aprender muito sobre a natureza humana quando observa de fora olhando.

Por alguma razão, meu irmão não gostou disso comigo. Ele não gostava de *nada* sobre mim, nem eu nele. Estamos conectados apenas por sangue e, mesmo quando criança, eu imaginava acorrentá-lo por seus braços e drená-lo de cada gota de sangue, apenas para romper nossa conexão.

Naquela época, é claro, eu não tinha os meios.

E são necessárias tantas vezes para ser jogado na terra e dizer que você é uma aberração para acreditar nisso. Isso porque se você é um pouco diferente, você é de alguma forma menos.

Fui espancado por punhos raivosos e descartado com “crianças sendo crianças”, e o fato de que, quando se tratava de família, eu era invisível e sem importância, agravava o sentimento. Ser o segundo filho me deu liberdade, mas eles me forçaram a viver na sombra de Michael.

Mas pelo menos por um tempo, meu pai se importava.

Ele me levava até a beira do penhasco, mostrando-me as constelações e como, mesmo nas noites mais escuras, iluminam o caminho de casa. Eu apreciei as noites tranquilas com ele, porque era a única vez que eu sentia que pertencia. Ele *me via e me amava*.

Mas, à medida que envelheci, os encontros noturnos ficaram escassos, seu tempo para mim foi substituído por preparar Michael para ser rei.

Assim como todos os outros, eventualmente, fui esquecido.

E as estrelas não brilham tão intensamente quando você as olha sozinho.

Michael era o príncipe coroado, e eu era apenas ... eu. Então, eu nunca entendi o por que, quando ele tinha tudo, ele sempre se certificava de que eu também tinha menos do que nada.

Pensei que, à medida que envelhecessemos, as coisas melhorariam, mas o oposto acabou sendo verdade. Os empurrões se transformaram em tortura prolongada e costelas machucadas se transformaram em ossos fraturados. Eu me afundei nos túneis secretos do castelo apenas para fugir.

Foi então que percebi que eles conduziam pelas montanhas e até o meio da floresta. E foi *também* lá que eu decidi parar de ser vítima de Michael, passando horas visualizando o dia em que eu pegaria tudo dele, e todos os outros que me prejudicaram ou ficaram em silêncio e observaram.

Essa é a coisa do ressentimento. Cresce e envolve cada pedaço de você como hera, alimentando-se da raiva até ficar tão enredada que se torna você. Vive, respira, *pulsa a* encarnação do ódio.

E para mim, o garoto que foi jogado para o lado como lixo, não tive nada além de tempo para derramar água nas ervas daninhas. Deixei-a apodrecer e crescer até que apagasse todo o resto.

Michael sempre foi mais forte fisicamente.

Mas sou muito mais inteligente.

E ele não merece sentar no trono.

A cicatriz no meu rosto dói e a afasto, rangendo os dentes enquanto me concentro na madeira escura do baú que guardo embaixo da cama. Meu interior dança quando fecho a trava de metal na frente e a coloco de volta em seu esconderijo, antes de pegar uma vela acesa e sair do meu quarto e entrar no corredor.

Ando pelos corredores até chegar aos túneis. É a única maneira de chegar ao escritório do meu irmão sem ser detectado e, como é o meio da noite, ninguém estará por perto. Os túneis são escuros e estreitos, o frio da pedra

escorrendo pelas paredes e se depositando nos meus ossos. Eu pego meu ritmo, alegria genuína escorrendo pelas minhas veias enquanto imagino o rosto dele quando ele vê o que eu deixei para ele.

Algo faz barulho ao virar da esquina, e eu paro meus passos, levantando a cabeça para ouvi-lo novamente.

*Quem estaria nos túneis a essa hora da noite?*

Poucas pessoas sabem deles.

Um suspiro profundo reverbera das paredes e, assim que o ouço, relaxo, agarrando o cigarro enrolado por trás da orelha e encostando-me na pedra fria, trazendo a vela para os meus lábios para acendê-lo.

Eu sopro uma nuvem de fumaça no ar, um pé cruzando o outro enquanto espero, faíscas mordendo o revestimento do meu íntimo. De repente, os passos param e, além do som agitado da respiração, o silêncio pressiona ao meu redor.

— Muito corajosa para uma pequena corça entrar nos túneis à noite.

Ela não responde, e o som de suas exalações desaparece, como se estivesse tentando se manter em segredo.

*Como se ela pudesse se esconder de mim.*

— Se você não sair, presumo que queira que eu a persiga. E entre nós dois, você está em uma grave desvantagem. — Espero mais alguns

momentos antes de deixar o baseado cair no chão e pisar com o canto da minha bota. — Muito bem.

— Espere!

Meu estômago pula quando ela aparece ao virar da esquina, uma pequena lâmpada de óleo na frente do rosto, fazendo-a parecer quase etérea no escuro.

Eu levo meu tempo a absorvendo, meu olhar viajando pelas pontas de suas botas, por cima de suas calças pretas e capa escura, até o seu cabelo que é puxado para um coque na nuca.

Um sorriso lento rasteja ao longo do meu rosto. — Parece que você não é absolutamente boa.

Ela levanta uma sobrancelha. — Alguém poderia dizer o mesmo sobre você.

— Quem já disse que *eu* fui bom?

Ela se mexe, mordendo o lábio inferior. O movimento é um tiro certo na minha virilha, doendo para sentir sua pele entre *meus* dentes, imaginando como seria ter o sangue dela na minha língua.

Ela suspira, passando a mão sobre o rosto. — Você não vai ... não vai contar a ninguém que eu estava aqui, vai?

— Isso depende.— Eu me aproximo. — O que ganho em troca?

Sua boca se abre. — Eu ... o que você quer?

Dou outro passo, e depois outro, até que as pontas das minhas botas toquem nas dela. Estou tão perto que vejo os músculos do pescoço dela funcionarem enquanto ela engole, e meus dedos tensos contra o desejo de estender a mão e sentir seu pulso, só para ver com que rapidez eu consigo dispará-lo.

— Me conte um segredo, *ma petite menteuse* — eu sussurro.

A chama da minha vela pisca nos olhos dela, e ela inclina o pescoço para encontrar meu olhar. — Eu não tenho segredos.

Eu ri. — Todos nós temos segredos.

— Então, qual é o seu?— A cabeça dela se inclina.

— Os meus são um fardo que eu não desejaria para ninguém, nem para você.

Ela zomba. — Então, me diga como você está me chamando.

Eu levanto uma sobrancelha.

— O francês — ela pressiona. — O que é?

Repreendendo, eu balanço minha cabeça. — Sempre tantas perguntas.

— E nunca responde — ela morde de volta. — Pelo menos me diga o que você está fazendo aqui às três da manhã.

Agora, levanto minha mão, incapaz de sufocar o desejo, descansando meus dedos ao redor da lateral da garganta até sentir o ritmo constante do coração dela. Ela puxa um fôlego, que dispara sob o meu toque.

— Talvez eu esteja te seguindo.

— Você está?

— Você gostaria que eu estivesse?

Ela geme. — Você responde tudo com outra pergunta? É irritante.

Algo quente se expande no meu peito, e me ocorre que aqui nos túneis estamos completamente sozinhos.

Eu poderia levá-la, transar com ela, e a *quebrar*, e ninguém saberia.

A tentação é tão forte, meus dedos se contraem, meu pau se sacudindo descontroladamente enquanto eu a imagino nua e jogada contra a pedra fria da parede, seu corpo tremendo enquanto eu empurro dentro dela até que grite. Eu pressiono meu corpo contra ela, querendo que sinta o que fez.

Seus olhos se arregalam no meu movimento, seus dedos segurando a pequena lâmpada com mais força.

— Você reage dessa maneira por *ele*?— Eu pergunto, meu estômago revirando com o pensamento.

— O que?

— Quando meu irmão toca em você.— Eu deslizo minha mão do pescoço até a mandíbula, atravessando os ângulos agudos até rastrear as linhas do seu rosto. — Sua respiração fica superficial e sua pele fica rosa?

— Isso não é da sua conta — ela respira.

Trago minhas pontas dos dedos pela frente da garganta com uma carícia suave, roçando contra os arrepios de sua pele. — Sua boceta doce escorre apenas com o pensamento nele, do jeito que eu sei que isso faz por mim?

— Eu não ...— Ela empurra e suspira, a lâmpada batendo no chão e a mão agarrando minha camisa. — *Oh*.

Olhando para baixo, percebo que minha vela pingou, caindo sobre a pele acima da clavícula. Meu polegar se move para pressionar contra a cera, desejo disparando através de mim até que minhas pernas ameacem se dobrar quando percebo que está tingindo sua carne de vermelho.

Quero derramar o resto nela e arrancá-lo pedaço por pedaço.

Sua boca se abre, a língua lambendo o lábio inferior e *maldição* se eu não quero me inclinar e roubar seu fôlego de vida.



Há alguns segundos de silêncio; tensão girando o ar com força enquanto olhamos nos olhos um do outro, sem saber, ou talvez não queira, admitir que há algo mais do que animosidade entre nós.

Trago a vela mais alta, a chama dançando enquanto a inclino, meu pau vazando quando uma gota de cera cai na extensão cremosa de sua garganta e na junção de seu pescoço, deslizando por sua pele exposta, criando um caminho que eu gostaria que meus dedos pudessem seguir.

Seus olhos piscam e ela inclina a cabeça, me dando mais acesso.

Minha mão se move para a frente do torso, empurrando-a enquanto nos levo de volta à parede de pedra.

— Tristan — ela murmura.

Meu estômago gira, um inferno de luxúria furioso pelo meio e queimando minha garganta.

— Diga de novo.

— Dizer o que?— ela pergunta.

— Meu nome, pequena corça — eu ordeno. — Diga meu nome.

Ela sopra um hálito pesado e eu o chupo, desesperado para prová-la na minha língua.

— Tristan.— Os dedos dela se enroscam nos fios do meu cabelo.

Eu inclino minha testa contra a dela, luxúria rasgando através de mim até que eu não possa ver diretamente o quanto eu a quero nua e transar com ela bruto. — Eu deveria te matar por me fazer sentir assim.

— Então me mate — ela sussurra, levantando-se na ponta dos pés e puxando minhas raízes, o nariz tocando contra o meu.

— A morte seria um presente.— Meus quadris pressionam os dela. — Prefiro ver você sofrer.

Curvando-me, respiro seu perfume, impedindo o gemido que implora para escapar. Meus lábios tocam por cima da cera endurecida no pescoço, meu corpo enrola com a necessidade de morder a pele e marcá-la para mim, para que mesmo que ela não esteja *comigo*, esteja arruinada para mais alguém.

Mas não vou permitir.

Eu a odeio por me fazer sentir assim; por me fazer cobiçar mais uma coisa que meu irmão recebe. Ela me *enfeitiçou*, e prefiro livrá-la da face da terra do que existir em um mundo onde ela me tenta, mas me deixa com os braços vazios.

Se afastando, volto para o lado oposto do túnel estreito, o ressentimento que teve 26 anos para marinar contra meu irmão transbordando até que ele derrama através de minhas veias.

— Então você é uma bruxa além de ser a prostituta do meu irmão.— Eu cuspo.

Suas feições caem, seu olhar se estreitando em fendas. — Eu...

Mas antes que ela possa terminar, eu giro e vou embora, recusando-me a reconhecer como meu peito se torce quando ela não escolhe me seguir.

# CAPÍTULO 21



*Sara B.*

Ir aos túneis foi tolice, mas claramente, desde que cheguei ao castelo, ainda não aprendi com meus erros. Eu pensei que estaria segura. Mas eu deveria saber que encontraria o príncipe lá. Ele parece amar se espreitar em cantos escuros e sombrios, e adora me arrastar até lá com ele ainda mais; ou ameaçar minha vida ou falar palavras sujas no meu ouvido.

Também não sei como domar minha reação.

E eu o *detesto*.

Mas há momentos onde ele não parece tão terrível. Como quando suas mãos talentosas atraem coragem no braço de Simon, ou quando mantém meus segredos em segurança. E se eu quiser admitir, não há mais ninguém que eu prefira ser pega quando estiver esgueirando-me pelos corredores do castelo. Há um nível de confiança lá, um que nunca encontrei com ninguém fora o meu pai, e ainda não descobri como correlacionar as duas emoções incompatíveis.

Seu irmão, no entanto, é mais fácil de navegar.

— Obrigada por me convidar para almoçar hoje — digo do outro lado da pequena mesa oval para Michael.

Eu me vesti para a ocasião, assumindo que isso significava que estaríamos fazendo uma aparição pública, mas fui levada ao escritório dele, onde ele tinha um lanche leve com sanduíches e chá para comermos.

Ele sorri enquanto limpa uma migalha da boca com o guardanapo de pano branco. — O prazer é meu. Então, conte-me sobre você, Sara.

— O que você gostaria de saber?— Eu inclino minha cabeça. Não sou burra o suficiente para acreditar que ele está curioso para me conhecer. Ninguém nunca está.

Ele encolhe os ombros, um sorriso malicioso se espalhando pelo rosto. — Qualquer coisa que acha importante.

Eu devolvo o seu sorriso. — Eu sou uma garota simples, com necessidades simples.

Ele ri, um som estrondoso que ecoa nas paredes, seu belo rosto jogado para o teto.

O som em si é avassalador em sua sinceridade, e acho diversão borbulhando no meu peito.

— Acho isso muito difícil de acreditar — diz ele.

Eu levanto um ombro. — Prefiro falar de você.

— Você não lê os jornais, Sara?— Sua testa se enruga. — O que há para saber de mim além do que as pessoas já disseram?

Seu sorriso aumenta quando ele fala, mas há uma tristeza que percorre suas feições tão rápido que você mal consegue vê-la. Uma pontada atinge o centro do meu peito, mas eu a disperso, lembrando a mim mesma que não me importo com o sofrimento dele. Ele merece sofrer pela dor que sua família causou.

— Bem — eu sussurro. — Não recebemos os jornais em Silva.

Ele ri. — Não? Eu pensei que todos tivessem os jornais.

A descrença reveste meu interior. Ele é realmente tão obtuso?

Respiro fundo, rangendo os dentes para acalmar a raiva que está fervendo na base do meu intestino. — Não há lugar para imprimi-los. Nenhum negócio que possa distribuir.

— Em Silva?— A testa dele franze. — Eu não acredito nisso.

— Bem, acho que saberia — eu estalo. — Eu vivi lá a vida toda.

— Eu já estive lá quando menino, e era uma cidade adorável.

Meu coração torce por suas palavras, lembranças de quando eu era criança e Silva ainda estava prosperando flutuando na minha cabeça. Dos tempos em que meu pai estava vivo, e as pessoas eram felizes e inteiras.

— É incrível, não é?— Eu entoo. — Com que rapidez as coisas podem mudar. Um minuto você está no topo do mundo, e no próximo ...

Seus olhos âmbar escurecem. — Suponho que seja.— Ele toma um gole de chá antes de sorrir. — Bem, então, o que você deseja saber sobre mim?

*Eu gostaria de saber quando você estará morto.*

Batendo minhas unhas na mesa, me inclino. — Quero saber o que fará de você um grande rei.

Seu sorriso cai e a ansiedade se conecta no centro do meu peito até parecer que meu ar ficou obsoleto.

— Você está insinuando que eu ainda não sou ótimo, Lady Beatreaux?—  
Sua voz é mais profunda, uma ponta afiada que reveste o tom.

Eu balanço minha cabeça. — Estou simplesmente perguntando o que as pessoas vão se lembrar de você. Como sua esposa, é meu dever destacar esses recursos, acentuá-los. Preciso conhecer seus planos para ser um complemento adequado ao seu lado.

A cabeça dele inclina, os dedos grossos esfregando contra a mandíbula.

Meu coração bate contra minhas costelas e me inclino para mais perto. —  
O que faz você *ótimo*, Rei Michael Faasa III?

Seus olhos brilham, mas antes que possa continuar, uma batida soa na porta e meu primo, Xander, entra, um sorriso fino se espalhando por seu rosto.

— Vocês dois parecem confortáveis.

Michael quebra nosso olhar e senta-se em sua cadeira, seu olhar piscando para mim mais uma vez antes de sorrir para meu primo. — Ela deve ser minha esposa, Xander. Você achou que não gostaríamos da companhia um do outro?

— Nunca se pode ter certeza, Majestade. Casamentos nem sempre são sobre compatibilidade.

Michael fica parado, caminhando até sua mesa de carvalho enorme e abrindo o recipiente de sua caixa de charutos que fica na beira. — Bem, para



nossa sorte, minha noiva é linda e agradável de conversar. Nós somos mais que...

Ele para no meio de sua sentença, com o rosto drenando todo o sangue até ficar branco, com os olhos arregalando tão grandes quanto argolas.

— Majestade?— Xander diz, com o rosto enrugado com tensão.

— O que foi?— Eu pergunto, levantando-me da minha cadeira, alarme circulando pelas minhas veias. — Você está bem?

O maxilar de Michael, a mão enrolando em torno de algo na caixa antes que ele a deixe cair e se afaste, balançando a cabeça.

— Sua Majestade — Xander tenta novamente.

O rosto de Michael aperta quando ele se vira para mim, seus olhos se estreitaram e o pânico girando em suas profundezas. — Você fez isso?

A mudança repentina em sua personalidade me pega desprevenida, minhas defesas se levantando.

— Fiz o que?— Eu me movo em direção à mesa e espio a caixa.

Há meia dúzia de charutos dispostos perfeitamente, e bem no topo há um lenço preto com forro de ouro, as iniciais MFII gravadas no canto.

Percebendo que são do pai dele, eu me aproximo, mas Michael voa para a frente, batendo na minha mão. — Não toque, mulher estúpida.

Eu ofego, trazendo minha palma para o meu peito.

— Majestade, *por favor*.— Xander se move ao meu lado, com as sobrancelhas franzidas quando ele estende a mão para tocar meu braço. — Você está bem?

Eu aceno, minha mente corre mil milhas por minuto enquanto vejo Michael andando de um lado para o outro atrás da mesa, com os dedos puxando os fios do cabelo.

— Xander, olha isso.— Ele joga o braço em direção ao estojo aberto. — O que vamos fazer sobre isso? Eu não sou louco, eu *disse* a você que eu não era louco.

Meu estômago aperta enquanto assisto a cena se desenrolar. Xander caminha para a frente, espreitando na caixa, com os óculos escorregando pela ponte do nariz. Seus ombros endurecem a menor quantidade e sua cabeça se ergue, olhando para mim e para Michael. Como se *eu fosse* aquela que de alguma forma colocou o lenço de seu pai na caixa.

Ele suspira, olhando para Michael. — Há uma explicação fácil para isso, tenho certeza.

— Então explique — Michael se exalta, com o punho batendo na mesa, fazendo a fundação tremer.

Os olhos de Xander piscam entre nós, sua voz saindo controlada e lenta, como se ele estivesse tentando domar a besta antes que ela pule de sua jaula

e nos rasgue em pedaços. — Sua Majestade, talvez seja a hora de enviarmos Lady Beatreux de volta para seus aposentos antes de continuar essa conversa?

Minha mandíbula endurece. Eu não quero ir embora. Eu quero saber o que está acontecendo. — Acho que se há um problema que preocupa Sua Majestade, é imperativo que eu fique, mesmo que apenas para fornecer apoio.

Michael dá passos grandes e rápidos, com a mão subindo para cobrir minha bochecha. Sua energia é maníaca; serpenteia pelo ar e envolve-me, vibrando até afundar nos meus ossos. E enquanto o toque dele é quente, não há conforto.

Sem faísca.

Há, no entanto, um leve tremor.

— Você é um tesouro — diz ele, com os olhos vagando de mim para a parede e depois voltando. — E eu exagerei. Esse lenço é ... importante para mim. Eu pensei que tinha perdido para sempre.

O seu polegar acaricia meu queixo. — Talvez você seja meu amuleto da sorte.

Eu forço um sorriso. — Espero ser mais do que isso.

Ele agarra minha mão, puxando-a para o peito. Eu o deixei e notei a rapidez com que seu coração está batendo sob suas roupas. Se eu fosse uma garota ingênua, acharia que tinha a ver comigo.

Mas eu sei a verdade.

Algo o assustou.

E tem algo a ver com o pai morto.

## CAPÍTULO 22



*Tristan*

Quando mencionei a cabana abandonada a Antony antes de quebrar seu pescoço, não estava mentindo.

Encontrei um dia depois de escapar do meu irmão e da trupe dele. Não tenho certeza de quem originalmente era o dono do lugar e sei ainda menos

sobre quem habitava o interior, mas *faz* dez anos desde que a encontrei, não havia outra alma viva conhecida por sua existência ou dentro das paredes de má qualidade e em ruínas.

Ao longo dos anos, eu limpei. Não há água corrente e a eletricidade é nova demais para existir aqui, mas apesar de tudo isso, é confortável.

Também é em uma área tão densa da floresta que ninguém pode ouvir os gritos.

— Eu não quero continuar machucando você — eu digo, andando até Edward. Eu prendi seus braços com correntes grossas em uma longa mesa de madeira que declinou o suficiente para que sua cabeça estivesse embaixo do corpo. — Eu quero confiar em você.

Sua respiração é agitada; Percebo pela maneira como o pano branco sujo que está sobre o rosto se mexe com cada uma das respirações pesadas, sendo sugado pela boca e soprando de volta.

— Você foi tolo — eu continuo. — E, como resultado, tudo pode ser arruinado. Você *sabe* o que fez?

Ele balança a cabeça, as correntes batendo de onde seus braços puxam. — Sinto muito — diz ele, as palavras abafadas atrás do tecido.

Meu estômago queima pelo que ele está me forçando a fazer, e eu solto um suspiro, estalando a minha língua. — É tarde demais para desculpas, Edward. Devemos nos arrepender de nossos erros e aprender com eles.

Mergulho o jarro de metal no balde de água aos meus pés, trazendo-o sobre a cabeça e inclinando-o até que o líquido derrame em um fluxo constante em seu rosto, mergulhando o pano e colocando em sua boca até encher suas vias aéreas.

Os tendões em seu pescoço protuberam quando ele se debruça contra a mesa.

— Tenho certeza de que você sabe que isso não é nada comparado ao que acontecerá se sua amante fofocar e formos presos por traição — observo. — Afinal, você é quem distribui o castigo há anos.

Sua respiração se enrola, seu corpo se levantando e cai em movimentos bruscos enquanto ele engasga com a água, incapaz de fazer qualquer coisa, exceto experimentar a sensação de afogamento e rezar para que eu o deixe viver.

Eu coloco o jarro na vertical novamente e suspiro, meu interior se curvando ao pensar em ter que recorrer a tais extremos. O jarro grande bate contra o chão de madeira podre enquanto eu a coloco no chão, antes de me inclinar sobre Edward e remover o pano do rosto.

Sua pele está encharcada; vasos sanguíneos estourados girando teias de aranha ao redor dos olhos, os lábios rachados e sangrando onde ele os mordeu em pânico.

Eu ajusto a mesa até ele ficar deitado. — Se você fosse outra pessoa, eu te mataria.

A cabeça dele gira para o lado, o peito se levantando. — Eu sei — diz ele, com a voz quebrada e rouca.

— Você vai me agradecer por minha misericórdia?

Seus olhos encontram os meus, sua boca se separa e ofega.

— Eu não quero quebrar seu espírito, Edward. Você deve saber que me dói tanto quanto em você.— Coloco minha mão no meu peito. — Mas trazer alguém sem a minha aprovação foi perigoso, na melhor das hipóteses, e uma tentativa de suicídio, na pior das hipóteses.

Ele pisca, a língua deslizando contra a carne rachada. — Obrigado ...

— Por?— Minhas sobrancelhas sobem.

— Pela sua misericórdia.

Eu aceno, satisfeito com seu castigo, inclinando-me para baixo para mover o balde de água até a beira da sala e extinguindo as velas que iluminam o espaço. Mas eu não o desamarro. Ele vai passar a noite e eu vou buscá-lo de manhã depois de garantir que ele entenda que sua lealdade e silêncio são da maior importância.

— Você está me deixando aqui?— ele pergunta, seu tom trêmulo.

Me aproximo, aperto a maçaneta de metal enferrujada. — Pense em suas ações, Edward, e amanhã de manhã podemos começar de novo.



Abro a porta, saindo para o ar noturno. Pausando, eu me viro de volta para enfrentá-lo. — Se algo acontecer. Se *qualquer coisa* ocorrer de errado, será você quem leva a culpa. Você entendeu?

Seus olhos estão nebulosos quando ele me olha de onde está amarrado, balançando a cabeça contra a madeira.

E mesmo que eu tenha perdido toda a minha confiança em Edward, por enquanto, é o suficiente.

Batendo a porta atrás de mim, tiro a chave do bolso e a viro na fechadura antes de virar para ir embora. Inclinando minha cabeça para o lado, estalo meu pescoço, agarrando minha caixa de fósforos do bolso, pegando um baseado já enrolado.

Talvez tenha sido estúpido da minha parte deixar Edward viver, e se fosse outro, eu não faria. Mas Edward é uma peça crítica na rebelião. Perdê-lo seria como perder um braço, e esse é um risco que não estou preparado para correr.

Acendendo a erva, inalo profundamente e começo a caminhada de volta ao castelo.

A lua está alta e brilhante esta noite; as nuvens habituais que enfeitam os céus de Saxum desaparecem, criando um brilho assustador no chão escuro. Não há um caminho claro para a cabana. Eu segui maneiras diferentes ao longo dos anos para garantir que a grama não fique marcada

pelos meus passos, mas a rota mais fácil segue direto para o jardim de minha mãe, e hoje à noite, é o que eu sigo.

Tortura pode ser *tão* cansativo.

Saio das árvores e paro quando vejo uma figura sombria sentada em um dos bancos ao redor da fonte. Ao me aproximar, percebo que é Lady Beatreaux.

Algo inquietante me sacode com o fato de que minha pequena corça está mais uma vez fora quando ela deveria estar em segurança e enfiada na cama.

— A insônia é um problema sério de saúde — digo, me aproximando dela.

Ela se vira, o luar brilhando em suas maçãs do rosto altas, um pequeno sorriso enfeitando seus lábios. — Você saberia.

Ando pelo banco e sento-me ao seu lado, abrindo minhas pernas para fora enquanto tiro o cigarro dos lábios e inalo novamente.

Ela me observa, um brilho curioso atravessando seu rosto. É inocente, tenho certeza, mas seu olhar me queima de qualquer maneira, abrindo um caminho sob minha pele ela queimou seu caminho nas partes mais profundas de mim. Inclino minha cabeça na parte de trás do banco, as travas de madeira pressionando contra os minha cabeça e estendo a mão, oferecendo-lhe o papel queimado.

Honestamente, não espero que ela aceite, mas ela me surpreende, como é propensa a fazer, quando o agarra dos meus dedos com as mãos delicadas. Eu viro minha cabeça para o lado, observando ela o trazer para a boca, envolvendo os lábios no final, as bochechas vazias enquanto ela chupa.

Meu pau endurece.

Seus olhos ficam grandes, uma nuvem de fumaça subindo enquanto ela tosse e chora, o punho subindo para esmagar seu peito.

— Isso é ...— Ela tosse novamente. — Isso é *horrível*. Por que você faria isso? É torturante.

Sorrindo, eu pego a erva de volta, aproximando-me dela no banco. — E o que você sabe sobre tortura, pequena corça?

Sua tosse diminui, seus olhos vidrados de onde eles me observam.

— Queima — ela geme.

— Você só precisa aprender a inalar.— Aproximo-me ainda mais, meu estômago tenso ao trazer o cigarro para os lábios dela, imaginando se ela me permitirá ou se vai dar um tapa na minha mão.

Ambas as opções me excitam, e não consigo decidir qual delas mais desejo; sua submissão ou sua luta.

Seus dedos envolvem meu pulso, o toque enviando faíscas correndo pelo meu braço, e eu empurro a borda contra a boca dela. — Chupe devagar.

Meu pau endurece até ficar dolorosamente inchado e pressionando contra a minha perna enquanto os lábios dela envolvem o cigarro.

Eu estendo a mão, acariciando dois dedos na frente do esôfago, porque agora, quando somos apenas nós dois, não posso *não* tocar nela. — Agora engula — eu ordeno.

Seus olhos brilham, mas seus músculos balançam quando a fumaça gira em sua garganta e sangra em seus pulmões.

Nossos olhos se encontram.

— Exale.

Ela ouve, e uma nuvem se enrola em torno de seu rosto, obscurecendo-a da minha visão. Meu interior se aperta à sua obediência.

— Boa menina.— Meus dedos batem no seu pescoço antes que eu tire o cigarro e o trago para meus próprios lábios, o fim molhado de sua saliva.

Seus olhos escuros brilham quando fixam nos meus e depois caem.

Ela limpa a garganta e se afasta do banco. — Ainda acho que não gosto.

Eu me inclino para trás até olhar para o céu, ignorando a maneira como todos os nervos do meu corpo estão acendendo como um canhão, pedindo que eu me solte e a foda ou a mate, só para recuperar o tipo abençoado de entorpecimento com o qual estou acostumado. — Não é para todos, suponho.

— Por que *você* faz?

— Por que não?— Eu encolho os ombros.

Ela não responde, optando por espelhar meu corpo, esticando as pernas e enroscando os dedos enquanto descansam no estômago, a cabeça inclinada para a parte de trás do banco.

Está silencioso; os sons das cigarras nas árvores e o ocasional pio de uma coruja são a única coisa que nos acompanha.

— Isso me acalma — eu finalmente digo.

Imediatamente, quero retomar as palavras, esperando que ela aproveite a chance de me derrubar. Mas ela não faz. Ela apenas concorda e fecha os olhos.

— Você já sentiu que não pode desligá-lo?— Eu continuo. — Seus pensamentos, quero dizer.

— Sempre.

— Quando os sussurros não ficam quietos, meu corpo se revolta, transformando-se em nós e emaranhados até que eu não possa ficar parado. Até meus pulmões se agarrarem e eu mal consigo respirar pelo pânico ... — Eu levanto o papel queimado. — Isso ajuda.

A cabeça dela se vira para mim, as sobrancelhas subindo. — O poderoso príncipe Tristan acabou de me admitir que algo pode superá-lo?

— A ansiedade é algo que supera todos que toca. Até eu.— Eu puxo outro golpe antes de oferecer a ela novamente.

Surpreendentemente, ela pega, segurando-o entre os dedos.

— Entendi — diz ela. — Antes de meu pai morrer, eu era como qualquer outra garota.— Ela hesita, olhando para mim do periférico. — E então, pouco antes do meu vigésimo aniversário, ele saiu da cidade para fazer o que faz de melhor.

— Que era?

— Ser um bom homem.— O lábio inferior treme. — Ele prometeu que chegaria em casa a tempo e, todos os dias que antecederam meu aniversário, eu me sentava na janela, olhando para a estrada de terra, esperando para vê-lo descer a estrada, *mal-estar* girando em torno do meu intestino, fazendo meus nervos pularem sob a minha pele.

Ela balança a cabeça. — Acontece que eu estava certa e, às vezes, quando você tenta ser bom, acaba sendo um mártir.

Meu peito puxa, imaginando por que ela está me dizendo isso e me perguntando por que me importo.

— De qualquer forma.— Ela ri. — Desde então, esse sentimento nunca foi embora. Apenas corrói como ácido, dissolvendo tudo em seu caminho. Eu sempre estou apenas...*esperando* pela próxima batida na minha porta, me dizendo que uma pessoa que eu amo nunca voltará para casa.

Eu engulo em torno da emoção inesperada que suas palavras causam, minha mente piscando no momento em que descobri que *meu* pai morreu.

Ela traz o baseado para os lábios, rolando a cabeça de volta para o céu, a garganta balançando enquanto inala. Sua silhueta é linda ao luar e, antes que eu possa me parar, estou tentando tirar um cacho do rosto dela, incapaz de moderar o desejo. — Você faria um retrato deslumbrante.

O nariz dela torce, mas ela não me vira. — O que?

— Gostaria de desenhar você — reformulo, aproximando-me, meus dedos dançando em sua pele. — Assim, com seu rosto beijado das estrelas... Eu acho que é a coisa mais linda que já vi.

O corpo dela endurece e meu coração parece que vai explodir do meu peito. Não sei ao certo o que afrouxa minha língua e nem sei se quero dizer as coisas que digo. Tudo o que sei é que, neste momento, parece que eu poderia morrer se não as dissesse.

— Você está me chamando de linda?— ela sussurra, com os olhos arregalados enquanto olha para mim.

Minha língua desliza pelos meus lábios e me inclino, minha boca acariciando a borda de sua orelha. — Estou dizendo que você pode deixar um homem louco. Fazê-lo arrasar o mundo só para vê-la sorrir.

Seu corpo treme e meu pau vaza, todos os ossos do meu corpo gritando para eu agarrá-la e puxá-la contra mim. Para reivindicá-la sob as constelações.

Mas então penso em como, dentro de algumas noites, é o braço do meu irmão que ela estará agarrada.

É ele quem a levará para sua cama.

E é *ele* que a terá governando ao seu lado.

O que significa que devo matá-la, assim como todos os outros.

Então eu me afasto, roçando meus dedos pelos cabelos dela, e me levanto e vou embora, imaginando qual é a dor oca no meu peito e por que está escolhendo agora aparecer.



# CAPÍTULO 23



*Sara B.*

Faz quase um mês desde que eu vi ou ouvi alguém em Silva e, embora eu esperasse, isso não impede que o desejo de tecer no meu peito, envolvendo memórias de rostos familiares.

E terras familiares.

Eu sempre fui uma andarilha. Mas é diferente de explorar terrenos desconhecidos; sem saber o que acontecerá quando você virar a esquina. Eu podia atravessar cada quilômetro quadrado de Silva com os olhos fechados e as mãos amarradas nas costas. Aqui, porém, ainda não consegui entender nada de concreto; o mapa na minha cabeça está em branco com alguns pontos de conhecimento espalhados por toda parte. É uma imagem incompleta e, toda vez que tento preencher as páginas, algo fica no meu caminho.

Ou melhor, *alguém*.

Meu interior torce quando admito para mim mesma que talvez seja por isso que passo minhas noites saindo furtivamente em vez de fazer o que deveria. Ou talvez, sejam os últimos vestígios de mim que se apegam à minha liberdade, sabendo que em breve serei despojada disso. Não sou ingênua o suficiente para pensar que depois que tudo estiver dito e feito, serei a mesma garota que sou agora.

A morte inevitavelmente muda você.

Amanhã à noite, vou desfilar no braço do rei, como uma jóia que ele capturou e deseja guardar em seu baú do tesouro.

— Amanhã é importante, prima — diz Xander enquanto caminhamos pelo pátio da frente.

Acenando, engulo em torno do peso que reveste meu estômago.

— Você está nervosa — continua ele. — Eu sei. Como um alvo fácil.

Eu levanto a sobrancelha enquanto olho para ele. — Isso é óbvio?

— Além de você ter me dito.— Ele ri. — Haverá repórteres lá.

— Eu não sou inepta, Alexander. Eu posso lidar com algumas perguntas.

Ele para de andar, o cascalho de pedras soltas esmagando sob seus pés enquanto se vira para me encarar. — Depois de amanhã, Sara, tudo vai mudar.

Eu sei que ele está certo. O baile de noivado é o primeiro de muitos momentos importantes que traçarão meu futuro. Sinto sua verdade no fundo de mim, mas pela primeira vez, há algo mais ali também. É pesado e palpita no centro do meu peito, fazendo parecer que estou em uma lenta marcha em direção à morte. Fechando os olhos, empurro os pensamentos egoístas, trancando-os em um canto do meu coração, esperando que fiquem perdidos para sempre.

Eu ando de novo, e Xander segue, lutando para alcançá-lo. — Em outras palavras, eu tenho um presente para você.

— Você?— Eu sorrio para ele. — E que necessidade tenho de um presente?

Ele sorri, empurrando as molduras de vidro pelo nariz. — Acho que você vai gostar deste.

— Eu sei o que é?

— Em breve.

Simon corre de uma porta lateral no extremo leste do pátio, afastando minha atenção enquanto atravessa a grama, com a espada de brinquedo puxada na frente dele.

— Merdinha.

Eu viro em direção a Xander tão rápido que meus olhos se cruzam. — *Com licença?*

Ele acena a mão em direção a Simon. — Não sei quantas vezes temos que dizer à mãe para mantê-lo fora de vista e onde ele pertence.

Meu estômago azeda, torcendo até a bÍlis queimar minha garganta. — E onde ele pertence?

— Fora da vista e fora da mente.— Ele faz uma careta.

— Ele é uma criança — eu estalo, raiva penetrando no meu intestino.

— Ele é um filho de uma *empregada da cozinha*.

Minhas sobrancelhas se levantam e eu me afasto de Xander. — Você acredita que a circunstância dele o torna menos relevante?

— Por favor, prima, não seja tão ingênuA. Tudo é sobre status neste mundo. Alguns pertencem e outros não.

— Por causa da pele dele?— Meu sangue ferve.

Seu rosto enrruga enquanto ele olha para mim e depois volta para o garoto. — Porque ele é uma abominação.

Eu rio de descrença, as lâminas amarradas sob o meu vestido me chamando, fazendo-me coçar para acabar com sua ignorância para sempre. — Oh, Alexander. Eu acho que é *você* quem é a abominação.

Girando, eu me afasto, meu interior fervendo.

*Como ele ousa.*

Simon fica embaixo do grande salgueiro-chorão no canto de trás do quintal, com a perna da frente avançando enquanto ele empurra o braço. — En garde!

O calor se espalha pelo meu peito e se estende pelos meus membros enquanto eu caminho em sua direção, e me pergunto, não pela primeira vez, como alguém pode ser tão cruel com uma alma tão inocente.

Parando a alguns metros de distância, eu o vejo lutando com a espada no ar. Meu coração aperta quando me lembro das contusões de seus olhos e das lágrimas em sua voz, e me pergunto se ele está sozinho, porque ele não tem mais ninguém com quem brincar.

— Mantenha seu pulso reto — eu chamo.

Ele gira, apertando os olhos enquanto se aproxima de mim.

— Ei senhora.— Ele sorri. — O que você sabe sobre lutar?

— Mais do que você pensa.— Eu sorrio. — Venha aqui, deixe-me mostrar o que fazer.

Eu aceno para ele, e ele pula, enfeitado com um sorriso bonito e cheio de dentes. Eu o giro pelos ombros, colocando as mãos na minha frente e endireitando sua forma. Então eu toco meus dedos ao longo da parte superior dos braços dele, empurrando-o um pouco. — Você não pode estar tão tenso, Simon. Seu corpo nunca o obedecerá se você estiver duro como uma tábua.

Seus minúsculos músculos relaxam, e eu movo minha mão para cobrir a dele enquanto ele agarra a base de sua espada.

— Seja como água. Fluido e rápido.

— Água? — Ele coça o nariz e eu movo o braço, mostrando o que meu pai me ensinou quando *eu* tinha a idade dele.

Afasto-me, permitindo que ele continue os movimentos por conta própria.

— Está certo — eu digo. — A água é o elemento mais poderoso do mundo. Calma quando necessária e feroz quando tentada. Nunca assuma que você conhece o poder de algo por causa de como ele parece.

Ele acena, com os olhos arregalados. — Como você ficou tão inteligente?

Eu tiro o fiapo invisível da manga do meu braço. — Você ficaria surpreso com o que uma dama sabe, Simon.

— É isso mesmo, você nunca deve subestimar uma mulher. Especialmente esta — alguém diz atrás de mim.

A voz faz meu coração mergulhar no meu estômago e eu giro, ficando cara a cara com um peito largo e um sorriso brilhante.

— Tio Raf — eu ofego. — O que você está fazendo aqui?

Seus olhos azuis gelo brilham enquanto me olham da cabeça aos pés, seu peso se apoiando fortemente em uma bengala de madeira escura. — Olá, doce sobrinha.

— E quem é você?— Simon interrompe, tendo caminhado para ficar na minha frente, com a espada apontando para o peito de Raf.

Meu tio olha para baixo, seu sorriso murchando enquanto ele pega quem o está interrogando. Meus olhos se estreitam, a necessidade de proteger Simon surgindo no meu sangue como um fogo.

— Este é meu tio, Rafael Beatreaux.— Coloco minha mão no ombro de Simon.

— E esta é Sua Majestade — digo a Raf, meus olhos se arregalando.

Simon olha para mim, seus olhos âmbar brilhando. Minha respiração escapa de mim quando olho para ele, percebendo pela primeira vez que seus olhos têm uma semelhança impressionante com Michael.

Meu peito cede.

*Não. É ele?*

Tio Raf ri. — Certamente, você está brincando.

Eu balanço minha cabeça. — Não, ele é o rei. Você não sabe como cumprimentar a realeza com respeito?

O peito de Simon bufa. — Sim. Eu sou o rei.— Ele enfia a ponta da espada na perna do tio, e eu abafa a risada que quer explodir de mim. — Ajoelhe-se diante de mim.

Raf olha entre nós e a cada segundo que ele não brinca junto, minha ira cresce.

— Pequeno leão.

Duas palavras e meu interior ganha vida.

Minha coluna endurece, odiando a maneira como meu corpo reage ao simples som de sua voz.



Simon gira nos calcanhares, largando a espada e tropeçando em si mesmo para correr e cumprimentar Tristan, e não posso evitar quando meu coração se aperta, vendo o carinho genuíno no olhar de Simon.

Ele o ama.

E ele pode ser o único que o faz.

Olho para Simon, encontrando os olhos de Tristan. Borboletas explodem na boca do estômago, e o medo surge, desejando poder forçá-las a se afastar. Eu não os quero.

— É isso...— A mão do tio Raf estende a mão para agarrar meu antebraço, mas seu toque é frio comparado ao calor do olhar do príncipe.

— Sim.— Afasto-me, me soltando de suas garras.

— O príncipe marcado — ele sussurra.

Meu peito aperta.

— Não o chame assim — eu estalo, virando-me para olhá-lo.

— Por que ele está olhando para você assim?— ele pergunta.

Respiro fundo e forço um sorriso. — Provavelmente se perguntando por que eu ainda existo. Ele não é meu maior fã.

— Bom — ele grunhe. — Mantenha assim.

Ele oferece o braço e eu passo a mão pela curvatura, tentando ignorar a maneira como o olhar de Tristan está queimando um buraco nas minhas costas.

# CAPÍTULO 24



*Sara B.*

Marisol voa ao meu redor, certificando-se de que meu vestido esteja nos pontos apropriados e aperta onde deveria. Este é o último ajuste antes de usá-lo amanhã à noite no baile. E é impressionante. Sobreposição de renda preta em seda creme com tecido com babados que puxa a cintura e um leve

tecido atrás. As mangas três quartos são acentuadas por luvas pretas que descansam logo acima do meu cotovelo, e nunca me senti mais bonita.

É o que eu escolheria para mim, se alguma vez tivesse reunido os fundos para um vestido tão ostensivo. Mas até recentemente, essa não era minha vida. Eu tenho muitos vestidos lindos, mas todos são de minha mãe, uma época em que tínhamos o tipo de dinheiro para prosperar. Os que eu tenho aqui foram todos fornecidos com facilidade pelo meu primo, por isso não alertamos as pessoas de que, apesar de ser filha de um duque, estou realmente sem dinheiro. O rei Michael não gostaria de descobrir que a única regalia que resta está no nome.

Ainda mais, ele se recusaria a acreditar que é culpa dele.

— Milady, você está linda — dispara Ophelia, com as mãos descansando sobre o peito me observando.

— Obrigada, Ophelia.— Eu sorrio para ela.

A inocência dela é algo que eu anseio. Ela é apenas três anos mais nova que eu; dezoito anos jovem, mas parece que estamos separadas por mundos.

Suponho que é o que acontece quando você experimenta as duras crueldades que este mundo e as pessoas dentro dele oferecem. E enquanto olho para Ophelia, seus traços suaves olhando para mim com admiração, envio uma oração rápida, esperando que ela consiga manter essa inocência pelo maior tempo possível. Depois que perder, você nunca poderá obter de

volta. É apenas um vislumbre como uma memória que você deseja alcançar, mas que está sempre fora de alcance.

— Você tem família aqui, Ophelia?— Eu pergunto.

Ela sorri, assentindo. — Eu tenho. Mamãe, papai e um irmão mais velho.

Eu sorrio para o amor que penetra no seu tom. — E o que eles fazem?

— Papai trabalha com seu primo no Conselho Privado. E mamãe passa o tempo mantendo a casa.

— Todo mundo mora aqui no castelo?

Os olhos dela se arregalam. — Oh, não, milady, meus pais moram em Saxum, mas não aqui no castelo. E meu irmão está na França.

Sheina entra no quarto com uma bandeja de chá e para quando olha para mim.

— Sheina, pare com isso.— Eu rio. — Você está me encarando como se nunca me visse em um belo vestido antes.

Ela balança a cabeça, a bandeja de chá de metal ornamentada batendo enquanto a coloca em uma mesa lateral. — Você apenas ...— Os olhos dela brilham da bainha da renda até o decote ousado. — Você parece apta para ser uma rainha.

Os nervos se apertam sob a minha pele.

Estou muito ansiosa com amanhã à noite, e todas as noites que se seguirão, embora nunca admita. Para brincar no reino dos homens, você precisa diminuir as emoções até que mal as encontre, e há muita coisa no meu futuro aqui. Especificamente, no próprio baile de noivado. Todo mundo estará lá, incluindo toda a família real e a Rainha mãe.

Respiro fundo, tentando guardar meus pensamentos e conter o leve tremor em minhas mãos.

Há uma batida, e Timothy enfia a cabeça, as sobrancelhas subindo para a linha do cabelo, fazendo uma dupla verificação quando me vê no meu vestido. Todas as três damas se viram para encará-lo quando ele abre a porta, pisando para o lado para permitir que meu tio se mova para o quarto.

As damas se voltam para mim e, depois disso, Timothy balança a cabeça, piscando enquanto descansa a mão sobre o coração. Calor escorre pelo meu peito na imagem dele, e um sorriso aparece no meu rosto. Ele pode não falar em voz alta, mas se ele quer admitir, estamos nos tornando amigos.

— Sara, querida. Você está linda — tio Raf elogia, com os dedos apertados ao redor da bengala enquanto atravessa o cômodo.

Meu olhar deixa a porta onde Timothy estava e eu me concentro em Raf, um cobertor confortável de familiaridade que paira sobre mim enquanto eu pego seus olhos azuis e cabelos escuros com grossas mechas brancas; mais proeminente do que há alguns anos atrás.

— Obrigada, tio.

Ele para quando está na minha frente, com o olhar se movendo sobre os rostos das minhas damas.— Quanto tempo você vai demorar? Eu vim aqui para tomar chá e me atualizar.

Olho para Marisol. — Chefe?

Ela zomba do apelido, um leve sorriso nos lábios enquanto se levanta. — Podemos terminar agora, milady.

Minhas mãos batem palmas juntas, ansiosa por ter um tempo a sós com meu tio. Ele é o homem mais importante da minha vida e, embora eu não confie no filho dele, em Raf, confio implicitamente.

---

— Está na hora.

A voz de Raf é séria, as unhas criando um ritmo constante de batida contra o topo da bengala.

Meu estômago revira como se mil abelhas tivessem enxameado e picado meu interior, e eu engulo em torno do inchaço.

Eu aceno. — Eu sei.

Sua testa se levanta. — Você ganhou a atenção do rei?

Eu levanto um ombro, meus dentes mordendo o interior da minha bochecha até sangrar. — Tanto quanto eu pude, mas ele nem sempre está por perto.— Olho para os meus dedos, onde se enroscam no meu colo. — E seu filho não é tão útil quanto eu esperava.

As sobrancelhas espessas do tio Raf se aproximam, seus lábios torcendo. — Esse garoto está sempre fazendo alguma coisa.— Ele se inclina para a frente. — Mas você pode confiar *nele*. A mudança está no horizonte, doce sobrinha, mas isso não significa que seja fácil.

Não falo as perguntas pesadas na ponta da minha língua. Como pedir para ele explicar o que diabos quer dizer. Aprendi há muito tempo que é melhor deixar os enigmas e as declarações sem sentido do tio Raf.

Ele cantarola. — Você sempre foi a criança mais inteligente da nossa família.

— Eu não sou mais criança, tio.

Ele ri. — Para mim, pequena Sara B., você sempre será criança.

Sorrindo para ele, pego meu chá, deixando a água quente escaldar minha língua enquanto tomo um gole da xícara, imaginando como ele pensaria que eu era inteligente se soubesse que passei meu tempo sonhando com cantos escuros e príncipes perigosos.



O sorriso do tio Raf cai, seus olhos brilhando enquanto ele se inclina para a frente. — Seu pai ficaria muito orgulhoso de você. E toda pessoa com sangue Faasa correndo pelas veias merece pagar pelo que fez.

Eu aceno. Uma bola pesada de tristeza surge na minha garganta até que eu mal consigo respirar ao redor da dor, e o peso da responsabilidade me afeta de uma maneira que não senti desde antes de chegar a Saxum.

Eu me deixei distrair.

Isso não vai acontecer novamente.

# CAPÍTULO 25



*Tristan*

— A maioria já sabe que amanhã à noite é o baile de noivado para meu irmão e sua noiva.

Vaias saltam nos rostos zombadores dentro da taberna, e alguém cospe no chão com nojo óbvio.

Levanto minha mão, cutucando um unha enquanto suspiro. — Eles provavelmente não esperam que eu apareça. Mas todos sabemos o quanto gosto de fazer o inesperado.

Risos escorrem pela sala.

— Estamos à beira de um novo amanhecer; um onde você não é limitado com base nas circunstâncias. Onde você não é jogado para os leões porque é um pouco *diferente*.

Eu paro, meu olhar encontrando os olhos na multidão, sentindo o fogo queimar através deles tão certamente como se estivesse lambendo minha pele. — O rei enlouqueceu, embora deseje que ninguém saiba.— Meus lábios se afastam dos meus dentes. — Mas *eu* sei.

— Por que não podemos simplesmente invadir o castelo agora?— uma jovem mulher na frente grita, com os cabelos grisalhos caindo no rosto afundado. — Nós temos os números!

Murmúrios se espalham pela multidão. Eu levanto a mão no ar, silenciando-os. — Eu entendo a situação. Mas a gratificação instantânea raramente satisfaz a necessidade, e meu desejo, com sua ajuda, é garantir a liberdade para todos nós. Acabar com o reinado de Michael não é suficiente.

— Mas se ele morrer, a coroa pertence a você, — ela pressiona, o punho batendo na outra mão. — Onde ele pertence.

— Isso é verdade e vai parecer *extraordinário* na minha cabeça.— Eu sorrio. — Mas nosso objetivo final é muito maior que *apenas* eu.

Eu me aproximo, levantando a bainha da minha túnica até que ela expõe meu peito, mostrando a tatuagem fresca, ainda ferida de onde a tinta empurrou minha pele. É de uma hiena; dentes à mostra e cuspe caindo da boca, empoleiradas em cima dos ossos, e chamas refletidas em seus olhos escuros.

*Juntos governamos, divididos caímos*, está rabiscado por baixo.

— Eu sei que a maioria de vocês despreza o nome hiena. E quem poderia te culpar? Imundos, eles dizem. Repugnantes. Rudes.

Os rostos da multidão escurecem, as carrancas estragam suas feições e a energia pesada flutua pela sala devido à sua raiva tangível.

— Mas o poder está apenas nas mãos daqueles que *nós* entregamos — continuo, largando minha camisa e andando de um lado para o outro pelo palco. — É hora de recuperarmos nosso poder.

Encontro o olhar da mulher com suas perguntas idiotas, choques de prazer subindo pelas minhas veias quando vejo a admiração nos olhos dela. Ela se levanta antes de cair nos dois joelhos, curvando-se diante de mim. Do jeito que eu gosto.

— Eles nos chamam de animais selvagens? — Paro de andar, um sorriso rastejando pelo meu rosto. — Vamos dar muito pior a eles.

Canecas batem nas mesas, uma alegria constante crescendo como um maremoto.

— Por enquanto, banqueteiam-se com as provisões que trouxe. Vão para casa com barrigas cheias e desfrutam uma boa noite com suas famílias, sabendo que vocês escolheram estar do lado certo da história.

Pratos de comida são transportadas da área de trás da taberna e colocadas nas mesas, pessoas se esforçando para pegar sua parte.

Saio do palco, abrindo caminho pelos bancos até chegar ao canto de trás, onde Edward está, com a mandíbula e os olhos selvagens; provavelmente ainda se recuperando das ramificações psicológicas do castigo que recebeu. Sua nova mulher se inclina contra a frente, os braços em volta da cintura.

— Você se saiu bem, Sheina, trazendo comida do castelo — digo quando os alcanço.

Ela inclina a cabeça. — Obrigada, senhor.

— Paul lhe deu algum problema?

— De modo nenhum.— Ela sorri, os olhos deixando os meus e examinando as mesas de todos os que nos cercam, sem dúvida absorvendo as estruturas magras de pessoas que jogam pão e feijão na boca.

— Eles comem como se fosse sua primeira refeição em dias — diz ela.

Coloco minhas mãos nos bolsos, meu polegar tocando contra a borda áspera da minha caixa de fósforos. — Para a maioria deles é.

— O que você está fazendo aqui ...— Os olhos dela ficam vidrados quando ela encontra meu olhar. — Você é muito diferente do que eles dizem.

Os braços de Edward endurecem em torno de sua cintura. É sutil, mas eu pego o movimento, arquivando-o para mais tarde.

Eu sorrio para a garota, incapaz de decidir se ela é ingênua ou estúpida demais, ou talvez ela já tenha esquecido que eu ameacei deixar a cidade estuprá-la enquanto matasse todos que ela amava.

De qualquer maneira, suas palavras tocam um acorde. Um que fica no centro do meu peito, sua reverberação vibrando em todas as partes de mim até que os ecos me deixem doente. Eu me inclino. — Eu sou *tudo* o que eles dizem e muitas coisas que não falam.

Seus dedos apertam onde estão enrolados nos braços de Edward. — Se Sara soubesse o que você estava fazendo, ela ajudaria — ela sussurra.

— Não fale o nome dela para mim — eu estalo, meu peito apertando.

— Eu só...

— Shh.— Avançando, pressiono minha mão contra a boca dela, esmagando seus lábios até que se moldem em torno dos meus dedos. — Você se lembra do que eu te disse? Sobre o que aconteceria se me traísse?

Os olhos dela fecham e ela assente.

— Bom.— Eu sorrio, embora náusea queime na boca do meu estômago. — Não fale dela novamente na minha presença.

Eu ando para trás, girando em direção à multidão.

---

— Você a conheceu então?— minha mãe pergunta, suas mãos correndo pela frente de seu vestido roxo-escuro, seus cabelos grisalhos amarrados com tanta força que puxam seu rosto para trás.

A rainha viúva nunca parece nada menos que perfeita, afinal, independentemente do fato de ela ter passado horas viajando para cá de nossa propriedade rural.

— Eu conheci — respondo, uma nuvem de fumaça saindo da minha boca e girando no ar de onde estou no sofá.

— E?— ela continua inclinando-se para a frente em sua cadeira.

— O que você gostaria que eu dissesse, mãe?— Suspiro, passando a mão pelo meu cabelo e me sentando para encontrar o olhar dela. — Que ela é tudo que você não é? Ela é.

Ela faz uma careta e meu interior formiga de alegria, feliz por estar guardando rancor antes mesmo de elas se conhecerem. Mal posso esperar para ver como minha pequena corça se sai contra ela.

— Eu gostaria que você parasse de fumar esse haxixe — minha mãe brinca. — É um hábito nojento. Você não precisa de mais nada para prejudicar sua reputação.

Uma risada percorre minha garganta, as feridas arranhadas de quando eu era criança e ainda ansiavam pelo amor de minha mãe, como se fossem novas.

— Estou tendo dificuldades para me preocupar com seus desejos, mãe, considerando que você nunca teve tempo para cuidar dos meus.

— Isso não é justo — ela bufa. Há uma pausa tensa no ar, e justamente quando decidi que ela realmente vai calar a boca e me permitir o silêncio, ela fala novamente. — Eu sei que você está triste com seu pai. Todos nós lamentamos e se alguém entende, sou eu. Mas já faz dois anos, é hora de seguir em frente e ...

Eu me levanto do sofá e me movo em direção a ela, minha mandíbula apertando tanto os dentes. — Não finja saber sobre minha dor.

Agachando-me quando estou na frente da cadeira dela, tiro as cinzas do final do meu cigarro e descanso minhas mãos nos joelhos dela, a olhando. — Onde você estava na noite da morte dele?



Ela levanta o queixo. — Isso não é da sua conta.

Bile queima a parte de trás da minha garganta, minha raiva é tão palpável que posso provar no ar. — Você certamente não estava dividindo a cama dele, já que foi onde ele foi encontrado, sua pele tingida de azul e sozinho.

Sua coluna se endireita exatamente quando uma batida soa.

Uma de suas damas se move para a sala e caminha em direção à porta antes de abri-la. Timothy entra, limpando a garganta e curvando-se profundamente. — Vossa Majestade, posso apresentar Lady Beatreaux. Ela está aqui para o chá.

Meu peito se aperta ao nome dela e há um desejo repentino de ficar, apenas para protegê-la da língua e garras afiadas de minha mãe. Ridículo, considerando que eu estava apenas atijando as chamas, querendo criar a destruição.

Minha mãe dá um tapinha nas minhas mãos. — Tristan, querido, eu falo com você mais tarde.

Pego a palma da mão e beijo as costas. — Continuaremos essa *conversa* depois mãe.

Girando, encontro os olhos de Lady Beatreaux, parecendo linda como sempre e com força de vontade como sempre.

Ótimo.

Ela vai precisar.

# CAPÍTULO 26



*Sara B.*

Eu não esperava me encontrar com a rainha viúva em particular, mas ela me chamou como se eu fosse uma serva patética, apenas esperando que ela viesse chamar. Verdade seja dita, eu não desejo vê-la, mas meu tio me pediu para ir afirmando o quão importante é permanecer em suas boas graças até que eu esteja em uma posição de poder.

Então, amarrei minhas lâminas na coxa, vestida com o vestido de dia mais caro que eu tenho, permiti que Sheina apertasse meu espartilho com força extra, e aqui estou eu, respirando superficialmente enquanto sigo Timothy pelo corredor.

— Você conhece a rainha mãe?— Eu pergunto a ele.

— Eu conheço — ele responde.

— E?

Ele levanta uma sobrancelha. — E o que?

— Bem, no que estou entrando aqui, Timothy? Ela é a rosa ou é espinho?

— Milady, ela não é rosa.— Ele ri quando nos aproximamos da porta dela, virando-se para me encarar. — Mas você também não. Eu acho que você vai se cuidar muito bem.

Talvez eu deva ficar ofendida com as suas palavras, mas, em vez disso, há um conforto que se espalha pelo meu peito, porque ele está certo, eu não sou rosa, e gosto que ele me vê o suficiente para saber disso.

A porta se abre, uma jovem de vestido azul claro, sorrindo e pisando para o lado, permitindo que nos movemos para a sala. Minhas mãos estão úmidas, fazendo minhas luvas de renda rosa grudar nas palmas, mas respiro o mais fundo que meu espartilho permite e endireito meus ombros para fingir a confiança que não estou sentindo por dentro. Estamos nos

apostos pessoais dela; um lugar que nunca estive e fico impressionada com a semelhança com a minha sala de estar.

Marrons profundos de madeira acentuam o papel de parede vermelho e creme e um fogo crepita no centro da sala. Há dois sofás bordô de frente para o outro e na cabeça há duas cadeiras de couro marrom em torno de uma pequena mesa redonda, com uma bandeja de chá e porcelana branca com pássaros azuis e detalhes dourados repousada.

Nada disso, no entanto, é o que chama minha atenção. Porque a partir do segundo em que entrei na sala, pude senti-lo. Um zumbido que tece o ar e dança na minha pele, envolvendo-me no meio como uma corda.

Tento resistir a olhar para o seu caminho, sim, mas desisto, reconhecendo, talvez pela primeira vez, que meu autocontrole com o príncipe está gravemente ausente.

O pingente do meu pai pesa em volta do meu pescoço.

Nossos olhos travam. Com o olhar de Tristan parece que eu sou um animal em um circo, e mesmo que ele esteja do outro lado da sala, parece que estou em exibição apenas para ele. Minha respiração já superficial treme enquanto ele lança seu olhar para o meu decote, minhas coxas tensionando para conter a dor que paira entre elas.

Timothy limpa a garganta, a mão roça meu cotovelo, e é só então que eu desvio, tirando os olhos dele e focando na mulher que estou aqui para ver.

Rainha Gertrude Faasa: a mulher que ficou parada enquanto seu filho matou meu pai, observando-o pendurado por ousar questionar a coroa.

A raiva queima no meu íntimo.

Passo para a frente, caindo em uma reverência, a bainha pálida do meu vestido tremulando no chão aos meus pés. — Vossa Majestade.

— Venha aqui, garota — ela ordena. — Fique em pé e deixe-me dar uma boa olhada em você.

Suas palavras cortam o ar como uma faca, exigente e quase cruel em seu tom. Eu passo em frente e quando paro diante dela, seus olhos estreitam e a mandíbula aperta enquanto ela cataloga cada pedaço de mim, nunca quis me revoltar mais.

— Então você é a garota que está aqui para se casar com meu filho.— Os olhos dela seguem minha forma. — Nenhuma de suas damas sabe domar esses cachos selvagens?

Minhas costas endurecem com seu insulto superficial, mas minha confiança aumenta, percebendo que ela está recorrendo a comentários mesquinhos em vez de socos profundos.

Eu soltei uma pequena risada. — Cachos como os meus são difíceis de domar, senhora. Minhas damas fazem o que podem com o que Deus me deu.— Eu inclino minha cabeça. — Talvez, você possa arrumar meu cabelo um dia e mostrar como é feito.

Os lábios dela se franzem. — E o que faz você ser digna de usar uma coroa, senhorita Beatreaux?— Ela sorri e eu me movo sem esperar pelo convite dela, sentando no sofá ao seu lado.

— Por favor, sinta-se em casa — ela brinca.

Eu sorrio tanto que minhas bochechas doem. — Obrigada.

— Conte-me.— Ela acena para uma de suas damas. — Você vem da nobreza?

— Meu pai era duque.

A mesma garota que abriu a porta dá um passo à frente, derramando chá na porcelana fina antes de voltar para seu lugar contra a parede oposta.

— E o que ele faz agora?— a rainha mãe continua.

O buraco no meu estômago fica mais largo. — Apodrece no chão, infelizmente.

Uma risada aguda atrás de nós chama minha atenção, o som fazendo meu estômago tremer. Eu viro minha cabeça, olhando para Tristan, que está encostado na porta, suas botas pretas cruzadas no tornozelo. Não sei por que ele ainda está aqui, mas, estranhamente, acho sua presença reconfortante. Quase como se ele estivesse me protegendo, em vez dela.

— Então, ele está morto?— ela pergunta. Dirijo minha atenção para ela, as borboletas na minha barriga se dissipando assim que ela fala.

— Ele está, senhora — confirmo, embora a conversa esteja enviando uma onda de raiva pelas minhas veias.

Ela não se lembra dele. Ela sabe meu nome, sabe de onde eu sou, mas nem se lembra.

Houve muitos momentos em que a vida me deu um tapa no rosto e abriu meus olhos para as realidades que drenam minha inocência, mas é a primeira vez que percebo como uma experiência pode ser tão diferente para duas pessoas.

Para mim, o assassinato de meu pai foi uma mudança de vida. Mas para ela, foi apenas mais um dia.

Juro aqui nunca tomar a morte como garantida; que mesmo que a vida das pessoas termine, orarei por elas e pelas famílias daqueles que as amavam. Todo mundo merece ser lembrado, mesmo que seja para imaginar sua alma queimando nos poços do inferno.

— Hmm, pena.— Ela pega o chá, girando uma colher pelo líquido por longos momentos antes de bater contra a lateral da xícara, o som estridente.

— Os meus meninos também perderam o pai.— Ela balança a cabeça. — Mas é claro que você já sabia disso.

Eu aceno, juntando meus dedos no meu colo. — Foi um dia importante saber da morte do rei Michael.

— Ainda lamentamos — ela suspira.



— Sim — Tristan interrompe. — *Trágico*. Se você quiser se apegar ao seu marido novamente, mãe, por todos os meios, vamos continuar nossa conversa anterior.

Meu coração pula ao som de sua voz, e a curiosidade percorre meu coração olhando para frente e para trás entre eles. Ele fala com ela como se não pudesse suportar vê-la, o que é tão diferente de tudo que aprendi sobre eles ao longo dos anos.

Eu sempre pensei que a família Faasa era uma unidade coesa, leal apenas uma à outra até o fim amargo. E mesmo que eu tenha percebido que o rei e seu irmão não se dão bem, nunca imaginei que isso se estenderia também à rainha viúva.

Não que isso faça diferença. Para acabar com o reinado de Faasa, devo erradicar todos eles.

— Tristan, você pode sair — afirma sua mãe.

Torcendo em sua direção novamente, eu sorrio. — Sim, não há necessidade de você *estar aqui*.

Ele sorri quando se endireita da parede e caminha em nossa direção. Ele está vestido todo preto, como costuma estar, sua jaqueta cobrindo as tatuagens que eu gosto de ver; mesmo que me convença de que é para admirar a sua arte.

— Como posso, quando a conversa se tornou tão interessante?— ele pergunta, caindo ao meu lado no sofá. — Acho que prefiro ficar.

— Por favor, não — respondo, embora não haja muita convicção por trás das minhas palavras.

Ele me repreende, o som pulando no ar e batendo na minha pele, tão certo como se ele me tocasse com as mãos. Suas pernas se espalham e ele joga o braço na parte de trás do sofá, as pontas dos dedos dançando perigosamente perto do meu ombro.

Meu corpo enrola-se, músculos se alongando enquanto eu me inclino para o lado para garantir que nem um único pedaço de mim o toque.

Ele está dificultando o foco, embora, talvez, esse seja o objetivo dele. Estou convencida de que ele gosta de me ver se contorcer.

*Irritante.*

— E me diga, senhorita Beatreaux — continua a rainha viúva. — Como é que uma dama sem pai pode se manter tão bem educada na sociedade?

Meu peito racha com as palavras dela, mas evito que a reação apareça no meu rosto. — Da mesma forma que uma rainha viúva, suponho. Com um coração pesado e um forte senso de si mesma.

— Hmm.— Os olhos dela piscam no meu corpo antes de encontrar meu olhar novamente. — Os deveres de uma rainha são muito superiores aos de uma criança órfã.

O desejo de alcançá-la e estrangulá-la cresce tão forte que tenho que juntar meus dedos no meu colo.

— Estou ansiosa para me tornar rainha então.— Eu corro minhas palmas na minha saia. — É legal?

Ela inclina a cabeça.

— Oh.— Eu rio. — Estou curiosa se você gosta mais de não ter esses deveres? Tenho certeza de que é grata por poder viver seus dias em uma cabana no meio do nada, sem responsabilidades pesando em seu nome.

Ela endurece, seu olhar se estreitando.

— Parece muito relaxante — continuo. — Talvez um dia, depois que eu casar com seu filho, possamos visitá-la, e posso tranquilizar suas dúvidas, mostrando todas as maneiras pelas quais melhorei na fundação que você *tentou* construir.

Ela põe a xícara de chá, o líquido escorrendo pelos lados enquanto ela se vira para olhar para a senhora no canto.

Formigamentos correm ao longo da espinha quando sinto um toque delicado na nuca e sugo uma respiração, meu interior se enroscando mais forte do que antes.

Tristan está me tocando, com as pontas dos dedos acariciando na minha pele, fazendo arrepios se espalharem pelo comprimento do meu corpo. O pânico de sua mãe vendo se mistura com a emoção de ser tocada e, em vez

de me afastar, pressiono para trás, meu estômago revirando e subindo até que se acalme ao lado do meu coração acelerado.

Não ousa olhar para ele, mas posso senti-lo olhando.

E eu não deveria gostar como eu gosto.

# CAPÍTULO 27



*Tristan*

É preciso habilidade e precisão para tecer magia com suas palavras, e é algo que descobri desde tenra idade que eu gostava. Mesmo quando criança, eu podia induzir as pessoas a pensarem que minhas ideias eram deles, então passei anos afinando o ofício, até que fui capaz de dizer às pessoas para irem para o inferno de uma maneira que gostassem da viagem.

É por isso que ver Lady Beatreaux se defender contra minha mãe, usando essas mesmas táticas, era intoxicante.

Ela tem força de vontade. Ela é fogo.

Ela é o diabo, desfilando como uma cobra, convencendo as pessoas a comer a maçã.

*Ma petite menteuse... Minha pequena mentirosa.*

É o que é necessário em uma rainha. Você não pode ter uma garota inocente e de rosto jovem governando reinos.

Mas o pensamento de meu irmão tê-la ao seu lado, quando ela é tão valiosa, faz a bile provocar a parte de trás da minha garganta. A violência bate em minhas veias, pedindo que eu o mate agora e a roube para mim.

Dentro de duas semanas, meu irmão e todos os que o ajudarem cairão e eu me colocarei como o legítimo herdeiro do trono. Mas ter uma rainha nunca estava nos meus planos.

— Pronto?— Pergunto a Edward, olhando para ele enquanto caminhamos para o salão de banquetes. Os murmúrios ficam mais altos a cada passo, sangrando através das paredes, e eu sorrio, uma energia excitada zumbindo sob minha pele.

— Tudo vai dar certo no final.— Ele sorri.

— Claro que sim — eu digo. — O fracasso não corre no meu sangue.

Ele sorri. — Tecnicamente, seu irmão também tem esse sangue.

— Infelizmente, isso é verdade.— Eu digo. — Suponho que terei que drená-lo de cada gota.

Edward ri quando nos aproximamos das portas de madeira escura, as dobradiças de metal cinza-esverdeado rangendo quando ele as abre e entramos.

A atenção das pessoas atravessa minha pele, me infundindo de força enquanto eu me alimento da energia delas.

O salão de banquetes está encharcado de preto e dourado, a bandeira da nossa família voando acima de nossas cabeças, longas mesas cobertas de toalhas brancas correndo ao lado das paredes. O maior delas é perpendicular ao resto em um palco, com vista para o cômodo, e meu irmão fica no centro do lugar, ladeado por sua futura noiva e nossa mãe; seus conselheiros enchendo os outros assentos.

Meu estômago se aperta quando olho para os rostos de todas as pessoas que ficaram no meu caminho. Pessoas que nunca me mostraram o respeito que dão a Michael, quando ele não fez nada para conquistá-lo.

Cabeças se viram enquanto eu desço os corredores de pedra, minhas botas batendo no chão e ecoando nos tetos altos.

— O príncipe marcado — alguém murmura.

Era uma vez essa frase cortava, mas agora eu a uso como combustível, sabendo que em breve qualquer um que se atreva a falar contra mim terá que implorar por misericórdia aos meus pés.

Meu irmão ainda não me notou, conversando profundamente com minha mãe e Xander, mas minha pequena corça é uma história diferente. Um calor perigoso rasteja pelo meu interior, sabendo que enquanto ela e Michael estão comemorando, sou eu quem tem os olhos dela.

Edward segue para uma das mesas laterais, ocupando seu lugar ao lado de outras forças armadas de alto escalão e mergulhando na conversa. É importante ter muitas testemunhas oculares para atestar que estávamos aqui.

Paro de andar quando chego à plataforma, balançando nos calcanhares, meu olhar nunca sai de Lady Beatreux. A cabeça dela se inclina, as sobrancelhas se franzem e eu sorrio, minha língua deslizando pelo lábio inferior.

Ela se remexe no assento.

— Tristan — diz Michael, o tom profundo de sua voz saltando das paredes.  
— Que surpresa adorável.

Lentamente, mudo meus olhos da noiva para ele. — Você achou que eu não apareceria, irmão?



— Nunca se pode ter certeza com você — ele ri, agitando o braço para um criado. — Traga um assento para ele.

— Lady Beatreaux.— Deixei o nome dela deslizar da minha língua, minha atenção caindo sobre ela. — Você parece *devastadora*. Meu irmão é um homem de sorte.

Alguns suspiros soam atrás de mim, sem dúvida surpresos que eu seria tão ousado. Excitação vibra no meu estômago, imaginando como ela reagirá, como meu irmão reagirá.

Ela sorri, inclinando a cabeça, mas vejo o flash de irritação girando através do marrom profundo de suas íris. — Obrigada, Alteza. Isso é muito gentil.

— Eu sei que suas maneiras estão enferrujadas — Michael corta, com os olhos brilhando. — Mas tenha cuidado ao falar da minha futura esposa.

A mão dele estende e agarra a dela, e ela se vira para ele, com as feições amolecendo enquanto enrosca os dedos em cima da mesa.

Rajadas verdes de ciúmes chicoteiam no meu íntimo, e minha mandíbula se aperta tão forte que estala. Eu desvio meus olhos, preocupado que, se não o fizer, vou invadir o palco e arrancar os seus dedos do corpo, certificando-me de que ele nunca poderá tocá-la novamente.

Subo no palco e ando atrás das costas de todas as cadeiras, até ficar atrás do meu primo, lorde Takan, quem senta ao lado da minha pequena corça. *A bruxa traiçoeira.*

Curvando-me, pressiono uma mão no ombro dele, os diamantes dos meus anéis brilhando enquanto aperto. — Primo, faz muito tempo.

Seu corpo endurece, o cálice de vinho congelando até a boca. — Tristan, que surpresa agradável.

Eu levanto uma sobrancelha. — É mesmo? Quando foi a última vez que te vi?— Eu pergunto. — No funeral do meu pai?

Ele limpa a garganta, colocando o copo na mesa, os dedos tocando um ritmo nervoso no topo. — Acredito que sim.

— Uau.— Eu assobio. — Dois anos. Incrível.— Um criado interrompe, uma cadeira grande sendo içada entre os braços e diversão dança no meu peito quando Takan é forçado a sair do caminho para dar espaço para mim.

Quando minha cadeira está no lugar, sento-me, com as pernas esticadas embaixo da longa toalha de mesa de linho branco que cobre meu colo. Viro meu corpo em direção a meu primo, mas estendo a mão com o braço direito, colocando a mão na coxa de Lady Beatreux. Todo o seu corpo endurece, o garfo se agita quando cai no prato.

— Você está bem?— Michael pergunta a ela.

Minha palma a agarra mais forte.

— O que? — Ela ri. — Oh, eu estou bem. Pensei ter visto algo, é tudo.

— Diga-me, primo.— Eu sorrio para Takan. — O que você tem feito desde a última vez que te vi?

Minhas pontas dos dedos criam pequenos círculos contra o tecido do vestido, rastejando pela perna, parando quando sinto algo volumoso.

Seus músculos estão tensos, e eu percebo que ela tem o que parece uma adaga amarrada a ela. Sorrindo, olho para ela do meu periférico.

*Uma pequena mentirosa.*

A visão que crio na minha cabeça me faz endurecer, imaginando-a amarrada e nua, nada tocando sua pele, exceto a prata de sua lâmina e o calor dos meus lábios. Minha palma desliza para cima até eu pressionar o vinco de sua parte interna da coxa, minhas juntas batendo no fundo do espartilho, enquanto forço o tecido do vestido para fundir a pele.

Eu posso sentir o calor da boceta dela e engulo um gemido, minha mão massageando sua carne.

Meu estômago vira quando seus dedos batem em cima dos meus.

Takan limpa a boca com um guardanapo, mas seus movimentos são bruscos, gotas de suor se formando na testa, a mandíbula moendo para frente e para trás. — Seu irmão me fez governador de Campestria.

— Um *governador*.— Eu levanto minhas sobrancelhas. — Quão ... singular.

Aperto o domínio, a parte superior dos meus anéis pressionando contra a palma da minha pequena corça. A mão dela se afasta da minha, e eu mergulho meus dedos mais longe, encostando-me na minha cadeira e agarrando o copo de vinho da mesa para trazer aos meus lábios.

Ela desliza pela minha coxa, com as pontas dos dedos escovando contra a borda da minha ereção. Uma tosse chicoteia através de mim, o vinho queimando enquanto corre pela minha garganta. Meu pau palpita, desesperado por seu toque. Estou meio tentado a pegá-la e jogá-la em cima desta mesa, levantando o vestido e plantando minha língua na boceta, só para ouvir como são seus gemidos na *linda* acústica do salão.

Eu me levanto para a frente, meus lábios se separando enquanto ela brinca com a parte de trás do meu comprimento com a palma da mão, o tecido empurrando e criando um atrito que me deixa quase sem sentido para que ela me toque completamente.

Líquido vaza da minha ponta e meus dedos seguram a carne da coxa dela com tanta força que tenho certeza de que deixarei um hematoma.

— Sara, querida.— A voz de Michael corta o nevoeiro e sua mão desaparece tão rapidamente quanto veio. — Gostaria de ter algum tempo com você, sozinha, antes que o baile comece.

Ela cora enquanto olha para ele. Aperto a borda da mesa, minhas juntas brancas do aperto forte.

— Claro, Majestade — ela cantarola.

Ela coloca a palma da mão na dele, e eles se levantam, mas antes que possam se mover, um grande barulho atravessa o corredor.

Viro para a esquerda, choque em espiral quando vejo meu primo desabando em cima da mesa, agarrando seu pescoço. Seu corpo espasma como se ele não tivesse controle sobre seus músculos. Veias vermelhas estouraram em seus olhos, e eu estou congelado no lugar, paralisado ao vê-lo.

Um grito soa de algum lugar embaixo do palco, e alguém corre para a frente, me empurrando para fora do caminho enquanto o ajuda. Eu permito que eles me movam, uma sensação de pavor passando pelo meu peito, reconhecendo que meu primo está envenenado, e não por mim.

# CAPÍTULO 28



*Sara B.*

Estricnina.

Não é o mais sutil dos venenos, mas não precisava de sutileza. Eu precisava de algo que não tivesse remédio conhecido e funcionaria rapidamente.

Lord Takan é inofensivo, um sacrifício pelo bem maior, mas em algum lugar na parte mais profunda de mim, eu podia sentir um pedaço da minha alma murchar e lascar quando escorreguei o pó na bebida dele e o vi se dissolver, sabendo que eu estava servindo a ele nada além da morte.

Lord Takan é primo em primeiro grau do rei, o que o torna um Faasa e, embora não esteja na fila para assumir o trono, ele está *na* linha. E minha sede de vingança não será extinta até que eu erradique cada gota de sangue Faasa da terra.

A mão de Michael treme agarrando meu antebraço, gotas de suor se formando em sua testa enquanto somos escoltados por um batalhão de guardas, liderado por Timothy e outro homem de uniforme, com cabelos loiros desgrenhados. Não me lembro do nome dele, mas sei que foi ele quem conteve a mulher com a cabeça de lorde Reginald. Xander salta na nossa frente, passando a mão pelos cabelos como se não pudesse acalmar seus pensamentos.

Entramos no escritório de Michael e Timothy agarra meu cotovelo, com os olhos me olhando da cabeça aos pés, como se estivesse preocupado que eu também ingeri veneno que paralisará minhas vias aéreas e me fará sufocar até morrer.

— Eu quero saber — a voz de Michael sacode as paredes. — Que *porra* foi isso.

Xander anda de um lado para o outro em frente à mesa.

Ele é um ator talentoso, eu decidi.

Afinal, foi ele quem me deu o veneno em primeiro lugar.

— O baile deve continuar — grita Xander. — Este é o momento perfeito para vocês se unirem e tranquilizarem as pessoas. Mostre a eles que na adversidade encontramos força ... — Ele aponta entre Michael e eu. — Um no outro.

Eu zombei. — Você já pensou em algo além da política?

Seus lábios se curvam, um reflexo sinistro que atravessa seus olhos.

A porta se abre e o príncipe Tristan entra em cena, uma energia escura girando ao seu redor, fazendo parecer que a temperatura cai apenas por sua presença.

Tremo, meu coração batendo no meu peito.

Ele não parece feliz.

— Tristan — Xander corta. — É sempre a morte que o traz, não é?

Os passos de Tristan são pesados, sua longa jaqueta preta flutuando atrás dele enquanto ele atravessa a sala. Os olhos de Xander se arregalam e ele se afasta até esbarrar no canto da mesa.



Rápida como um flash, a mão de Tristan dispara, segurando Xander pelo rosto até que suas bochechas se esvaíam, seus óculos se empurraram até ficarem tortos e dobrados na testa.

— Tristan, por favor — suspira Michael, esfregando as mãos sobre o rosto.

Sua mandíbula tensiona enquanto ele levanta Xander até que seus dedos estejam fora do chão.

Há um pedaço de preocupação para o com meu primo, mas estou tão surpresa com o puro poder que irradia do príncipe que estou congelada no lugar, uma sensação inebriante inundando-me enquanto ele domina todos os outros homens na sala apenas escolhendo estar nela.

Meus olhos seguem os anéis nos dedos dele, movendo-se sobre as veias grossas da mão. Minhas coxas se unem quando me lembro daquela mesma mão mergulhando entre minhas pernas enquanto dezenas de pessoas assistiam, sem saber de nada.

Lamento não ter aproveitado a oportunidade para sentir o quanto o afetei quando tive a chance.

— Um membro da família acabou de ser envenenado em nossa casa, mas você ainda fala comigo como se eu não pudesse cortar seu corpo e alimentá-lo com os vira-latas para o jantar — Tristan cospe.

Náusea rola através de mim no visual que suas palavras criam.

— Eu não recomendaria, Alteza — Xander gagueja, estremecendo quando a aderência de Tristan se aperta. — Eu seria tão ruim, nem uma refeição apetitosa.

O príncipe zomba, deixando Xander no chão, e eu me apresso, agachando-me ao lado dele e ajudando-o a ficar de pé.

— Seja civilizado — eu solto, olhando para Tristan.

Seus olhos se enfurecem como uma tempestade selvagem, todas as suas brincadeiras desapareceram como se eu tivesse inventado na minha cabeça. Meu coração tropeça contra minhas costelas enquanto eu seguro seu olhar, e pela primeira vez, entendo por que eles o temem. Os avisos do meu tio soam no meu cérebro.

— *O príncipe marcado é desequilibrado, Sara. Fique longe o máximo possível, você entendeu?*

— Como você sabe que foi veneno?— Michael questiona.

— Porque eu não sou um idiota.— Tristan quebra nossa conexão e gira em direção a seu irmão. — Você não viu as convulsões? A luta para respirar? A morte rápida e torturante?

Michael pondera um pouco. — Ele está morto?

Tristan ri, o som estrondoso no fundo do peito.

— *Hyenas* — Xander assobia.

Minhas sobrancelhas sobem para a minha linha do cabelo, irritação com o nome nojento que sangra pelos meus poros. Eu entendo o que ele está fazendo; jogando o assassinato nos rebeldes. Não era o plano, mas vejo o apelo de usá-los como bodes expiatórios para nos ajudar a nos esconder à vista. Ainda assim, o pensamento de pessoas inocentes sendo feridas cai no centro do meu peito, me pesando até minhas pernas tremerem. Felizmente, posso terminar o trabalho antes que chegue a isso.

Michael bufa. — Aqui? No castelo?

— Eles já chegaram ao castelo antes — eu falo. — É tão absurdo acreditar que eles poderiam novamente?

Tristan se inclina contra a parede, o músculo em sua mandíbula tensionando e soltando. Ele puxa um cigarro por trás da orelha e o rola sobre o arco dos lábios antes de colocá-lo na boca, e mesmo que não seja um momento apropriado ou uma reação apropriada, meu estômago se aperta, desejo se acumulando entre minhas pernas.

Depois da nossa noite sob as estrelas, não sei se vou olhar para fumar do mesmo jeito.

Ele pega um fósforo no bolso, alguns fios rebeldes de seus cabelos negros caindo sobre sua cicatriz enquanto se inclina para a frente para acender a ponta; a chama faz seus traços iluminar em um tom quente de laranja. Seus olhos piscam quando olha para mim, e ele se endireita, permitindo que o fogo queime o palito até que eu tenha certeza de que está tocando contra a sua pele.

Mas ele nem se encolhe. Nem se mexe.

Eu engulo, presa em seu olhar como areia movediça.

Ele sorri, fumaça saindo da boca e se enrolando no ar.

— Independentemente disso, não há nada a ser feito agora — diz Xander, me tirando do meu estupor.

Meu peito torce quando eu afasto minha atenção.

Michael anda de um lado para o outro, com os olhos saltando de uma parede para a outra, e eu mordo o interior da minha bochecha enquanto o observo, imaginando por que ele parece tão desconfortável quando, há poucas semanas, uma cabeça decapitada rolou a seus pés e ele não se incomodou.

— Não se preocupe — continua Xander. — Eu vou cuidar de tudo.

# CAPÍTULO 29



*Tristan*

— Você acha que é um rebelde?— Edward diz, ajustando a braçadeira na borda do uniforme. — Alguém que ficou inquieto e tomou o assunto com suas próprias mãos?

Um flash de raiva dispara pelo meu peito ao pensar em um rebelde me desobedecendo, e olho para Edward, desconfiança tecendo minha mente.

— Por que alguém desejaria uma morte torturante por minhas mãos?— Eu pergunto. — Eles precisam saber que é o que os aguardaria.

Ele assente, esfregando a barba na mandíbula. — Você acha que é Alexander? Aquele passarinho patético?

— Acho que todo mundo é suspeito neste momento.— Levanto-me do meu lugar, caminhando para o canto do quarto de Edward e olhando para o espelho empoleirado em cima de sua cômoda.

— Até Lady Beatreaux?

A defensividade bate como uma parede de concreto, quebrando minha fundação com sua força. Eu giro para encará-lo, inclinando minha cabeça. — Se você tem algo a me perguntar, Edward, faça. Não suporto jogos de adivinhação.

Ele engole, levantando um ombro. — Não quero dizer nada com isso... mas ela é uma mulher atraente.

Aperto minha mandíbula, diminuindo o desejo de cortar a língua por falar dela como se ele tivesse algum direito. Como se ele tivesse alguma pista de quão *devastadora* ela realmente é.

— Ela é do meu irmão.

Ele olha para mim do seu periférico quando vem para ficar ao meu lado no espelho. — No entanto, você alertou os rebeldes para não tocá-la.

Suspiro, cansado de sua linha de questionamento. — Eu serei o único a matá-la, Edward. De preferência enquanto Michael assiste.

Minha mente volta ao jantar, quando ela roçou meu pau, depois colocou os mesmos dedos na mão de Michael, sorrindo para ele como se ele fosse o mundo dela.

Um pensamento repentino me aparece como um tapa na cara.

*E se ela fosse responsável pela morte de Takan?*

Ela está sempre esgueirando-se em lugares a que não pertence, tem facas presas à coxa e faz o papel de uma realeza amorosa quando sei que ela é uma cobra de língua venenosa.

Ela também estava sentada ao lado de Lord Takan no banquete.

Um sopro de ar me escapa quando as peças do quebra-cabeça se encaixam, um gotejamento frio de relaxamento deslizando pelo meu interior na realização.

Claro, seria ela.

*Minha pequena mentirosa.*

Espero sentir raiva, mas, em vez disso, fico excitado, encantado por *ser* ela, ela é muito mais nefasta do que eu pensava. Isso me faz querer empurrá-la, ver até onde vai até que ela quebre.

Meu pau sobe a meio mastro de suas ações desonestas, e afundo meus dentes no lábio inferior, mordendo um gemido, reconhecendo que isso a torna ainda mais atraente para mim do que ela já era.

Aperto meu colete preto e depois ando até onde meu casaco está jogado pela cadeira, pegando-o e passando meus braços pelas mangas.

— Isso não muda nada dos nossos planos — digo a Edward, um sorriso malicioso rastejando pelo meu rosto. — É melhor fazer hoje à noite um especial dois por um.



O último baile realizado no castelo Saxum foi quando Michael assumiu o trono, lançando o evento mais luxuoso desde a virada do século dez anos antes.

Eu não participei.

Deve ter escapado da minha mente.



Ainda assim, eu sabia que, apresentando Lady Beatreaux à corte, ela seria o centro das atenções.

No entanto, eu não esperava que isso me afetasse do jeito que está.

Eu a observo das sombras do salão, meu sangue borbulhando como um barril de ácido enquanto a vejo desfilando no braço de uma dúzia de homens diferentes, todos clamando por uma chance de dançar com sua futura rainha.

Meu irmão senta-se ao lado de minha mãe em uma área bloqueada destinada à família real, sob um toldo preto e dourado brilhante feito da melhor cortina.

— Ela é muito bonita, não é?— uma voz arrastada murmura atrás de mim.

Olho para cima, aborrecimento lançando através dos meus ossos que alguém pensa que pode falar dela. Essa irritação só cresce quando vejo um homem baixo e atarracado, com muitas jóias e cabelos ruivos tão brilhantes quanto o sol, balançando no lugar, seu vinho escorrendo sobre o copo.

Lord Claudius, o Barão de Sulta, que é uma cidade do outro lado das planícies de Campestria, perto da fronteira sul. Ele costumava passar o verão com nossa família na propriedade rural e sempre teve muita inveja do meu irmão, quase ao ponto de obsessão.

— Olá, Claudius — suspiro. — É bom ver que você ainda é um pouco assustador.

Ele sorri, virando o copo e bebendo o vinho. — E você, Alteza, ainda à espreita nas sombras. Ainda se escondendo do seu irmão como fez quando éramos crianças?

Rindo, eu giro para encará-lo, superando-o com a minha sombra. — Você foi convidado hoje à noite, homenzinho? Ou se aproximou de Michael?

Eu estendo a mão, segurando seu ombro. — Talvez se você vestir um vestido, você pode enganá-lo a pensar que é uma prostituta, e ele permitirá que você sente no pau dele da maneira que você sonha há anos.

Seu rosto cai em uma carranca furiosa e ele se arranca debaixo da minha mão, saindo sem outra palavra. Meus olhos o seguem enquanto ele caminha para o centro do salão, batendo no ombro do jovem dançando com Lady Beatreaux e substituindo-o, seus dedos sujos agarrando sua cintura e puxando-a para ele.

A raiva come através da minha pele de dentro para fora quando ele a toca, seu sorriso se tornando forçado, olhos brilhando de desconforto.

Normalmente, eu apreciaria o desconforto dela. Mas somente quando está em *minhas* mãos.

Ele dança em um simples foxtrot, a palma da mão se movendo mais para baixo da cintura até que ele deslize logo acima da curva da sua bunda.

Estou a dois segundos de abrir caminho pelo salão e arrancar cada um dos dedos dele, mas antes que eu possa, ela se livra de suas garras.

Ele se curva quando ela se afasta, atravessando o chão de azulejos brilhantes e saindo para o corredor.

A antecipação aperta meus músculos quando seus olhos redondos a perseguem, e vejo o momento em que ele toma a decisão. Ele tropeça no chão, seguindo-a pelas portas do salão.

Olho para o meu irmão, esperando que ele ferva de raiva, mas, em vez disso, ele está ocupado olhando para o lado da sala, varrendo os olhos em uma das criadas em pé contra a parede oposta.

Repugnante.

Estalando meu pescoço, eu peso minhas opções. Eu poderia segui-los ou ignorá-los.

Sara Beatreaux não é problema meu.

Normalmente, eu não me importaria.

*Eu não deveria me importar.*

Mas me importo.

# CAPÍTULO 30



*Sara B.*

Eu o sinto atrás de mim antes de vê-lo.

Eu mal cheguei à porta do banheiro feminino quando estou girando e sou puxada para um canto escuro do salão principal, pressionada contra a pedra.

— Tire suas mãos de mim — chio, olhando para o rosto corado de Lord Claudius. Seu hálito encharcado de vinho é podre, ainda mais volátil agora do que quando estávamos dançando.

Esta é a gota d'água da minha sanidade, depois de ter sido exibida nos braços de vários homens, dançando até meus pés ficarem dormentes. Quando Marisol me fez praticar, eu assumi que era para dançar com meu futuro marido, não com todo mundo participando.

Mas Michael mal me poupou um olhar a noite toda. Ele fez um discurso tímido sobre como seu primo estava doente muito antes desta noite e como teve sorte de me receber ao seu lado pela tristeza de sua perda, mas desde então, ele tem sido um fantasma, me penhorando como se eu fosse uma obrigação da qual ele mal pode esperar para se livrar.

— Você vai se arrepender quando estiver sóbrio, — tento novamente, empurrando contra as lapelas do smoking.

— Você é uma mulher bonita, milady — ele inspira. — Ninguém me culparia por provar a mercadoria.

— Sua Majestade te culparia — respondo, pânico rastejando pelos meus músculos. — Você seria morto.

Seus dedos gordos deslizam pela frente do meu vestido de baile, apertando o cetim e as rendas, o antebraço pressionando contra a minha traquéia, aumentando a pressão até que minhas vias aéreas comecem a fechar.

— Ninguém acreditaria em você.— Ele ri. — Você está praticamente implorando por isso.

Navalhas afiadas cortam minha garganta enquanto luto para respirar. Olho pelo corredor o melhor que posso, esperando ver alguém por perto para acalmar a situação.

Mas ninguém está aqui.

Seus quadris pressionam contra mim, a crista grossa de sua ereção cutucando meu estômago enquanto sua palma agarra meus quadris. Tento mover meus braços, esperando poder chegar aos punhais da minha coxa, mas o peso corporal dele está diminuindo e eu não tenho controle dos meus membros.

Meu pai me ensinou a ser proficiente em espadas e punhais, e minha mira com uma pistola é quase perfeita.

Mas ele não me treinou o suficiente para isso.

Eu permito que meu corpo fique relaxado contra ele, esperando que se eu parar de lutar, talvez ele afrouxe o controle. Ele resmunga, empurrando-se para a minha barriga, sorrindo enquanto saliva da boca escorre ao lado do meu pescoço. Ele puxa minhas saias, o som do tecido rasgando como uma flecha no meu peito, o medo sangrando para se misturar com as batidas do meu coração. Ele continua sua jornada até que minhas meias sejam expostas, passando a mão por baixo da minha camisa, com os dedos

carnudos escorregando para o interior da minha coxa, ignorando o babado dos tecidos até encontrar minha pele.

Sou grata por ele não sentir o metal frio dos meus punhais, ou ele está bêbado demais para perceber, e bile rasteja pela minha garganta, náusea agitando tão bruscamente, oro para vomitar em cima dele, apenas para afastá-lo.

— Fodidos vestidos pesados — ele murmura, o braço se esforçando mais contra a minha garganta. Ele volta para se ajustar, com a mão centímetros longe de escovar os cachos macios entre as minhas pernas, e aproveito a oportunidade, meu coração batendo contra o peito quando chego ao lado da palma da mão e retiro uma das lâminas da minha liga de couro.

Eu empunho na garganta dele, pressionando a borda afiada contra sua jugular.

Ele deixa meu vestido cair e tropeça para trás, tropeçando em si mesmo, com os olhos arregalados.

— Cuidado com quem você encurrala nos corredores escuros — sibilo, calor líquido subindo pelas minhas veias. — Você nunca sabe qual de nós esconde suas garras.

Agora sou eu quem se move para ele, caminhando até que ele bata contra a parede oposta, com as mãos voando em rendição.

— Devo terminar sua vida aqui?— Eu pergunto, sinalizando a mão na frente de seu corpo, com nojo e raiva se misturando até que eu esteja engasgando com o gosto. Eu desvio para a cintura da calça dele e aperto os testículos na palma da mão, torcendo pelo tecido até ele gritar.

— Afinal, — continuo trazendo meus lábios para perto de sua orelha. — Você está praticamente *implorando* por isso.

Aperto mais, meu pulso gira para que a pele dele se estique ainda mais, e posso sentir o pomo de Adão embaixo da minha faca, minha mão empurrando com o movimento.

Um corte fino aparece quando empurro a borda da lâmina para mais longe, sangue escorrendo pela frente do esôfago e por cima da gravata borboleta até manchar o branco da camisa.

Seria tão fácil cortar sua garganta, e meu corpo vibra com a necessidade. Cerro os dentes, forçando a lâmina mais fundo, sua respiração difícil picando minhas narinas com seu fedor.

Há um barulho alto de sapatos ecoando pelo corredor, e eu passo para trás, escondendo a lâmina atrás das minhas costas, não querendo que ninguém veja que eu tenho uma ou que eu sei como usá-la.

Nós dois ficamos atordoados e em silêncio, Claudius balançando em seu lugar.

Eventualmente, os passos desaparecem.



Meu corpo voa para a frente me empurrando com sua estrutura atarracada passando por mim, correndo pelo corredor até que ele também desapareça da minha vista.

Considero persegui-lo por alguns momentos, mas a adrenalina já se esgotou, sendo substituída por um forte sentimento de mal-estar que me pesa das pontas dos dedos dos pés até o topo da minha cabeça. Afundando contra a parede de pedra, levanto minha mão para a boca, abafando o soluço que se liberta. Meus olhos se fecham, tentando conter as lágrimas, com medo de deixá-las cair; não querendo dar para a desculpa patética de um homem, mais poder do que ele já teve.

Mas alguns escapam, de qualquer maneira.

Elas estão quentes enquanto seguem minhas bochechas e se parecem muito como fracassos.

*Você está bem. Você o parou. Você é forte.*

Eu me levanto com as pernas trêmulas, entrando no banheiro, meu corpo pulando com cada rangido de barulho; meus nervos nada além de bordas desgastadas se revelando na costura.

Ele não foi longe, mas de alguma forma, ainda sinto que ele tirou algo meu.

Minha adaga treme na minha mão quando eu estendo a mão e ligo a torneira, correndo a lâmina sob a água para lavar as pequenas gotas de

sangue, esperando que, talvez, ao fazê-lo, também limpe os arranhões que ele causou na minha alma.

Porque enquanto ele não tomava minha inocência, ele levou algo muito pior.

Minha dignidade.

E não tenho certeza de como recuperá-la.

# CAPÍTULO 31



*Tristan*

Eu os sigo.

*Claro* que eu sigo. Como eu não poderia?

Mas quando encontro, já é tarde demais e sou recebido com a visão das mãos sujas de Claudius rasgando o vestido dela e seus quadris nojentos

pressionando os dela. Minha lógica voa pela janela, apertando o peito até meus pulmões murcharem; carbonizado pelo fogo da fúria correndo pelo meu interior.

Eu não consigo me mexer.

Eu não consigo ouvir.

Eu não posso falar.

Só consigo pensar em uma coisa.

*Minha.*

A palavra me treme como um terremoto, quebrando minha fundação e todas as defesas que construí com ela, criando um abismo tão profundo que não há como me desenterrar.

Lady Beatreaux “*Sara*” é minha.

Eu vejo nosso futuro diante de nós claro como o dia; eu sentado no trono e ela ao meu lado. Por que não? Por que ela *não deveria* estar ao meu lado?

— Fodidos vestidos pesados.

O murmúrio de Claudius me tira do meu estado congelado, e eu passo em frente, meu único foco em alcançá-lo e assassiná-lo; tomando banho no sangue dele enquanto eu clamo minha reivindicação sobre o corpo e a alma dela.

Meus membros tremem da violência que transborda dentro de mim, suas garras coçando sob a superfície da minha pele até que ela rache e sangre.

*Como ele ousa tocar algo que me pertence.*

Ela se move então, e a energia muda enquanto ela segura uma lâmina na garganta de Claudius, e meu coração titubeia, meu pau fica rígido quando palavras apaixonadas passam por seus lindos lábios, ameaçando matar um homem onde ele está.

Eu dou dois passos antes de congelar novamente, assistindo essa *feroz* mulher incrível que pode mudar e se transformar no que ela precisa para sobreviver, cuidando da ameaça. Uma injeção repentina de excitação se mistura com a raiva, criando uma sensação que nunca senti.

Não é um sentimento indesejável. Não mais.

Com aceitação vem a clareza.

Minha pequena corça não é corça.

Ela é uma caçadora, fingindo que é presa.

Eu me encosto na parede, minha mão descansando sobre meu coração, pressionando firmemente para impedir que ele exploda na minha caixa torácica e caia no chão.

Ela é uma visão do caralho. O tipo que deve ficar nas galerias e ser reverenciada pelas massas.

O tipo perfeito de arte.

*Minha.*

Os passos soam à distância e eu me movo rapidamente para evitar ser visto, sem parar até ficar no final do corredor, ao lado do retrato do meu bisavô.

Eventualmente, eles desaparecem, e então apenas um silêncio espesso me rodeia. Eu forço meus ouvidos, mas não ouço um pio. Eu me pergunto se ela o matou. A decepção se instala no meu peito, desejando poder tê-la visto fazer isso; que eu poderia ter ido junto para o passeio.

Mas então outro conjunto de passos soa, e um presente é dado quando vejo o rosto sombrio de Claudius enquanto ele corre pelo corredor em minha direção.

Minha mão serpenteia antes que minha mente possa processar, meus anéis cortando a pele dos meus dedos enquanto eu agarro seu pescoço, arrastando-o para perto mim, as costas dele batendo na minha frente.

Ele grita do meu alcance, mas minha palma bate na boca, minha mão apertando a traquéia, sentindo o músculo estremecer sob o meu toque.

— Shh, não tenha medo — murmuro.

Afasto minha palma dos lábios e me levanto, inclinando o retrato do meu bisavô para o lado, a parede desaparecendo atrás de mim. Eu afundo na entrada dos túneis, puxando um Claudius contorcido comigo.

Quando a parede volta ao lugar, eu giro, jogando-o no chão, revelando o som de seu crânio rachando no chão de pedra dura. O sangue respinga do impacto, e ele geme, rolando de costas, com as mãos subindo para agarrar sua cabeça.

A raiva penetra na base do meu estômago e tento apertá-la, fechando os olhos e respirando fundo. Ele se move para ficar de pé, o braço tremendo enquanto se levanta do chão, e eu passo para a frente até o tronco dele, a base grossa da minha bota pressionando seu peito e empurrando-o de volta para baixo.

— Oh, Claudius — eu repreendo, trazendo um cigarro por trás da minha orelha e mordendo a ponta com os dentes enquanto eu cavo no bolso para um fósforo. Eu pesco um fora da caixa e bato contra o lado, o som alto no espaço estreito.

Agachando-me enquanto inspiro, deixei o doce sabor da erva na minha língua. — O que devo fazer com você?

Ele geme, seus olhos nebulosos e sem foco.

Eu o golpeio contra o rosto com tanta força que minha mão formiga. — Não desmaie. Levante-se e venha comigo.

Suas sobrancelhas se franzem. — Não.

Me aproximando, agarro seu braço e o puxo levantando, dobrando-o em um ângulo de noventa graus. Seus joelhos dobram, mas eu o seguro na posição vertical. — Não era uma escolha.

A adrenalina bombeia minhas veias, alimentando minhas forças enquanto eu o carrego pela metade pelos túneis e entro na floresta escura até chegarmos à minha cabana na floresta.

Não há luz no caminho, mas já o percorri tantas vezes que o conheço de cor, então a viagem é rápida. Chuto a porta, deixando uma marca empoeirada do fundo da minha bota e jogo Claudius para dentro, seu corpo batendo contra a madeira desgastada do chão. O cigarro paira da minha boca enquanto eu torço para encará-lo, estreitando meu olhar.

— Você sempre foi um garoto muito travesso, Claudius. Mas acho que não posso deixar passar desta vez.

Pego o baseado da minha boca e a coloco no cinzeiro da pequena mesa oval que fica à minha direita antes de caminhar até ele. Ele está se empurrando para uma posição sentada, sangue escorrendo pela parte de trás da cabeça e no pescoço, o corte fino de onde Sara cortou sua garganta já está cicatrizando e seco.

— Seu ... seu irmão vai ... ouvir sobre isso — ele murmura, suas palavras lentas e baixas.

Suspiro, soprando um fôlego até minhas bochechas incharem. — Você sempre me subestimou.



Ele tosse.

— Está bem.— Eu aceno minha mão, caminhando em direção aos armários, onde guardo todas as ferramentas usadas para manutenção na cabana. — Estou acostumado. O *mundo* me subestima, e será a queda deles, tão certamente quanto será a sua.

Pego o que preciso antes de me virar e dar passos lentos e constantes em direção a ele. Sua cabeça gira para o lado e seu corpo afunda, onde ele estava encostado nos cotovelos e caindo de volta ao chão.

— Oh não — eu estalo, girando o martelo na minha mão. — Não me diga que você está prestes a perder a consciência. Estamos prestes a chegar à parte divertida.

Sorrindo, paro quando estou ao lado da sua cabeça, abaixando e batendo nele novamente, irritação apertando meu centro pelo fato de ele achar que pode desmaiar, e não experimentar cada pinga de dor que vou causar a ele.

Seus olhos se abrem e, mais uma vez, ele tenta se mexer na posição vertical.

— Eu não faria isso se fosse você.— Ando pelo seu corpo e me agacho para pairar sobre as rótulas, uma perna de cada lado do corpo. — Você sabe por que está aqui comigo, Claudius?

— Por que você é louco? — Ele levanta a cabeça e cospe aos meus pés. — Eu sou o Barão de Sulta e amigo de seu irmão. Você não pode *fazer* isso e se safar — ele se força a dizer.

— Oooh.— Eu sorrio. — Eu estou *tremendo* de medo.

— Você é desequilibrado! — ele grita.

— É o que dizem.— Meu sorriso cai e eu levanto o martelo. — Mas eu também sou seu príncipe e faço o que quiser.

Eu derrubo o martelo, seu grito alto penetrando no ar, abafando o som de sua rótula quebrando.

— Sim.— Aperto o nariz, satisfação acumulando na base da coluna e escorrendo para fora. — Aposto que dói.

Suspirando, permito que a borda afiada na parte de trás do martelo deslize pelo topo de seus ossos intactos. — Você está *aqui* porque tocou em algo que não foi feito para você.

— Você é louco.

Levantando o martelo, eu o uso para coçar o canto da minha testa. — Falando da minha saúde mental, não posso *ficar* deixando as coisas desiguais.

Sua cabeça cai para o lado.

— Isso me deixa louco.— Eu descanso a borda brusca do metal contra o joelho dele. — Me faz coçar. Você é assim?

Seus gritos são ainda mais deliciosos com o segundo golpe, lágrimas escorrendo pelo rosto e se misturando com o ranho, cada pedaço do homem que ele foi drenando enquanto sufoca em sua dor.

Jogo o martelo para o lado, inclinando-me para a frente e passando a ponta do dedo pelo corte na garganta; o deixado para trás por Sara, orgulho disparando pelo meu peito como fogos de artifício.

De pé, ando pelas pernas mutiladas até ficar perto da cabeça dele e agarrá-lo pelos ombros. Seus gritos se voltam para choramingos enquanto eu o arrasto pelo chão até a parte de trás da cabana, onde dois grandes pedaços de madeira são afixados na parede.

Uma cruz, com algemas de couro presas à peça inferior e aos dois lados.

Grunhindo enquanto eu levanto a estrutura mole de Claudius, o empurro contra as vigas, inclinando meu peso corporal para segurá-lo no lugar enquanto eu agarro um de seus braços e o prendo dentro da braçadeira de couro.

Ele puxa a respiração, sangue escorrendo pela testa. — Tristan — ele sussurra, soluçando em torno de suas palavras. — Por favor.

Eu sorrio para o pedido dele, trabalhando para prender o outro pulso. — Você não quer mais brincar?

— Não — ele sussurra, sua voz rouca.

Agarro, apertando as suas pernas, fazendo-o gritar novamente enquanto amarro os tornozelos embaixo da cruz.

De pé, olho nos seus olhos, repulsa sangrando pelo meu olhar. — Eu não queria que *você* brincasse com Lady Beatreux também. No entanto, aqui estamos nós, com você tendo feito isso.

— Eu não...

— Shhh.— Eu pressiono meus dedos contra a boca dele. — Chega de falar, ou eu vou cortar seu pau e fazer você engasgar com ele.

Eu passo para trás, olhando por cima da minha obra, garantindo que ele esteja bem preso. — Eu tenho que admitir, prefiro fogo.— Atravessando a pequena sala até os armários, vasculho as prateleiras até encontrar uma faca de trincar, segurando-a na frente do meu rosto para inspecionar a borda afiada. — Mas o castigo *deve* se encaixar no crime.

— Não cometi nenhum crime — ele grunhe, sua voz fraca e patética.

— Você tocou em algo que não é seu. Na verdade, concluí recentemente que ela é *minha* para tocar.— Voltando para ele, deslizei a lâmina pelo braço até chegar ao indicador da mão esquerda. — Então, o fato de você saber como é a pele dela? Bem ... isso é *inaceitável* para mim.

Pressiono a parte curva da faca na ponta do dedo e a arrasto pela parte de baixo, sentindo sua carne se afastar do osso como a casca de uma maçã. Ele grita, seu corpo se debatendo contra as amarras de couro apertadas.

— Já está doendo?— Eu pergunto, inclinando minha cabeça. Uma pele fina está em sua palma da mão, eu arranco, balançando-a na frente do rosto. — Parece horrível, não é?

O corpo de Claudius treme tanto que a madeira da cruz balança.

— Um a menos, faltam nove.— Eu solto minha voz. — Você sabe ... isso é *tão* divertido. Me lembra quando éramos crianças ... quando você ajudava meu irmão a me bater a torto e direito.

A raiva remexe meu estômago e ondula pelo peito, e eu largo o pedaço de pele, aproximando-me ainda mais do braço dele.

— Por favor, Deus — ele chora.

Rindo, eu corto seu segundo dedo. — *Eu sou* seu deus agora. E não ouço seus pedidos.

# CAPÍTULO 32



*Sara B.*

Meus olhos examinam o salão de baile. Repetidas vezes, eles piscam de um canto para o outro, esperando a moldura atarracada de lorde Claudius, mas ele não está em lugar algum. Isso não alivia minha ansiedade ou acalma as brasas de raiva brilhando no meu peito.

O arrependimento já está se estabelecendo no fundo que eu não o matei quando tive a chance; medo sussurra que talvez ele tenha encontrado alguém para atacar, alguém que não está escondendo punhais na coxa.

Michael senta ao meu lado enquanto olhamos para a pista de dança, sua mãe e meu tio se retiraram durante a noite. O piso brilhante reflete os rostos sorridentes das pessoas enquanto bebem e dançam a noite toda, e não posso deixar de sentir que estou assistindo a um show. Centenas de pessoas que vivem em uma realidade alternativa, tão diferentes do que sei ser a verdade.

Mas não é esse o caso de quase tudo? Nós traçamos e tecemos histórias, criando uma narrativa que dita como somos percebidos. Ou, em alguns casos, como os outros vivem.

— Você está se divertindo?— Michael pergunta, me envolvendo na conversa pela primeira vez a noite toda.

Eu sorrio. — É adorável.

Ele se levanta, estendendo a mão. — Vamos dançar?

Minhas sobrancelhas se elevam, náusea provocando minha garganta, mas eu coloco minha palma na dele e o deixo me levar para a pista de dança, esperando que ninguém possa ver o leve rasgo perto da bainha do meu vestido.

O salão limpa, as pessoas se movem para os arredores para dar espaço para nós, e eu me sinto doente.

Eu me sinto *doente* quando o braço dele envolve a minha cintura, me puxando de perto.

Eu me sinto *doente* quando a sua mão segura a minha.

E eu me sinto *doente* quando ele sorri.

— Você é o prêmio, Lady Beatreaux.

Bile sobe na minha garganta.

Eu não sou prêmio de *ninguém*.

Os músicos terminam a música, iniciando imediatamente outra, e eu grunho com o pensamento de ter que continuar essa dança. Meus pés estão doendo e minha alma está machucada.

— Majestade. — A voz de Xander rompe o nevoeiro. — Posso interromper?

Michael assente, e não escapa ao meu conhecimento que nunca tenho voz. Ninguém pergunta se *eu* gostaria de continuar. Eles apenas me passam como um objeto, aqui para o prazer de todos.

Xander se aproxima e eu sorrio enquanto ele pega minha mão, mas ele não retorna o gesto.

A próxima música começa, e ele me empurra pela sala, meus pés tropeçando enquanto eu tento acompanhar seus passos. Eu estremeço



quando a palma da mão se aperta em torno da minha, esmagando meus dedos até minhas juntas se dobrarem.

— O que você acha que está fazendo?— ele chia.

Seu tom me pega desprevenida e eu me empurro de volta. — Com licença? Eu não fiz nada.

— Não seja inocente comigo, prima — ele zomba. — Eu *vi* você.

Meu coração mergulha profundamente no chão. — Eu...

— Não terei tudo o que fizemos, tudo pelo que trabalhamos, jogado no lixo porque você não consegue manter as pernas fechadas.

Choque rasga através de mim, um nó de emoção se expandindo na minha garganta até parecer que vai explodir. — Eu fiz *tudo* que você ordenou. E ainda assim você me acusa?

— Eu *vi* você — ele repete. — Com Lord Claudius.

— Você não viu nada, claramente.

— Se tivesse sido outra pessoa?— Suas sobrancelhas se erguem para a linha do cabelo irritado. — Se tivesse sido o rei?

Aperto minha mandíbula, balançando a cabeça, porque enquanto a acusação está errada, tudo o que ele está dizendo ainda soa verdadeiro.

Michael não se importaria com o que estava acontecendo, ou se eu tinha uma palavra a dizer. Ele só se importaria com a aparência.

Meu rosto queima e aceno com a cabeça, tentando conter a onda de lágrimas implorando para escapar. — Você está certo — eu engasgo. — Então, deixe-me terminar o trabalho agora e morrerei feliz. O que você está *esperando*?

— Calma — ele pede. — As pessoas podem ouvir.

— Você é quem está falando disso.— Minha voz fica mais alta, incapaz de moderar a emoção que empurra contra as paredes feridas do meu peito.

— Acredito que você me deve uma dança.

Xander tropeça ao som da voz sedosa e meu coração gira em seu eixo enquanto eu encontro o olhar de Tristan.

Seus olhos são tumultuados. *Selvagens*, enquanto ele olha para o meu primo.

— Você está dispensado, Alexander.— Não há espaço para discussões em seu tom, e mesmo que houvesse, Xander não poderia recusar. Não aqui, não na frente das pessoas.

Enquanto olho pela sala, não é surpresa que as pessoas tenham parado para olhar.

Eles sempre fazem quando Tristan está perto. Eu não os culpo. Eu *nunca* consigo forçar-me a desviar o olhar.

Limpando a garganta, Xander dá um sorriso fraco e me libera, agitando o braço e inclinando a cabeça em uma tentativa patética de reverência. — Claro, Alteza.

O desrespeito é claro.

Mas Tristan nem se encolhe, movendo-se em minha direção.

Meu coração dispara, as borboletas no meu estômago voando. Normalmente, eu as desprezaria por aparecer, mas comparado a todas as outras emoções que tenho tido hoje à noite, elas são uma distração bem-vinda. Seus olhos encontram os meus quando ele aproxima, seu braço enrolando minha cintura e me puxando para perto. Minha respiração grita dos meus pulmões quando nossas mãos se enroscam, e meu coração mergulha no meu estômago, querendo arrancar minhas luvas de cetim pretas, apenas para sentir como é ter os dedos pressionados nos meus. Ele levanta as palmas das mãos para o lado e depois estamos dançando.

Ele comanda meu corpo da mesma maneira que comanda uma sala; sem esforço. Eu afundo em seu domínio, permitindo que minha mente se desligue pela primeira vez a noite toda.

Por alguma razão, do jeito que ele está me segurando, do jeito que está me puxando apenas um *pouco* apertado e um *pouco* perto demais, faz lágrimas encherem meus olhos.

Ele me faz sentir segura. Importante. E eu não tenho isso desde o meu pai.

Se eu me aprofundar um pouco mais, é fácil ver que Tristan e eu somos cortados do mesmo tecido, e isso é parte do motivo pelo qual não consigo vê-lo. Porque olhar para Tristan é como olhar no espelho e ver os pedaços de mim mesma que eu tento muito esconder.

Mas ele *não* esconde e não tenho muita certeza de como lidar com isso.

Minha mandíbula endurece à medida que minha visão se esvai e tento conter a tristeza, não querendo mostrar fraqueza em uma sala cheia de pessoas.

O rosto de Tristan se suaviza, com os dedos apertando em volta da minha cintura antes que ele me empurre para fora, girando meu corpo e me puxando de volta, mais perto do que estávamos antes. Muito perto para ser apropriado. Meu estômago tremula como se tivesse asas e a umidade vaza entre minhas coxas.

Seus lábios tocam minha orelha. — Não, pequena corça, não aqui. Eles não a veem chorar.

Eu aceno contra ele, minhas narinas inflando enquanto respiro fundo para conter a angústia que rola pelo meu interior como uma bola de demolição.

Tenho certeza que as pessoas estão olhando.

Mas eu me deleito com o seu toque.

Seus dedos se aprofundam em mim, como se ele nunca quisesse me deixar ir antes, a mão escorregando no bolso enquanto ele se dobra na cintura e agarra meus dedos, trazendo-os para a boca.

A excitação pulsa através do meu núcleo quando seus lábios tocam minha pele, minha testa franzindo quando algo cai entre as pontas dos dedos. Aumento o aperto, para que o que quer que seja não caia do meu alcance.

— Obrigado pela dança.— E então ele gira e se afasta, seu casaco preto chicoteando atrás dele.

Meu punho se fecha em torno do pedaço de papel, meu coração batendo loucamente no meu peito.

Sorrio para os poucos olhos persistentes e, o mais casualmente possível, ando para o lado da sala, acenando para as pessoas enquanto passo por elas, antecipação sinuando a cada passo que dou.

Não é até eu chegar à parede oposta que me afasto e desdobro a nota com os dedos trêmulos.

*Encontre-me onde você beija as estrelas.*

# CAPÍTULO 33



*Tristan*

Ciúme é muita emoção.

Eu seria um mentiroso se dissesse que nunca tive uma queimadura contra o meu interior que cantou pensamentos perversos no meu cérebro. A primeira vez foi quando meu pai perdeu a conversa da noite, optando por se

encontrar com Michael e passar por uma reunião do Conselho Privado que estava acontecendo no dia seguinte. Por horas, fiquei sentado à beira do penhasco, tentando me convencer de que ele apareceria, sabendo no fundo que não.

Mas trabalhei com a inveja anos atrás, sabendo que estava destinado à grandeza; que eu me levantaria e levaria tudo no final. Quanto ao meu pai ... bem, as coisas não doem tanto quando você aprende a entorpecer-se na dor.

A cicatriz no meu rosto dói e minhas pontas dos dedos passam pelas bordas ásperas, tentando aceitar o fato de que mais uma vez, o amargo tom de ciúme está se dividindo em minha psique, criando emoções que não sinto desde que era jovem.

Ver Sara ser manipulada por Claudius enviou uma raiva desenrolada dentro de mim, enojado por ele ter pensado que era digno de falar o nome dela, muito menos de tocar sua pele.

Mas vê-la com meu irmão? O ciúme é uma *doença*, mutando todas as células e infectando todos os órgãos, até que reveste meu interior e se instala na medula dos meus ossos. Me faz sentir, mais uma vez, que não sou nada além de um garotinho perdido, preso nas sombras e vendo-o segurar tudo o que desejo ter.

Mas Michael prefere matá-la primeiro do que permitir o constrangimento em seu nome de deixá-la ir. Então, até eu dar às *hyenas* sua revolução e

assumir o trono, tudo o que posso esperar são momentos roubados nas noites sombrias.

O jardim está mais escuro do que o normal, nuvens espessas pairando sobre a cidade e escondendo o céu da vista. Não tenho ideia se o baile continua, mas agora não me importo. Edward já me disse que realizamos o que nos propusemos a fazer e, aqui, no jardim de minha mãe, ninguém está por perto.

Deixo a trituração no chão atrás de mim e inclino a cabeça para trás, soprando anéis de fumaça no ar.

— Tecnicamente, não *há* estrelas hoje à noite para eu beijar.

Eu sorrio para a voz de Sara. — Talvez, elas estivessem esperando você chegar.

Ela sorri, andando pelo banco com as mãos nos quadris. Longe está a mulher de vestido de renda e, em seu lugar, está uma garota simples de vestido preto com uma saia que para acima do tornozelo.

Antes, ela era linda, mas é nesses momentos que ela me tira o fôlego.

Sorrindo, ela caminha até mim, seu perfume floral flutuando nas minhas narinas enquanto ela se abaixa e tira o cigarro da minha boca, trazendo-o para os lábios e inalando, o olhar dela segurando o meu.

Meus dedos estão tensos com a necessidade de puxá-la para o meu colo.



— Então ...— Ela endireita, olhando em volta. — Isso é diferente.

Eu levanto uma sobrancelha. — É?

Ela suspira, franzindo os lábios olhando para mim. — Decidi que você é incapaz de ter uma conversa real. Tudo o que você faz é fazer pergunta após pergunta.

Minhas pernas se estendem até que a cercam, enjaulando-a. — Você acha?— Eu pergunto, minhas mãos alcançando seus quadris.

Seus olhos se arregalam quando eu a agarro, puxando-a para a frente até que suas canelas toquem o banco, minhas botas deslizando pela parte superior dos tornozelos.

— Você esqueceu seu lugar — ela suspira.

— Não.— Levantando minha mão, arranco a erva da sua boca, permitindo que as pontas dos meus dedos acariciem contra os lábios dela. — Eu simplesmente descobri o seu.

Sua respiração titubeia.

— Você me pediu uma vez para lhe contar um segredo — continuo. — Você ainda deseja um?

Ela se move, sentando ao meu lado, a cabeça inclinada enquanto me observa com um olhar curioso. — Isso parece um truque.

Rindo, eu me encosto no banco.

Um barulho soa da floresta e seus olhos voam para o som antes que ela balance a cabeça de um lado para o outro. — Eu deveria ir — diz ela.

Eu balanço meu braço em direção à porta. — Então vá.

Ela não se move, embora seus olhos escaneem o perímetro.

— *Ma petite menteuse*, nós dois sabemos que o risco a excita. — Eu deslizo mais perto dela no banco. — Não é?

Ela solta um suspiro. — Pare de fazer isso.

— Fazer o que?

— Isso — ela retruca. — Você é irritante. Não sei por que vim aqui. Prefiro beber um galão de água sanitária do que ouvir você responder tudo com uma pergunta pelo resto da noite.

Meus lábios se inclinam nos cantos. — Então me pergunte uma, em vez disso, pequena corça.

— Pare de me chamar de nomes de animais de estimação — ela corta. — Não é apropriado.

Eu sorrio, bufando no final do meu cigarro.

— Tudo bem. — Ela inclina a parte superior do corpo perto, e meu estômago vira, meus olhos caindo no vale dos seios e me perguntando como são os mamilos. Como eles se sentem. Se eles estão morrendo de vontade de ser sugados do jeito que estou desesperado para prová-los.

A mão dela se move do colo, subindo até que ela toca as pontas dos dedos ao longo da borda do meu rosto.

Meus nervos chiam sob o seu toque.

— Como você conseguiu sua cicatriz?

A pergunta me tira da neblina tão rápido quanto um raio, e eu me endireito, minha mente se perde na memória.

— *O que é isso?— A voz de Michael rasteja pela parte de trás do meu pescoço como uma aranha.*

*Endureço no meu lugar ao lado da lareira, meus dedos apertando meu carvão enquanto trabalho nos retoques finais da minha última peça. É do meu pai e eu, o braço dele em volta dos meus ombros enquanto estamos na beira do penhasco. Mudando, eu endureço meus ombros, virando meu corpo enquanto borriço as bordas de uma das árvores, tentando ignorar a presença de meu irmão.*

*O papel corta contra a minha pele quando o caderno é arrancado das minhas mãos. A raiva embola no peito e eu cerro os dentes, as narinas queimando. — Devolva — sussurro.*

*Ele olha para o desenho, as sobrancelhas se transformando em ângulos agudos quando ele estreita o olhar e quando ele levanta os olhos, há um ódio nadando através deles tão potente que envolve meu pescoço como um laço.*

*— Que fofo — ele zomba, os nós dos dedos ficando brancos onde ele está segurando a borda do desenho.*

*Meu estômago revira. — Devolva, Michael.*

*Ele joga a cabeça para o lado. — É assim que era? Quando ele costumava prestar atenção?*

*— Michael — começo, levantando-me, meu estômago tenso em nós. — Eu não estou brincando. Dê. Isto. De volta.*

*— O que você vai fazer, leãozinho?— Ele cantarola o apelido, alongando as vogais. — O pai não está aqui para salvá-lo. Ele está ocupado se preparando para um almoço; um que eu vou participar ao lado dele.*

*Meus punhos se apertam, suas palavras me cortam como uma faca, rasgando meu coração machucado e abandonado.*

*— Por que você ainda está aqui?— ele continua, aproximando-se, com um olhar altivo no rosto.*

*Eu tropeço enquanto me afasto, o calor das chamas lambendo nas minhas costas enquanto pressiono contra o manto da lareira.*

— *Você é inútil. Um desperdício de espaço, Tristan. Quanto mais cedo você perceber isso e desaparecer, melhor.— Ele bate no queixo. — Talvez você deva fugir. Vá com as hyenas nas terras sombreadas ou morra de fome nas planícies de Campestria. — Ele encolhe os ombros. — Veja o quanto nosso pai realmente te ama quando você desejar que ele o procure e o traga de volta para casa.*

*Meu peito dói, todo insulto atingindo seu ponto. Porque a verdade é que meu pai não passa tempo comigo há meses. Desde que Michael completou quinze anos e começou a mostrar interesse em seu título.*

— *A única razão pela qual o pai fala com você é porque você nasceu primeiro — eu sibilei. — Pelo menos quando ele me deu atenção, foi porque ele gostou da minha companhia.*

*O rosto de Michael se transforma em pedra, sua voz caindo para um sussurro mortal. — Diga a si mesmo o que precisa, irmão. Mas eu o ouvi dizer que deseja que você nunca tivesse nascido.*

*Meu coração vacila. — Você mente.*

— *Todos nós desejamos isso.— Ele se aproxima novamente. — Você é uma mancha no nosso nome, Tristan. É por isso que ninguém se importa quando você desaparece por dias. Todos esperamos que você fique fora, mas por algum motivo você não entende a dica e continua voltando.*

*Eu engulo em torno do nó grosso na garganta, quebrando o contato visual enquanto tento enfiar a ferida aberta que está sendo rasgada no centro do*

*meu peito. — Me devolva meus desenhos, Michael — sussurro, minha voz quebrando em seu nome.*

*— Você sabe de uma coisa? — Ele estala a língua. — Por que você não vai ... pegar.*

*Ele joga o caderno de desenho no fogo.*

*— Não! — Eu avanço, estendendo a mão, mas as chamas disparam mais alto, estalando enquanto comem o papel como combustível.*

*Algo se encaixa dentro de mim, e eu giro, toda a minha raiva reprimida impulsionando meus membros enquanto eu o carrego. Sou três anos mais jovem e muito menos capaz quando se trata de força física, mas ainda o soco, nós dois caindo no chão.*

*— Eu vou te matar, — eu vejo minhas mãos se envolvendo em seu pescoço e apertando. A fúria negra corre através de cada pedaço de mim. A inveja dele de conseguir o tempo de meu pai se mistura com a tristeza, destruindo a única outra coisa que importa. Meus esboços.*

*Eles são tudo o que eu tinha para me fazer companhia. Meus únicos amigos.*

*Ele me domina, me jogando do outro lado da sala, minhas costas batendo no chão de madeira. Gemendo, eu rolo, apertando meus olhos com a picada na espinha. E então, uma dor aguda corta a lateral do meu rosto, agonia se*

*espalhando por mim, fazendo um grito arranhar minha garganta crua enquanto sai da minha boca.*

*Líquido jorra nos meus olhos enquanto tento piscar, minha visão fica vermelha e escura, antes de jorrar pela bochecha e escorregar pelos meus lábios, um sabor metálico se instalando na minha língua e me fazendo vomitar.*

*Minha cabeça fica tonta; tonta com a dor, e jogo minha mão sobre o rosto, meus dedos ficando escorregadios enquanto estão revestidos de sangue.*

*A forma embaçada de Michael paira sobre mim, um atizador de fogo agarrado em sua mão. — Agora você nem se parece com ele — ele zomba, cuspiando no meu corpo quebrado. — Veja o quanto ele te ama quando você não passa de uma aberração desfigurada.*

*Ele se afasta e eu me enrolo em uma bola, a consciência entrando e saindo enquanto desejo que alguém venha me encontrar. Para me abraçar. Curar-me. Me amar.*

*Do jeito que eles fariam se fosse ele.*

*Mas ninguém nunca vem.*

*— Tristan.*

*A voz de Sara me dá um tapa de volta ao presente, e eu forço um sorriso, meu peito doendo da memória.*

Ela balança a cabeça, tirando as mãos do meu rosto. — Você não precisa me dizer ... eu não deveria ter perguntado.

Estendendo meus braços, aperto as palmas das suas mãos nas minhas, trazendo-as de volta até que elas toquem minha mandíbula. — Meu irmão nunca foi fã da maneira como me pareci com nosso pai. Suponho que essa era a maneira dele de acertar as contas.

Seus olhos tremeluzem pelo comprimento da marca irregular. — Michael fez isso?

— Michael fez muitas coisas, pequena corça. Esta é apenas uma delas.

Algo está sombrio em seu rosto, o queixo tenso enquanto os dedos se apertam mais no meu rosto. — Eu sei.

Trago o cigarro aos meus lábios uma última vez, o papel queimando para onde toca logo acima dos meus dedos, e eu inspiro antes de jogar a ponta no chão e pisar com a bota.

Minha mão desliza atrás dela, agarrando a nuca e arrastando-a para dentro de mim até que meros centímetros nos separem, a energia tecendo entre nossos corpos e girando eletricidade através do meu peito, fazendo meu coração bater um ritmo cadenciado e os nervos dançarem sob minha pele. Inclino minha cabeça, meu polegar pressionando seu queixo, forçando seus lábios carnudos e perfeitos a se separarem e tocar nas bordas dos meus.



A tensão de estar tão perto, ainda tão longe, quase me mata, e juro por Deus que desistiria de tudo, *agora*, se ela promettesse ser minha.

Eu expiro, a fumaça subindo da minha boca para a dela.

Meu pau está *dolorosamente* duro.

Seus olhos se arregalam de surpresa, e meus dedos se apertam na parte de trás do pescoço, segurando-a no lugar, minha outra mão se movendo para a garganta, dois dedos acariciando pela frente enquanto ela engole, a fumaça que estava dentro do *meu* corpo escapando para os lábios *dela*.

— Eu vou te beijar agora — eu digo a ela.

— Por quê?— ela sussurra.

— Porque, *ma petite menteuse*, o pensamento de *não* beijar você me faz querer morrer.

Nossos lábios colidem e com apenas um toque, um único momento, e sei que nunca a deixarei ir.

# CAPÍTULO 34



*Sara B.*

Como sempre, quando estou com Tristan, tudo ao meu redor silencia; entorpece como se não estivesse lá para começar. Não me preocupo com o baile que provavelmente ainda está forte no outro extremo do castelo. Não penso em como estamos ao ar livre e, embora tenha sido garantido que ninguém vem a este jardim, tecnicamente, podemos ser encontrados a

qualquer momento. E definitivamente não me concentro em como devo matar esse homem.

Seu beijo domina cada um dos meus sentidos, e eu afundo nele, afogando-me em sua essência, esperando que a queimadura de seu toque possa levar para longe da marca do que aconteceu antes.

Ele geme, a palma da mão apertando na parte de trás do meu pescoço, a outra mão deslizando pelo meu quadril. Seu toque absorve o material fino do meu vestido deslizando o corpete embaixo, enviando arrepios brotando pelos meus braços. Ele atinge a parte externa da minha coxa, amontoando o tecido nos dedos enquanto seus lábios se separam, deslizando pela extensão da minha garganta.

Inclino a cabeça, permitindo-lhe um acesso mais fácil, mesmo que em algum lugar nos recônditos profundos da minha mente, eu sei que não deveria.

Mas eu gosto da maneira como seus lábios estão pressionados contra minha pele.

— Não deveríamos estar fazendo isso aqui — forço.

— Eu discordo.— Seus dentes beliscam minha clavícula, os dedos escorregando sob a alça do meu vestido, formigando pelo meio e se juntando entre as pernas.

— Alguém poderia...

Ele morde meu ombro dessa vez.

— Alguém pode ver — gaguejo.

— Eu vou matar quem fizer.

As palavras que ele acabou de dizer casualmente deveriam me dar uma pausa, mas não o fazem. Elas me excitam mais.

É intoxicante ter um homem disposto a fazer *qualquer coisa* só para que ele possa continuar tocando em você.

Ainda assim, os riscos superam qualquer recompensa momentânea, então eu empurro contra o peito dele e corro para longe, alcançando as mechas do meu cabelo. — E seu irmão vai *me* matar se descobrir.

Tristan exala um suspiro profundo, com o queixo moendo. Ele pula do banco, agarrando minha mão e me puxando para trás dele antes que eu possa processar, estamos nos movendo.

— Espere — digo enquanto ele nos arrasta em direção à floresta. — Tristan, *espere!* O que você está fazendo?— Eu tento arrancar meus dedos de suas garras, mas ele apenas sorri de volta para mim e acelera o ritmo.

Eu deveria acabar com o que quer que seja. Não há como terminar bem.

Mas eu o deixei me liderar de qualquer maneira.

Ele não para até estarmos no meio de árvores grossas, as folhas nos cobrindo na escuridão pelas quais nem a lua pode brilhar. — Onde estamos indo, Tristan? Você não pode simplesmente entrar na floresta e me manipular como quiser... *oh...*

Ele me empurra para a frente, meu corpo girando em torno dele e batendo no tronco grosso de uma árvore. A casca arranha minha parte superior das costas, criando uma dor afiada que irradia pela espinha, e a manga do meu vestido cai do meu ombro, revelando a renda branca da minha camisa por baixo.

Ele pressiona em mim, os planos duros de seu corpo se moldando nas minhas curvas suaves, seus braços descansando em ambos os lados da minha cabeça até que eu seja bloqueada, cercada por tentação e más decisões.

— Você faz *nunca* para de falar? — ele brinca.

A irritação serpenteia pelo meu peito e abro a boca para responder, mas antes que eu possa, ele entra, reivindicando meus lábios em um beijo avassalador. Minhas mãos voam para a parte de trás da cabeça dele quando eu o puxo para mais perto, inalando a pitada de fumaça em sua respiração e tentando implantar o sabor na minha língua. Ele geme, os quadris se esforçando mais contra mim, o comprimento grosso de seu pau deslizando ao longo da minha barriga.

Seus dentes afundam no meu lábio, perfurando minha carne. Um gemido brota da minha garganta e ele engole o som, lambendo a ferida e chupando, a língua deslizando sobre o líquido borbulhante.

Eu me contorço. — Você acabou de *lamber* meu sangue?

Uma de suas mãos agarra minha cintura e me arrasta até ficarmos juntos, a outra palma da mão agarrando a parte de trás da minha cabeça, dedos cavando no meu coque, e puxando os fios até meu pescoço curvar.

— Eu vou *lamber*, chupar e cortar qualquer parte de você que eu desejar, como *frequentemente* eu desejo, até que você esteja me implorando para abrir e fazer um pouco mais.

Meu estômago vira as palavras dele, o choque se misturando com a forte onda de desejo que se espalha pelo meu meio.

— Quero consumir você, Sara, até sentir você batendo nas minhas veias.

— Isso é *doentio*. — Eu digo. — Eu pensei que você me odiava.

Ele faz uma pausa, com a mão liberando meu cabelo e movendo-se para cobrir minha mandíbula, o polegar limpando os restos de sangue da minha boca. — O que é ódio, se não obsessão tingida de medo?

— Eu...

A palma da mão bate na minha boca, os anéis nos dedos frios contra a minha carne. — Pare. De. Falar.

Ele segura a saia do meu vestido e a move lentamente pela minha perna, o tecido fazendo cócegas na minha pele. Meu abdômen se aperta, uma sensação quente girando como um ciclone no meu estômago. Minha liga de couro está exposta e as pontas dos dedos traçam sobre os punhais, seu pau duro pulsando contra o meu tronco enquanto ele traça ao longo de suas bordas afiadas.

— *Ma petite menteuse*, fingindo ser tão pura. — Ele cai de joelhos, inclinando-se e beijando os espaços entre minhas lâminas. — Tão inocente.

Meu peito se eleva quando meu coração bate contra minhas costelas. Ele trabalha para dentro, seus lábios salpicando beijos na minha pele até que ele chegue à borda da renda das minhas roupas íntimas. Rápido como um flash, ele removeu uma das lâminas, girando-a nos dedos. Meu estômago salta, imaginando se cometi um erro. *Quão estúpida uma mulher deve ser por dar uma lâmina ao seu inimigo e confiar que ele não cortará minha garganta.*

Ainda assim, não me movo do meu lugar.

Se é aqui que a morte me encontra, pelo menos será minha escolha.

Com uma de suas mãos segurando meu vestido, a outra arrasta a adaga pela minha coxa, criando picadas de sensação quando uma linha vermelha fina aparece. Ele não cortou a pele, mas está perigosamente perto, e a antecipação tem meus sentidos aumentando, a umidade vazando do meu centro. Ele desliza a ponta da lâmina sob o laço e olha para mim, seus olhos

verdes brilhando com calor tão feroz que juro que posso provar em minha alma.

— Você confia em mim, pequena corça?— ele pergunta.

Meu coração pára. — Não.

Ele sorri. — Bom.

E então ele sacode a faca, abrindo o tecido até que o ar frio chicoteia minha pele nua, me fazendo ofegar com o frio repentino. Mas não preciso me preocupar, porque logo a boca dele está em mim, o nariz pressionando meus cachos macios e a língua dando atenção ao meu broto sensível, fazendo pulsar e inchar a cada golpe.

Eu gemo, meu corpo desabando na árvore, dedos emaranhados em seus cachos desgrenhados enquanto empurro meus quadris contra seu rosto, deixando-o chupar minha boceta como se ele fosse um homem desesperado.

— Eu ...— eu ofego, as sensações quase demais para suportar. Ele alterna entre me lamber em movimentos longos e me puxar para sua boca.

— Eu não posso ...— Meus dedos puxam a cabeça dele, divididos entre tentar arrancá-lo ou sufocá-lo inteiro, a pressão se acumulando demais perto de mim, muito rápido. Quando tudo aperta até eu desmaiar do prazer, eu o forço, arrancando os cabelos na raiz enquanto eu o puxo da minha boceta latejante.



Eu respiro profundamente e instável, minha mente girando e meus músculos tensos, implorando por liberação. Ele joga a adaga no chão e desliza pelo meu corpo, seus olhos escuros e sua boca brilhando. Sinto o cheiro da minha excitação e isso faz meus nervos pulsarem. Quero me inclinar e lambe a umidade dos lábios dele, apenas para ver como é o gosto quando estou fresca na sua língua.

Suas mãos seguram meus pulsos e os movem acima da minha cabeça, o tronco da árvore batendo na minha pele superaquecida enquanto ele os prende em uma das palmas das mãos.

— *Não* me mantenha longe de você — ele exige.

Sua outra mão desliza de volta para dentro da minha coxa, encontrando meu núcleo encharcado e carente, e ele desliza dois dedos no punho, enrolando-os para a frente para esfregar contra minhas paredes internas.

— Oh, Deus — eu gemo, minhas pernas se dobrando com o prazer caindo através de mim em ondas ferozes.

— Uma mentirosa tão imunda, fingindo que você não quer vir atrás de mim, — ele sussurra no meu ouvido, com o aperto em mim.

Arqueio minhas costas, o calor se acumulando profundamente em meu núcleo e se espalhando para fora até que não consiga ver direito.

— Tão *ingênua*, supondo que eu pararia se você me dissesse não. — Seu polegar pressiona contra o meu clitóris inchado antes de liberá-lo, fazendo

com que minha boceta se agarre em torno de seus dedos grossos, meu interior sinuoso tão apertado que rouba minha respiração.

— Por favor — eu imploro, ficando delirante de suas provocações.

— Por favor, o que, pequena corça?

— Me faça gozar — eu preciso gozar.

— Você merece? — ele pergunta.

— Eu vou *matar* você — eu estalo, frustração transbordando como uma panela borbulhando.

Ele ri, enfiando os dedos para dentro e para fora, um ritmo torturante que me mantém subindo a borda, tão perto de explodir, mas nunca o suficiente para me fazer explodir.

— Diga-me que você é minha, *ma petite menteuse*. Que nenhum outro homem teve você.

A raiva explode como um tiro dentro de mim, irritada, ele acha que pode me controlar do jeito que faz. Irritada que parece estar *funcionando*. Abrindo meus olhos, encontro seu olhar. — Mas então eu seria uma mentirosa.

Todo o seu corpo endurece, seus movimentos congelam. — Quem?

— Não é da sua conta.

— Diga-me o nome dele — ele rosna. — Para que eu possa caçá-lo e cortá-lo em pedaços.

Arqueio minhas costas até meu peito roçar contra o torso. — Não.

Ele sorri, soltando uma respiração controlada enquanto me libera tão rápido que eu caio no chão. — Então você não merece gozar.

— Você é *perturbado*, Tristan.— Eu grito atrás dele. Mas ele já está indo embora, me deixando uma bagunça ofegante e enfurecida.

# CAPÍTULO 35



*Sara B.*

— Eu não ligo para isso, deixe-me falar com meu irmão!

A voz de Michael é aguda e tensa, tão alta que eu me encolho contra a parede. Meu tio está do outro lado de sua mesa, com o corpo rígido enquanto

se apoia na bengala de madeira escura. Ele olha para mim, seus olhos gelados escuros e furiosos como se isso fosse de alguma forma *minha* falha.

Eu nem tenho certeza do que está acontecendo. Acordei com Ophelia abrindo minha porta, dizendo que o rei exigia me ver. Eu mal tive tempo de deixá-la me vestir e, como resultado, não estou nem perto de ser apresentável. Meu cabelo ainda está em seu estado encaracolado e crespo natural, caindo no meio das minhas costas, e eu só tive tempo de pegar um vestido simples de dia, sem o espartilho. Sinto-me nua e como se tivesse entrado em uma sala com uma arma carregada.

— O que aconteceu?— Eu pergunto.

Meu tio se vira para me encarar. Mais uma vez, estou surpreso com sua raiva óbvia. Eu já vi isso várias vezes; especialmente quando ele fala apaixonadamente sobre vingança por meu pai, mas esta é a primeira vez que foi dirigida a mim.

Meu estômago cai no chão, meu rosto esquenta como se mil sóis tivessem explodido dentro dele.

*Eles descobriram sobre a noite passada?*

Impossível. Eu seria jogada nas masmorras, não parada aqui sem algemas e correntes.

— O que é *aconteceu* — meu tio começa. — É o seu primo. *Meu filho...* foi sequestrado.

Meus pulmões entram em colapso. — O que?

— Pare ... pare ... pare! — Michael grita, com as mãos chegando para puxar o cabelo. Meus olhos se arregalam quando olho para ele, percebendo a pele pálida e as profundas bolsas roxas e azuladas que se arrastam sob seus olhos.

Ele parece doente.

— Eles sabem — ele murmura para si mesmo. — Ele deve estar dizendo a eles.

Passo para a frente, meu interior agitando com suas divagações. Não sei ao certo o que ele tem tão fora de ordem, mas algo me diz para seguir com cuidado. — Majestade, *quem* sabe?

Seus olhos se voltam para os meus e ele empurra para frente uma caixa quadrada de madeira com dobradiças de metal preto polvilhadas e uma imagem esculpida na madeira no topo. À medida que me aproximo, percebo que é uma *hyena* em pé sobre um leão morto, seus dentes amostra e seus olhos negros refletindo chamas.

O detalhe é imaculado e antes que eu possa pensar duas vezes, meus dedos estão acariciando os traços, hipnotizada pelo design complexo.

— Abra — sussurra Michael.

Sim, e meu estômago se revolta com a visão, náusea chicoteando no estômago e na garganta. É uma mão; cortada no pulso com sangue seco

coberto em cada centímetro de pele até parecer que foi roído. E ao lado há um par de óculos de tartarugas.

— Isso é...? — Eu pergunto, meus olhos se afastando de Michael para meu tio.

Raf assente, suas narinas queimando enquanto bate a base da bengala no chão.

— Há uma nota — sussurra Michael, com a voz baixa.

Ele desliza um pedaço de papel para mim, mas antes que eu possa ver o que diz, a porta se abre e Tristan entra como se fosse o dono da sala e todos nela. Seus penetrantes olhos de jade caem sobre mim, seu olhar se agitando para cima e para baixo no meu corpo, queimando enquanto eles passam por cima dos meus cabelos sem restrições.

— Tristan, *finalmente*.— Michael solta um fôlego.

— Você chamou, irmão?— Tristan sorri, caminhando mais para dentro da sala. — Você parece terrível, dormiu mal?

— Não é hora de piadas — interrompe o tio Raf. — Exijo que convoquemos uma reunião com o Conselho Privado.

A confusão cai através de mim como um pedaço de papel. Meu tio odeia o Conselho Privado e tudo o que eles representam. Eles são em parte o motivo pelo qual meu pai teve que pedir ajuda em primeiro lugar; cheio de homens egoístas que se esqueceram de nosso país e se tornaram gananciosos.

— Tio, honestamente, o que você acha que o Conselho Privado poderia fazer?

Mais uma vez, ele bate a bengala no chão. — Silêncio, garota. Não temos tempo para perguntas estúpidas.

Suas palavras batem no meu rosto tão certamente como se fosse a mão dele.

A cabeça de Tristan se volta nele, seu olhar se estreitando.

O punho de Michael bate em sua mesa, os fios de seus cabelos geralmente alinhados escorregando sobre sua testa. — Você não exige *nada*, Rafael. Eu sou o rei, e você não é ninguém.

— Com todo o respeito, você é tão forte quanto seu elo mais fraco, Majestade, e claramente existem muitos elos fracos se meu filho é tão facilmente levado.— Rafael se aproxima, enfiando o dedo no ar. — Seu pai *nunca* teria permitido que isso acontecesse.

Silêncio. Tenso, pesado silêncio.

— Não querendo interromper esse show fascinante — Tristan faz uma interrupção. — Mas por que estou aqui?

— Sim — Michael se vira para Rafael. — Saia. Antes de pegar uma pistola e atirar onde você está.

— Sua Alteza, eu...



— Eu disse para sair! — Sua voz rugi nos móveis e ecoa pelas paredes tão alto que vibra meus tímpanos.

Meus olhos voam de um lado para o outro entre eles, meu estômago se enroscando em nós.

Raf se curva na cintura antes de ficar em pé e se aproximando de mim. Ele agarra meu braço, me empurrando junto com ele enquanto nos puxa para a porta. Eu me encolho no seu aperto, mas permito que ele me arraste para a frente, não querendo começar uma cena na frente das pessoas contra as quais estamos tentando nos levantar.

É importante parecer unidos na frente dos outros.

Quando chegamos à porta, a pressão deixa meu braço, o alívio fluindo através dos músculos à medida que a dor desaparece. Eu me viro, meu coração vacilando quando vejo o caminho que Tristan tem na mão do meu tio, dobrado em um ângulo estranho.

— Tristan.— Eu ofego, estendendo a mão para separá-los.

— Você sempre lida com mulheres dessa maneira?— Tristan pergunta, ignorando meus esforços.

Meu tio range os dentes. — Ela é minha sobrinha e minha responsabilidade, Alteza.

— Então sugiro que você cuide melhor de sua família.— Ele mergulha a cabeça, os olhos olhando para os meus enquanto sussurra no ouvido do meu tio. — Não coloque as mãos nela novamente.

Meu peito repuxa, querendo acalmar a situação. A última coisa que preciso é que meu tio suspeite de por que o príncipe se importa. Mas, sob tudo isso, há outro sentimento florescendo como uma flor de primavera, lançando um brilho quente do meio do meu peito.

É bom ser protegida. Perceber que alguém me protegendo. Mesmo que esse alguém seja a mesma pessoa que não deveria.

Tristan o libera então, mal me poupando outro olhar, antes de voltar para o irmão em pânico.

Os olhos do meu tio se estreitam quando ele aperta a mão, acenando agressivamente em direção à porta. — Bem...

Respiro fundo, acenando com a cabeça enquanto passo. Somos recebidos por pelo menos cinco guardas reais, e minhas sobrancelhas se aproximam quando passamos por eles, imaginando por que tantos deles repentinamente guardam o escritório particular do rei.

Timothy sai da linha e segue atrás de nós. Silencioso como um rato.

— Tio, eu sei que é difícil — começo, mantendo minha voz baixa. — Mas tente manter a fé.

Seus lábios se erguem e, embora as palavras não sejam ditas, a energia entre nós parece apagada.

A tensão continua até os meus aposentos e, quando chegamos às portas, giro, esperando que o tio Raf se afaste. Em vez disso, ele abre a porta e entra, girando para mim no segundo em que estamos sozinhos.

— São os rebeldes.

Minhas sobrancelhas sobem. — Você acha?

Ele zomba, passando pelo hall de entrada e entrando na sala de estar, desabando em um dos dois sofás verde-escuros. — Você viu o emblema? A *hyena*. Eles estão zombando de nós. E agora eles mataram meu filho. Minha chance.

Eu inclino minha cabeça. — Como assim, *sua* chance?

Suas costas se endireitam, dedos batendo no topo da bengala como fazem toda vez que ele pensa profundamente.

— Tio — suspiro, enfiando um cacho atrás da orelha e caminhando para me sentar ao seu lado. Eu pego a sua mão na minha, tentando fornecer apoio. — Não que isso ajude, mas não acho que Xander esteja morto.

— Não?— ele pergunta, olhando para mim do canto dos olhos.

— Bem.— Eu mordo meu lábio, pensando em tudo que vi esta manhã e tudo o que *não* vi? — Eles deixaram um bilhete, certo?

— Eles enviaram sua mão decepada, Sara.

— Mas não era a cabeça dele.— Eu me arrepio, sabendo que o que estou dizendo não está dando certo. — Estou apenas dizendo, e se eles o estiverem usando como isca? Ou para enviar uma mensagem? Eles o queriam vivo por isso.

Com isso, meu tio vira para me encarar, com suas feições desenhadas e cheias de tristeza óbvia.

— E se ele estiver vivo — continuo, esperança queimando no meu peito.  
— Nós podemos salvá-lo.

Sua mão aperta a minha, mas ele balança a cabeça. — É muito perigoso.

Eu tremo, meu interior se afastando dele me dispensando. — Tudo o que estamos tentando realizar é perigoso.

— Ninguém vai para as terras sombreadas — ele sussurra. — Seu pai foi e olha o que aconteceu com ele.

Seus olhos se arregalam depois que ele diz as palavras, mas é tarde demais. Eu já ouvi.

Tudo dentro de mim congela e eu afasto minha mão, minha respiração empurrada dos meus pulmões enquanto eles se dobram. A confusão cobre minha mente e tento envolver minha cabeça no que ele acabou de dizer.

— O que?— Eu pergunto.

Ele agarra minhas mãos, apertando meus dedos. — Escute, Sara. Se você acha que pode chegar lá, às terras sombreadas...

Meu estômago sacode, a ansiedade deslizando pelos meus músculos até que aperta. — O que? Eu...

— Você está certa — ele pressiona. — Nós podemos *salvar* Alexander.

Balanço a cabeça, as sobrancelhas puxando até a testa vincar. — Espera. Diga-me o que você quis dizer sobre o meu pai.

Ele levanta um ombro. — Eu quis dizer ... veja o que aconteceu com ele. Ele foi assassinado.

Meus dentes rangem, dor aguda irradiando minha mandíbula. — Não me trate como se eu fosse inepta. Se há algo que você não está me dizendo, então *diga* a mim.

Meu estômago rola como ondas do oceano em uma tempestade iminente. — Eu mereço saber.

Ele engole, largando minhas mãos e a levantando para correr pelos cabelos. — Não foi o rei que matou seu pai.

A descrença bate em mim, rasgando minha pele como se ele tivesse enfiado as palavras diretamente no meu peito. — Eu não entendo.

— Foram os rebeldes. Eles o capturaram em sua jornada para casa e tentaram usá-lo como uma ferramenta de troca, da mesma maneira que estão com seu primo. Somente da última vez ...

Sua voz treme quando se arrasta, e meu corpo congela, o choque se espalha por todos os membros até ficar entorpecido pelo frio gelado. — Mas você disse ... você *disse* para mim, você *mentiu* para mim? Todo esse tempo?

— Seu pai era duque, doce sobrinha, presenteado com o título pelo próprio rei Miguel II. Os rebeldes viram uma oportunidade, assumindo erroneamente que o novo rei o acharia importante demais para perder.

Eu levanto nos meus pés, traição cortando meu interior como uma lâmina aquecida; tristeza pelo meu pai e percepção de que tudo o que me disseram é uma mentira derramando no meu meio como lava. — Então, qual era o sentido de tudo isso?

— O ponto? — Ele olha para mim, com os olhos brilhantes. — O ponto é o mesmo de sempre. Eles capturaram seu pai. Torturaram. E a coroa não fez nada além de esperar e assistir. Eles são igualmente responsáveis. Não deixe que isso a distraia do que viemos fazer aqui.

— Não.— Balanço a cabeça, as omissões da minha família sentadas pesadas na minha língua até que minha boca fique azeda. — Não, você não consegue fazer isso. Você não fica ai e me diz como se sentir ou como agir. Não quando você está mentindo para mim.

Uma queimadura sobe na minha garganta e se instala entre meus olhos, lágrimas ameaçando embaçar minha visão. — Você *mentiu* para mim!

*Não aqui, ma petite menteuse. Eles não a veem chorar.*

A voz de Tristan toca na minha cabeça como se ele estivesse atrás de mim e me treinando através da dor, através da devastação absoluta de tudo o que eu pensava que sabia que estava sendo demolido de dentro para fora. Endureço minha mandíbula, forçando a emoção a recuar.

— Eu estava tentando te salvar — meu tio grita. Sua mão fica branca quando ele pressiona a bengala para ajudá-lo a ficar de pé. — Seu pai treinou você muito bem, Sara, mas ir para as terras sombreadas é muito perigoso.— Ele se aproxima, com os olhos tentando capturar os meus, mas eu olho para longe, incapaz de sequer olhá-lo na cara.

— Sinto muito — ele sussurra. — Sinto muito, por termos mantido isso de você. Tentei fazer o certo por você a vida toda e, quando ele morreu — sua voz racha. — Eu estava com medo de te perder também.

— No entanto, me enviou aqui sem motivo.

— Não.— A mão dele cobre minha mandíbula, inclinando minha cabeça. — Os Faasa ainda são culpados. Eles ainda merecem apodrecer. Mas os rebeldes não são civilizados, seu líder é um fantasma. É um jogo diferente para jogar. Eu não aguentaria que algo acontecesse com você também.

Meus dentes rangem juntos, um novo fogo queimando na boca do meu estômago, que brilha mais com cada palavra que ele fala, queimando tudo em seu caminho.

— Dou boas vindas a morte, desde que eu leve os responsáveis comigo — sibilei através da mandíbula cerrada.

Raf sopra um hálito trêmulo, acenando com a cabeça. — Então você precisará matar o rei rebelde.



# CAPÍTULO 36



*Tristan*

*O culpado deve pagar por seus pecados.*

Olho para a nota rabiscada, a que foi escrita por mim, antes de colocá-la na mesa de Michael e olhar para ele.

— E o que você fez para ser culpado, irmão?— Eu pergunto. — O que Xander fez?

Os olhos de Michael mexem da esquerda para a direita. — Nada, é claro.

Minha bota pressiona no chão de madeira, fazendo com que ela ranja, e seu corpo pula. A diversão chove pelo meu interior e me lembro de sufocar o sorriso que queria se espalhar pelo meu rosto.

— Você já pensou em nosso pai?— ele pergunta, com os dedos brancos na parte de trás da cadeira.

A pergunta faz meu estômago revirar, como acontece sempre que penso em nosso pai.

— A mãe colocou você nessa linha de questionamento?— Olho em volta, esperando que ela esteja na sala. Na verdade, não tenho certeza se ela ainda está no *castelo*, mas não posso me incomodar o suficiente para me importar de qualquer maneira.

Ele balança a cabeça.

Coloco um cigarro na boca e ando até a área de estar, curvando-me sobre a mesa de café para acender a ponta em um candelabro, bufando algumas vezes enquanto eu volto para Michael e ofereço a ele.

Ele olha para o papel em chamas como se não confiasse que não fosse envenenado.

— Se eu fosse te matar, irmão, garantiria que você soubesse que estava chegando.— Eu aceno para ele. — Pegue. Isso aliviará sua consciência. Pelo menos por um tempo.

Ele engole, estendendo a mão e segurando-o entre os dedos, trazendo-o aos lábios e franze o rosto enquanto a fumaça cai como uma cachoeira do nariz.

— Você acredita em Deus?— ele murmura, olhando para a erva.

Coloco minhas mãos nos bolsos, inclinando a cabeça. — Eu acredito.

— Você dificilmente assiste à missa.— Ele me olha sob as sobrancelhas.

— Há uma diferença de crenças e adoração cega, Michael. Um constrói um senso de si mesmo, e o outro tira isso. — Volto para a área de estar, instalando-me na espreguiçadeira e me inclinando para trás. Enquanto olho para o teto, a antecipação voa ao redor do meu estômago como abelhas zumbindo, oportunidade me encarando. — No entanto, se você está falando da vida após a morte, acho que deve haver. De que outra forma eu poderia ver o fantasma de nosso pai?

Eu levanto, batendo minha mão sobre a boca.

Os olhos de Michael se arregalam e ele pisa em volta da mesa, o cigarro queimando nos dedos enquanto se encolhe pelo quarto, batendo em uma cadeira à minha frente. — Diga isso de novo.

Balançando a cabeça, eu corro para trás, passando a mão pelo meu cabelo.  
— Não, eu ... não sei por que disse isso. Me ignore.

— Tristan.— Ele se inclina. — Você vê nosso pai?

Descanso os cotovelos nos joelhos, abaixando as sobrancelhas e fazendo minha respiração trêmula. — Eu acho que posso estar ficando louco.

Michael ri; um som leve e formigante. Um que sangra de alívio.

Imbecil.

— É quando estou dormindo principalmente — minto, levantando a cabeça para olhar nos olhos de Michael. — Ele me avisa sobre as coisas que estão por vir. No começo, eu ... pensei que eram apenas sonhos. Mas ultimamente ...

Michael acena, seus olhos selvagens, seu olhar âmbar nebuloso e sem foco.  
— Ultimamente?

— Até agora, as coisas que ele diz ... elas estão se tornando realidade.— Eu zombo, me empurrando abruptamente. — Você deve pensar que eu sou louco. Esqueça que eu disse alguma coisa. *Por favor.*

Corro em direção à porta, mas antes que eu possa atravessar a sala, sou parado pelo som da voz dele.

— Eu também o vejo.

Desta vez, um sorriso rasteja ao longo do meu rosto.

---

Eu acho Sara na cozinha dos criados, sentada à pequena mesa de madeira, a cabeça jogada para trás na gargalhada. Meu coração se aperta à vista.

Simon, Paul, Timothy e uma das damas de companhia a cercam, radiante como se ela fosse o centro do mundo deles. Meus músculos se apertam, uma sensação de mal estar nadando no meu estômago ao pensar em outras pessoas que a desfrutam; deles recebendo as partes que ela só me mostra.

— Tristan! — Simon grita, pulando de seu banquinho e correndo, agarrando minhas pernas em um abraço apertado.

— Olá, leãozinho.— Meus olhos examinam a mesa. — O que temos aqui?

— Apenas tomando um chá, Alteza — diz Sara. — Se importa em se juntar a nós?

Paul se mexe em um suporte, correndo para a chaleira em cima de um dos queimadores do fogão. — Sim, sim, deixe-me pegar uma xícara para você.

— Eu não estou com sede.

Ele faz uma pausa, deixando os braços para o lado. — Oh.

Eu ando, Simon está nos meus calcanhares e pego o local que Paul acabou de desocupar, meu olhar nunca saindo da minha pequena corça. — Como está a mão do seu tio?

Seus ombros endurecem. — Tudo bem, obrigada. Como está Vossa Majestade?

— Depende de quem você pergunta.— Eu inclino minha cabeça.

— Você sabia que a senhora poderia lutar?— Simon me diz enquanto ele cai ao meu lado.

Meu sangue esquenta enquanto eu traço meu olhar ao longo do corpo dela. — Ela pode?

— É bom ver que seu hábito irritante de responder perguntas se estende além de mim — ela interrompe, sorrindo.

Sorrindo, volto minha atenção para Simon. — Deixe-me adivinhar, ela ensinou você a ser valente e corajoso? Honorável e forte?

Simon coça o nariz. — Não, ela disse para beber água.

— Eu disse para *ser* como a água.— Ela ri.

Ela pega o chá, trazendo-o para os lábios. Meus olhos se encaixam na garganta dela enquanto ela engole o líquido, meu pau ganhando vida quando noto o pequeno corte no lábio inferior.

A lembrança de seu sabor provoca meus paladares, e acho quase impossível desviar o olhar da marca, doendo para abri-la novamente, só para ouvi-la gemer enquanto acalmo sua dor com a minha língua.

— Ser honrado só funciona quando os dois lados cumprem as regras.— Ela olha para Simon, encostada na mesa. — Inimigos *nunca* cumprem as regras.

Simon acena, olhando para ela com adoração; um olhar que, até esse momento, eu pensava que era reservado apenas para mim.

Não o culpo por ter caído sob o feitiço dela quando nem eu consigo fugir.

— Está certo.— Eu aceno. — O truque é, leãozinho, ser *mais inteligente*, não mais forte.

— Oh? — Sara responde, em vez disso, os lábios levantando no canto. — Esse é o truque?

Meus dedos batem na mesa, a ponta do meu polegar esfregando a parte inferior do anel do meu pai. — Um dos muitos que eu poderia lhe mostrar.

Seus olhos brilham, lábios se separando.

— Milady — a jovem ao seu lado interrompe. — Não se esqueça, temos um passeio em menos de uma hora. Devemos voltar para nos vestir?

As bochechas de Sara ficam coradas quando ela quebra nosso olhar, sorrindo para ela. — Estou pronta sempre que estiver, Ophelia.— Ela se vira para Timothy. — Você está pronto?

— Um passeio?— Simon pergunta. — Eu posso ir?

Paul volta do fogão, colocando um prato na frente de Simon, com o olhar brevemente preso no Timothy antes de se virar. — Simon, sua mãe vai gritar com você. Você sabe que não pode ir à cidade.

O rosto dele cai. — Eu nunca tenho permissão para ir a lugar algum.

— Nunca?— Sara sorri para ele, segurando as mãos sobre a boca e sussurrando alto. — Um dia eu vou te levar.

Paul e eu compartilhamos um olhar, mas não dizemos nada.

O bastardo real de Gloria Terra é o segredo mais bem guardado do castelo.

Não digo a ela que o motivo de ele não ir a lugar algum é porque ninguém pode saber que ele existe. Que, quer queiramos admitir ou não, se surgisse uma notícia sobre um garoto com pele escura e com os mesmos olhos marcantes que o rei, o caos se seguiria.

Ou como, se meu irmão simplesmente o reconhecesse, Simon seria o legítimo herdeiro do trono.



# CAPÍTULO 37



*Sara B.*

Este foi o meu primeiro evento oficial, além do baile de noivado com o rei, e fui instruída que há um certo decoro que devo manter.

Não pare e fale com as pessoas.

Não deixe os guardas.

Não faça nada além de sorrir e acenar, corte a fita para a inauguração do novo centro médico, permita que as fotos sejam tiradas e depois volte direto para o castelo.

E eu faço tudo isso. Eu sigo as regras espetacularmente. Não é até mais tarde, Timothy e as minhas damas que me cercam, que minhas boas intenções se transformam em pó. Como há um garoto parado na beira da rua, com roupas rasgadas e sujas, seu cabelo zumbindo perto da cabeça enquanto olhava diretamente para mim.

Há algo de errado no rosto dele, embora a essa distância seja difícil de ver. Mas de qualquer maneira, o olhar dele bate no centro do meu intestino, e eu estou virando antes que eu possa me ajudar.

— Timothy — digo, mantendo meus olhos na criança. — Você vê aquele garoto?

Ele se move para ficar ao meu lado, olhando para onde eu aponto e assentindo.

— Traga-o aqui.

— Não — Marisol interrompe. — Dentro e fora, milady.

Meu interior cospe fogo como um dragão, e eu puxo meus ombros para trás, caminhando até ela até ficarmos nariz a nariz. — Você não é meu mestre. E você *não* pode me dizer o que posso ou não fazer. Fui muito gentil

com você até este momento, Marisol. Não me faça mostrar como posso ser cruel.

— Milady.— Ophelia dá um passo ao nosso lado. — O que Marisol quer dizer é que precisamos pisar com cuidado. Aquele garoto ... ele ... bem, ele não se parece com um de nós.

Sheina inclina a cabeça para Ophelia ao mesmo tempo que eu. — E como ele se parece, Ophelia?— Eu assobio.

Suas bochechas florescem em vermelho escuro e ela vira o rosto para o chão até que a borda do chapéu esconda os olhos da minha vista.

— Ele é deformado — cospe um dos guardas. — É fácil ver daqui. A maioria deles são, se não fisicamente, então mentalmente.

Fecho os olhos para acalmar a tempestade furiosa que se forma no meu estômago. — A maioria de *quem*?

Ele balança o braço em direção à criança. — As *hyenas*, é claro. Rebeldes. Como você quiser chamá-los.

— Ele provavelmente é uma armadilha, milady — acrescenta Marisol, com os olhos apertando enquanto olha para o garoto.

— Eu gostaria de falar com ele.

Ninguém se move, e quanto mais eles ficam estagnados, mais pesada fica a decepção, como tijolos sendo jogados no centro do meu peito.

*Meu coração se torce. Como eles podem ser tão insensíveis?*

— Ok.— Forço um sorriso, meus olhos encontrando os de Sheina. Um pequeno sorriso rompe em seu rosto, seu olhar brilhando com travessuras. Isso me lembra quando éramos garotas, descobrindo maneiras de quebrar as regras para que pudéssemos passar pela hora de dormir. Ela se move até ficar entre Timothy e eu, permitindo um acesso mais fácil para eu escapar pela estrada.

Eu giro, correndo pela rua, o material dos meus sapatos esfregando as laterais dos meus pés.

— Milady!

— Sara!

Olhando para trás enquanto corro, rio de Sheina tentando bloquear seus caminhos. Ela não terá sucesso por mais que segundos, no máximo, mas isso me alimenta, permitindo que eu ignore a queimadura das minhas pernas ou a maneira como meus pulmões doem por respirações mais profundas de ar.

Finalmente, eu o alcanço. Ele não se mexeu esse tempo todo e, quando me ajoelho, meus joelhos espanando pela estrada de terra, admito para mim mesma que talvez essa não tenha sido a escolha mais inteligente. Ele parece estar precisando de ajuda, mas é estranho ele ficar de pé e encarar do jeito que está, especialmente com o espetáculo que acabei de fazer.

— Oi — eu digo, olhando para ele.

Tão perto, posso confirmar que o guarda estava correto. Ele tem um lábio fendido, o centro da boca está faltando. Seus olhos escuros são grandes e redondos, e os ossos se projetam de sua pele.

A injustiça de tudo isso me faz querer gritar. Não é justo que ele esteja aqui em uma estrada repleta de negócios prósperos e tecnologia inovadora, mas é assim que ele vive. E todo mundo o ignora, se encolhendo quando o vê, assumindo que, por ser diferente, ele é de alguma forma menor do que eles.

A raiva borbulha como um caldeirão no fundo do meu peito, reacendendo o fogo que queimou enquanto eu estava em Silva, quando meu pai e eu costumávamos esconder rações de comida e qualquer dinheiro que pudéssemos encontrar para as pessoas. Como eu costumava roubar dinheiro mesmo depois da morte dele, roubando-o do cofre do meu tio e colocando-o nas mãos de Daria.

— Qual é o seu nome?— Eu tento novamente.

O olhar do garoto muda para trás de mim. — Um guarda real — ele sussurra.

Um sorriso puxa seu rosto, estendendo-se de orelha a orelha, e faz com que cada cabelo fique arrepiado, um arrepio correndo por mim.

E então ele corre.

— Espere! — Eu grito, levantando-me.

— Sara! — A voz de Timothy é alta, e o som é tão chocante, tão diferente do que estou acostumada, que paro no lugar, minha palma disparando no meu peito enquanto giro para encontrar seu olhar.

— Estou bem, Timothy. Tudo está ... — Uma explosão soa, e meus ouvidos chamam com um barulho agudo, entorpecendo tudo ao meu redor. Eu me enrolo, curvando-me enquanto minhas mãos voam para cobrir meus ouvidos.

Eu olho para cima. Os olhos de Timothy estão arregalados, a boca aberta quando ele olha para mim, a menos de um metro de distância, a mão segurando o peito.

Todas as minhas três damas ficam chocadas atrás dele, muitas pessoas correndo para fora para alinhar as ruas.

Timothy cai de joelhos.

— Não! — Eu choro, meu peito agarrando enquanto corro para frente, pés tropeçando quando lágrimas caem dos meus olhos e arrastam pelo meu rosto. — Não — peço novamente, caindo no chão na frente dele.

Seus olhos estão frenéticos enquanto me observam desmoronar, meu coração se despedaçando, as bordas afiadas girando no meu meio até que meu interior se derrame no chão.

Minhas mãos voam para o peito dele, minha mandíbula tensionando enquanto empurro para baixo com o corpo, aplicando o máximo de pressão

possível, cavando minhas pontas dos dedos na ferida para tentar tapar o sangramento.

Mas é demais.

É muito rápido.

A palma da mão envolve meu pulso livremente, e é o suficiente para me dar esperança. Cachos aleatórios caem do meu penteado, aderindo à trilha molhada de lágrimas que mancha minhas bochechas, e eu balanço minha cabeça, olhando para as dezenas de pessoas que estão de pé, suas mãos cobrindo a boca com horror, e não fazem nada.

*Dezenas.*

— Façam alguma coisa! — Eu grito, todos eles olhando como se não tivessem pés e mãos para ajudar. — Não fiquem aí parados.— Minha voz quebra, minha respiração vem em arfadas curtas até sentir como se estivesse sufocada pela falta de ar.

— Espere, Timothy.— Eu me concentro nele, mas seu olhar está ficando leitoso e eu posso sentir sua presença desaparecendo. — Você *não* esta permitido morrer — exijo, meus dentes rangendo. — Você me ouve? Deveríamos nos tornar melhores amigos.

O canto da boca se contrai, suas piscadas se afastando ainda mais.

— Longas conversas pelo fogo, sabia? — Eu soluço, tentando ignorar a maneira como meus dedos estão escorregando de todo o sangue. — Sua coisa favorita a fazer.

Sua mão cai do meu pulso, espirrando quando cai na poça que cresce embaixo dele.

— Por favor — murmuro, minha mente gritando e meu peito cedendo. — Eu sinto muito. Eu sinto muito.

Mas é tarde demais e ninguém ouve meus pedidos.

Sinto o momento em que sua alma deixa seu corpo. Uma expiração gigante, e então ele acabou de partir.

Os soluços me atacam até meu corpo inteiro tremer, e eu caio em cima dele, meus braços manchados de vermelho e meus dedos encharcados. Eu deixo minha cabeça em minhas mãos, de qualquer maneira.

— Tentei lhe dizer — sussurra Marisol, limpando uma lágrima da bochecha. — Era *você* que eles estavam atrás.

Meu estômago rola, um frio gelado patinando através de mim até que meu corpo inteiro fique entorpecido. Eu ergo meu rosto e encontro o olhar dela. — Então eu vou garantir que eles paguem.



# CAPÍTULO 38



Sara B.

Os lençóis de seda são macios contra a minha pele, o cobertor pesado enquanto aquece meu corpo, mas estou entorpecida com o conforto.

Eu estou *enojada*.

O sangue de Timothy já foi lavado há muito tempo, mas, de alguma forma, sinto que nunca mais voltarei a ficar limpa. Os pecados das minhas decisões sempre foram pesados, mas hoje à noite estão me esmagando sob seu peso.

*Se ao menos eu tivesse escutado.*

Se ao menos eu não estivesse tão presa nos meus caminhos. Então talvez Timothy ainda estivesse aqui.

Ele estaria vivendo. Respirando. *Existindo.*

Meus olhos estão inchados e úmidos, os cantos das minhas pálpebras se enrugando, mas minhas lágrimas secaram há muito tempo, tocadas pelo ritmo pulsante da raiva.

O rei rebelde enviou seu povo para me matar.

Mas eles perderam, e agora eu o farei desejar a morte.

Ninguém falou comigo desde que chegamos pelos portões do castelo. Nenhum guarda adicional foi enviado para ficar do lado de fora do meu quarto. Sem toques consoladores ou palavras tranquilizadoras.

Não que eu os mereça.

Meu coração aperta. Eu pensei que talvez meu tio aparecesse, mas ele tem sido um fantasma junto com todo mundo.

Um som baixo e estrondoso vibra através das paredes, mas não me viro para ver. Nem mesmo quando os passos se arrastam atrás de mim e o colchão mergulha sob o peso de uma pessoa.

Estou muito esgotada para me mover, quebrada demais para me importar.

— *Ma petite menteuse*. O que eu vou fazer com você?— A voz de Tristan acaricia meu corpo como um beijo, criando um abismo no centro do meu peito. Olho para baixo quando o braço tatuado envolve minha cintura, me puxando para baixo contra os músculos duros do corpo e me abraçando com força.

É um ato simples, mas pica na ferida no meu coração; a que eu enfaixei e tentei fingir que não está lá.

Uma lágrima escorre pela minha bochecha, quente e salgada, enquanto cai sobre meus lábios e penetra na minha boca. Minha camisola simples de pano branco é a única barreira entre nós, e seus dedos caem sobre meu estômago, me acariciando. Me *reconforta*, como se eu merecesse consolo.

Sua respiração sussurra contra a junção do meu pescoço, beijos quentes salpicados ao longo da minha pele. Eles são macios e muito diferentes de tudo o que eu sabia que Tristan era, mas eu os recebo da mesma forma.

Em um mundo de pessoas que não me vêem, às vezes parece que ele é o único que me enxerga.

Outra lágrima escapa, pingando do meu queixo.

Seu braço se move, mãos pressionando contra meus quadris enquanto ele vira meu corpo até eu ficar de costas, seus olhos verdes afiados enquanto ele paira, escaneando o meu comprimento.

— Você está machucada? — ele pergunta, seus dedos subindo para limpar o molhado das minhas bochechas.

Balanço a cabeça, uma respiração trêmula escapando do fundo dos meus pulmões, meu coração estremecendo enquanto tenta quebrar o aperto gelado em que minha culpa a envolveu.

Ele assente, seus traços relaxando. Ele acaricia meu rosto. Sob meus olhos, sobre o arco dos meus lábios, descendo a ponte do meu nariz. Repetidamente, ele faz o movimento e, lentamente, o peso da minha dor se torna um pouco menos para suportar, como se ele estivesse a tirando de mim e mantendo-a para si.

— Diga-me o que você precisa — diz ele.

Meu queixo treme e eu viro a cabeça para o lado, não querendo deixá-lo me ver tão fraca.

A mão dele cobre minha mandíbula, virando meu rosto de volta para o dele. — Diga-me o que você precisa, Sara. E eu darei a você.

Penso na minha resposta, mil emoções diferentes se misturando no meu interior, mas a mais próxima da superfície vence.

Raiva.

Ela pressiona contra a minha pele, tentando romper e se espalhar por toda a parte, obliterando tudo em seu caminho.

— Quero que você descubra quem fez isso.— Minha voz racha. — E eu os quero mortos.

As palavras parecem amargas na minha língua, mas não as retiro.

Seus olhos piscam e ele se inclina para baixo, pressionando a testa contra a minha, nossos lábios tão perto que estamos respirando o mesmo ar. — Feito.

Ele diz isso com tanta convicção, tanta garantia, que não duvido dele por um momento. E a maneira como ele olha, como se estivesse mergulhando na minha alma e vendo todas as partes, me faz sentir como se eu pudesse pedir a ele o mundo, e ele rasgaria em pedaços apenas para segurá-lo em minhas mãos.

Ser cuidada quebra algo no centro do meu peito, como pedras de concreto batendo contra paredes de pedra. Cada motivo que tive para me negar, por tentar mantê-lo à distância, quebra a cada golpe de dedos.

Talvez isso me torne egoísta. Talvez eu não mereça.

Mas em um mundo cheio de dor, ele é minha única trégua.

Meus dedos se levantam para emaranhar em seus cabelos.

— Me beije — eu respiro.

Ele faz. Sem dúvida. Sem hesitação. Ele cai, fundindo os lábios nos meus, seu toque suave modando para um aperto firme, mantendo-me junto enquanto minhas peças se separam.

Minha boca se abre mais quando a língua afunda por dentro e a excitação desenrola o caminho ao redor do meu corpo. É mais pesado que o normal, tingido de tristeza, mas de alguma forma apesar disso, talvez até por causa disso, tudo parece *mais*.

Ele geme quando eu chupo o lábio inferior, os quadris dirigindo para o espaço entre as minhas pernas até que seu pau grosso esteja pressionando contra o meu centro. Minhas costas arqueiam, dedos agarrando seus fios enquanto eu me moldo ao seu corpo, precisando me aproximar. Sentir mais profundo.

Talvez se eu me afogar nele, não vou sufocar com a dor.

A palma da sua mão cobre meu peito, os dedos provocando o mamilo através do tecido fino da minha camisola. Ele tira os lábios dos meus, movendo-se para deslizar o canto da minha mandíbula e depois para baixo, agarrando-se ao meu pescoço. Seus dentes mordem a pele até doer, fazendo arrepios brotarem ao longo de cada centímetro do meu corpo.

Gemo, a umidade pingando do meu núcleo e grudando no interior das minhas pernas, desejando que ele me tocasse onde eu precisava dele.

Ele hesita, recuando e olhando nos meus olhos, e por um momento, me preocupo que ele mude de ideia.

Mas com Tristan, eu deveria saber melhor.

Outra lágrima escorre pelo comprimento do meu rosto, e eu pego para limpá-la, mas ele segura minha mão com força e depois se move para agarrar a outra, colocando-as acima da minha cabeça e emaranhando nossos dedos. Ele se inclina, seus lábios se movendo da base da minha mandíbula para o canto da minha boca, sua língua deslizando contra a minha pele enquanto ele beija a evidência da minha dor.

— Sara — ele murmura.

Nossos lábios se reencontram, e meu desejo aumenta, o calor faz meu interior palpitar. Eu pressiono meus quadris nos dele, envolvendo minhas pernas em volta da cintura para puxá-lo mais fundo. Ele geme, o som vibrando na minha boca e afundando nos meus ossos, e eu estremeço com a sensação. É intoxicante; ver alguém como ele se perder de paixão e saber que sou a causa.

Seus dedos se apertam em torno dos meus, e ele pressiona nossas mãos mais profundamente nos travesseiros enquanto se afasta para olhar nos meus olhos. — Você é minha.

Não é uma pergunta.

Eu aceno de qualquer maneira, levantando para que eu possa falar nos seus lábios. — Sua.

Talvez eu deva me sentir envergonhada - fraca - como se eu precisasse de um homem para me reivindicar. Mas quando ele solta minha mão e a leva até o decote da minha camisola, puxando até que rasgue, tudo o que sinto é poder.

E estou desesperada para que ele me encha até gritar.

Assim como ele prometeu.



# CAPÍTULO 39



*Tristan*

Uma palavra e eu sou insaciável.

Minhas mãos se agarram, tateiam e apertam, precisando sentir com as pontas dos dedos que sua pele perfeita é imaculada. Estou enfurecido que alguém pensou em resolver o assunto com suas próprias mãos, depois que

afirmei explicitamente não tocá-la. Quando Edward me disse, uma fúria ofuscante me dominou, mas também foi misturada com uma nova emoção.

*Medo.*

Só há uma coisa que eu ansiava neste mundo, e está na ponta dos dedos, a coroa tão perto que quase consigo estender a mão e colocá-la na cabeça.

Mas agora, há ela.

E tudo o mais empalidece em comparação. Não há nada que eu não faria para mantê-la ao meu lado. Ela é *tudo*. E se ela estiver sofrendo, torturarei as pessoas que a causaram até que me implorem para deixá-las morrer.

Eu coloco um dos seios na palma da minha mão, sentindo sua pele macia moldar sob minhas garras. Seus mamilos são duros, devorando-se sob o material fino de sua camisola rasgada e minha boca se enche de água, exigindo que eu me incline e tenha um gosto. Então eu provo.

— Tristan — ela geme, os dedos puxando os fios do meu cabelo até que a raiz doa.

Meus dentes afundam na sua pele e ela grita, os quadris levantando até que ela pressiona contra a minha virilha, fazendo meu pau se contorcer com o atrito. Solto o mamilo com um pop e saio dela, sorrindo.

— Onde você está indo? — ela reclama. — Volte.

Ignoro seus pedidos e ando até a mesa de cabeceira, pegando uma vela da mesa e voltando para a cama. Ela está me observando, a testa franzida e as bochechas coradas de vermelho, enquanto ela se espalha contra lençóis de seda creme, seus cabelos pretos se espalham loucamente ao seu redor.

Meus passos vacilam quando eu a pego nua e excitada, seu corpo alto e sensível da montanha-russa de emoções pelas quais ela sem dúvida já passou hoje. Uma mulher menor teria quebrado. No entanto, aqui está ela, reconhecendo sua dor e deixando que ela a molde.

Ela é *de tirar o fôlego*. Eu quero transar com ela até que ela quebre; enchê-la até que meu esperma escorra de seus poros e todos saibam a quem ela pertence.

Pego o seu tornozelo, arrastando-a até a beira da cama, colocando a vela no chão ao meu lado.

Ela grita, suas pernas longas chutando meu peito, e eu sorrio, deleite enchendo minhas veias de que minha bruxa de boca inteligente ainda está viva e bem. Meu aperto aumenta e a repreendo, dedos dançando ao longo da frente da canela, por cima do joelho e por dentro da coxa.

E então eu belisco.

Os olhos dela tremulam e a boca se abre.

— Eu acho que você gosta de dor como seu prazer, não é, pequena corça?— Inclino minha cabeça, tentando me impedir de atacar em cima dela e enterrar meu rosto em sua boceta.

— Você não sabe do que eu gosto — ela morde de volta, com os olhos brilhando.

Eu soltei uma risada suave, minha mão suavizando a área avermelhada de onde eu belisquei sua pele. — Nós dois sabemos que você aceita o que eu lhe der, *ma petite menteuse*.

Agarrando a bainha da minha camisa, levanto-a sobre a cabeça, o ar batendo na minha pele e causando um leve calafrio. Ou talvez sejam os olhos dela absorvendo meu corpo como a água, passando da obra de arte detalhada ao longo dos meus braços, para onde eles cobrem a frente do meu peito.

*Juntos governamos, divididos caímos.* Ela fala a frase enquanto lê minha tatuagem, e ela envia um pulso direto para o meu pau, querendo saber como seria se ela soletrasse as palavras com a língua.

Eu rolo minha túnica em minhas mãos, dobrando-a. — E quando você está à beira do esquecimento ...— Os olhos dela se fecham quando eu coloco o tecido em cima deles, meus dedos escorregando atrás dos cachos para envolvê-los em torno de seu crânio até que ela fique cega. Eu me dobro até nossos lábios tocarem, estendendo a mão e agarrando a vela, uma dose de desejo voando através de mim quando a chama acaricia minha pele. — É *meu* nome que estará gritando desses lindos lábios.

Levanto a vela acima do antebraço, inclinando minha mão até que a cera derretida escorre de onde ela se acumula sob a chama, regando sobre o creme perfeito de sua pele.

— Oh — ela suspira. A boca dela se separa quando ela puxa o braço para trás, mas eu agarro o seu pulso, trazendo-o para a minha boca e soprando, observando-o endurecer para um molde na pele.

— Tristan — ela sussurra.

— Você gosta de como é?— Eu pergunto, passando os dedos pelo líquido gelado. — Eu sei que você gosta. Aposto que, se eu chegasse agora, seu pequeno núcleo perfeito estaria chorando por mim. Implorando por algo para preenchê-lo. Não estaria, garota imunda?

Movendo-me para o topo do braço agora, repito a ação, a cera branca derramando sobre a pele enquanto minha outra mão escorrega da clavícula, pelo comprimento do tronco, até eu estar tocando contra cachos macios. — Você sabe o quanto dói para tocar em você?

Eu me inclino para baixo, não sou mais capaz de resistir ao desejo de ter o gosto dela na minha boca e dou beijos no meio da barriga, inclinando a vela enquanto eu derramo uma longa linha de parafina para rastrear os lugares que acabei de marcar com meus lábios.

Ela geme, as costas arqueando da cama enquanto as pernas se apertam, as coxas pressionando minha mão entre elas. Eu as forço a recuar, meus

dedos segurando sua parte interna da coxa. — Mantenha-as abertas. Quero ver sua boceta bonita enquanto ela incha e me implora para deixá-la gozar.

Sua respiração vacila, mas seu corpo relaxa e suas pernas se abrem mais do que estavam antes. A visão de sua boceta brilhando e pronta faz minhas bolas apertarem e enviam o calor ao redor da espinha.

Ela é surpreendentemente não combativa nesse cenário, e isso me agrada. Minha mão escorrega da coxa, correndo sobre a cera endurecida e até a garganta, apertando até sentir o batimento cardíaco dela sob meus dedos. — Uma garota tão boa.

Ela lambe os lábios e eu movo a vela para a clavícula, observando a reação dela enquanto driblo o líquido quente sobre a sua pele, movendo minha mão para criar linhas de cera ao longo do peito, sobre o rosa dos mamilos e abaixo da linha do estômago, juntando-se no umbigo.

Apago a vela e a deixo cair no chão. Minha mão no seu pescoço aperta quando eu a levanto pela garganta até nossos lábios tocarem. — Tão quieta, pequena corça. O que aconteceu com sua boca inteligente?

Sua língua espreita para deslizar pelos lábios novamente, e eu aproveito a oportunidade, sugando-a na minha boca e gemendo com o seu gosto. Solto o seu pescoço e empurro a venda do rosto, desesperado por ter os olhos em mim; saber que estou afetando-a da mesma maneira que ela me afeta.

Porque ela me *destrói*. Me destrói de dentro para fora.

Seus olhos estão escuros, inchados e nublados com as lágrimas anteriores, e eu dou um passo para trás, aproveitando o olhar dela, aquece minha pele enquanto desfaço minhas calças e saio delas, meu pau saltando livre, duro e agitado, gotas de sêmen criando uma série de umidade que escorre da ponta.

Ela me observa me agarrar e derramar, e eu amo ter os olhos dela em mim. Isso me excita, minha cabeça recua devido à sensação enquanto eu me masturbo só por ela. *Por causa* dela. — Você vê o que fez?— Eu grunho, aproximando-me do fim da cama. — Você me deixou louco.— Eu me movo para a cama, abrindo as pernas mais largas enquanto rastejo para o espaço entre elas. — Eu não posso comer, não consigo dormir, não posso *respirar* sem pensar em você.

Inclinando-me até nossos peitos tocarem, bato meu pau contra sua boceta inchada, o calor disparando através de mim quando consigo sentir seus nervos tensos e pulsando sob meu eixo.

— Você merece gozar ainda, *ma petite menteuse*?— Eu pergunto, empurrando meus quadris para que meu comprimento deslize ao longo de suas dobras.

Ela geme, seus seios pressionando em mim enquanto arqueia.

— Eu *sempre* mereço gozar.— Ela sorri.

Minha língua traça ao longo da costura dos lábios dela, e eu olho para baixo, vendo meu pau deslizar ao longo de sua boceta, minha cabeça inchada e roxa quando a pele recua a cada impulso para a frente.

— Eu poderia provocar você a noite toda assim.— Levantando-me, minhas mãos seguram suas coxas, espalhando-as mais. — É uma coisa bela, fazer você querer e corar debaixo de mim.

— Tristan — ela geme. — *Por favor.*

— Você é virgem, Sara?— Meus movimentos param, os músculos ficam tensos quando picadas de prazer deslizam pelo topo das minhas pernas e pelo abdômen. Outro homem a tocou. Ela já me contou isso. Mas não consigo imaginar que ela viria ao castelo sem a pureza intacta, sabendo que estava planejando dormir com o rei.

O pensamento dela com meu irmão é uma faca serrilhada cortando meu meio, permitindo que o ciúme despeje na ferida aberta como sal.

— Sim — ela sussurra.

Uma palavra e minhas bordas se rompem e estalam, delirando com a necessidade de ser eu quem a reivindica. Não é possível suportar o *pensamento* de ser de qualquer outra maneira. Minha mão aperta meu pau latejante e eu deslizo pela fenda molhada até que ela esteja pressionando contra seu pequeno buraco apertado. Eu me inclino para a frente novamente, meu peito tocando o dela e minha boca deslizando contra o seu ouvido. — E se eu te tomasse?



Suas pernas envolvem meus quadris, me pressionando mais para dentro dela. — Então, eu sou sua para ser tomada.

O calor dispara pelo meu núcleo, e meus músculos ficam tensos com a contenção.

Eu pressiono, a ponta se espalhando pelos lábios dela até que se estendam ao meu redor, deixando minha mente louca com a necessidade de empurrar. *Para bombear. Foder.* — E me diga, *ma petite menteuse*. Você confia em mim?

Ela hesita, seus olhos brilhando com uma emoção sombria. — Não — ela sussurra.

Eu sorrio. — Bom.

E então eu deslizo para dentro dela, até o punho, meus olhos revirando enquanto sua boceta apertada me engole. Há resistência, mas ela quebra, e minha autodisciplina se desintegra quando imagino o sangue dela cobrindo o comprimento do meu pau, provando que ela é minha e de mais ninguém.

A sensação de tê-la depois de tanto tempo tentando resistir é uma droga. Flui através de todas as veias e atormenta todos os nervos, fazendo o calor se espalhar pelo meu corpo até que a euforia me encha.

Ela grita, as pernas apertando a cintura. Eu corro minha mão pela parte superior do cabelo dela e por cima da bochecha até que eu esteja cobrindo o seu rosto. — Assim, *porra*, perfeito.

Meu peito puxa e meu pau pulsa contra suas paredes, seu buraco virgem apertando-me a cada respiração.

Eu me inclino e a beijo porque eu *preciso* beijá-la. Quero sentir seus lábios nos meus e seu hálito contra a minha boca enquanto eu a faço desmoronar ao meu redor.

Seus braços voam para meus ombros quando eu começo um ritmo lento e constante, puxando quase todo o caminho antes de voltar, saboreando a maneira como seu corpo se molda para o meu como a peça que faltava de um quebra-cabeça.

— Você está bem?— Eu sussurro contra a boca dela.

— Você está certo.— Ela afunda os dentes no meu lábio, mordendo até a pele rasgar, minhas bolas se desenrolam tão apertadas que um pouco de porra vaza. — Eu gosto da dor.

Eu gemo, jogando minha cabeça para trás. Eu serei amaldiçoado se essa mulher não foi moldada nos céus e arrancada do paraíso apenas para mim.

— Mais forte — ela exige, com as pernas apertando em volta da minha cintura.

O calor se acumula na base da minha coluna enquanto eu puxo meu pau para a ponta, olhando para baixo para ver sua umidade revestindo ao longo do eixo. Eu bato de volta. Ela grita, as unhas cavando nas minhas costas.

Eu assobio na dor e aumento meu ritmo, incapaz de me segurar, uma necessidade animalesca me cegando a tudo, exceto a necessidade de reivindicá-la. O suor se acumula na minha testa enquanto eu dirijo dentro dela, repetidamente, da raiz em ponta, suas paredes tremulando ao meu redor e apertando com força.

— Você tenta ser tão forte — eu grunho. — Mas você é uma garota imunda e perfeita quando estou destruindo sua boceta.

Seus olhos brilham, a boca se separando em um grito silencioso.

— Dói?

— Sim — ela sussurra.

— Bom.— Levanto-me, minhas mãos segurando sob as pernas enquanto as levanto, espalhando-as para que eu possa vê-la inchada e abusada no centro, pegando meu pau. A visão é incrivelmente erótica, e uma sensação de retidão se espalha pelo meu peito. *Nada* me fez sentir assim.

Suas paredes tremulam, e eu a largo, perseguindo o orgasmo que somente ela pode fornecer. Meus dedos deslizam para onde ela mais precisa de mim, esfregando até que sua cabeça se debata para frente e para trás.

Ela está perto. Eu posso sentir isso da maneira como seus músculos estão tensos, excitação pingando dela e me fazendo uma bagunça. Levantando minha mão, eu a derrubo nos nervos inchados dela, um forte tapa retumbante no ar.

Ela suspira, gritando enquanto suas pernas tremem ao meu lado.

Meus músculos se apertam quando o prazer ameaça me consumir. — Ali, uma *imunda* garota, encharcando meu pau como se fosse minha prostituta.

Faço de novo, tapas que tornam sua pele inchada e vermelha, suas paredes internas me ordenhando até minha visão ficar embaçada.

E então ela explode, a metade superior do corpo voando da cama, os braços e as pernas se envolvendo ao meu redor, o peito pressionando contra o meu. Minhas mãos se movem para os quadris dela, segurando-a para mim enquanto eu empurro para ela, perseguindo meu orgasmo enquanto ela se despedaça ao meu redor.

— Tristan! — ela chora.

Ela morde a junção do meu pescoço, choramingando enquanto aguenta.

Minhas bolas estão tensas e por apenas um momento, considero entrar nela. Tudo em mim grita para fazê-lo. Para revestir suas paredes; garantir que ninguém mais possa reivindicá-la como deles. Mas um pouco de lógica flutua, sabendo que ela engravidaria antes que eu subisse ao trono, não haveria nada além de morte em seu futuro.

Então, no último segundo eu a empurro de volta para a cama, saindo dela com um pop, e eu puxo o meu comprimento, a umidade dela fazendo minha mão deslizar ao longo do eixo sem esforço. Gemendo, jogo minha cabeça para trás, meus músculos se apertando. — Diga-me que você quer.

— Eu quero isso.— Não há hesitação em seu tom agora.

— Peça por isso — exijo.

Ela se move de onde está deitada, girando até ficar de quatro, aquela bunda perfeita no ar enquanto rasteja em minha direção até ficar sob meu comprimento rígido. Ela olha para mim por baixo dos cílios, com as mãos deslizando para dentro das minhas coxas.

Meu abdômen se contrai de prazer, uma cólica se enrola mais forte dentro de mim. É uma visão incrível, ela se aproximando de mim como um animal, sua virgindade manchada ao longo do meu pau enquanto ela se prepara para me implorar pelo meu esperma.

— Tristan — ela sussurra. — *Por favor.*

Meus músculos estão tensos, meu eixo se sacudindo na minha mão.

— Marque a minha pele para que todos saibam a quem eu pertença.

E é tudo o que preciso para explodir, estrelas pontilhando minha visão enquanto meu pau jorra depois de disparar por todo o rosto, pingando nas suas bochechas e espirrando no vale de seus seios.

Meu peito se eleva e meus ouvidos zunbem pelo prazer ofuscante.

Olho para ela, minha boca se abriu, tremores secundários vibrando nas minhas veias.

Ela sorri, a língua espreitando para lamber o gozo dos lábios, os dedos passando pela bagunça na clavícula e esfregando-a na pele.

— Sua — ela ronrona.

Me aproximando, aliso minha mão sobre o rosto dela, meu polegar pressionando a umidade da bochecha e manchando-a antes de movê-la para a boca.

Ela suga, a língua girando em torno da ponta do meu dedo e meu pau se contrai novamente, algo que nunca senti antes explodindo como fogos de artifício no meu peito.

# CAPÍTULO 40



*Sara B.*

De manhã, ele se foi.

Ele tem que ir, é claro. No entanto, meu coração dói como se tivesse sido abandonada.

Manter minha virgindade nunca foi algo que fiz porque era esperado. Não tenho a crença de que é um presente a ser dado. Eu nunca encontrei alguém com quem eu me importasse em experimentar. É vulnerável. Íntimo. E enquanto eu brincava com garotos no passado, não havia ninguém que eu considerasse igual.

Até ele.

Uma batida forte bate na porta e eu me estico sob as cobertas, meu interior se contorcendo de dor. Antes que eu possa dizer uma palavra, ela se abre, todas as minhas três damas entrando como se a privacidade fosse algo que eu não mereço.

Marisol vai direto para as grandes janelas do outro lado do meu quarto e em um movimento abre as cortinas pesadas, permitindo que a luz fraca dos sombrios céus de Saxum despeje no espaço.

— Levante-se e brilhe — Sheina canta enquanto passa por mim, seus olhos tão brilhantes quanto seus cabelos loiros.

Franzindo a testa, me movo para me sentar na cama, a dor aguda entre minhas pernas me cortando como uma espada, me fazendo ofegar com a sensação. Ophelia limpa a garganta e se move em minha direção até que ela seja pressionada contra a borda do colchão.

— Milady — ela sussurra, os olhos nas costas de Marisol e depois para mim novamente. — Você está bem?



Inclino a cabeça, assumindo que ela se refira a tudo o que aconteceu nas últimas vinte e quatro horas. A verdade é que não estou bem, os dedos pegajosos da dor não se soltam facilmente, mas não vou mostrar a todos. Mostrar emoção é fraqueza, e não posso me dar ao luxo de parecer *fraca*, especialmente agora.

— Claro que sim, Ophelia.— Eu sorrio para ela.

Ela se inclina para mais perto, com as sobrancelhas se aproximando. — Há sangue nos seus lençóis.— Sua voz está baixa, como se estivesse tentando não deixar as outras ouvirem. O constrangimento bate em mim e olho para baixo, percebendo que os cobertores escorregaram, manchas de vermelho pontilhando o tecido, cercadas por cera endurecida e esfarelada.

Minhas bochechas coram e meus dedos agarram o edredom, puxando-o sobre a bagunça enquanto eu limpo minha garganta. — Obrigada, Ophelia.

Ela sorri e inclina a cabeça.

— O que estamos fazendo hoje?— Eu pergunto, tentando manter a calma, mesmo que meu coração esteja batendo no meu peito. Estúpida em adormecer assim.

Marisol gira em torno, seus olhos se estreitando em mim. — Seu tio e Vossa Majestade desejam jantar com você.

Suas palavras são afiadas e picam enquanto chicoteiam meu rosto. Não tenho certeza se é do tom da sua voz ou do pensamento de ter que interagir

com o rei quando acabei de me despir da minha inocência por seu irmão, mas de qualquer maneira ele é inteligente.

Ela bate as mãos e caminha para meu lado. Meu interior se tensiona e aperto o edredom mais alto, percebendo que estou nua sob os lençóis.

— Saia da cama, milady, para que possamos vestir e preparar você.

Ophelia se move para Marisol e une os braços, puxando-a para o banheiro.  
— Vamos preparar um banho para você. Tenho certeza que poderia usufruir de um relaxamento depois de ontem.

O lembrete de ontem torce meu peito, mas sorrio, agradecida por ela parecer estar no meu lado. Depois que elas desaparecem, eu expiro lentamente, virando-me para encontrar Sheina sorrindo para mim do outro lado da sala, uma túnica em uma mão e a outra no quadril.

— Não me olhe assim, Sheina. Venha aqui e me ajude — eu sibilo.

Ela solta uma pequena risada antes de passar por cima e me segurar.

— Marisol deve ser cega como um morcego — ela repreende. — Seu cabelo é um ninho de rato absoluto e você claramente não está vestindo roupas. — Os olhos dela brilham.

Zombando, pego o robe de seda das mãos dela, me protegendo da melhor maneira possível quando jogo o edredom e fico de pé para colocá-lo. Meus músculos gemem em protesto e, novamente, uma facada aguda se instala no meu centro, me fazendo sacudir a dor.

Eu gosto do jeito que é.

Estranhamente, a dor é um conforto; um lembrete de que Tristan se importa. Que de todos na minha vida, incluindo Sheina e meu tio, ele é o único que apareceu e me segurou a noite toda. Quem distraiu minha mente e me deixou quebrar em seus braços, me dando sua força quando soube que eu não tinha nenhuma.

— Quieta — eu estalo, embora não consiga impedir que o sorriso se enrole nos cantos da minha boca.

Ela ri. — Bem, pelo menos limpe o olhar recém-fodido do seu rosto.

Eu ofego, empurrando o ombro dela, permitindo que o sorriso se solte. — Cuidado com a boca, Sheina! Senhor, o que aconteceu com minha amiga? Eu nunca ouvi você falar tão rudemente.

Amarrando a faixa do robe, olho em volta, encolhendo quando vejo a cama tão desarrumada.

— Não se preocupe — diz ela. — Eu vou cuidar disso.

Suspirando em alívio, a tensão diminui dos meus ombros e eu estendo a mão para ela, segurando o antebraço na minha mão. — Podemos passar algum tempo esta noite, apenas nós duas?

A esperança floresce no meu peito, querendo sentir um pouco de normalidade, sabendo que não tive nenhuma desde antes de vir para Saxum e embarcar nessa longa e torturante jornada.

Os olhos dela fecham e ela olha para longe. — Claro.

Meu peito torce, o sorriso caindo do meu rosto por sua falta de entusiasmo.  
— Se você estiver ocupada...

— Para você, milady? Nunca.— Ela sorri, apertando meu braço. — Seu banho provavelmente está pronto.

Desconfiança permeia o ar e se assenta em mim como um cobertor enquanto a vejo se mover para minha cama e tirar os lençóis, e a sensação permanece pelo resto da manhã; enquanto meu espartilho está apertado, meu cabelo está penteado e preso e rouge fresco em minhas bochechas.

A única coisa que me distrai é quando estamos a caminho do refeitório e encontramos Paul.

Meu coração titubeia ao vê-lo.

— Paul.— Eu tropeço em uma parada no meio do corredor mal iluminado, Marisol, que decidiu que era sua responsabilidade me escoltar até aqui, se vira para trás.

— Milady — diz ela. — Nós não temos...

Eu giro para ela, meus olhos se estreitando e agarro apertando. — Marisol, a sala de jantar está bem ali.— Aponto para as portas no final do corredor. — Você tem sido um excelente cão de guarda e eu aprecio você me acompanhando. Mas você está dispensada.

Um leve sorriso aponta o canto do rosto de Paul, embora seja fácil ver a tristeza que enche seus olhos.

— Agora — eu sibilo, quando ela não se mexe.

Ela bufa. — Você não pode ficar sozinha com um homem no corredor, milady. É desagradável.

— Deixe que eu me preocupe com isso.

Eu a enfrento, e ela endurece seus ombros. — Estou cansada de você sempre brigando. Posso dizer que estar no comando é importante para você e, embora eu respeite isso, quero lembrar a você que *nunca* estará me comandando.

Seus lábios estão finos, mas ela se inclina para uma reverência antes de descer pelo corredor, provavelmente me provocará como se eu fosse criança. Eu viro para dar a Paul minha atenção, meu peito puxando com força quando vejo as linhas profundas de expressão que marcam seu rosto.

— Paul, tem...

Ele balança a cabeça, o nariz franzindo enquanto olha para baixo. — Eles nem sequer terão um enterro adequado para ele.— Ele range os dentes, os olhos brilhando. — Você acredita nisso?

— O que?— Minha mão voa para o meu peito. — Eles precisam, eles ... ele é um guarda real.

As lágrimas se acumulam nas pálpebras, e meu peito estilhaça quando eu me aproximo, agarrando suas mãos nas minhas e apertando. — Paul. — Emoção entope minha garganta. — Sinto muito, foi minha culpa e eu ...

— Não se preocupe, milady.— Ele libera uma das mãos e acaricia o meu queixo. — Ele morreu fazendo o que queria fazer.

Eu solto um fôlego incrédulo, revirando os olhos para conter as lágrimas. — O que, sendo um mártir?

Ele sorri. — Protegendo você.

Meu estômago está com câibras e eu inspiro, meu rosto torcendo com o peso dessas palavras.

— Você sabe — ele sussurra, com o aperto aumentando nos meus dedos. — Não tenho certeza de quem é pior, as pessoas que o mataram ou das que não honram sua memória.

Ele hesita, deixando minha outra mão para enxugar uma lágrima perdida que escorre por sua bochecha. — Pelo menos os rebeldes cuidam de si mesmos.

Minhas terminações nervosas chamam a atenção e inclino a cabeça. — Como você sabe disso?

Paul se contorce, passando a mão pelos cabelos ruivos, evitando meus olhos.

— Sara.— A voz profunda atravessa a tensão e olho para o tio Raf parado no corredor, uma mão no bolso enquanto ele se apoia na bengala.

Eu sorrio. — Tio, eu estava a caminho de vê-lo.

— Milady — Paul murmura, correndo pelo corredor. Ele não se vira e dá a devida atenção ao meu tio e o leve movimento não se perde, Raf olhando para as costas de Paul enquanto ele se retira pelo corredor.

— Você estava planejando manter o rei esperando a noite toda?— ele pergunta.

Meu interior enrola de nojo, mas eu continuo sabendo que agora mais do que nunca, é importante que eu pise com cuidado. Se ele soubesse o que eu estava fazendo ontem à noite, não tenho certeza de como reagiria.

Na melhor das hipóteses, ele me chamaria de traidora e me deserdaria da família.

Na pior das hipóteses? Eu nem tenho certeza.

A ansiedade gira no meu estômago enquanto eu caminho até ele, com medo de que, quando eu chegar muito perto, ele fareje Tristan na minha pele. Observe a diferença na minha caminhada, ou a nova cadência do meu coração, gritando que um príncipe Faasa é meu dono, corpo e alma.

Sinto dor ao encontrá-lo, mesmo agora, e a culpa disso chega até minha garganta até que incha.

Quando o alcanço, espero ... embora, pelo que, não tenho certeza. Talvez a percepção de que alguém tentou acabar com minha vida no dia anterior. Talvez reconheça que não estou bem.

Isso nunca vem.

E quando entramos na sala de jantar, e ele me acompanha até a mesa comprida com nada menos que vinte assentos, lustres de cristal ornamentados brilhando a cima de nós, Eu apenas me sinto oca.

Michael senta-se à cabeceira da mesa, vestido com roupas caras de noite e um sorriso no rosto, e nojo rola pelo meu centro; o mais forte que já foi.

— Lady Beatreaux, você está linda — diz Michael enquanto um criado puxa minha cadeira, permitindo que eu me sente.

Olho para trás e sorrio, agradecendo, e Michael faz uma careta para a ação.

— Majestade, é bom ver você parecendo tão bem.

Tio Raf conversa com ele quase imediatamente sobre convocar uma reunião com o Conselho Privado, e enquanto eu sento e ouço, tirando pequenos goles de água do meu copo, sei que ele assumiu o papel que seu filho tinha, aconselhando o rei. O que significa que ele não planeja voltar para casa em breve. Eu me pergunto como minha mãe se sai sozinha; embora duvide que ela tenha me poupado um segundo pensamento desde que parti.



O primeiro prato é trazido para a mesa e meu estômago resmunga, incapaz de suportar comer quando meu interior se sente tão quebrado e triste. Eu me movo na minha cadeira, então a dor entre minhas pernas passa por mim, me lembrando que Tristan estava lá. Que ele se importa, mesmo quando parece que ninguém mais se importa. É estranho como apenas a lembrança dele é suficiente para me trazer conforto, mas eu agradeço, querendo algo para me impedir de quebrar e arruinar tudo o que vim para Saxum para realizar.

Eu limpo minha garganta. — É verdade que você não está prestando um serviço adequado a Timothy?

As palavras voam da minha boca antes que eu possa mordê-las de volta, e meu tio me dá um olhar zangado, com o garfo parando até a boca.

Michael, que estava tomando um copo, coloca-o de volta na mesa e olha para o meu tio e depois volta para mim. — Está correto. Não achamos que seria adequado.

A raiva escorrega pelas minhas veias como lama. — Ele merece ser homenageado por seu serviço.

— Os rebeldes veriam isso como uma vitória — meu tio interrompe. — Não podemos dar a eles essa satisfação.

Eu solto um fôlego, minha coluna se endireitando. — Eles já *tem* uma vitória. Eles assassinaram alguém que estava fazendo seu trabalho para me proteger.

— Sara, já chega — diz meu tio.

Inclino-me para a frente até minhas costelas baterem na borda da mesa. — Quando ele estava deitado no chão sujo, agarrando meus pulsos e lutando por ar, era *eu* quem estava com as mãos no peito, tentando manter o coração batendo. Foi *eu* quem orou a Deus para que ele o poupasse, implorando para que ele o recuperasse ... — Minha voz quebra e meu punho bate na mesa. — Para me levar em vez disso.

— Ele nem deveria *falar* com você — diz Michael.

Eu me viro em direção a ele, minha mandíbula apertando. — Não se preocupe, Majestade. Agora ele nunca mais voltará.

Os olhos de Michael estão arregalados com a minha explosão, com o músculo da mandíbula tenso.

Cubro a boca com a mão trêmula, náusea subindo pela garganta. — Sinto muito, se você me der licença. Estou me sentindo um pouco enjoada. Eu acho que preciso me deitar.

— Sara — o tio Raf começa novamente.

Eu estendi uma mão para detê-lo. — Estou bem, tio. Nada que um descanso não possa consertar.

Levantando da minha cadeira, as pernas de madeira raspando contra o chão, jogo meu guardanapo no chão e fujo da sala, preocupada que, se eu

ficar mais um momento, vou dizer coisas que não posso recuperar. E essa é a última coisa que eu quero.

Mas não preciso me preocupar, porque ninguém me segue.

---

O fogo se foi há muito tempo desde que fui expulsa e estou sentada na frente dele, mais uma camada de tristeza cai no meu peito.

Sheina nunca veio.

Estou com raiva. E honestamente, um pouco com medo de que a garota que eu pensava conhecer seja na verdade uma mulher que não sei nada. Serve-me bem, suponho, considerando que ela não sabe muito de mim.

Olhando para o relógio marrom de chão enquanto ele bate contra a parede oposta, suspiro, decidindo me concentrar em algo que eu possa controlar, descobrir mais sobre os túneis.

As almofadas do sofá gemem enquanto eu lavanto, caminhando da área de estar até a minha cama recém-feita. Caindo de joelhos, espio por baixo da moldura do colchão, meu braço se estendendo até agarrar o canto de um pequeno baú. Eu puxo em minha direção e abro o topo, dando um suspiro profundo quando retiro o conjunto preto que costumava usar ao sair à noite

em Silva para pegar o dinheiro roubado do cofre do meu tio e colocá-lo nas mãos de Daria.

Eu tiro minha camisola, escorregando nas pantalonas pretas e na túnica preta de mangas compridas, antes de me sentar na beira da cama e amarrar as botas. Quando me movo para o espelho para colocar meus cachos de volta em um coque na nuca, uma sensação de calma cai sobre meus ombros, me sentindo como eu pela primeira vez desde que cheguei a Saxum.

Nem todas as mulheres são destinadas a vestidos com babados e coroas sofisticadas que brilham na luz.

Algumas de nós preferem o anonimato que vem junto com as sombras.

Escorregando meus braços na capa preta, coloquei o capuz sobre a cabeça, segurando as bordas com os dedos e puxando até que esconda meu rosto de vista. E então estou fora da porta, já sabendo que não haverá um novo guarda lá para vigiar. Com a saída de Xander, não sou nada além de uma reflexão tardia.

Meu estômago aperta quando chego à porta secreta mais próxima e meu peito sacode quando as vozes se filtram na curva, parecendo que estão indo na mesma direção. Eu giro e corro o mais silenciosamente possível até o final do corredor, me escondendo atrás da parede oposta para que não me vejam.

*Sheina.* Meu coração vacila. *E Paul.*

Minhas sobrancelhas franzem e meu interior se encolhe de confusão, imaginando o que eles estão fazendo juntos e por que estão espreitando pelos corredores tarde da noite.

Quando eles abrem a passagem secreta e entram nos túneis do castelo, meu estômago cai no chão. Eu sigo atrás deles, seguindo longe o suficiente para que não notem que eu estou lá. Leva dez minutos para chegar ao fim dos túneis, uma pequena escada de pedra que leva a uma pequena porta que se abre para o exterior e eles saem, sussurrando palavras muito baixas para eu ouvir.

Mais uma vez, sigo, entrando no frio da noite nublada e percebendo que estamos no meio da floresta. E não tenho ideia para onde eles estão prestes a ir.

# CAPÍTULO 41



*Tristan*

É uma mudança muito interessante ter meu irmão ouvindo minhas palavras como se fossem evangelho, e é apenas mais uma prova de que ele realmente perdeu a cabeça.

Se eu não estivesse tão apegado à lembrança de como minha pequena corça se sentia envolvida em meu pau, talvez eu encontrasse algum humor na ironia do garoto que passou a vida me dizendo que eu não valia a sola do sapato dele, me perguntando o que ele deveria fazer.

É verdade que tudo isso é da minha cuidadosa manipulação de suas alucinações. Vi uma fraqueza e ataquei. Os rebeldes são muitos e crescem todos os dias. Eu tenho muitas facções escondidas à vista de todos. Estam *em todo lugar*, mesmo nos lugares que você não suspeitaria. Mas não sou um idiota, e se houver oportunidade de fortalecer nossas chances, sempre aceitarei.

Foi por isso que sugeri levemente ontem à noite que Timothy não tivesse um enterro adequado, algo que Edward poderia usar para influenciar as opiniões do rei. As pessoas não se saem bem quando uma delas não é tratada com respeito.

— Irmão, desculpe incomodá-lo, mas não sabia mais para onde ir.— Balanço a cabeça, andando como se os pensamentos estivessem atormentando minha mente.

— Fala logo, Tristan. Estou ocupado — ele grunhe, encostado na cadeira e fumando um charuto.

— É sobre o pai — sussurro, olhando ao redor da sala como se alguém ouvisse.

Isso chama sua atenção e ele se senta à frente, com as sobrancelhas subindo. — Ele te disse outra coisa? Veio a você em um sonho de novo?

Hesito por alguns longos momentos. — Ele veio. Mas ... eu não sei.

— Diga-me — ele chia.

— No meu sonho ... o rei da Andalasya estava enviando tropas para a nossa fronteira sul.

Michael agarra as raízes do cabelo. — O que? Você acha que eles pretendem travar uma guerra?

Soltando uma respiração profunda, balanço minha cabeça. — Eu não sei, Michael. Provavelmente não é nada. *Porra!* — Chuto a perna da cadeira de madeira. — Eu sinto que estou ficando louco.

— Não.— Ele se levanta, andando pela mesa até estar na minha frente. Ele agarra meu ombro com força. — Você não é louco. *Nós* não somos loucos.

Eu aceno, passando a palma da mão sobre a boca.

— Ele disse quando?

Encolhendo-me, olho para ele debaixo das sobrancelhas. — Eu não tenho certeza.

Michael morde a parte interna do lábio. — Não podemos contar ao conselho isso, eles não vão acreditar.



— Michael, você é o *rei*. Esta é uma monarquia absoluta, não uma democracia — eu digo. — Não deixe que outros tomem decisões como se o sangue de Faasa corresse por suas veias. Não correm.

Seus olhos brilham, seu peito inchando enquanto minhas palavras afundam em sua psique. — Enviaremos tropas para a fronteira sul. Só por segurança.

— Irmão, acho que é a decisão certa.



Edward olha para mim enquanto me encosto na parte superior do bar da taberna, acendendo um cigarro e trazendo-o para os lábios, triste por ainda não sentir o cheiro de Sara na ponta dos dedos.

Cada célula do meu corpo está desejando caçá-la e prendê-la ao meu lado. Não é saudável; essa obsessão, mas está aqui da mesma forma, e nunca fui conhecido por meu sólido estado de saúde mental.

— Você parece diferente — afirma Edward, bebendo de uma caneca de cerveja.

— Eu estou.— Eu sorrio. — Deve ser porque estamos à beira de tudo o que eu sempre quis. Meu irmão ficou louco, Edward. Ele acredita que eu

vejo o fantasma de nosso pai, que sussurra avisos no meu ouvido. E desta vez, amanhã, grande parte das forças armadas do rei estarão a caminho da fronteira sul, para se proteger contra uma ameaça fictícia de guerra.

O sorriso de Edward se estende pelo rosto. — E no final?

Eu sorrio. — No final, usarei a coroa de qualquer maneira. De preferência com um conselho totalmente novo, não cheio de pessoas que me desrespeitaram como esporte a vida toda.

— A vitória é nossa, Alteza. Eu posso sentir isso. Vários dos meus homens já estão oscilando no limite. Eles não estão felizes como as coisas são.— Ele bate as mãos antes de tomar outro gole de sua bebida. — E os meninos no porão que tentaram matar Lady Beatreaux? O que você gostaria que eu fizesse com eles?

Meu sangue ferve quando penso nos rebeldes que organizaram o assassinato. — Mantenha-os trancados. Eu pretendo dá-los como um presente.

— Para quem?

Eu sorrio. — Para Sara, é claro.

Seus olhos brilham em reconhecimento, mas antes que possa dizer mais alguma coisa, a porta da taberna se abre e Sheina entra, seus olhos deslizando pela área até que eles pousem em nós. Um sorriso aparece em seu rosto quando ela vê Edward, e ele se endireita de onde estava encostado

no bar. E então, exatamente como eu instruí, Paul Wartheg segue atrás dela, seu olhar se esvaindo quando ele recebe as três dúzias de pessoas comendo e bebendo nas mesas, e sua boca se abre quando ele vê à gaiola de ferro construída no canto oposto com um Xander inconsciente acorrentado à parede e em exibição.

Eu jogo o final do meu cigarro e me junto a eles, adotando um sorriso caloroso no rosto.

— Bem-vindo, Paul.— Aperto minha mão nas costas dele. — Estou tão feliz em ver Sheina convencendo você a vir.

— É *você* — ele sussurra. — Você é o rei rebelde?

Meu sorriso aumenta. — Sou muitas coisas, mas agora sou apenas um amigo.

Eu o empurro para frente, e Sheina se afasta, indo para onde Edward está e afundando em seus braços, seus lábios travando um longo beijo.

— Estou feliz que você esteja aqui — digo a ele. — Se apenas para ver o que seus meses de trabalho duro, fornecendo a comida que chega até aqui, fizeram.— Minha mão acena sobre as mesas, apontando para os rostos aleatórios. — Se não fosse tão tarde, você veria crianças pequenas recebendo sua primeira refeição em dias. Você veria mães segurando bebês no peito enquanto choram em alívio do que você lhes deu, quando a monarquia não conseguiu fornecer.

Virando-me em sua direção, eu o prendi no meu olhar. — Quero que saiba como sinto muito por Timothy.

Seus olhos se estreitam, ombros endurecendo quando ele encontra meu olhar.

Não se fala, não em voz alta, mas eu *sei* dele e de Timothy. De momentos roubados e noites secretas. De amor que teria terminado em um destino muito pior do que um tiro no peito se alguém tivesse descoberto.

E embora eu não lamente a morte de Timothy, pela primeira vez na minha vida, posso simpatizar com o pensamento de sua morte. Entendo a dor de ter que amar em segredo, e não desejo suportar a agonia de me reunir com a outra metade da sua alma, apenas para perdê-la injustamente.

Já é difícil saber que eles não são feitos para você quando são a única coisa que já se sentiu como a sua.

Coloco minha mão no ombro dele. — Eu prometo a você, Paul, os responsáveis pagarão.

— Eles não vão lhe dar um funeral — ele sussurra, com a voz baixa e torturada.

Eu aceno, abaixando minhas sobrancelhas. — Então, teremos um para ele aqui.

Uma única lágrima escorre pelo rosto e ele a limpa. Eu finjo que não vejo.

— Eu não lhes dei essa ordem, mas assumo a mesma responsabilidade.

— Eu acredito em você.— Ele limpa a garganta, falando a próxima parte em um sussurro. — Não acho que por um segundo você permita que qualquer dano ocorra a Lady Beatreaux.

Meu peito está com câibras, esperando que não sejamos tão óbvios quanto ele, mas sorrio. — E você estaria correto.

— Eu nunca vim aqui antes porque me recusei a escolher um lado — diz ele. — Mas não posso mais esperar e ver como uma monarquia corrupta destrói nosso povo. Gloria Terra é um país orgulhoso, e nós merecemos um rei que nos trará glória. Não a vergonha.

A satisfação, pesada e grossa, rola pelo meu sangue como melaço. — Eu tenho sua lealdade, Paul Wartheg?

Seus olhos piscam e ele cai de joelhos dobrados.

Eu estendo minha mão, e ele agarra meus dedos, beijando a parte superior do anel da cabeça do meu leão. — Eu juro.

— Juntos governamos, divididos caímos — sussurro. — É uma honra recebê-lo na rebelião.

## CAPÍTULO 42

**SARA B.**



Um choque gelado percorre minhas veias enquanto assisto uma sala cheia de pessoas caindo de joelhos dobrados, um após o outro, estimulado por Paul, que estava apenas beijando a mão de Tristan em subserviência, e eu estou ... entorpecida.

Tristan é o rei rebelde.

*Claro que ele é.*

Como eu poderia ter sido tão cega?

Eu segui Sheina e Paul aqui, até as terras sombreadas; onde as luzes desaparecem das esquinas e estradas elegantes se transformam em calçada quebrada; buracos tão grandes que poderiam caber em uma casa pequena. Todos os edifícios têm janelas ou tábuas sujas no lugar de vidro e, embora Silva esteja empobrecida há anos, isso está além de tudo que eu já vi.

Não sei ao certo o que esperava quando espiei pela fenda na porta da The Elephant Bones Tavern, mas não foi isso.

*Qualquer coisa exceto isso.*

Meus olhos examinam as pessoas, meu coração gritando e cuspiendo no centro do meu peito, mas eu ignoro a dor, recusando-me a admitir para mim mesma que o homem por quem me apaixonei foi quem matou meu pai.

A taberna em si é suja e escura; painéis de madeira desgastados e um forte aroma de bolas de naftalina e mofo, mas a atmosfera é otimista. Como se soubessem que estão à beira de algo ótimo. Algo mais.

Eles colocaram uma grande gaiola com barras de ferro no canto mais distante, e eu apertei meus olhos, confusão correndo por mim ao ver. *Por que diabos isso está aí?* Tento ter uma visão melhor, mas não consigo abrir a porta mais sem o risco de ser vista, e a estrutura alta de Tristan me bloqueia.

Mas então ele se move, e eu vejo a figura encolhida do meu primo, ensangüentado e acorrentado, inconsciente contra a parede.

Meu estômago dá cambalhotas. *Ele está vivo.*

Enjaulado como um pássaro e faltando uma mão, mas ainda ... vivo.

Meu estômago rola, a vingança no meu coração fica mais brilhante.

Tristan vira então, afastando-se de Paul e se movendo em direção à frente da sala com um palco de má qualidade e uma única cadeira de encosto alta posta no centro. Ele caminha direto para o meio, um deus entre seus homens, e fala.

— Amigos.— Seus braços se erguem para o lado. — O tempo está próximo. Todos vocês depositaram uma fé incrível em mim e é hora de retribuir o favor. Um novo amanhecer está no horizonte!

Saudações tocam através das mesas.

— Não seremos mais lançados nas terras sombreadas enquanto os ricos e perfeitos viverem na luz. Essa é *nossa* hora de brilhar.

Mais vaias e gritos, algumas pessoas jogando pedaços de lixo na gaiola de ferro que abriga Alexander.

Meu estômago está em câibras, doendo para se afastar, para fazer esse pesadelo desaparecer, mas estou colada ao local, incapaz de fazer outra coisa senão assistir. Seu carisma é espantoso, e quanto mais suas palavras fluem da boca para o resto da sala, você pode sentir a mudança de energia, como se ele estivesse os moldando em qualquer forma que desejasse e os alimentando para que eles fossem sempre dele. É a visão mais incrível que testemunhei e não tenho dúvidas de que, se ele desejar a coroa, acabará na sua cabeça.

Ele fala tão eloquentemente, tão hipnotizante, que até eu caio sob seu feitiço. Meu coração bate mais rápido, minha respiração fica mais forte e a



emoção brota no centro do meu estômago, expandindo-me através dos meus membros até imaginar como seria ficar ao seu lado.

Mas então eu lembro onde estou e quem *ele* é. E a sensação desaparece, substituída por bile que vira meu estômago de dentro para fora.

Eu deslizo pelos arredores novamente, movendo-me sobre as pessoas até meus olhos pousarem em Sheina, com os braços em volta do pescoço de um rebelde de uniforme da guarda do rei. Eu vasculho meu cérebro, tentando lembrar o nome dele, mas fica em branco.

Ela é uma tola. O mesmo tipo que eu tenho sido. Me perdendo nos braços de um homem.

Uma desculpa patética e mentirosa de um homem.

Minhas pernas doem da minha posição agachada e eu mudo nos calcanhares dos meus pés, aquela dor sempre presente queimando a vida entre as minhas pernas, só que desta vez não traz conforto.

Eu mal posso suportar olhar para ele, mas eu forço meus olhos de qualquer maneira, talvez para provar que posso viver o pior tipo de traição, ou talvez a masoquista em mim queira viver com a dor enquanto tento aceitar o fato de que, apesar de tudo, a única pessoa em quem pensei que poderia confiar, acabou sendo meu pior inimigo.

Ele lambeu minhas lágrimas e me disse que eu era dele, logo depois que ele enviou homens para me matar.

Meu peito aperta até que os vasos sanguíneos estourem, explodindo em fúria até que tudo o que posso provar são as notas azedas da traição.

*O rei rebelde. O príncipe marcado.*

Minha mão voa para a minha boca para sufocar o grito.

Eu o deixei ver as partes mais sombrias de mim. Permiti que me marcasse e me machucasse, e eu *implorei* por isso, enquanto eu esfregava o esperma dele na minha pele e orava a Deus que marcasse minha alma.

Meus dentes rangem com ódio, escuro e verdadeiro, queimando através de mim até eu tremer, violência batendo nos meus ouvidos.

Eu fiz muitas coisas que me manterão longe dos portões do céu. Cheguei a um acordo com meus pecados, desistindo de minha fé há muito tempo para buscar vingança. Mas agora sinto como se realmente traísse a memória de meu pai pela primeira vez.

Eu dormi com um Faasa. Mas pior do que isso, eu me apaixonei pelo homem responsável por sua morte.

Meu coração treme e estilhaça, as bordas irregulares cortando tendões enquanto caem nos meus pés, até que nada resta além de um buraco enegrecido que *quase* sabia como era se apaixonar.

A cabeça de Tristan se vira onde estou, olhos verdes penetrando enquanto sua cabeça se inclina.

Saltando para os meus pés, viro e fujo, adrenalina bombeando como ácido pelos meus músculos enquanto corro de volta pelo caminho que vim, prometendo ao fantasma de meu pai que não esquecerei por que vim. De novo não.

Vou erradicar a família Faasa e matar o rei rebelde... não importa o quanto isso possa me quebrar.

# CAPÍTULO 43



*Tristan*

Meu irmão perguntou se eu era um homem de fé.

Sou um homem de muitas coisas, mas a fé é algo mais adequado quando colocado dentro de si, em vez de procurá-lo em outras pessoas.

Outras pessoas decepcionam.

Eu a vi. Foi rápido; apenas um flash, mas eu conheceria aqueles olhos escuros em qualquer lugar.

Tudo em mim exigia seguir; caçá-la e entrar furtivamente em seu quarto como fiz na outra noite. Mas algo está me dizendo que não deveria. Ainda não.

Então, eu fui ao primo dela.

Xander está conosco desde a noite do baile de noivado, naturalmente. E desde então, ele está em exibição, espancado e abusado, as feridas abertas estão infectadas e causando o que tenho certeza de que é uma quantidade imensurável de dor. Imagino que a sepse se inicie em breve, comendo-o de dentro para fora.

Eu jogo um balde de água em seu rosto, despertando-o. Ele olha em volta, mas eu o amarrei a um poste de madeira no quintal da taberna. Eu prendi as duas pernas com corda e a mão boa também.

Ele empurra, mas percebe rapidamente que não vai a lugar nenhum. Mesmo se ele estivesse livre para se mover, está fraco demais para escapar.

— Bom dia, Alexander.— Eu sorrio.

— Eu já te disse — ele murmura, com a língua espreitando pela boca seca para umidecer os lábios rachados e sangrando. Ele tosse antes de continuar.  
— Tudo ... que eu sei.

Murmurando, eu balanço minha cabeça. — Vamos lá, Xander. Nós dois sabemos que isso não é verdade. Você não me disse nada.

— Apenas me mate — ele sussurra. — *Por favor.*

Coloco o balde vazio aos meus pés, movendo-me para onde um galão de querosene fica no final da mesa. — Você acredita que pagou sua penitência?

Ele assente.

— E quais foram seus crimes?

Ele pressiona os lábios juntos, afastando o rosto. Tudo o que ele faz está em câmera lenta, como se não tivesse forças para exercer a quantidade adequada de energia.

Eu ando ao seu lado, olhando para o rosto espancado e ensanguentado. — Eu te digo uma coisa. Serei honesto com você primeiro. Dessa forma, é mais uma troca.— Soprando, eu estralo meu pescoço. — *Honestamente...* você vai morrer hoje. Ufa, é bom tirar isso do meu peito. Agora fala.

Seus olhos brilham, mas ele fica calado.

— Tudo bem então.— Levanto o galão acima do tronco, inclinando a garrafa até que ela derrame sobre a pele, encharcando a carne e juntando-se na madeira ao lado. Ele estremece quando bate.

— Isso não é para mim, você sabe — digo, movendo-me pelo seu corpo, até cobrir cada centímetro com o líquido. — Esta é sua chance de confessar e espero que Deus conceda misericórdia à sua alma.

Ele zomba, mas se transforma em tosse, o som agudo e molhado, como se a doença já tivesse tomado seus pulmões. — Você não é padre.

Eu me inclino perto. — Mas eu posso ser seu salvador.

— Você vai matá-la também?— ele pergunta.

Meu peito está apertado. Há apenas um *ela*. Eu imagino que ele estaria falando, e ela não é alguém que eu tenho intenção de prejudicar. — Receio que você precise ser mais específico.

— Minha prima.

Eu aperto minha mandíbula e ele não perde o movimento, um leve sorriso rompendo seu cansaço.

— Você não esconde bem, sabe? Seu fascínio doentio por ela.— Ele tosse novamente. — Você tem sorte que seu irmão é um imbecil completo.

A irritação sangra através de mim. — Não fale dela comigo — eu cuspo.

Ele ri. — Eu a trouxe aqui para te *matar*, seu tolo.

Algo sombrio se instala no meu peito com as palavras dele, embora eu não duvide que esteja dizendo a verdade. Eu sempre soube que havia algo

escondido logo abaixo da superfície dela; atos nefastos em um rosto inocente. Explica os punhais na coxa, o fogo na respiração e os olhos que olham através de portas rachadas e noites sem estrelas.

Mas até a noite passada, tenho certeza de que ela não sabia que eu era o rei rebelde.

Eu me pergunto se isso a faz querer me matar mais ou menos.

Meu pau endurece ao pensar em sua ira.

— Isso não me surpreende — eu rio. — Seja honesto, Xander. Quem a colocou nisso?

Chegando ao meu bolso, pego os fósforos, escolhendo um e segurando-o acima da cabeça. — Diga-me rapidamente, ou acenderei esse fogo e queimarei cada centímetro da sua pele. E então, eu vou apagar para que possamos jogar esse jogo repetidamente, até que as chamas comam seus músculos e acertem seus nervos. — Olho para o palito de fósforo. — Ouvi dizer que é o mais terrível dos caminhos a seguir.

Ele franze os lábios e eu zombo, movendo-me para acender a chama. — Você é *tão* entediante.

— Meu pai! — ele grita, sua voz soa rouca e dolorosa. — Ela deveria livrar o mundo de você e sua desculpa patética de irmão, para que a linhagem Beatreux pudesse finalmente tomar seu devido lugar.



Minha cabeça recua com minha risada. — Você nunca seria o próximo na fila do trono.

— Temos o apoio do Conselho Privado — ele grunhe, com os olhos balançando para o fósforo na minha mão. Agora isso me surpreende, minhas sobancelhas disparando para minha linha do cabelo.

— Um golpe de estado então? — Eu estalo na minha língua. — Me considere impressionado.

Suspirando, trago o fósforo para a caixa, o som dela batendo contra o lado como música para os meus ouvidos. — Mais uma confissão, Xander.— Eu me inclino, o calor da chama enviando uma gavinha de emoção pelas minhas veias. — Foi você quem derramou veneno na garganta do meu pai?

Ele engole, resignação se acalmando nos olhos. — Não. *Foi* seu irmão — diz ele.

Não estou surpreso, mas a traição dói da mesma forma.

— Sua mãe e eu simplesmente o cutucamos na direção certa.

Acenando, eu levanto minha mão acima dele. — Que Deus tenha piedade de sua alma, Alexander. Pois eu não te darei nenhuma.

O querosene acende rapidamente quando eu largo o fósforo, sua pele pegando fogo e iluminando no céu. Volto, fechando os olhos e saboreando os gritos torturados, a raiva girando como um furacão no centro do meu peito.

# CAPÍTULO 44



*Sara B.*

Minhas lâminas são afiadas.

Não troquei de roupa desde a noite passada, quando meu mundo virou do avesso.

Em vez disso, estive sentada em frente ao fogo, minha mente repetindo tudo o que sei ser verdade. E a única conclusão a que cheguei é que estou cansada do jogo de espera. De esperar pela direção de outras pessoas em quem não tenho certeza se posso confiar. Não desejo mais desempenhar o papel perfeito de querer ser rainha. Eu só os quero mortos.

É a única coisa que pulsa pelo meu interior, bombeando do espaço onde o órgão batendo deve estar; meio convencida de que minha necessidade distorcida de vingança é a única razão pela qual ainda bate.

*Você pode morrer de coração partido?*

Não ligo para a política nem preservo a integridade da coroa, todas as coisas que meu tio me disse eram necessárias, para que o país não se separasse quando a dinastia Faasa caísse. Mas tive a noite toda para repetir suas palavras no meu cérebro, e as coisas simplesmente não estão se encaixando.

Se eu já não estivesse esmagada em mil pedaços, talvez sentisse vergonha de quão facilmente fui manipulada. Como é, só sinto o vazio que vem depois de aceitar a decepção.

Uma névoa espessa rola através das árvores e cobre o chão frio, gotas de orvalho se formando na grama enquanto eu saio do castelo principal e atravesso a rua até a catedral.

Tenho certeza que hoje será meu último dia nesta terra. Não tenho ilusão de que isso acabe em algo além da morte. Aceito com os braços abertos, desde que derrube os outros que me prejudicaram.

Mesmo assim, desejo orar.

Não por absolvição; não há remorso em minha alma. Mas para maior clareza. Objetivo.

Meus dedos envolvem as alças de metal frias na frente da igreja, e eu abro as portas, entrando no salão meu olhar travando uma figura solitária, parado na frente do altar, com as mãos nos bolsos e as tatuagens em exibição total enquanto olha para a escultura de Jesus na cruz.

Lágrimas brotam nos meus olhos, meu peito apertando tão forte que parece que vai me quebrar ao meio. Eu as engulo de volta, recusando-me a deixá-las cair.

O mais silenciosamente possível, tiro uma lâmina do interior da minha capa, pressionando-a contra a palma da mão trêmula.

Minhas botas ecoam nas paredes enquanto eu caminho pelo corredor dos bancos, e não há como ele não me ouvir chegando. Espero que ele se vire, para dizer alguma coisa. *Fazer* alguma coisa.

Mas ele não se vira.

Eu aperto a adaga enquanto continuo minha jornada em sua direção, e meu estômago rola, náusea provocando no meio e subindo pela garganta quando paro alguns passos atrás.

*Faça, minha mente sussurra. Estenda a mão e mergulhe a lâmina na pele dele.*

Seria tão fácil deixá-lo sangrar no piso frio da igreja, enquanto eu o deixasse deitado e observasse a alma traidora deixar seu corpo.

O pensamento disso faz meu interior tremer, e me sinto fraca por lutar com a decisão. Eu levanto minha mão, engolindo a bÍlis que se eleva junto com ela, a cavidade no meu peito quebrando o centro enquanto eu aproximo a faca de suas costas.

— De alguma forma, eu sabia que você me encontraria aqui.

Minha mão congela, com o coração disparando na minha garganta.

Ele gira, aquelas estúpidas, *perfeitas*, íris verde-jade olhando para mim como se eu fosse a única coisa que ele vê, e isso causa raiva pelo meu corpo, odiando que, mesmo agora, ele é tão convincente com suas mentiras.

— Um de nós está sempre encontrando o outro — digo através de dentes cerrados. — Eu me pergunto por que isso.

Ele sorri, embora não alcance seus olhos. Meus dedos se apertam em torno da minha faca e seu olhar gira para onde está na minha mão.

— Você vai me matar, pequena corça?

Meu estômago retorce e eu trago a adaga para cima, apontando para o peito, a arma tremendo na palma da mão. Eu engulo e cerro minha mandíbula, meu peito queimando com o pensamento.

*Faça. Faça. Faça.*

Mas minha mão fica parada.

O pomo de Adão balança quando ele se aproxima, a ponta da lâmina pressionando nele. — Eu não desejo ver você falhar — ele sussurra. — Mesmo nisso.

Meu coração partido titubeia, a emoção explodindo através de mim até que eu mal consigo pensar na turbulência. — Você não pode dizer isso para mim — cuspo, pressionando a arma mais para dentro do peito. — Não finja que se importa quando tudo o que você já fez é mentir.

— *Ma petite menteuse*, o mundo está cheio de mentiras.

O apelido flui da língua e afunda pelo meu peito, a dor tão intensa que me faz querer morrer. A palma da mão se estende, deslizando ao longo da minha pele, os dedos envolvendo o meu pulso, fazendo com que o calor aumentasse pelo comprimento do meu braço.

— A verdade é *que* sou seu. Totalmente. Inexplicavelmente. *Dolorosamente*. Incondicionalmente. — Ele move minha mão até que a

adaga pressione contra sua garganta. — E se você precisar sacrificar minha alma para poder viver com a sua, faça.

Sugo um suspiro trêmulo, lágrimas quentes caindo pelas minhas bochechas enquanto minha mente luta com meu coração, confusão confundindo meus pensamentos até que minha visão se esvai e não consigo ver direito.

*Faça.*

— Isso é um truque — eu murmuro, empurrando a lâmina até que ela corte sua pele.

Ele sorri, com os dedos acariciando o meu braço, fazendo com que arrepios brotem em seu rastro. — Sem truques, pequena corça. Não desta vez. Não com você.

Meu rosto se ergue. — Você matou meu pai — eu grito, a lâmina cortando sua carne até o sangue escorrer pela frente de sua garganta.

Ainda assim, ele não se mexe.

— Você tentou *me* matar. Como você pode ficar aí e professar como faz, quando tudo o que já fez é me causar dor?— Minha voz quebra e eu respiro cambaleante.

Minhas palavras estão angustiadas. Como se sua mão tivesse chegado às partes mais profundas do meu ser e as tivesse retirado à força da minha alma. A palma da mão desliza pelo comprimento do meu braço, pelo meu

peito e pela frente do meu pescoço até que ele esteja segurando meu rosto, com os dedos acariciando minha bochecha.

Fecho os olhos quando me inclino para o toque, carente como um cachorro, que sou incapaz de resistir ao conforto, mesmo quando minha adaga está a segundos de acabar com sua vida.

— Não é justo — sussurro, minha mão livre agarrando o tecido da camisa dele. — Não é justo você fazer isso comigo. Por que tinha que ser você?

Ele solta uma risada sem humor. — Você acha que eu desejava *você*?— Seu aperto aumenta contra minha mandíbula. — Eu açoitaria a terra se pensasse que isso a apagaria do meu cérebro.

Meu peito torce, agonia derramando através das minhas veias.

— O problema é, Sara, não há como apagar você. E agora, você faz parte de mim. Uma que não consigo apagar, não importa o quanto eu tente.— Ele se aproxima, forçando mais sangue a vazar da garganta. — E eu também faço parte de você. Mesmo que você odeia que é assim.

Sua outra mão voa para cima, torcendo meu braço até que ele se mova de seu pescoço, e eu ofego, meu estômago revirando, esperando que ele ataque.

Mas ele cai de joelhos, com os braços abertos para os lados. — Eu sou *nada*, se eu não sou seu.— Sua mandíbula tensiona, lágrima enchendo a pálpebra inferior até que ela transborde, uma única lágrima traçando a pele



levantada da cicatriz e pingando do queixo. — Faça isso. Me mate, Sara. Coloque-me fora deste purgatório constante de precisar de você sem *tê-la*.

Minha garganta incha até que mal consigo respirar, a indecisão se tecendo através de mim enquanto suas palavras vazam pelas fendas da minha fundação de má qualidade e sangram nas rachaduras da minha alma.

— Eu morrerei feliz se é o que lhe trará paz — ele murmura, uma emoção espessa sangrando em seu tom.

Um soluço se liberta das partes mais profundas do meu peito, ecoando pelas câmaras da catedral, zombando da minha dor enquanto reverbera contra meus ouvidos.

*Faca, Sara. Faça.*

— Me dê uma razão — digo. — Uma boa razão, por que eu deveria deixar você viver.

Seus olhos brilham. — Porque eu te amo.

Eu largo a faca.

O som é alto quando bate no chão, mas eu mal ouço o barulho porque no momento em que deixo ir, Tristan está se aproximando, suas mãos agarrando meu corpo e me arrastando para o colo, empunhando a parte de trás do meu cabelo enquanto ele consome minha boca, meus lábios, minha língua, minha alma.

Eu clamo contra ele, afundando em seu domínio, me odiando por ser tão fraca, mas amando a maneira como seu toque acalma a dor.

# CAPÍTULO 45



*Tristan*

Seu toque é a rendição mais doce.

Decidi muito antes de terminar aqui que, se ela quisesse que eu morresse, eu me deitaria aos pés dela. Não tenho interesse em lutar com ela. Não há interesse em viver se ela não deseja que eu esteja vivo.

Não tenho mais sede do trono. Não desejo mais vingança contra aqueles que me prejudicaram.

Tudo empalidece em comparação a ela.

Sangue escorre pelo meu pescoço de onde sua lâmina cortou minha pele, e meu pau pulsa de sua violência. Ela é uma visão absoluta em sua ira e, quando ela deixa cair a faca e cai em meus braços, meu peito implode.

— Mostre-me sua dor, pequena corça. Dê para mim para que você não aguente sozinha, — eu corro contra a boca dela enquanto sugo seus gritos.

Minhas mãos agarram suas roupas e ela retira até acabarmos nus, com ela no meu colo; tecidos jogados para o lado, rasgados e em pilhas esquecidas. Meu pau desliza entre os lábios da sua boceta, desesperado para afundar dentro dela.

Eu aperto o seu cabelo, puxando até as costas se curvarem como um pretzel, as pontas dos fios encaracolados tocando contra o chão até que seus seios sejam expostos, mamilos rosa escuro implorando para serem sugados. Eu me inclino como um animal voraz e envolvo minha boca em torno de sua carne, rosnando quando seu gosto explode na minha língua, e ela moe sua boceta quente ao longo do meu eixo.

— Tristan — ela pede, seus sucos correndo por mim e se juntando no chão de pisos polidos da catedral. — Por favor, eu...

Solto o mamilo com um estalo, deslizando minha língua pelo peito até chupar o pescoço, trazendo o sangue para a superfície, sem me importar se deixo uma marca; desesperado para mostrar ao mundo que ela não pertence a mais ninguém além de mim. Para marcar a sua pele como se ela tivesse marcado minha alma.

Alguém poderia entrar a qualquer momento, mas eu não dou a mínima. Deixe-os assistir.

Isso não é amor. Isso é obsessão. É loucura. É salvação.

— Shh.— Eu movo meus lábios até que eles roçam contra os dela. — Eu sei o que você precisa.

Solto o seu cabelo, movendo as duas mãos para agarrar os quadris, e eu a levanto, meu pau raivoso e latejando sob ela. E então o seu calor úmido me envolve da raiz a ponta, suas paredes macias abraçando cada cume do meu pau até que meu abdome fique tenso, e vejo estrelas apenas pela sensação de estar cercado por ela.

Sua cabeça voa para trás enquanto ela geme, girando os quadris em um oito, todos os movimentos que me fazem vazar.

Ela me monta tão bem e desta vez é *ela* quem me puxa pelos cabelos; a dor me fazendo gemer enquanto seus lábios avançam pela frente do meu pescoço, sugando quando atingem o corte fino na minha garganta.

Eu palpito dentro dela.

— Sim — eu sussurro, apertando os braços e desabando nos cotovelos, o corpo dela seguindo enquanto continua lambendo a ferida que ela fez. — Sua garota imunda, montando meu pau e lambendo meu sangue como se estivesse morrendo de fome por mim.

Ela geme de novo, o som vibrando através de mim, e então ela está se movendo até que suas costas estejam retas, e suas mãos estão cobrindo os seios e mexendo nos mamilos até endurecerem em picos duros. Meu abdômen se tensiona com força enquanto eu a vejo jogar a cabeça para trás e fechar os olhos, imaginando como é possível que ela exista, meio convencido de que fiquei louco e que ela não passa de uma invenção da minha imaginação.

De repente, a sensação é demais, e eu salto para frente até nossos peitos tocarem, seus quadris vacilando no ritmo. Meus dedos agarram suas bochechas. — Olhe para mim.

Seus perfeitos olhos escuros se abrem e *Cristo*, me faz sentir o homem mais sortudo por tê-la no meu colo, no meu pau e nas minhas malditas veias. — Você realmente achou que eu te machucaria?

Eu pontuo minha pergunta com um empurrão forte em seu calor escorregadio, mantendo-me pressionado contra ela enquanto ela gira seu núcleo inchado contra minha virilha, o seu corpo tremendo enquanto suas paredes tremulam em torno do meu pau.

Uma lágrima escapa do canto do olho e segue pela bochecha, e me inclino sem pensar, minha língua deslizando para fora e lambendo-a.

Sua tristeza agora é minha tristeza.

A dor dela agora é minha dor.

— Vou torturar e mutilar qualquer pessoa que se atreve a *pensar* em seu nome — falo contra a sua orelha, segurando o seu rosto contra mim enquanto continuo a transar com ela com força e devagar.

Ela solta um gemido, acenando com a cabeça enquanto se inclina para reivindicar meus lábios novamente em um beijo enlouquecedor, e meu coração vacila, precisando senti-la mais profundamente, querendo de alguma forma cavar meu caminho sob a sua pele e ficar lá por toda a eternidade.

Minhas mãos deixam o seu rosto e agarram seus quadris, empurrando-a para baixo até que cada centímetro do meu pau esteja enterrado no fundo dela, mas ainda assim, não é suficiente.

Eu a levanto de mim, meu eixo encharcado e brilhando com sua excitação, furioso quando escapa do seu calor. Envolvendo meu braço em volta da cintura, eu a giro até que se incline de quatro, os cotovelos na borda do palco. Sento-me nos calcanhares e tomo a visão, memorizando para poder tatuá-la na pele.

Sua linda boceta está exposta e ela se inclina como se estivesse se curvando em oração, os vitrais enviando granulados de cores por sua perfeita pele branca, e a madeira profunda do crucifixo pairando pesadamente sobre nossos pecados.

Eu sigo em frente, deslizando meus dedos para dentro de sua boceta carente, enrolando-os para a frente para encontrar aquele ponto macio e esponjoso que a fará se desfazer.

— Devo puni-la por sua falta de fé?— Eu pergunto, abrindo meus dedos antes de reuni-los novamente e enrolá-los de novo.

Ela geme, a cabeça caindo nas costas das mãos, o que empurra as bochechas da bunda para mim. Elas estão me implorando para torná-las vermelhas.

Então, eu faço.

Eu tiro meus dedos de dentro dela e uso a mesma mão, lisa com seus sucos, para espalmar em sua pele, o tapa retumbando nos arcos altos do teto da igreja. O calor se acumula na base da minha coluna, e nunca fiquei tão duro quanto estou agora, vendo a pele dela ondular e ficar rosa da minha mão.

Seus dedos lutam para segurar na base do altar, e suas unhas arranham contra o chão.

— Você tem sido uma garota muito má, Sara.— Minha mão esfrega sobre minha impressão de palma e ela ronrona, empurrando-se mais para o meu domínio.

*Crack.*

Eu bato na sua bunda de novo, meu pau vazando pré-sêmen no chão.



É imundo, e uma emoção corre pelas minhas veias enquanto imagino pessoas ajoelhadas bem aqui enquanto conversam.

Gemendo, minha mão livre agarra a base do meu eixo, impedindo o desejo de explodir apenas do pensamento. Eu empurro para frente até que a cabeça roxa do meu comprimento deslize pela parte externa do núcleo dela, atingindo seu broto sensível. Eu solto minha mão pela terceira vez, e ela grita, a umidade escorrendo do buraco e na pele do meu pau.

Meus lábios arrastam beijos em sua coluna enquanto eu me inclino sobre ela, enfiando o cabelo na minha mão e arrancando a cabeça para trás, forçando o corpo a subir até que ela fique junto a mim, minha respiração soprando em seu ouvido.

— Tão dócil e submissa, quando você está de joelhos e implorando por minhas marcas — sussurro.

Seu corpo treme, suas coxas se apertando enquanto ela empurra contra mim, me pegando com seus lábios da boceta. De um lado para o outro, ela desliza, esfregando-se na minha ereção, deixando meu estômago tenso com a necessidade de me enterrar o mais fundo possível dela.

— Diga-me que você é minha — exijo. Minha mão se move de seus cabelos para agarrar a frente da garganta, as costas esfregando no meu peito e criando um delicioso atrito. Empurrei meus quadris para a frente, meu pau ansioso latejando.

— Eu sou um homem desesperado, Sara.— Meus dedos apertam a garganta dela, minha outra mão enrolando a cintura e deslizando até encontrar o centro dela, meu polegar pressionando contra aquele ponto doce perfeito, um monte de nervos inchados que implora para eu esfregar contra ela até que desmaie de prazer.

— Diga-me — repito. — E eu vou fazer você ficar tão fora de si que precisará que eu a junte novamente.

Ela puxa um suspiro, e até o som de sua respiração envia uma excitação correndo por mim tão feroz que eu mordo minha bochecha até que ela sangre.

— Sua — ela sussurra.

Eu deslizo para dentro dela com um impulso firme.

Nós dois gememos, e eu começo um ritmo punitivo, minhas bolas batendo contra sua boceta e meus quadris batendo contra as bochechas vermelhas e macias de sua bunda. Meus olhos a bebem e o calor gira em torno de todo o meu corpo, me deixando louco com a necessidade de gozar nela, só um pouco, só para saber como é.

Minhas bolas incham até que estejam quase niveladas com a base do meu eixo, e eu me inclino para a frente, batendo nela como um animal, meus joelhos raspando contra o chão de pedra até sangrarem.

— Oh meu Deus — ela grita, seu corpo tremendo.

É possível ter ciúmes de Deus? Porque quando o nome dele deixa os lábios dela, quero cortar meus pulsos e voar até o reino dele, apenas para queimá-lo no chão.

Minha mão bate contra a carne novamente, desta vez mais forte, enfurecido por ela ousar chamar o nome dele quando sou eu que a separo. Com raiva que ela pensaria em me *matar* antes que me desse o prazer de mergulhar em sua boceta doce uma última vez. — Você diz *meu* nome quando você está gozando em volta do meu pau, *ma petite menteuse*. Ninguém mais.

Envolvo meu braço em volta da sua cintura, apertando com força e passando as pontas dos meus dedos até que deslizem por seu núcleo, beliscando seu clitóris até que ela grite.

— Tristan! — ela grita de novo, suas paredes jorrando seu gozo apertando em torno do meu pau.

— Isso mesmo, pequena corça. Sou eu deixando você louca. Só eu. Somente *para* mim.

E então ela explode, meu nome saindo de seus lábios, e é tudo o que posso suportar, meus músculos se enrolam e minha visão se apaga quando jatos grossos de porra jorram da minha ponta, pulsando enquanto eu cubro o interior dela. Meus dedos apertam nos quadris dela, e eu olho para baixo, vendo grossas gotas brancas vazarem de sua boceta e deslizarem de volta pelo eixo do meu pau.

É a visão mais bonita que eu já vi.

Arfando e ofegante, eu caio em cima das suas costas, deixando beijos preguiçosos ao longo da coluna e sabendo, sem dúvida, que ela é a única coisa que já importou, e a única coisa que sempre importará.

# CAPÍTULO 46



*Sara B.*

Os dedos de Tristan seguem meus braços, sua frente pressionada contra minhas costas nuas enquanto deitamos em sua cama. É a primeira vez que estive no quarto dele, mas é exatamente como eu imaginava; móveis ricos em bordô e lençóis de seda pretos. Sobras de seu esperma grudam no interior das minhas coxas, mas estou exausta demais para limpá-lo, minha mente e

meu corpo travando uma guerra dentro de mim, coletando as últimas partículas da minha energia e moendo-a em pó. Minha bunda está sensível e minhas emoções se espalham. E ainda me sinto inquieta.

Mas não vou mentir para mim mesma. Não posso matá-lo, mesmo sabendo que devo.

Se isso me torna uma mulher egoísta ou fraca, não tenho certeza.

Talvez isso me faça os dois.

— O que aconteceu com Timothy ...— ele deixa escapar.

Meus pulmões apertam com força.

— Eu não os enviei para lá — continua ele. — Eu os proibi expressamente de tocar em você.

Suas palavras escorrem por mim e roçam no meu peito, tentando encontrar um lugar para se estabelecer. Eu acredito nele, e isso provavelmente me torna a mulher mais estúpida que já viveu, mas se ele sente uma fração do que eu sinto por ele, então não duvido nem por um momento que ele nunca quis me prejudicar.

Eu segurei uma lâmina na jugular dele e ainda não consegui seguir adiante.

— Meu pai era meu melhor amigo — eu digo, rolando de costas até ficar presa entre os seus braços. — Ele me ensinou desde pequena que só porque eu era menina, isso não significava que eu precisava ser gentil e serena.

Tristan sorri. — Ele te ensinou bem.

Eu estreito meus olhos, engolindo o mal-estar que falar sobre meu pai causa nas profundezas do meu íntimo.

— Sim, bem. Ele era um duque. Você sabia disso?

— Eu sabia.— Ele acena, com as pontas dos dedos traçando ao longo da borda da minha linha do cabelo.

— Ele amava nosso povo. Então, quando os fundos pararam de chegar, as empresas fecharam e as pessoas perderam suas casas ... ele estava doente por causa disso. — Eu engulo. — Ele costumava me entregar migalhas de dinheiro que podia juntar e pegar roupas de lã e me enviar no meio da noite para levá-los às pessoas necessitadas.

— Parece um grande homem.

— Ele era.— O nó incha na minha garganta. — Quando ele morreu, a dor me dominou, mas mais do que isso, lembro-me de me afogar com raiva.

— Eu conheço bem esse sentimento — ele responde.

— Tudo o que ele queria era pedir ajuda.— Meus dentes se apertam. — Ele viajou aqui para Saxum e ajoelhou, tudo para implorar para que seu

irmão apenas nos *visse*, porque por tantos anos fomos deixados de lado e esquecidos.

Minha mão alcança o rosto de Tristan, seguindo as bordas elevadas de sua cicatriz, sentindo os cumes e a pele marcada sob as pontas dos meus dedos. Ele se encolhe, mas não se afasta. Em vez disso, se inclina para perto. Eu movo meu olhar para a tatuagem no seu peito. A *hyena* em cima dos ossos com uma frase rabiscada por baixo. *Eu deveria saber disso sozinha*. Fiquei tão apaixonada pelas palavras que não aceitei o resto.

— Vir para cá deveria ser vingança contra aqueles que o tiraram de mim.

Espero ver um filtro de surpresa nos olhos dele, mas não há nenhum a ser encontrado. Apenas calor e compreensão. Isso torna a minha raiva incrivelmente difícil, e um pouco distante, caindo no chão e quebrando em pedaços.

— Meu primo me trouxe para casar com seu irmão ... mas você já sabe disso, é claro.

Seus olhos endurecem, seu aperto aumenta de onde repousa na minha cintura. — Ele não pode ter você.

— Ele nunca terá — respondo, hesitando antes de continuar. — Eu vi você quando segui Sheina e Paul ontem à noite para as terras sombreadas.

Ele assente, novamente sem surpresa iluminando seu rosto. — Eu sei.



Lágrimas bem nos meus olhos, mesmo que eu pensasse que elas haviam secado há muito tempo. — Eu *vi* você, Tristan.

— Eu sei — ele repete, seu olhar nunca desvia do meu.

— Você tem meu primo enjaulado.

Sua boca se separa, soprando um suspiro profundo, seus dedos parando de onde eles acariciam contra a minha pele. — Não mais, pequena corça.

Meu coração titubeia, mas é leve. — Você o matou?

— Seria útil se eu dissesse que ele merecia?

Talvez eu deva ficar furiosa, mas não estou. Eu mal sinto nada. Na verdade, eu nunca estive perto de Xander, apenas tendo-o encontrado uma ou duas vezes quando criança. O relacionamento entre nós foi construído com base na lealdade à família, mas como imagino que Tristan encerrou sua vida, não consigo encontrar nada em mim que se importe.

Acontece que algumas coisas se ligam mais espessas que o sangue.

— O que ele fez?— Eu pergunto.

— Matou meu pai.— Ele diz isso sem hesitação, sem inflexão em seu tom. É apenas declarado como fato.

As palavras tremem contra a parede que ainda está entre nós, impedindo-me de ceder ao que quer que seja. Não importa o quanto eu queira.

— E você matou o meu.

Suas sobrancelhas se vincam, olhos brilhando.

Minha mão cobre o rosto dele. — Então, você vê, Tristan, eu *não* posso te amar. Porque amar você significa esquecê-lo.

— Pequena corça...

— Nomes e palavras doces não mudam a verdade, ok? — Meu lábio inferior treme, meu coração suturado rasgando as costuras. Eu deslizo por baixo de suas mãos e levanto da sua cama até ficar sentada, batendo minhas mãos no colchão. — O que mais você quer de mim? O que mais posso dar? Você tomou *tudo* de mim, e também quer meu coração?

Ele ataca, seu corpo pairando sobre mim, sua aura pressionando e seu rosto sombrio e marcado. — Sim — ele diz. — Sim. Eu quero tudo. Eu quero tudo. Eu exijo isso.

— Bem, que pena — cuspi, empurrando seu peito.

Ele agarra meus pulsos antes que eu possa afastá-los e me puxa para perto dele. Eu chuto, meus pés batendo no osso da canela até que ele suga um assobio, e eu me agito, tentando me libertar de suas garras. Rindo, ele me puxa para perto, rolando até que eu esteja presa embaixo dele, seu peso corporal me mantendo presa na cama. Suas pernas se enrolam em torno das minhas e suas mãos empurram meus braços enquanto ele as pressiona acima da minha cabeça.

É uma posição precária e sinto calor se espalhando pelo meu núcleo e pulsando no meu centro, quer eu queira ou não.

— Você é *minha*, Sara.— Ele pontua suas palavras com um forte impulso nos quadris. — E se eu tiver que afundar meu pau dentro de você todas as manhãs e bater na sua bunda até que esteja machucada todas as noites, para que me sinta a cada passo, é o que farei.

Eu zombo. — Por favor. Você não é *meu dono*.

Ele sorri. — Agora quem é o mentiroso, *ma petite menteuse*?— Ele se lança contra mim novamente, e minhas pernas traidoras se abrem, dando-lhe mais espaço.

Inclinando-se, ele chupa meu lábio inferior na boca, me beijando com dentes, língua. É desleixado. Bagunçado. Tudo o que eu desejo, mas nada que eu possa ter.

— Eu matei muitos homens — ele sussurra contra mim. — E eu lembro do rosto de cada um, vislumbrando sua imagem no meu cérebro enquanto oram por absolvição.

— Você tem um complexo — eu retruco.

— Sara, eu não matei seu pai.

Paro de lutar contra o domínio dele, ficando frouxa nos seus braços, confusão correndo por mim enquanto minhas sobrancelhas se abaixam. — Não, você matou. Meu tio me disse que era você, ele...

— Quer levar a coroa — ele corta.

Eu adoraria negar e, nos próximos momentos, é o que faço. Eu procuro todas as fendas da minha memória, tentando arrastar algo que prove sua inocência. Isso prova que ele nunca faria. Ele foi tão *convvincente* em seu discurso para eu matar o rei rebelde, e mesmo *isso* não era genuíno, então me pergunto se realmente o conheci.

Meu tio tem sido como um segundo pai para mim. Mas também tem sido o meu ouvido a cada passo, atizando as chamas do meu fogo e direcionando-as para onde ir. *Tudo foi manipulação para seu objetivo final?*

— Você era o bode expiatório deles, pequena corça. Aquela que aceitaria os assassinatos dos monarcas e abriria o caminho para roubar a coroa.

Meu peito dói. — O que?— Balanço a cabeça, descrença derramando como chuva gelada pelo meu corpo.

Seus dedos pressionam contra meus lábios, escovando-os com uma carícia macia. — Você sabe que eu não quero te machucar.

— Não, eles não fariam — digo novamente. — *Ele* não, eu sou a família dele.

Mesmo quando digo as palavras, a verdade afunda nos meus ossos, fazendo-os doer, e eu sei.

Eu sou uma mulher tão tola.

A simpatia passa por seus olhos. — *Eu vou* ser sua família agora, pequena corça.

Meu peito está pesado e minha alma se sente desgastada, mas também há uma sensação de alívio que levanta um fardo dos meus ombros, as correntes me amarrando ao nome Beatreux se soltando e quebrando quando caem no chão.

— Jure — eu imploro. — Jure para mim, no túmulo de seu pai, que você fala a verdade.

Ele cobre minha bochecha. — Juro no túmulo do meu pai, Sara. Eu *sempre* vou te dizer a verdade.

Meu olhar volta para o dele, meu coração incha olhando para o seu rosto perfeito. — Você quis dizer isso quando disse que me amava?— Eu pergunto.

Ele suspira, movendo meu braço de cima da minha cabeça e descansando sobre seu coração acelerado. — Eu só queria uma coisa em toda a minha vida. O trono. Estou planejando há tanto tempo que não me lembro como era a vida antes. E eu estou tão perto, Sara. *Tão perto* para a vitória.

Meu estômago aperta.

— Mas você...— Ele lambe os lábios. — Você poderia queimar o reino inteiro até que não passasse de escombros carbonizados, e eu rastejaria sobre as brasas com alegria, desde que pudesse adorar aos seus pés.

Meu interior treme da magnitude de suas palavras.

— Se isso é amor, então sim, eu te amo.— Ele levanta um ombro. — Não consigo sentir nada exceto te amar.

Mordo a emoção que está correndo no meu peito, levantando minha mão para empurrar os cabelos perdidos da testa. Minha respiração trêmula, e sei que com minhas próximas palavras, tudo vai mudar. — Eu também te amo.

Seus olhos escurecem e seu pênis pulsa contra o meu centro.

— E seria uma pena não ver você usar a coroa.

# CAPÍTULO 47



*Tristan*

— O que você está desenhando?— A voz de Simon corta minha concentração e, por instinto, me afasto, tentando esconder o trabalho em andamento de sua visão.

Ele sorri para mim, seu sorriso de dente aberto fazendo algo afrouxar no meu peito, e me encosto na casca do salgueiro-chorão, observando ele sentar ao meu lado, colocando sua espada de brinquedo ao seu lado e espiando sobre o meu braço novamente, tentando ter uma boa visão.

— Essa é a senhora?— ele pergunta quando eu não respondo rápido o suficiente.

Hesito por muitas razões. O principal é que Simon tem dez anos. Ele tem lábios soltos sem querer, e não tenho certeza do que acontecerá se ele correr e disser à mãe que o príncipe estava desenhando imagens da noiva do rei. Não tenho ideia se ela ainda está aquecendo a cama de Michael, mas há muitas pessoas neste reino que pegam informações e as usam para se beneficiarem, não importa o quão confiáveis pareçam. E não confio na mãe de Simon, tanto quanto posso usá-la. Quem permite que seu filho seja espancado e intimidado ou não se importa se eles correm por túneis o dia inteiro não merece *ter* uma criança.

Meu peito repuxa com raiva, lembranças de anos atrás ressurgindo quando penso em semelhanças com a forma como ele é tratado com o que passei naquela época.

— É — respondo, esperando não ter cometido um erro.

Porque, por mais que eu tenha reivindicado Sara - por mais que eu saiba que ela é minha - ainda precisamos nos manter em segredo até que meus planos cuidadosamente elaborados se concretizem.



Michael enviou tropas para a fronteira sul, exatamente como sugeri. O Conselho Privado está em pé de guerra, mas no final do dia, eles não são rei. Ele é.

Por enquanto.

Meu estômago está cheio de emoção e antecipação, sentindo que quase consigo respirar pela primeira vez em anos. Eu estava disposto a desistir de tudo, deixar tudo ir e fugir com Sara e nunca olhar para trás. Mas então, ela disse essas palavras. Aquelas palavras perfeitas, mágicas e bonitas; como ela queria que eu usasse a coroa. Minha alma explodiu quando eu deslizei meu pau profundamente dentro dela e a fodi languidamente enquanto ela me chamava de rei.

Depois que ficamos saciados, ela colocou a cabeça no meu peito e perguntou sobre os rebeldes, e eu contei a ela sobre meus objetivos. Planejamos e tramamos até as primeiras horas da manhã, meu coração se esforçando contra sua jaula com cada palavra sussurrada, sem perceber o quanto eu doía por tê-la dessa maneira. Como minha igual. Como minha *Rainha*.

— Ela é bonita quando você a desenha, mas é mais bonita pessoalmente — observa Simon.

— Ela é — confirmo novamente.

Ele fica quieto por alguns momentos e depois olha para os portões quando eles se abrem, um conjunto de três automóveis dirigindo para o pátio da

frente e rolando até parar, meu coração se apertando no meu peito, sabendo que Sara está em um deles, provavelmente no braço do meu irmão, tão perto e tão longe.

Meu queixo se aperta ao pensamento deles.

— Você acha que um dia, talvez *eu vou* ser capaz de ter uma dama? — Simon pergunta.

Eu quebro meu olhar para longe dos carros, olhando para ele, minhas sobancelhas subindo. — Você pode ter qualquer coisa que ousar sonhar, leãozinho.

Ele assente, diante dos meus olhos. — Bem ... então ... você acha que talvez um dia eu possa ter um pai?

Meu estômago rola e eu inclino minha cabeça para trás contra o tronco da árvore, batendo meus dedos no joelho enquanto olho para ele, sem ter ideia do que dizer. — Ter um pai é superestimado. Confie em mim, eu falo por experiência própria.

Ele morde o lábio, com os enormes olhos âmbar arregalados e confiantes. — Você acha que talvez pudesse fazer isso?

Meu coração aperta.

— Ninguém precisaria saber — ele sai correndo, com seu tom esperançoso. — Só seria fingir, de qualquer maneira. E pode ser divertido!

Como ... como agora, só você me dizer que me ama e me ensinar a ser homem.

— Eu não acho que sua mãe aprovaria — eu rio pela dor que está cavando o caminho pelo meu peito enquanto eu estendo a mão para agitar o topo da sua cabeça.

Ele sorri, os olhos baixam no chão, decepção caindo nos ombros. — Mamãe nem notaria.

— Eu digo a você — suspiro, fechando o caderno de desenho e colocando-o ao meu lado, antes de virar para encará-lo. — Eu não posso ser seu pai, mas sempre serei seu amigo.

— Sim, tudo bem — ele murmura, o dedo do pé chutando a grama.

— Há um lugar secreto que meu pai costumava me levar na beira do penhasco, na parte de trás do castelo. Um dia, em breve, eu vou te levar até lá. E eu vou te ensinar tudo o que sei.

Seus olhos se iluminam, aquele sorriso de dentes felizes voltando com força total. — Promete?

O riso do outro lado do pátio desvia minha atenção antes de responder, e mesmo sabendo o que testemunharei, mesmo que eu esperasse, a raiva ardente surge através do meu corpo, independentemente.

Michael e Sara posam para um fotógrafo, o braço enrolado na cintura e os dedos segurando-a firmemente ao lado dele.

Meus dentes rangem até que ameacem se quebrar ao meio, e eu tenho que me conter de me levantar e ir até arrancar os dedos dela. Mas respiro fundo, enfiando a mão no bolso e puxando um cigarro, permitindo que a erva se lance nas veias e faça sua melhor tentativa de manter o ciúme à distância. Não funciona, o sentimento batendo no meu peito e se espalhando como um veneno até que tudo o que vejo seja tingido de verde.

Ela torce a cabeça, olhando ao redor do pátio como se pudesse sentir que estou perto, e então ela trava o olhar em mim. Eu seguro o olhar dela, meu pau se esforçando e meu interior fervendo com a necessidade de demonstrar minha reivindicação.

Quero agarrá-la e dobrá-la sobre o capô do automóvel favorito do meu irmão, levantando as saias e empalando-a profundamente no meu pau até que ela grite meu nome e dê um show a todos os outros.

Talvez ele saiba melhor do que colocar as mãos sarnentas nela.

Eu gozei com ela e nela e disse que ela era minha. No entanto, é ele quem a desfila ao redor do mundo.

E quando ele se inclina, o braço se apertando em torno da sua cintura e dobrando-a para trás para beijá-la nos lábios, eu perco, saindo do banco tão rápido que Simon sacode do movimento, minha visão se esvaindo em tudo, exceto na raiva assassina que está derramando por dentro.

# CAPÍTULO 48



*Sara B.*

Eu estive esperando por ele. Eu sabia que era apenas uma questão de tempo depois que Michael me inclinou para trás e pressionou seus lábios finos nos meus.

Mas o que eu não esperava era que ele não aparecesse por horas, até a calada da noite, e depois invadissem meus aposentos sem nem bater.

— Tristan.— Minha mão dispara no meu peito, a outra apertando em torno do meu copo de água enquanto ele corre pela sala com fogo nos olhos.

— O que você está...

Ele se aproxima de mim, o copo da minha mão caindo no chão e se estilhaçando enquanto me empurra contra a parede, seus lábios reivindicando os meus em um beijo brutal. Eu gemo, meus braços voando para envolver seus ombros enquanto ele me consome, seu corpo pressionando contra o meu enquanto ele lambe dentro da minha boca, suas mãos vagando pelos meus lados como se não pudesse suportar o pensamento de não me tocar.

— Você deixou que ele pusesse as mãos em você — ele rosna, sua voz torturada e baixa.

— O que você teria me feito fazer?— Eu sussurro de volta, enquanto ele chupa e morde o comprimento do meu pescoço. Inclino minha cabeça para lhe dar melhor acesso, meu núcleo pulsando com necessidade, sua possessividade espalhando excitação pelo meu interior, amando a maneira como é ser procurada tão desesperadamente por alguém com tanto poder.

— Isso me deixa *louco*, Sara.— Seu aperto vira hematomas, e então ele está arrancando minha camisola vermelha do meu corpo até que eu esteja

nua diante dele, arrepios se espalhando pela minha pele. — Eu não suporto isso.

Minha mão corre pela frente do peito, meu coração batendo forte de desespero repentino para provar a ele que ninguém mais me tem, que eu pertença *somente* a ele. Suas narinas inflam quando olha para mim, os anéis de seus dedos brilhando quando eu caio de joelhos, estendendo a mão para desfazer suas calças, minha boca salivando ao pensar em ter a espessura na minha mão e na minha língua.

— Eu sou sua, Tristan.— Esfrego minha palma na extensão de sua ereção crescente, excitação pulando no meu peito quando endurece sob o meu toque.

Ele agarra meu cabelo, do jeito que eu sei que ele gosta de fazer, a outra mão está alcançando debaixo da minha mandíbula e inclinando meu queixo até que eu o olhe nos olhos.

— Tire isso — ele rosna.

Meu centro palpita e eu deslizo minha mão sob a cintura de suas calças, embaixo da roupa de baixo, até eu agarrar seu eixo, sentindo-o quente e duro como uma pedra na palma da mão. Eu corro meus dedos ao longo dele, e ele chupa uma respiração profunda, segurando os fios com força enquanto eu o puxo de suas calças. Meu estômago está tenso enquanto balança na minha frente, e me inclino para a frente, abrindo minha boca para devorá-lo inteiro.

Seu aperto força meu cabelo e ele me puxa para trás, sua mão descendo para agarrar seu próprio pau, acariciando-o da base até a ponta.

— Você adora estar de joelhos para mim, não é?— ele pergunta, seus movimentos certos para cima e para baixo ao longo de si mesmo. Eu aceno, lambendo meus lábios enquanto vejo suas bolas tensas e liberadas enquanto ele manipula sua carne. Ele abaixa a cabeça e bate contra a parte superior dos meus seios, deixando para trás uma série de excitação da ponta do pau no topo do meu peito. O ato em si é tão sujo que faz minha boceta escorrer pelas minhas pernas, desesperada para que ele a encha.

Ele esfrega a ponta na pequena poça que deixou para trás antes de arrastá-la até o meu pescoço, reposicionando para que repouse nos meus lábios. Não posso deixar de mostrar minha língua e lambe sua essência, gemendo quando o sabor salgado atinge meu paladar.

— Abra sua boca.— Seus dedos flexionam no meu cabelo, puxando minha cabeça mais para trás.

Eu obedeço. Não porque sou fraca, e não porque não tenho escolha; mas porque me render a ele me faz feliz. Poderosa. É intoxicante, possuir a paixão de um homem como Tristan, e por isso vou adorá-lo como um deus, porque sei que ele faz o mesmo comigo.

Eu sou igual a ele.

E agora, eu sou a *prostituta dele*.



Ele desliza seu pau para minha boca aberta quente e esperando, gemendo quando eu o deixo livre para que ele possa ver cada centímetro enquanto desliza para dentro. Meu interior vibra e meu núcleo está tenso, querendo assistir de joelhos enquanto ele se desfaz na minha garganta.

Eu sou voraz por isso.

Acho que não vou sobreviver se não puder.

Seus quadris avançam, as tatuagens nos antebraços ganhando vida enquanto seus músculos estão tensos. A veia na parte inferior do eixo palpita enquanto ele desliza ao longo da minha língua, e eu tenho que me impedir de fechar meus lábios ao seu redor, de chupá-lo o mais fundo que posso suportar.

Em vez disso, espero que ele me dê orientação; sabendo que ele pedirá o que precisa.

Seus dedos aumentam o aperto, criando uma deliciosa dor que atinge meu peito e pulsa entre minhas pernas.

— Chupe.

É uma palavra, mas no segundo em que ele diz o que fazer, eu estou lá, correndo minha língua em torno de seu eixo sedoso, sentindo-o palpitar enquanto eu esvazio minhas bochechas, querendo ordenhar seu pau até sêmen explodir na minha boca.

Ele geme, sua outra mão voando para encontrar a primeira na parte de trás da minha cabeça, e ele entra e sai. Seus olhos estão meio abertos, nunca deixam os meus, e eu juro que estou perto de gozar sem nem ser tocada, apenas por vê-lo foder minha boca.

Eu já fiz esse ato antes, mas nunca foi assim.

— Olhe para você — ele sussurra, com os dedos acariciando meu rosto até que agarrem a base do meu queixo. — Tão bonita de joelhos enquanto eu te sufoco com meu pau.

Ele avança enquanto diz a palavra e bate na parte de trás da minha garganta. Eu engasgo, só um pouco, mas o desconforto aumenta minha excitação, fazendo minha boceta se espremer contra o ar, desejando que ela estivesse levando o comprimento dele e sentindo-o pintar meu interior.

— Você ama, não é, garota imunda? Aposto que se eu colocasse meus dedos na sua boceta, encharcaria minha mão com o quão molhada e ansiosa está para me levar.— Ele empurra novamente, e desta vez eu chupo mais forte, girando minha língua ao redor da veia latejante que corre na parte inferior de seu comprimento sensível. Gemendo, ele puxa os quadris para fora até que sua ereção pesada se mova no ar, tensionando e crescendo bem na minha frente.

Ele fecha os olhos, respirando fundo.

E então ele se agarra com a mão e me bate com ela. Não passa de uma picada leve, mas o ato em si envia ondas de choque de tensão ondulando pelo

meu centro, e eu perco o controle dos meus membros, meus dedos deslizando para dentro da minha boceta implorando, achando-a encharcada e molhada, do jeito que ele disse que estaria.

Seus olhos brilham me observando, seus dedos acariciando para cima e para baixo em seu eixo encharcado de cuspe e ele geme enquanto eu me toco, meu interior enrolando-me até que eu esteja à beira de uma explosão.

— É isso, minha pequena mentirosa, foda seus dedos e imagine que é o meu pau.— Ele se abaixa. — Abra suas coxas e me mostre o quanto você quer.

Não tenho certeza se são as palavras dele, o som da voz ou o fato de ser apenas *ele* dizendo-me para fazer alguma coisa, mas quando faço o que ele diz, meu corpo se aperta com força, o prazer desliza pelo meu interior enquanto minhas paredes se contraem tão intensamente que dói. Minha visão nubla e eu caio de joelhos, a felicidade explodindo dentro de mim e cobrindo todos os meus nervos.

Ele me pega pelo rosto, meu queixo sendo segurado em suas mãos enquanto ele continua se masturbando. Sou maleável embaixo dele, uma serva disposta implorando por cada gota.

Seu rosto se mexe e eu posso ver o momento em que suas bolas bombeiam, a veia em seu pênis pulsando enquanto o esperma empurra seu eixo e explode de sua ponta, me banhando com seu orgasmo. Eu gemo, o líquido quente derramando sobre minha pele, e quando ele cai de joelhos, fico de quatro e rastejo em sua direção, lembrando o fogo em seus olhos quando eu

fiz isso antes, mergulhando e o engolindo inteiro, pequenos jatos de seu esperma borrifando na minha garganta.

Ele geme, com as mãos segurando meu cabelo enquanto espasma contra a minha língua, e eu continuo lambendo-o até que ele esteja exausto, amolecendo na minha boca.

Finalmente, eu o tiro de mim, sentando enquanto olho para ele, amor quente e pegajoso enchendo meu peito. Ele se inclina para a frente, juntando nossas bocas para que nossas respirações se tornem uma, e eu perco de vista onde ele termina e eu começo.

— Não tome banho antes de ir a ele amanhã — ele exige, mordendo meus lábios entre as palavras. — Quero que ele me cheire na sua pele.

Eu aceno. Eu já senti lealdade antes; corre profundamente pelas minhas veias. Costumava acender para a família, para o serviço. Para o meu povo.

Mas com Tristan? Eu me acenderia em chamas e me divertiria com a queimadura se soubesse que isso o agradaria. É um sentimento assustador, mas que eu abraço, porque ele é meu rei e eu sou sua rainha e juntos governaremos o mundo.

Ele se move de baixo de mim e fica de pé, agarrando as calças e entrando nelas. Eu também me movo, caminhando até o gancho que tem minha túnica noturna e agarrando-a. Antes que eu possa colocá-la, ele dá um tapa na minha mão, envolvendo o braço em volta da minha cintura e me levantando enquanto ele nos caminha em direção à minha cama e me joga.

Eu pulo quando bato no colchão, e ele sorri, rastejando entre minhas pernas, suas mãos se espalhando, formigamentos percorrendo meu corpo com ele. E só então eu percebo que ele tem uma caneta na mão. A tinta é fria enquanto sangra da ponta da caneta esferográfica na minha pele e meu coração espasma no meu peito.

— O que você está fazendo?— Eu sussurro.

— Marcando você — ele responde.

Seu rosto está sério; seus olhos focados e mãos tecendo magia, e nunca me senti mais atraída por esse homem na minha vida, pois estou com ele deitado entre as pernas e desenhando obras de arte na coxa.

— Devemos conversar sobre amanhã à noite?— Eu pergunto, meu estômago tremendo de ansiedade ao pensar nos planos que fizemos.

Sua mandíbula apertada, seu movimento vacilando antes que retome as linhas de desenho na minha pele. — Prefiro não. O pensamento me faz querer amarrá-la na minha cama e nunca deixar você sair.

Meu coração se aquece, sabendo que ele está tão nervoso quanto eu com o que conversamos. — Tudo vai dar certo.— Eu esfrego minha mão por cima do cabelo dele. — Amanhã à noite, irei ao seu irmão e o convencerei a me levar para seus aposentos.

Seu aperto cresce forte o suficiente para machucar.

— E então você estará lá — eu o acalmo. — Antes que algo possa acontecer. E eu vou ter colocado láudano em sua bebida.

— É muito arriscado.

— Não há recompensa, se você não correr um risco, meu amor.— Eu abaixo, minha mão tocando sua bochecha. — Eu confio em você. Eu acredito em você. Deixe-me *ajudá-lo*.

Ele continua desenhando, embora se incline ao meu toque. — Eu não desejo usá-la dessa maneira.

— É o plano mais fácil, Tristan. *Por favor*. Eu posso fazer isso. E antes que ele possa piscar, você reunirá os rebeldes e virá me encontrar.— Meu coração bate em antecipação, emoção doentia e distorcida sangrando pelos meus poros. — Você aceita o que é seu. E seu povo estará atrás de você, livrando-o de qualquer pessoa que deseje mantê-lo longe da coroa.

Seus olhos se levantam. — *Nosso povo*.

Emoção incha no meu peito. — *Nosso povo* — eu corrijo.

Ele solta uma respiração trêmula e se inclina, deixando um beijo leve na minha coxa, com os dedos suavizando-a depois, antes de se sentar, sorrindo para sua arte.

Eu empurro meus cotovelos e olho para o que ele desenhcou.

É um coração. Não é do tipo que você vê as crianças desenhando ou do tipo que você esperaria em pinturas que retratam o amor. Este é do órgão, sangue escorrendo de suas bordas e vasos correndo pelo músculo. Uma corrente grossa envolve seu centro e enrola sob ele, um cadeado no final. Aperto os olhos e olho mais de perto, percebendo que há uma escrita na fechadura.

*Propriedade de Tristan.*

Eu sorrio, empurrando seus ombros. — Romântico.

Ele solta uma pequena risada, deslizando pelo meu corpo e pressionando um beijo nos meus lábios, com a mão segurando meu rosto. — Para você? Eu sou bárbaro. E depois de amanhã, quando matarmos Michael e tomarmos o castelo, vou te foder enquanto o espírito dele ainda estiver na sala, só para que saiba que você nunca lhe pertenceu. — Sua outra mão desliza pela parte interna da minha coxa, descansando em cima do coração sangrando. — E então, eu vou tatuar isso na sua pele, para que você nunca esqueça que eu sou teu dono tanto quanto você.

Eu me inclino e pressiono meus lábios nos dele novamente, a paixão surgindo no meu centro e explodindo através dos meus poros até que se envolva em torno de nós dois. É intenso e não tenho certeza se isso nos levantará ou nos queimará.

Mas de qualquer maneira, isso me consome.

# CAPÍTULO 49



*Sara B.*

Meus nervos estão no auge de todos os tempos. Antes, quando eu estava pensando em matar o rei, era pessoal. Ainda é ms, agora está mutado; tingido de devoção. Tão louco quanto isso soa.



Mas é *devoção* que me faz deslizar o láudano no pequeno bolso costurado na bainha da minha saia e sua devoção que me faz bater os cílios e sussurrar palavras suaves no ouvido de Michael, perguntando se podemos ir a algum lugar privado.

Tristan provou repetidamente que se eu cair, ele vai me pegar. Que se eu quebrar, ele segurará as peças até que eu esteja pronta para costurá-las novamente. Então, farei o mesmo por ele e ficarei ao seu lado, ajudando-o a reivindicar o trono. Ajudando-o a buscar sua vingança.

Eu sofro com cada movimento como se ele ainda estivesse empoleirado entre minhas coxas, prová-lo nos meus lábios como se estivesse descansando na minha língua, senti-lo nas minhas veias como se ele tivesse me alimentado com todo o seu sangue.

Nós somos intrínsecos. Destinados.

Ou talvez estejamos simplesmente loucos.

Mas terei prazer em viver como louca, se no final isso me der o que quero.

— Como foi o jantar?— Michael pergunta, enquanto ele se senta ao meu lado no sofá em seus aposentos particulares. A lareira crepita na nossa frente, e o tapete de pele de carneiro é macio sob as solas dos meus pés. É desagradável para mim estar aqui antes do casamento, mas Xander não está mais aqui para falar com o rei, e Michael pensa com o pau e não com a cabeça quando se trata de mulheres.

Foi tão fácil quanto eu pensei que seria.

Sorrio, abaixando meu olhar para o meio mastro enquanto o encaro através dos cílios. — Foi delicioso.

Ele sorri, com a mão pousando pesada na minha coxa e esfregando a marca de Tristan.

— Espero que você ainda tenha espaço para a sobremesa?— ele pergunta.

Meu estômago está na garganta enquanto continuo, sabendo que depois disso, não há como voltar atrás. — Na verdade, eu adoraria mais um pouco de vinho.

— Claro.— Ele se vira para pegar a garrafa na mesa ao seu lado e eu me arrisco, desarrolhando o láudano e escorrendo-o em seu copo antes que ele se vire, suor brotando na minha testa e meu coração batendo tão rápido contra minhas costelas que sinto como se tivesse um ataque cardíaco.

Ele se vira para trás, derramando o vinho no meu copo até que esteja quase cheio. Eu o assisto virar, espirrando contra o fundo do cristal, imaginando que deve ser semelhante à aparência do meu interior enquanto se agitam, ameaçando transbordar de ansiedade.

Ele abaixa a garrafa e eu me inclino para a frente, agarrando os dois copos, entregando-o antes de pegar o meu. — Obrigada, Majestade.

Ele se senta, olhando para mim por longos momentos, com os olhos intensos e, pela primeira vez a noite toda, um fio de desconforto nada pelas minhas veias. Michael nunca me olhou assim antes.

— Eu me canso de jogos — diz ele. — Você está aqui para se entregar a mim, Sara?

Só o pensamento envia bile pela minha garganta, mas eu sorrio através da náusea, sabendo que Tristan estará aqui em menos de uma hora, e ele lavará todos os sentimentos imundos.

Eu corro meus dedos ao longo da clavícula, enroscando na fina corrente do pingente de meu pai, enquanto meus olhos piscam para o vinho na mão dele, aquele que ele ainda não tomou um gole.

— Eu apenas pensei que poderíamos nos conhecer melhor.— Eu sorrio, me aproximando dele no sofá. — Vamos nos casar em breve. Você não acha que está na hora?

Ele sorri, largando o copo, e eu amaldiçoo internamente, frustração envolvendo o meu interior, apertando até parecer que vou explodir.

O braço dele estica, a mão envolvendo a minha cintura e me arrastando para ele. Minhas mãos voam para ganhar um apoio no seu peito, e eu agarro o tecido, minha bunda praticamente sentada no colo dele. Eu engulo em torno do desgosto que se hospeda no meu esterno.

— O que você gostaria de saber?— ele murmura, inclinando a cabeça para baixo e deslizando os lábios pela minha pele.

Eu faço minha parte, embora, Deus, parece que fazer isso é o pior tipo de traição, inclinando-me para ele, sabendo que preciso torná-la convincente. Tristan está dependendo de mim. Minhas mãos se movem para o seu rosto, puxando os olhos para cima para encontrar os meus. Eu roço meu nariz contra o dele. — Tudo.

Ele me puxa para cima dele agora, e minha boca azeda de vômito enquanto ele mói seus quadris em mim, sua ereção cavando no meu centro. Ele geme enquanto faz isso, com os dedos apertando de onde estão enrolados na minha cintura, e jogo minha cabeça para trás, fingindo que o que ele está fazendo é emocionante.

De repente, ele para seus olhos como dois poços de fogo âmbar, e ele estende a mão para a mesa, pegando seu copo de vinho. O alívio escorre através de mim. Mas então ele empurra o copo contra meus lábios e o pânico se espalha pelo meu peito.

*Um pequeno gole deve ficar bem. Contanto que ele beba o resto.*

Abro a boca apenas um pouco, mas antes que eu possa detê-lo, ele está segurando meu queixo e derrubando todo o copo de líquido, até derramar na minha garganta e eu engasgar e cuspir, meus olhos ficando largos e frenéticos enquanto tento cuspir.

Seu rosto cai em um escárnio. Eu me movo para sair do peito dele, mas ele me agarra pelos cabelos, puxando-o até que arranque da minha cabeça enquanto ele levanta, me arrastando até meus joelhos rasparem o chão, meus dedos cavando a pele do pulso enquanto eu me agito, tentando me libertar.

— Sua mulher estúpida, você achou que eu não saberia?

— Eu não...

Ele me joga no chão e eu caio, meu braço gritando de dor enquanto bate contra a madeira. Eu viro de costas, me levantando com as mãos, mas não vou longe, a palma da mão dele balançando e acertando meu rosto até meu corpo voar, derrapando pelo chão. Meu quadril pulsa com o impacto.

Ele se inclina sobre mim. — Eu *sempre* sei.— Ele me agarra pelo braço e me puxa para cima, estremecendo da dor profunda que floresce na minha bochecha, sem dúvida já inchando de onde ele me deu um tapa.

Eu me aproximo, tentando levantar minhas saias e agarrar uma lâmina, mas ele agarra minha mão, apertando até meus ossos esmagarem. — Não faça algo que você se arrependa. Eu odiaria puni-la na frente de seu amante.

Meu coração cai. *Tristan.*

Ele me puxa para a frente, com os dedos traçados ao longo da minha linha do cabelo. Eu viro minha cabeça, rangendo os dentes. — Você gostaria de ir vê-lo? Ele está sendo mantido confortável, garanto.

— Você mente — eu cuspo, não querendo acreditar no que posso sentir no meu estômago ser verdade.

Ele sorri. — Dos dois, *eu* não sou o mentiroso aqui.— Eu tento me livrar de suas garras, mas ele agarra meus ombros. — Venha amarre as mãos dela — ele exige.

Minha cabeça fica tonta e meus movimentos ficam lentos quando os efeitos do láudano começam a agarrar minha psique, e minha respiração pára, imaginando com quem ele está falando. E então minhas mãos estão encolhidas atrás de mim e algemadas em metal antes que eu possa piscar.

O desespero percorre o seu caminho através de mim. *Isso não deveria acontecer.*

Michael sorri, me soltando, antes de estender o braço e arrastar alguém para o lado dele. E quando ele o faz, meus órgãos gritam e coçam, murchando como se derramassem ácido pelo meu interior.

— Olá, milady.

Aperto minha mandíbula, lágrimas de traição picando a parte de trás das minhas pálpebras. — Ophelia.

— Você sabe — afirma Michael. — A melhor decisão que tomei desde a sua chegada foi dizer à minha doce Ophelia para manter os olhos e os ouvidos abertos.— Ele olha para ela, erguendo o queixo enquanto pressiona um beijo nos lábios dela. — Você se saiu tão bem, querida.

Ela sorri para ele, e meu estômago se dobra porque, é claro. Eu deveria saber. Eu nem pensei que ela estava ao meu lado, esperando garantir favor ao rei?

— Você é uma atriz fenomenal — digo a ela, o ódio se formando profundamente no meu estômago.

Ela sorri para mim, inclinando a cabeça. — Obrigada, milady. Eu aprendi com os melhores.

Eu sorrio, mesmo que o ópio esteja criando um tipo de calma zumbindo, me deixando sonolenta. Eu luto com tudo em mim, não querendo ceder à tontura até ter certeza de que Tristan está seguro.

— Embora, Vossa Majestade e eu — ela continua, com a mão esfregando no peito enquanto olha para ele. — Somos muito melhores em ser discretos do que você e o príncipe marcado. Pena que você não prestou mais atenção.

Eu ri, porque não posso discordar. Claramente, em algum lugar, de alguma forma, erramos terrivelmente.

— Na maioria das noites, eu me escondia nos cantos escuros dos corredores, esperando e observando. Geralmente era chato. Às vezes, quando eu te seguia, eu fazia um show.— Ela ri. — Eu pensei que seria tão fácil me livrar de você quando aquele idiota Claudius enfiou a mão nas suas saias.

— Isso foi *você*?— Eu ouvi. Eu ofeguei, minha frequência cardíaca está diminuindo à medida que a droga passa por mim.

Ela assente. — Mas então o príncipe marcado teve que arruiná-lo. O pegando e fazendo Deus sabe o que para ele.

*Meu peito dói. Tristan estava lá?*

— E então voltei a observar e esperar.— Ela suspira e a mão de Michael acaricia para cima e para baixo do braço. — Mas ontem à noite, eu o vi invadir seu quarto. Ouvi vocês dois fazendo planos de *traição*.

A raiva circula através de mim, que ela estava lá, manchando nossos preciosos momentos.

— Foi tão fácil pressionar minha cabeça contra sua porta e ouvir as palavras que você falou.— Ela sorri. — Você realmente tem que se agradecer.

*Estúpida. Eu sou tão estúpida.*

Michael bate as mãos juntas de alegria, um sorriso que se estende do rosto de orelha a orelha. — Falando do meu irmão, vamos fazer uma visita a ele? Tenho certeza que ele está desesperado para garantir que você esteja bem.



# CAPÍTULO 50



*Tristan*

A dor se espalha dos meus ombros e se estende por todo o meu corpo, do tipo que nunca senti antes. Meus braços estão amarrados nas minhas costas e pendurados sobre uma viga de madeira que foi colocada no meio do pátio. Ocasionalmente, um guarda caminha e puxa, forçando meu corpo a subir do chão por meros centímetros.

Mas não lhes darei a satisfação de gritar.

Fui acordado da maneira mais rude. Com um pano cheio de clorofórmio e meia dúzia de guardas.

E agora eles foram para o suplício. Uma forma de tortura que é a favorita de Edward. Isso lhe dá uma emoção ao ver a agonia se espalhar pelo rosto da vítima quando seus ombros ficam deslocados e seus membros lentamente arrancam de seus corpos. Parte de mim se pergunta se isso é feito por ele. Se ele finalmente me traiu e está buscando sua vingança pelo justo castigo que ele colheu em minhas mãos.

Mas ele não está em lugar nenhum.

Não importa. *Nada* importa, exceto o medo que percorre meu interior ao pensar em Michael tendo Sara.

Eles podem me matar. Eles podem me torturar por horas e eu me sacrificarei de bom grado, desde que eu saiba que ela está segura.

Não sei quanto tempo se passou, apenas que o sol se pôs, a lua cheia lançando um brilho misterioso, o ar frio da noite grudando na minha pele machucada e uma fogueira furiosa a apenas alguns metros de distância.

É arrogante da parte de Michael me colocar aqui, mas meu irmão gosta de fazer um bom show.

Minha cabeça está latejando forte e o sangue escorre de cortes no meu torso, onde fui chutado e arrastado pelos guardas, mas há muito tempo me

inclinei para a dor, deixando isso se tornar parte de mim até ficar entorpecido. Depois de uma vida inteira sendo espancado, a dor física perde sua vantagem.

— Surpresa — a voz do meu irmão cresce, provocando uma brasa no centro do meu interior.

— Irmão — forço a secura da boca e a dor latejante nos ombros. — Que bom que você apareceu.

Ele ri, uma risada profunda diretamente de sua barriga, e quando eu levanto minha cabeça, a brasa se infiltra em um inferno, correndo por todas as partes de mim. Sara está com ele, as mãos algemadas atrás dela e o vestido rasgado ao lado. *Mas ela está viva.*

Seu olhar está desfocado e sua bochecha está preta e azul.

Eu odiei meu irmão por muitas coisas, mas não é até agora, neste momento, que o ódio puro e absoluto derrama em minhas veias.

— Surpreso? — Michael sorri largamente. — Eu pensei que vocês dois gostariam de se reunir. Uma última vez.

Cerro os dentes, meus olhos nunca saem dos de Sara. Seus movimentos são lentos e maltratados, mas quando o olhar dela trava no meu, a força envolve o órgão batendo no meu peito e o choca em um ritmo mais rápido. Tenho certeza de que vou conhecer minha morte. E eu a receberei de braços abertos, assim que garantir que Sara não terá o mesmo destino.

De que serve um mundo sem ela?

— Você sempre foi um anfitrião gracioso — eu retruco.

Seu sorriso cai, transformando-se em um escárnio, seu olhar âmbar se estreitou quando ele joga Sara no chão e caminha em minha direção, não parando até que eu possa ver as manchas pretas nos olhos dele. — O que eu vou fazer com você?

Eu sorrio. — Você sempre pode me matar, talvez me transforme em um troféu para colocar no seu quarto.

Ele repreende, caminhando para o lado e agarrando algo das mãos do guarda antes de voltar. Quando ele chega, percebo que é um atizador de fogo, do mesmo tipo que ele costumava ter quando me deu a cicatriz que se tornou meu homônimo, só que agora, a ponta é laranja brilhante por estar em chamas.

Meu interior está tenso.

— Talvez eu esfole a pele dos seus ossos — Michael cospe, segurando o atizador e assistindo enquanto brilha. — Use você como um tapete no meu quarto, para que, mesmo na morte, nunca esqueça seu lugar.

— Oh, irmão.— Eu sorrio. — Nós dois sabemos que mesmo *na morte*, eu vou te assombrar. Assim como nosso pai.

Seus olhos se enfurecem e a mão se inclina para a frente, a marca queimando no meu peito, diretamente sobre a tatuagem de *hyena*, o cheiro

de carne queimando se enroscando no ar enquanto eu mordo minha língua com tanta força que o sangue inunda minha boca.

— Tristan — Sara grita de onde ainda está esparramada no chão, embora sua voz esteja confusa.

— Eu deveria saber que era você. Correndo para reunir o resto dos malucos para seguir você. — Michael ri. — O que você achou que governaria Gloria Terra? Que você *me mataria*?!— Sua voz se eleva, maníaca em seu tom alto.

Finalmente, ele remove o metal da minha pele, a queimadura é tão poderosa que faz meus olhos se desfocarem da dor.

Ele se aproxima, o atizador de fogo pendurado ao seu lado. Inclinando-se, ele descansa a testa contra a minha. — Sangue do meu sangue, você fez muito para trazer vergonha ao nosso nome. Quando eu te livrar desta terra, os anjos cantarão no céu, e nossos ancestrais se animarão de alegria.

Meu peito se aperta, sabendo que ele ganhou, e não há nada a ser feito por isso.

Acabou.

— Vou deixar você aqui para pensar no que fez — ele sussurra. — E eu quero que você saiba que enquanto meus guardas estão espetando e cutucando até que o resto da sua pele fique tão marcada quanto seu rosto, vou rasgar sua puta mentirosa, parte por parte.

— Quando estiver livre disso — digo, engolindo o arranhão na garganta.  
— Eu vou te matar por tocá-la.

Michael gargalha, jogando a cabeça para trás, a mão apoiada no peito. — Oh, irmão. Eu não vou *tocá-la*. Vou preencher todos os buracos até que cedam e rasguem, até que minha semente vazze das feridas que eu criei em seu corpinho apertado. Vou apagar sua existência de dentro dela e substituí-la pela minha, logo antes de cortar o coração dela e alimentá-lo para jantar. — Ele pressiona o atizador contra o meu outro lado agora.

E desta vez eu deixo sair um grito. Um rugido gutural, prometendo violência e cheirando a dor, meu peito explodindo até que a raiva inunda meu corpo como água correndo de uma represa quebrada.

— E então eu vou te matar também, e continuaremos aqui em Gloria Terra, como se você nunca tivesse existido.— Ele sopra as pontas dos dedos e as abre. — *Poof*. Bem desse jeito.

Meus olhos vagam pela grama até que caiam na forma de Sara. Ela está inconsciente agora e meu coração vacila. — Sara — eu grito, embora meu corpo inteiro queime com cada palavra. — Sara! — Grito mais alto, desesperado para ela se mover, para me mostrar que ainda respira. Mas ela não faz.

Ela está lá em seu lugar.

— Talvez se você orar com força suficiente, irmão, eles reúnam vocês dois na vida após a morte.

Michael sorri e depois passa o atizador para um guarda à sua direita. —  
Bata nele a cada hora até ele implorar pela morte.

# CAPÍTULO 51



*Sara B.*

Esta é a minha primeira vez nas masmorras, e elas são exatamente como eu esperava que fossem. Escura, sombria e com cheiro de mofo.



Minha cabeça bate nos restos do láudano e eu coloco meus pulsos acorrentados contra a parede de pedra úmida, sabendo que elas são fortes demais para eu quebrar.

Não tenho ideia de quanto tempo faz. Não tenho certeza se Tristan ainda está vivo, embora, por mais insano que pareça, eu saberia se ele não estivesse mais na terra dos vivos.

Apesar de tudo, ainda há uma pequena brasa de esperança piscando no meu peito, e isso me mantém segurando.

Nada está perdido até que seja *perdido*.

Uma porta se abre e pequenas frestas de luz atravessa a janela com barras de ferro da porta de concreto. Meu estômago está com câibras, gavinhas geladas de medo que se espalham pela minha psique, enquanto me pergunto se o rei está vindo reivindicar retribuição pelos meus pecados contra ele. Ou talvez seja um guarda que queira tirar proveito de uma garota acorrentada sem nenhuma maneira de escapar.

Acontece que não é nenhum deles.

A porta da cela se abre e Marisol, de olhos arregalados e cabelos selvagens, corre, a mão cobrindo a boca com um soluço abafado se liberta. Ela corre e me examina da cabeça aos pés.

— Marisol — eu exalo, minha voz trêmula e tensa.

— Milady — ela sussurra. Há uma chave na mão dela, e o alívio derrama através de mim até eu tremer.

— Calma. Temos pouco tempo.— Ela olha para trás enquanto destranca minhas correntes, sangue correndo pelos meus membros enquanto eles caem no chão. Eu estremeço quando o sangue volta para minhas extremidades e me levanto para a frente nos joelhos, rangendo os dentes pela dor dos músculos enquanto me empurro para cima.

— Como?— Eu pergunto, esfregando meus pulsos para ajudar o fluxo sanguíneo.

Marisol sorri. — Juntos governamos, divididos caímos.

Choque me congela no lugar. — Você é uma *rebelde*? Mas você falou deles com tanta crueldade que eu não ...

— Era uma vez uma jovem, tola e desesperadamente apaixonada.— Ela me empurra para frente, para fora da cela, abaixando a voz para um sussurro enquanto ela nos leva para o canto de trás das masmorras até enfrentarmos o que parece uma parede de pedra sólida. — Ele era um homem sem um tostão, sem título em seu nome.— Ela balança a cabeça. — Mas eu o amava mais do que tudo.

Ela se vira para mim então, segurando meus ombros com força. — Você perguntou a Ophelia sobre a família dela, mas nunca se importou em perguntar da minha. Se você tivesse, teria sabido que meu pai é um alpinista social. Então ... — Lágrimas brotam nos olhos dela. — Não deveria

surpreender que ele ameaçasse matar meu filho, a fim de manter a glória em nosso nome.

Meu coração bate forte, dando cambalhotas com dor pelo que ela está dizendo.

— Mas alguém veio em meu auxílio e pegou meu precioso bebê, escondendo-o nas sombras junto com o homem que eu amava. Ele os alimentou, vestiu e prometeu segurança enquanto eu ajudasse a inaugurar um novo amanhecer.

Minha respiração trêmula, a esperança está aumentando no meu peito.  
— Tristan.

— O príncipe marcado.— Ela assente. — O rei rebelde. Ele salvou minha família. Era imperativo que ninguém soubesse da nossa conexão. Então, sim, eu disse coisas desprezíveis. Mas apenas porque a vida do meu filho depende de nós termos sucesso. Eu não podia confiar em você e, portanto, não podia falar.

Abro a boca, meu cérebro tentando recuperar o atraso e reorganizar as peças do quebra-cabeça em lugares novos. — Eu...

Ela balança a cabeça. — Não há tempo para isso, milady. Você deve ir. Edward está esperando por você na floresta. Ele a levará às terras sombreadas e você poderá liderar os rebeldes aqui para salvar nosso rei.

— Ele está vivo? — Lágrimas explodem dos meus olhos e tambores de alívio nas minhas veias até minhas pernas ameaçarem desmoronar. — Tristan está vivo?

— Ele está.— Ela assente, a mão pressionando contra a pedra até que uma passagem secreta se abra. — Agora vá, antes que eles nos peguem.

---

EDWARD NÃO ESTÁ SOZINHO. Sheina fica está ao seu lado, segurando minhas botas, calças e capa preta, meus punhais posicionados em cima. A emoção incha como um balão ao vê-la, e eu caio em seus braços, as roupas caindo em um monte aos seus pés.

— Shh, milady. Tudo ficará bem.

— Sheina, eu não posso... eu não.— Meu corpo treme enquanto eu a seguro contra mim.

Ela acaricia meu cabelo, balançando-nos para frente e para trás, lágrimas escorrendo pelo rosto tão completamente quanto derramam no meu.

— Não se preocupe, Sara.— Ela puxa meu rosto para o dela. — Nós o salvaremos.

— Por que você não me contou?— Eu sussurro. — Você poderia ter confiado em mim.

Ela sorri. — Eu poderia dizer o mesmo, *melhor amiga*.

Eu sorrio e movo meu olhar para Edward, que se curva. — Milady.

Chegando perto, eu agarro suas mãos. — Tristan confia em você. Eu posso?

Sua mandíbula aperta, olhos brilhando enquanto ele se curva e beija a parte de trás da minha palma. — Eu juro.

Acenando, eu passo para trás, virando-me para pegar as roupas no chão, agradecida por poder sair deste vestido sujo e rasgado. — Sheina, me ajude a sair disso.— Eu volto para Edward. — E então me leve aos rebeldes.

É uma caminhada de trinta minutos pelas florestas e becos de volta às terras sombreadas, mas fazemos isso em uma piscar de olhos. E agora estou no segundo andar da The Elephant Bones Tavern, olhando pelas portas duplas que levam à varanda Juliette, ansiedade me enchendo até a borda enquanto olho para as centenas de pessoas do lado de fora, espalhadas até agora, me pergunto quantos acres elas devem cobrir.

— Moral está baixa, — Belinda, a mulher que eu só vi uma vez antes quando ela rolou uma cabeça decepada nos meus pés, sibila enquanto eu amarro as lâminas na minha coxa e pego a pistola do coldre de Edward.

Ela me observa, seu olhar cauteloso.

— Você não confia em mim — eu digo.

Ela inclina a cabeça. — Você é do rei.

Eu estendo a mão, colocando minha mão sobre a dela. — Eu sou do *seu* rei. E eu vou salvá-lo com ou sem o seu povo.

Seu sorriso se espalha por entre os dentes podres e ela balança o braço na porta. — Bem, então, é hora de convencer seu povo.

Meu estômago vira, nervos ameaçando me separar de dentro para fora, mas eu os engulo, fechando os olhos e tentando alcançar os éteres; encontrar o poder de Tristan e canalizá-lo até que ele infunda todas as minhas células.

Com uma respiração profunda, passo pelas portas e saio para a varanda.

O ar cresce imóvel e tenso.

Eu lambo meus lábios enquanto olho para os rebeldes, as *hyenas*, colocando rostos no pensamento deles pela primeira vez. Há crianças pequenas olhando com olhos arregalados, mulheres e homens com tristeza nos olhos e exaustão alinhada nos poros.

Enfurecidos e cansados, mas gloriosos.

Essas pessoas são a força vital de Gloria Terra, assim como somos em Silva, e elas merecem poder viver livres.

— Eu não sou seu rei — começo.

— Não brinca — alguém grita.

Meu peito aperta. — Estou com medo de estar diante de vocês, tanto que toda fibra em mim quer se virar e fugir. Mas seu *líder* está com problemas.

Fechando os olhos, imagino Tristan, engolindo a agonia que me deixa exposta ao pensar em nunca mais vê-lo; nunca sentindo seus lábios roçarem minha pele, ou o amor dele me devorar por inteiro. Penso em todos os segredos sussurrados que ele falou em minha alma, em como eu era sua garota imunda e em como ele mal podia esperar para me ver em uma coroa e ao seu lado. De sua visão para o futuro e as memórias de seu passado.

Meus olhos se abrem.

— Não pretendo saber o que vocês passaram, mas já vi lutas e conflitos.— Eu hesito. — Quando cheguei a Saxum, era para matar os Faasa, todos os últimos, *incluindo* o príncipe marcado.

Murmúrios soam através da multidão.

— Mas então eu o conheci...— Minha garganta incha. — E ele me fez acreditar em uma maneira melhor.

Meus olhos examinam seus rostos, percebendo que Belinda se mudou para a frente da multidão lá embaixo, Edward e Sheina de pé ao seu lado. Meus olhos fixam minha amiga e ela assente, me dando força.

— Acabou — diz uma mulher. — Eles o pegaram. Nós perdemos.

— Você desistiria tão fácil?— Eu discuto. — Quantas vezes ele se provou para você repetidamente? E, no entanto, ao primeiro sinal de luta, você vira as costas?

Balanço a cabeça, rezando para que minhas palavras atinjam sua marca. Eu não *sei* tudo isso com certeza. Só estou soltando do que Tristan disse, confiando que ele fala a verdade.

Belinda dá um passo à frente, virando-se para a multidão. — Ele me salvou quando entrei no castelo e me foi prometida a morte certa.

Os murmúrios ficam mais altos.

Então Sheina dá um passo à frente e meu coração bate forte. — Ele traz comida para vocês, veste seus bebês.

A gratidão envolve meu peito e espalha. — Ele arriscou a vida para lhes dar as suas — eu exalto. — Mas isso não é apenas sobre ele. Vou recuperá-lo com ou sem a ajuda de vocês. Trata-se de levantar e aproveitar o momento. Sobre vingança por toda vez que eles matam alguém por simplesmente falar a verdade. Por toda maldição e todo nome, todo osso machucado e quebrado enquanto gritavam que você não era digno.

Os rostos mudam na multidão, um sentimento elétrico pulsando pelo ar, aumentando a cada segundo.



— Eu não sou ótima com palavras — continuo. — Não posso envolver as atrocidades do que tem sido e as realidades do que virá em um arco bonito e fazer parecer que está a seu favor.

Eu bato meu punho contra o meu peito. — Mas juntos governamos e dividimos caímos. Estou perguntando a vocês - *implorando* a vocês - para fiquem comigo. Não há ninguém melhor para liderá-los do que Tristan Faasa. E ele merece sua luta, da mesma maneira que ele *sempre* lutou por vocês.

Belinda é a primeira a cair, a cabeça inclinada, um lamento alto escapando de sua garganta. E então, como se em câmera lenta, outros seguem.

Um por um, eles afundam em joelhos dobrados, um canto começando lentamente. No começo, eu não entendo o que eles dizem, mas cresce e rola sobre o ar e bate no meu peito com tanta certeza como se eles me atingissem no coração.

— *Viva a rainha! Viva a rainha!*

Lágrimas brotam nos meus olhos quando olho por cima deles, olhando para as pessoas. *Meu povo*, a força vital de Gloria Terra, confiando em mim para levá-los ao rei deles.

— Nós somos guerreiros.— Eu levanto minha voz até que ela suba sobre suas cabeças como flechas. — Esta é a revolução! E é hora de voltarmos para casa.

# CAPÍTULO 52



*Tristan*

— Psst.

Meus olhos lutam para abrir, minha cabeça enevoada quando olho. E uma vez que eu faço, eu gostaria de não ter, porque não há um único pedaço de mim que não doa. Meus ossos parecem quebradiços, meus músculos se

atrofiam por falta de uso e tenho certeza de que já faz dias desde que tomei um copo de água.

— Tristan — uma pequena voz engasga, e quando registro quem é, então eu forço minhas pálpebras a se abrirem, olhando para o rosto horrorizado de Simon, sua espada de brinquedo jogada ao seu lado e seu rosto enrugado de terror. — O que eles fizeram com você?

Minha língua passa por cima dos lábios rachados e minha boca se rasga, tirando minha língua seca do lábio. — Leãozinho — eu solto. — Você não deveria estar aqui.

Seus olhos olham ao redor do pátio, o sol se pondo atrás do horizonte e lançando um brilho alaranjado no chão. Eu balanço meu olhar para o guarda parado ao lado, seus olhos olhando para Simon e depois para mim, mas não saindo de seu lugar.

— Vá Simon.— Eu tento infundir força na minha voz, mas fico devendo.

Ele soluça, aproximando-se e, quando o faz, o guarda também se move, apertando o aperto no rifle ao seu lado.

— Simon. Saia.— A urgência se espalha através de mim.

Ele balança a cabeça, grandes lágrimas grandes derramando de seus olhos. — Eu não posso ... Onde está a senhora? Por que ela não está aqui.— Sua voz cresce maníaca. — Ela poderia te salvar, por que eles fizeram isso?

— Simon.— A dor rasga meu lado, a crosta sobre as feridas reabrindo, e eu me contorço. — Vá para sua mãe, ok? Eu vou ficar bem. Isto é apenas...

O guarda se move agora, pisando na minha frente e bloqueando minha visão, e meu peito se parte, percebendo que é a última vez que vejo o rosto de Simon. A última vez que ouvirei a voz dele ou direi que ele é forte. O último momento em que ele me verá e saberá que eu *não sou*.

Ele nem sabe que somos uma família.

Simon se enfurece, jogando sua espada de brinquedo no guarda. — Desamarre-o.

O guarda ri. — Pode querer trabalhar nesse rugido, garoto. Saia daqui. Eu não quero te machucar.

Algo quebra à distância e todos os nossos olhos se voltam para o barulho.

— O que foi isso?— o guarda pergunta.

Outro som, desta vez mais próximo, e embora eu não possa explicar, um sentimento escorre pela minha espinha, me infundindo com um pouco de força.

O olhar de Simon trava no meu. — Eu vou te salvar.

O pânico envolve o meu meio, sem saber o que está prestes a acontecer, mas sentindo no meu estômago que seja o que for, não é lugar para ele estar.

— Alguém já salvará — eu minto. — Vá me esperar nos túneis, ok.— Minha voz é ofegante e fraca. — Eu te encontro lá.

Seu lábio inferior treme. — Promete?

— Prometo.

---

Algo puxa meus pulsos, causando a pior dor física da minha vida quando meus braços caem de onde foram pendurados. Meus olhos se abrem, encontrando o silêncio, o tom preto da noite, e meu corpo cai no chão.

Mãos delicadas agarram meu rosto e tento sacudir o nevoeiro da minha mente para poder me concentrar no que está à minha frente.

Algo no ar mudou.

Algo mudou.

A água dribla sobre mim e inclino a cabeça para trás, abrindo a boca, engolindo o líquido, permitindo que acalme minha garganta ressecada e dores musculares. Finalmente, a lógica volta a aparecer e as belas e perfeitas feições de Sara aparecem na minha visão, parecendo um anjo da morte enquanto ela sorri.

Ela amarrou o cabelo em um coque, mas os cachos caem das laterais e há uma linha vermelha profunda manchada na bochecha que se parece muito com sangue.

— Estamos no céu?— Eu murmuro. Eu tento levantar minha mão, mas a agonia dispara através do meu membro.

Ela faz uma careta. — Não, meu amor. Agora mesmo? Estamos no inferno.

Eu me encolho quando ela ajuda a me puxar para uma posição sentada, e eu balanço minha cabeça da neblina e olho em volta. O guarda de antemão está morto, esparramado no chão com uma adaga brilhante saindo da frente da garganta.

— Como?

— Shh — ela sussurra, seus braços correndo pelo meu peito nu e pelo meu corpo machucado. — Vou ter que mover seus ombros.— Os olhos dela encontram os meus. — Isso vai doer.

Eu administro um sorriso suave. — Não mais do que pensar que você estava morta.

Ela sorri, inclinando-se para pressionar um beijo suave contra meus lábios e, com um forte estalo de seu peso corporal, há uma dor aguda e agonizante, seguida por um latejar chato.

Gemendo, afundo meus dentes no lábio inferior até provar sangue.

— Mais uma vez, pronto?

— Si...

Ela coloca de volta no lugar antes que eu possa terminar a palavra, e eu deixo outro gemido de dor. Olhando em volta, ela tira uma pequena garrafa do bolso.

Láudano. — Você vai me drogar agora?

Ela levanta uma sobrancelha. — Apenas tome um pouco. Pela dor.

Pego a garrafa e permito que o líquido amargo deslize pela minha garganta, e então ela me ajuda a ficar de pé. Meu corpo está cansado e exausto, trêmulo e machucado. Mas eu estou vivo. *Ela está viva.*

— Como isso é possível?

Gritos soam à distância e ela coloca a mão sobre a minha, olhando para mim. O medo aperta meu peito. Acabei de recuperá-la, não estou pronto para perdê-la novamente.

— Você pode correr?— ela sussurra.

Eu aceno, e ela me puxa junto com ela, meus músculos gritando em protesto e meus pulmões queimando enquanto corremos do meio do pátio para o lado leste, escondidos atrás de uma parede que leva aos túneis.

As luzes do pátio dão vida e os cães latem à distância, e eu sei que antes que algo seja dito, isso significa que os militares estarão inundando aqui em breve. Se eu não tivesse convencido Michael a mandar embora a maioria de suas tropas, ela nem teria feito isso comigo.

— O que você fez?— Eu pergunto, segurando o rosto dela.

— Você iniciou a rebelião — diz ela, sorrindo para mim. — Então eu trouxe a revolução para você.

Meu coração se parte e preciso beijá-la; mesmo que não deva, apesar de estar espancado e exausto, e tenho certeza de que sinto cheiro de morte. Eu me abaixei de qualquer maneira, enfiando minha língua na boca dela e arrastando-a para minhas cicatrizes recém-formadas, revelando a dor que ela causa, porque se vamos morrer, eu serei amaldiçoado se não prová-la mais uma vez.

Gemendo, ela dá o melhor que pode e depois se afasta. — Eu os tenho nos túneis.

Meu estômago está com câibras. — Os rebeldes?

Ela assente. — Eu não tinha certeza se Michael sabia deles, mas era nossa melhor chance de invadir o castelo, fazer o nosso caminho até aqui sem ser baleados e mortos. Edward está com eles, e estão prontos para lutar, Tristan. Nós podemos *fazer* isto.



Eu balancei minha cabeça, tomando suas palavras, mesmo quando os gritos soam mais próximos agora do que eram antes, e um tiro soa de fora das muralhas do castelo. A qualquer momento, e seremos pegos.

E então um pensamento doentio me atinge e meu coração se arrepia no peito, explodindo através da cavidade enquanto eu agarro o braço dela. — Sara.

Ela olha para mim de onde estava olhando pela curva.

— Simon está nos túneis.

O horror supera suas feições, a boca se separando e os olhos ficando grandes. — Você tem certeza?

— Positivo.

— Tristan, você tem que tirá-lo de lá.

Balanço a cabeça, minha mandíbula tensionando quando minha alma rasga em duas, lutando entre o que sei que é certo e o que me recuso a fazer. — Eu não vou deixar você aqui.

Ela sorri, embora eu veja a turbulência se formando em seu olhar sombrio. — Você acha que se apaixonou por uma mulher fraca?

Meu peito salta, emoção torcendo meus ossos.

— Eu posso me cuidar — promete ela, com suas palavras com o tipo mais amargo de mentira. — Vá salvar seu sobrinho.

Minha respiração grita dos meus pulmões. Ela sabe. *Claro que ela sabe.*

As portas do castelo se abrem, ecoando pelo ar noturno e enquanto eu espio na esquina, vejo pelo menos duas dúzias de uniformes com cães puxando suas coleiras.

— Sara.— Uma voz alta soa. Ela vacila de onde estava empurrando meu peito, com os olhos se estreitando enquanto gira para se afastar de mim. — Não há como escapar, doce sobrinha. Saia e renda-se e nós lhe concederemos misericórdia.

Ela avança, sua raiva tão potente que eu posso vê-la cantando em sua pele.

— Você está louca? — Eu estalo, agarrando o braço dela. — Não vá lá fora.

— Encontramos todos os seus amigos — continua o tio dela. — Se vocês se renderem, vamos deixá-los viver.

— Vá — ela exige, cutucando-me.

Balanço a cabeça de lado para o outro, uma bola de terror absoluto se expandindo no meu peito, me fazendo hiperventilar enquanto luto para respirar.

— Tristan, me escute — ela pede. — Você conhece os túneis como a palma da sua mão. Você quem sabe.— Os olhos dela estão cheio com lágrimas. — Eu nunca vou me perdoar se algo acontecer com ele, e mesmo que você não admita, você também não. Você tem que salvá-lo. *Por favor.*

As garras rasgam minha cavidade torácica e arrancam meu coração, jogando-o no chão aos pés dela. Eu não me incomodo em pegá-lo, sabendo que só bate por ela, de qualquer maneira.

Minhas narinas inflam enquanto eu agarro o rosto dela em minhas mãos, meus olhos absorvendo suas feições enquanto eu descanso minha testa contra a dela. — Você não tem permissão para morrer. Você me ouve? Eu *vou* voltar para você.

O lábio dela treme. — Eu sei.

Eu a puxo para perto quando ela tenta se virar, pressionando os lábios nos meus uma última vez. — Se algo acontecer, saiba que eu vou te encontrar em todas as vidas, Sara Beatreaux. Você é minha, e nem a morte pode mantê-la longe de mim.

Ela abafa um soluço e empurra o meu peito, e eu me viro e corro, correndo em direção aos túneis.

# CAPÍTULO 53



*Tristan*

Tinha que ser eu.

Por mais que eu quisesse me sacrificar e deixá-la fugir no meu lugar, tinha que ser eu. Ninguém conhece os túneis tão bem quanto eu. Ninguém mais poderia ter tirado Simon a tempo. Os militares pressionaram os

rebeldes de todos os ângulos e, quando foram pressionados, entraram em pânico, criando uma debandada humana. Senti os tumultos no chão do túnel enquanto corria através deles, combatendo o cansaço e a dor insuportável do meu corpo torturado. Ouvi os gritos enquanto ecoavam nas paredes de pedra, pessoas chorando quando tiros foram disparados e pessoas implodando por suas vidas.

Mas eu o encontrei, com os braços em volta de Paul, a perna dobrada e quebrada e marcas de lágrimas no rosto, a mãe deitada pisoteada aos pés deles.

— Você veio — ele sussurrou. — Assim como prometeu.

Então, como eu poderia me virar então? Mesmo que tudo em mim estivesse gritando para voltar para onde deixei meu coração, agarrei Simon e Paul e os libertei, fugindo de Gloria Terra.

Para mantê-los seguros.

Faz três dias desde então, e enquanto meu corpo está dolorido, mas curando, minha mente é uma sarjeta. Michael está me provocando com o cativeiro de Sara. Mas pelo menos ela está viva.

Ele declarou publicamente que se eu desistir, me entregar, ele a deixará ir.

Agora sou um fora da lei oficial. E o tempo todo, as pessoas de Saxum não são mais sábias da verdade do que aconteceu. Eles não têm ideia de que as

peessoas estão mortas nos túneis subterrâneos, seus corpos se decompõem e seus filhos chorando enquanto procuram seus pais desaparecidos.

Eu poderia fingir que, se tentasse, poderia colocar uma máscara e chorar por aqueles que perdemos. Mas estou cansado de jogar, e a única coisa que me interessa é segurar Sara nos meus braços. Até eu tê-la de volta, nada mais importa.

Além disso, da dor daqueles que perdemos vem a fúria.

E meu povo está *furioso*.

Edward dá um suspiro profundo enquanto agarra o cigarro da minha mão e sopra no final, encostando-se na parede de tijolos atrás da confeitaria no centro de Saxum. — Você tem certeza que quer fazer isso?

Eu lhe dei um olhar. — Se não, todo o seu trabalho duro nos últimos dias é inútil.

Onde eu tenho curado com extratos e poções para acelerar minha recuperação, Edward tem estado ocupado sussurrando palavras nos ouvidos de seus soldados. Balançando-os para o nosso lado. Certificando-se de que eles sabem exatamente a quem eles servem. Reunindo nossas forças de todos os cantos e apresentando nossos planos.

— Você deveria levar Sheina e deixar a cidade — eu digo. — Você me serviu bem, Edward. Não desejo ver vocês dois perecerem.

Ele range os dentes, balançando a cabeça. — Nossa lealdade é para você.

— Lealdade significa merda nenhuma — eu assobio. — Estou tentando poupar você, Edward. Você é meu único amigo e o único que me apoiou durante tudo isso. Por favor, pegue este presente e deixe-me fazer isso sozinho.

— Com todo o respeito, Alteza.— Ele endireita. — Não vou embora até você estar morto ou usando a coroa.

Apertando minha mandíbula, aceno com a cabeça, espreitando pela esquina e vendo que há cerca de uma dúzia de militares rindo e entrando no bar da cidade. Bem na hora. — Você está pronto então?— Eu me viro para ele.

— Vamos queimar tudo.

Eu sorrio, agarrando o cigarro de volta nos dedos e colocando-o na boca enquanto me movo para o bar do outro lado da rua. Abro as portas duplas com minha bota, a madeira grossa batendo nas paredes quando entro. Há cerca de uma dúzia de pessoas aqui, a maioria militares do rei e todos com bebidas frescas na mão.

Sorrio quando eles se voltam para mim, meu interior se sentindo vazio, exceto pela chama ardente da determinação. — Olá.

Um homem na frente do bar está de pé, com o banquinho preto girando no lugar atrás dele. Ele rasteja o braço em direção à cintura, alcançando a arma.

— Ah, ah, ah, — eu estou andando em sua direção. — Eu não faria isso se fosse você.— Pego o pulso dele e o solto de volta, a arma disparando de suas garras e na minha.

— Oops! Olhe para isso?— Olho para a pistola e depois volto para ele.

Outro homem se levanta, seus cabelos castanhos e seus olhos cinzentos se estreitaram de nojo. — Você tem um desejo de morte? — Ele ri, olhando em volta. — Você deve ser tão louco quanto eles dizem, entrando em um bar cheio do exército de seu irmão.

Risos flutuam pela sala, e eu chupo a ponta do meu cigarro, deixando a fumaça se desenrolar pelo meu nariz, como alguns deles se levantam e apontam suas armas para o meu peito. As cadeiras raspam e há uma enxurrada de atividades, o som de pistolas subindo alto no espaço silencioso. Mas, em vez de apontá-las para mim, eles apontam para aqueles que desejam me prejudicar.

— Bem eu *sou* tão louco quanto eles dizem. Mas também trouxe reforços.— Gritando, jogo minhas mãos para o lado, a pistola pesada enquanto balança do meu dedo. — Suponho que deveria ter liderado com isso.

Aponto entre os quatro homens que agora estão presos à mão armada.

— Agora — eu ando mais perto, pegando o cigarro entre meus lábios. — Qual de vocês quer ser quem vive?



Eles estão todos em silêncio, obviamente com medo de se mover, respirar, com medo de serem baleados no local. Eu não os culpo.

Eles deveriam.

— Eu vou dizer uma coisa.— Bato palmas, cinzas caindo como flocos de neve no chão. — Estarei do lado de fora enquanto decidem quem será o soldado sortudo para levar uma mensagem ao meu irmão.— Eu balanço minha cabeça. — Mas eu provavelmente deveria avisar, estou um pouco nervoso. Veja bem, ele tem algo meu, e eu estou *desesperado* para recuperá-lo.

O homem na frente levanta o queixo. — Qual é a mensagem?

Suspirando, belisco a ponte do meu nariz, caminhando em direção a ele e colocando meu braço em volta dos ombros. — Bem.— Eu reviro os olhos, arrastando-o comigo até a porta. — Eu escolho você.

Eu aceno minha mão atrás de mim, e tiros soam em conjunto, o som de corpos caindo no chão logo depois. Não me incomodo em olhar, mas tomo uma nota mental para nunca mais torturar Edward depois de como ele estabeleceu nossos planos sem esforço quando eu não fui capaz.

Apertando o homem para mim com mais força, eu nos levo pelas portas da frente e do lado de fora, apontando para Edward, que está na frente da confeitaria, depois Sheina, que está no prédio ao lado dele, e depois do outro lado da rua para Belinda e Earl. — Você os vê?

Seu corpo treme, mas ele assente. — *Bom*. Você sabe qual é a minha parte favorita sobre um incêndio com etanol?— Eu pergunto, olhando para o lado brilhante do meu cigarro.

Os homens uniformizados que agora são *meus* soldados leais saem do bar, descem os degraus e se movem para ficar atrás de mim.

— Sua Alteza ...— o homem diz enquanto eu giro para encará-lo.

— É extremamente difícil apagar o incêndio — continuo, levantando a cabeça. — Você pode querer se mover.

Ele joga seu corpo para a frente ao mesmo tempo em que eu jogo meu cigarro, sorrindo quando ele atinge o prédio e pega fogo. Observo as chamas, a satisfação se formando no meu estômago, antes de virar para garantir que os outros também tenham começado o deles.

Eles têm.

O cara no chão engasga, de olhos arregalados nos quatro prédios em chamas, fumaça enrolando no ar enquanto as pessoas gritam e correm para fora, tentando escapar dos incêndios.

Aproximo-me dele, olhando para baixo enquanto ele treme aos meus pés. — Diga ao meu irmão que se ele não me der Sara, eu queimarei toda a cidade, todo esse *país* no chão, até que ele não tenha mais nada para governar.

# CAPÍTULO 54



*Sara B.*

Desta vez, embora ainda esteja acorrentada, pelo menos estou em um quarto.

Faz dias agora. Eles não me machucaram fisicamente; caso precisem me usar para fotos na imprensa.

Eles estão tentando atrair Tristan usando-me como isca.

E através de tudo, a única coisa em que consigo pensar é que *ele está vivo*.  
Ele conseguiu.

A porta do meu quarto se abre, Michael e meu tio entrando, como fazem todos os dias nessa hora, apenas para me atormentar.

— Sara — começa o tio Raf. — Não queremos mantê-la acorrentada para sempre.

— Então me mate — eu chio.

— Você é meu sangue, criança. Não seja absurda.— Ele suspira, caminhando em minha direção e sentado na beira da cama. O ódio queima no meu peito para ele. — A mudança é assustadora, eu sei. Perdemos seu primo e seu pai, que descansem em paz.

Meu interior ferve com a menção de meu pai.

— Mas a mudança também é boa — ele termina, inclinando-se para dar um tapinha na minha mão, as correntes batendo quando ele faz.

Eu cuspo na cara dele.

Raiva torce suas feições e ele bate a mão na minha bochecha, seus anéis cortando minha pele. Sorrindo, eu tiro os cachos dos meus olhos e olho para ele. — Finalmente, tio. Suas cores verdadeiras aparecem depois de tantos anos.

Michael suspira do outro lado da sala. — Estou cansado de vocês dois brigando. Eu deveria te matar só para me livrar disso.

— Eu gostaria que você fizesse — eu brinco. — Se você acha que Tristan está com raiva agora, espere até que ele ouça que eu estou morta.— Eu sorrio. — Acho que voltarei e assombrarei as muralhas do castelo apenas para assistir ao show.

Passos pesados descem o corredor e batem contra a porta.

— Entre — Michael ordena.

Um jovem soldado corre para a sala, sua testa suada e seu rosto pálido como se tivesse visto um fantasma. — Majestade.— Ele se curva. — Eu tenho uma mensagem.— Seus olhos tremeluzem pela sala, hesitando quando pousam em mim. — Do seu irmão.

Meu coração pula no meu peito.

Michael fica mais reto, caminhando em direção ao homem. — E?

— Ele é louco, senhor. Ele ... ele está queimando *tudo*. Ele me enviou para lhe dizer que ele não irá parar. Não até você devolvê-la.

A cabeça de Michael se inclina, ficando quieto e calmo. — Como assim, ele está “queimando tudo?”

Os olhos do homem piscam para mim mais uma vez, e eu me inclino, algo ansioso girando no meu estômago, pensando em Tristan vindo para me salvar. Assim como ele disse que faria.

— Quero dizer, toda a rua principal de Saxum se foi, senhor — ele sussurra. — E agora eles se moveram para o extremo leste. E os incêndios ... a água não está funcionando. Eles estão se espalhando rápido.

Michael ruge, virando a mesa ao lado dele, o abajur deslizando por cima e esmagando em pedaços de porcelana no chão. Ele se vira para me encarar, apontando os dedos grossos para mim. — Isso é tudo culpa sua.

Eu sorrio, meu sangue esquentando nas veias. — Você colhe o que planta, Michael Faasa. Que Deus tenha piedade de sua alma quando Tristan colocar as mãos em você.

Gritos soam do outro lado do corredor, e o tio Raf se levanta de onde ele ainda estava sentado contra a cama. Marisol aparece na porta aberta, suas bochechas coradas. A esperança brota viva no meu peito. Eu não tinha certeza se ela havia sobrevivido depois de me libertar.

Ela cai em uma profunda reverência. — Vossa Majestade.

— Fale mulher.— Michael anda de um lado para o outro, fazendo um buraco no tapete borgonha profundo.

— O castelo está pegando fogo.

---

Meu braço empurra enquanto Michael abre as portas da frente para o pátio, me arrastando junto com ele.

Olho em volta, meus nervos ansiosos, mas não preciso procurar por muito tempo.

Porque lá está ele.

De pé como um deus no meio do pátio, as mãos nos bolsos, suspensórios pendurados na cintura, mangas pretas enroladas nos cotovelos e um cigarro entre os lábios.

Meu lindo príncipe marcado.

Seus olhos travam nos meus, e uma calma assume. *Ele voltou.*

— Irmão — Michael rosna ao meu lado, com os dedos apertando no meu braço.

Tristan o ignora, seu olhar varrendo meu corpo como se estivesse procurando um único arranhão. — Você está machucada?

— Não — eu respondo. — Mas eu desejo é que você os mate, de qualquer maneira.

Ele ri, uma risada genuína, jogando a cabeça para trás e gargalhando, fumaça se misturando com a respiração.

— Como você passou pelos portões?— Tio Raf dá um passo à frente, com a bengala batendo no chão enquanto para ao meu lado, alguns dos guardas militares seguindo atrás dele.

— Bem, tentamos usar os túneis da última vez, e isso não funcionou muito bem.— Tristan sorri.

As juntas de Raf se apertam em torno do topo da bengala e ele olha para os poucos guardas espalhados pela entrada. Meus olhos passam por eles e vejo nuvens de fumaça pairando atrás dos portões, chamas de fogo piscando com o vento.

— Chame os guardas, imbecis! — Tio Raf ordena aos soldados que ficam parados.

— Você poderia tentar — diz Tristan. — Mas os mortos nem sempre respondem às chamadas.

Michael me joga no chão e eu rolo para a frente, meu rosto batendo no concreto enquanto meu corpo atinge os degraus frios de pedra até que eu esteja espalhada na grama.

Grito de surpresa e, quando respiro fundo, uma dor aguda se espalha pelo meu lado. Olho para cima e vejo o sorriso de Tristan cair, seus olhos ficando selvagens.



— Eu avisei uma vez o que aconteceria se você a tocasse — diz ele. — Eu vim para cobrar a dívida.

Michael grita: — Eu sou o *rei*! Prenda-o!

Alguns guardas começam a se mover, mas hesitam antes de parar mais uma vez.

— Eles não respondem mais a você.— A voz de Tristan é letal e, por mais inadequada que seja, meu corpo esquenta, excitação enrolando-me no poder que sangra através de seu tom. — E os poucos que o fazem são inteligentes o suficiente para perceber quando estão travando uma batalha perdida. Veja bem, irmão — ele continua se aproximando de nós, como se estivesse dando um passeio casual pelo pátio. — Enquanto você passou seus anos dando festas e esfregando os braços com os homens em lugares altos. Enquanto você planejou e *assassinou* nosso pai.— Ele faz uma pausa e Michael endurece. — Eu estava nas cidades, nas casas das pessoas e nos ouvidos deles. Mostrando-lhes uma maneira melhor. Mostrando a eles o que aconteceria se eles apenas prometessem lealdade a *mim*.

Michael zomba. — Matamos suas *hyenas* patéticas. Seus cadáveres apodrecem nos túneis enquanto falamos.

Tristan ri, virando enquanto olha para trás. — Você sempre me subestimou. — E então, ele levanta a mão no ar e sacode o pulso, e os pesados portões de madeira caem, dezenas de pessoas invadindo-os, com fúria no rosto e *hyenas* costuradas nas mangas.

Meu peito incha de esperança. *Rebeldes*.

Tristan avança e eu me levanto, ignorando a dor do meu lado. Ele dá passos gigantescos e não para até me alcançar.

No segundo em que ele me toca, meu corpo ganha vida, seus braços acariciando meus quadris e cobrindo meu rosto, ignorando todos. — Deixe-me mostrar o que uma *verdadeira* revolução parece — ele sussurra.

E então ele me beija.

Gritos soam por trás e o caos começa, embora eu não pudesse lhe dizer quem estava lutando com quem. Estou muito perdida na boca de Tristan para me importar.

Ele se afasta e eu me viro bem a tempo de ver as portas do castelo voarem de suas dobradiças, Edward, Sheina e Marisol carregando tochas, chamas rastejando pelas paredes atrás deles.

Meu coração bate no peito quando os vejo e mordo um soluço, sabendo que haverá tempo para emoção mais tarde. Porque eu posso sentir isso agora, vamos vencer.

Tristan passa a mão pelo meu cabelo antes de se afastar e se mover em direção ao irmão. — Onde está nossa mãe, ela ainda está aqui? Estarei queimando-a viva ou tenho o prazer de persegui-la e quebrar seu pescoço?

Michael balança a cabeça de um lado para o outro, com os olhos arregalados enquanto olha para os poucos guardas mortos a seus pés, e

depois vira o olhar para onde Edward está chutando meu tio Raf de joelhos, apontando uma arma para a cabeça.

— Não! — Eu grito, correndo para ficar na frente deles.

Tio Raf tosse enquanto olha para mim. — Você *sempre* foi a criança mais inteligente. Obrigado.

— Você matou meu pai?— Eu questiono, minha voz baixa.

O rosto dele cai. — Doce sobrinha, você deve entender. Eu...

Jogando minha palma no ar, eu o bato.

— *Diga!* — Eu grito. — Admita que foi você. Foi você o tempo todo. Você planejou desde o início, não foi? Matou meu pai, depois afundou suas garras na minha dor, moldando-a para caber nas *suas* metas.

Seus olhos se arregalam. — Eu sempre fiz *tudo* por amor. Para a nossa família.

Eu dou uma risada, tristeza e raiva espancando meu interior. — Você não me ama. Você não ama ninguém além de si mesmo.

Ele tosse novamente. — *Por favor...*

Não permito que ele termine, meu punho estalando e batendo em seu rosto até o sangue jorrar de seu nariz e ele voar de costas. Chegando sobre a cabeça dele, pego a tocha nas mãos de Edward, o peso dela confortante

enquanto está na minha mão. E então eu a deixo cair no seu peito, vendo os tecidos de suas roupas serem iluminados. Ele grita, um lamento agudo e triste, e voa ladeira abaixo, com a parte de trás joelho fazendo-o tropeçar e cair enquanto rola no chão. Mas não adianta, e enquanto eu o vejo queimar vivo, o incêndio o envolve da mesma maneira que eles lambem as paredes do castelo, eu me sinto ... vazia.

Porque, como se vê, não há felicidade na vingança.

— Milady, precisamos nos mover! — Edward grita, agarrando meu braço e fugindo do fogo que agora está queimando nas bordas da porta. — Vai!

Olho em volta, meu estômago subindo no meu peito enquanto procuro Tristan, mas ele não está em lugar algum. E Michael também não.

— Onde ele está?— Eu choro, lutando contra o aperto de Edward para encontrá-lo.

— Ele já está fora dos portões, indo atrás do irmão.

Eu desisto então, escolhendo acreditar nele, optando por confiar que depois de tudo, depois de tudo isso, ele não me trairia.

Então eu me viro, levantando minhas saias e correndo pela minha vida, tentando escapar do calor do castelo em chamas enquanto ele se enfurece nas minhas costas.

# CAPÍTULO 55



*Tristan*

Michael sempre foi um covarde, então não é surpreendente quando ele foge, forçando meu corpo agredido e ainda curando a persegui-lo pela frente do castelo e até a beira do penhasco. O oceano se enfurece contra as rochas abaixo de nós, e eu ando em sua direção, sentindo pela primeira vez na minha vida, como se ele percebesse o quão poderoso eu sou.

— Eles nunca vão deixar você governar — ele zomba. — Não depois disso.

Eu rio, caminhando para a frente enquanto ele volta para a beira do penhasco. — Depois do que? Os incêndios que *você* começou como o rei louco?

Seu rosto escurece. — Eles não vão acreditar em você.

— Acho que você descobrirá que posso ser *muito* convincente.— Eu chego mais perto. Sua cabeça balança enquanto ele dá outro espaço, cascalho arremessando a borda e estalando enquanto salta nas rochas no caminho.

— Todos esses anos.— Eu jogo minha mão para os meus lados. — Todas as vezes você poderia ter me levado para baixo de suas asas e me feito alguém que te adorava, mas apenas me fez odiar.

— Você é tão dramático — ele zomba.

— Você tinha *tudo* — eu chio. — E tudo que eu queria era um pouco disso também.

Seus olhos ficam arregalados, a mão batendo contra o peito. — Eu tive tudo?! Você deve estar louco. Pai só via *você*. Não importa o que eu fazia, sempre foi *Tristan*. Você era quem ele amava. Eu era apenas uma obrigação.

Eu cerro meus dentes, meu coração se dividindo em dois. — Você não pode falar sobre ele. Não quando você é responsável pela sua morte.

Ele zomba de novo. — Oh, supere, irmão. Você não é diferente de mim. Eu o matei pela coroa, e aqui você está me matando.

Dou outro passo à frente e ele recua, com o pé escorregando por baixo dele até que ele tropeça e cai, o corpo seu corpo tombando sobre a borda. Meu coração balança violentamente no meu peito e eu corro para a frente, olhando para ele enquanto ele balança pela mão, o rosto ficando vermelho e os olhos selvagens.

— Irmão — ele pede.— Tristan. *Por favor.*

Algo implode do fogo que se enfurece atrás de mim, aproximando-se a cada segundo de onde estamos. O tempo é essencial, ou então nós dois morreremos nas chamas. Apesar disso, não consigo tirar os olhos dele.

— Esta é uma posição muito precária em que estamos, não é? — Eu digo, meus olhos tremeluzem para a mão dele enquanto agarra pela sua vida até a beira do penhasco. Eu franzo a testa. — Um pouco anticlimático.

Finalmente, desvio meu olhar, mas somente quando ouço Sara chamando meu nome enquanto ela e Edward saem correndo dos portões do castelo.

— Não me dê as costas, Tristan! Ajude-me! — Michael grita.

Eu giro e ando em sua direção, agachando-me, minha palma segurando o topo dele, e meu rosto se inclinando até estarmos tão perto que posso ver o medo enquanto ele gira profundamente dentro de seus olhos.

— Seu erro, irmão, estava em dar as costas para *mim*.— Minhas unhas cavam na pele da mão dele. — Eu diria vida longa o rei, mas nós dois sabemos que isso seria mentira.

E então eu solto, vendo seus braços e pernas balançarem, seus olhos crescendo de terror quando ele cai, seu corpo batendo nas pedras na base do penhasco.

Quando está na maré alta, a água sobe e varre seus restos mortais, e podemos continuar fingindo que ele nunca esteve aqui. Respiro fundo, procurando dentro de mim algo para sentir. Esperando talvez felicidade, alívio ou algum tipo de iluminação. Mas tudo o que sinto é decepção. Eu esperava torturá-lo pelo que ele fez. Mas suponho que vou me contentar em pegar a coroa dele.

Eu giro, o calor do fogo se aproximando demais para conforto, Sara e Edward olhando com olhos arregalados. Afastando-me do penhasco, corro até minha pequena corça, envolvendo-a em meus braços e batendo minha boca na dela, chupando sua língua dentro de mim, minhas mãos tateando em qualquer lugar que possam alcançar, querendo garantir que ela está aqui, e ela é real, e ela é minha.

— Eu deveria te matar por me fazer te deixar aqui.

Ela sorri contra a minha boca. — Se não nos mexermos, você provavelmente o fará. O que você estava pensando queimando tudo assim?

Olho para o castelo Saxum, minha casa nos últimos 26 anos e o legado de minha família nos últimos três séculos, e dou de ombros. — Eles não te dariam de volta.



---

Sara B.

Contra todas as probabilidades, conseguimos.

Faz várias semanas desde a morte de Michael. A execução da rainha-mãe é na próxima semana e, embora normalmente isso seja novidade, é ofuscada pelos *Incêndios de Saxum*.

Eles duraram duas semanas antes de podermos apagá-los. A cidade inteira foi dizimada, metade da floresta queimada e o próprio castelo foi destruído. Mas as pessoas são resilientes e, acima de tudo, desesperadas por um líder; alguém para intervir e rejuvenescer sua esperança. Tristan deslizou sem esforço depois de contar uma história de seu irmão, *o rei louco*, que o destruiu e incendiou a cidade por insanidade.

E quando Tristan fala, as pessoas ouvem. Eles *acreditam*.

Não que tenham uma escolha. O trono é herança dele de qualquer maneira, agora que Michael está morto.

Nenhum deles precisa saber que foi ele quem começou as chamadas.

Agora, estamos nos limites da cidade, cinzas ainda cobrindo as ruas, enquanto Tristan segura minha mão e tece palavras sussurradas de promessa ao nosso povo.

Olho para a multidão enquanto ele fala e vejo um flash de vermelho do canto do meu olho. Inclinando minha cabeça, eu aperto os olhos, percebendo que há uma jovem de pé atrás, um capuz no rosto e cabelos ruivos brilhantes espreitando pelas bordas.

Ophelia.

Me afastando de Tristan, eu caminho para trás, sentindo seus olhos em mim o tempo todo, mesmo quando ele continua pregando para as pessoas. Eu a sigo por um beco e até a beira do rio Fiki. Corre ao longo da fronteira de Saxum e é usado para pescar e nadar como lazer, embora agora esteja infestado de fuligem, uma camada preta flutuando em cima da superfície cristalina normal.

— Ophelia — eu digo.

Eu procuro minha raiva quando ela se vira para me encarar, mas acho apenas tristeza. Tristeza que essa jovem não fosse quem eu assumi, e empatia pela aparência do rosto pálido. — Você está bem?

Lágrimas estouraram sobre a pálpebra dos olhos, escorrendo pelo rosto, com os dedos segurando uma pedra grande no peito. — Eu estava grávida — ela sussurra.

Choque flui através de mim. — O filho de Michael?

Ela assente, soluçando enquanto cobre a boca com a mão. — Mas ele me fez abortar, disse que um filho bastardo era suficiente.

*Simon.* Meu coração dói e dou um passo em direção a ela.

Ela olha para mim. — Sinto muito, se vale de algo.

E então ela se joga sobre a borda e pula na água, seu corpo afundando.

Meu coração salta na minha garganta e, por um momento, penso em tentar salvar a vida dela. Mas então me lembro de tudo o que passei por causa dela e espio a borda, observando para garantir que ela se afogue.

Eventualmente, as bolhas param de estourar na superfície.

Girando, pulo quando encontro o peito largo de Tristan.

— Tudo bem?— ele pergunta, me envolvendo em seus braços.

Eu sorrio para ele. — Tudo está perfeito.

Ele se inclina e me beija antes de mover seus lábios para o meu ouvido.  
— Ela está morta?

Acenando contra ele, ele enfia sua ereção em mim, e eu sorrio, empurrando-o no peito.

Ele ri, a mão suavizando da minha cintura até que ele agarra minha bunda. — Uma garota tão má, vendo uma mulher se afogar enquanto estou a alguns passos de prometer às pessoas o futuro delas.— Ele pressiona os lábios nos meus novamente, e eu gemo em sua boca, felicidade sufocando em todos os meus poros.

Através de tudo, sobrevivemos. Mesmo sofrendo perdas substanciais, e mesmo que nossas almas estejam manchadas de preto, Tristan de alguma forma me faz sentir a garota mais sortuda do mundo.

E acho que, de certa forma, sou.

Porque meu coração pertence ao príncipe marcado.

O salvador dos rebeldes.

O rei coroado de Gloria Terra.

E ele *me* fez rainha das cinzas.

# EPÍLOGO



*Tristan*

*Sete anos depois*

— Tristan — Sara geme. — As pessoas estão esperando.

— Então deixe-os esperar — sussurro em seu ouvido.

Ela está empurrada contra a parede do corredor, a saia em volta da cintura, meu pau balançando livre enquanto desliza entre as coxas pálidas e cremosas, me deixando louco com a necessidade de afundar dentro dela. E eu faço, eu me dirijo profundamente em seu buraco quente e molhado e começo a empurrar, desesperado para transar com ela com mais força.

A excitação se espalha pelos meus nervos até que eu não consigo ver direito, amor e luxúria explodindo através dos meus poros enquanto meu pau lança entre as pernas dela, brilhando com *ela* toda vez que eu saio.

— Sua boceta é uma garota com sede, não é?— Eu bato contra ela, minha mão enrolando em sua garganta e apertando. — Quando não precisar mais governar este lugar, vou passar cada segundo do dia enterrado no fundo dela, alimentando-a com o que ela deseja.

Sara geme novamente, com as mãos caindo na parede enquanto se empurra contra mim, moendo-se no meu eixo, enquanto trabalha para gozar.

— É isso mesmo, garota imunda.— Minha mão estala contra a bochecha da bunda dela, o som reverberando nas altas paredes do corredor. — Trabalhe essa boceta no meu pau até você gozar.

Suas paredes tremulam ao redor do meu comprimento, ordenhando todo o meu pau até meu orgasmo chorar através de mim, disparando profundamente dentro dela, e ela - a *miserável* bruxa que ela é — gira no meio do caminho, meu pau pulsando no ar enquanto eu gemo com a perda de calor. Mas então ela cai de joelhos, sua boquinha perfeita se abrindo e

sua mão quente enrolando em torno da minha espessura, acariciando até que ela drene cada gota na língua.

Ela sorri e engole, me enfiando de volta nas minhas calças e endireitando as saias.

Piscando, ela se levanta, passando a mão sobre a tiara de jóias na cabeça. — Vamos, estamos atrasados. Marisol vai te matar se minha roupa estiver uma bagunça.

Ela se move para andar na minha frente, mas eu a alcanço, segurando-a pelos cabelos e puxando-a para trás até que seu corpo se choque no meu. Mergulho, reivindicando a sua boca, nossas línguas girando juntas e minhas mãos agarrando qualquer parte dela que possam alcançar.

Anos depois, e isso nunca muda. Essa necessidade dela nunca desaparece.

Reconstruímos Saxum desde o início. Novos edifícios e um novo castelo que chamamos de lar nos últimos três anos. E espalhamos a riqueza por toda a Gloria Terra, garantindo que não haja pessoas lutando por comida enquanto outras pessoas têm festas.

Tenho orgulho do que realizamos.

Mas eu queimaria tudo de novo em um piscar de olhos com a primeira ameaça de perdê-la.

Minha necessidade de provar meu lugar neste mundo mudou e transformou ao longo dos anos, mas a única constante *sempre* foi ela.

Andamos pelo corredor de nossa casa e abrimos as portas duplas, saindo para a grande varanda e olhando para o nosso povo.

Os aplausos se erguem da multidão e Sara salta nos dedos dos pés, seu riso se iluminando com o maior sorriso que já vi em meses.

— Você está animada, pequena corça?

— Não.— Ela balança a cabeça.

— *Ma petite menteuse.* — Eu sorrio. — Você ainda acha que eu não te conheço?— Eu a puxo para mim, sem me importar que estamos diante de milhares de olhos. Todos sabem que seu rei é selvagem por sua rainha, deixe-os ver quanto.

— Eu sei como é a sua respiração como se fosse a minha.— Os olhos dela tremulam e eu traço minhas pontas dos dedos pela clavícula. — Eu sei como são todos os batimentos cardíacos porque os causei todos debaixo da mão.— Eu deslizo meu toque ainda mais para baixo, pressionando entre as coxas dela, bem contra a tatuagem que prometi que daria a ela. *Propriedade de Tristan* escrito nela pelo resto de nossos dias.

E quando morrermos, eu a caçarei na vida após a morte e descobrirei uma maneira de marcar sua alma.

— Não há problema em ficar animada, pequena corça.— Eu beijo a sua testa e coloco minha mão na dela, enroscando nossos dedos e virando-me para enfrentar nosso povo.



O sol está brilhando hoje e eu olho em volta da varanda, Edward e Sheina ao lado, o filho de três anos me olhando de onde está preso no domínio de Edward. E então, para o outro lado, para dois recém-chegados, aqueles que Sara fica ao lado enquanto eu me viro e falo.

Respirando fundo, olho para todos os rostos, lembrando mais uma vez todas as coisas que realizamos nos últimos anos, e de todas as maneiras que acabou sendo melhor do que meus sonhos mais loucos. Uma profunda sensação de satisfação se instala no meu peito, e eu olho para trás, perdido no olhar de Sara, deixando-a me infundir com força para dizer o que precisa ser dito.

Isso é tudo para ela, de qualquer maneira.

Ela é meu passado, presente e futuro. Ela é a única coisa que vejo.

E é isso que ela quer, então eu darei a ela.

Porque se eu for honesto, é o que Gloria Terra merece.

— Amigos — começo, virando para trás para olhar para todos os rostos adoradores abaixo de nós. — Foi minha maior honra servir como seu rei. De reconstruir nossa casa e consertar o que foi quebrado por muito tempo.

Saudações surge na multidão e bate no meu corpo, me eletrificando de dentro para fora. Vou sentir mais falta dessa parte.

— Mas hoje é um dia alegre!

Eu aceno meu braço para o lado, em direção a onde Sara está radiante para os dois recém-chegados, como se fossem seus amigos há muito perdidos.

E acho que tecnicamente eles são.

Paul Wartherg, envelhecido e sorridente, cutucou a parte de trás da pessoa ao lado dele, empurrando-o para a frente com lágrimas nos olhos.

Simon caminha em minha direção, apenas parando quando chega ao meu lado.

Eu levo um longo momento para absorvê-lo. Ele combina comigo em altura, seus olhos âmbar muito menos inocentes do que eram quando eu o mandei embora todos esses anos atrás. Mas o sorriso dele é igualmente brilhante e ele me puxa para um abraço antes que eu possa detê-lo, com os braços em volta dos meus ombros e me segurando com força.

— Olá, tio — diz ele, sua voz é um timbre profundo semelhante ao do pai.

Algo quente se expande pelo meu peito enquanto eu me recupero e sorrio.  
— Olá, leãozinho.

Eu me viro para Sara, e ela se vira para pegar algo atrás dela, andando e fazendo reverência enquanto ela segura em sua direção. É uma espada. Desta vez, uma verdadeira, brilhando com jóias e incrustada de diamantes. Pertencia ao meu pai e ao pai dele antes dele.

Simon estende a mão para pegá-la, cada centímetro de sua pele marrom lisa coberta de tatuagens escuras. Do jeito que ele sempre quis.

Olhando para mim, ele sorri.

Pessoas na multidão ofegam, murmúrios confusos correndo pelo ar.

Volto para a multidão. — Gostaria de apresentar a todos vocês Simon Bartholomew Faasa. Filho do rei Miguel III. Herdeiro legítimo do trono de Gloria Terra.

Alcançando-o, tiro a coroa da minha cabeça e a coloco em cima da dele.

— E o único rei verdadeiro